N.º 1 DO *NEW YORK TIMES*

STEPHEN KING



FIM DE TURNO

«Emocionante, elegante e pungente.»
Sunday Mirror



© Shane Leonard

STEPHEN KING é um dos mais populares autores contemporâneos. Escreveu mais de setenta livros, entre os quais *Sr. Mercedes e Perdido e Achado*. Recebeu diversos prémios literários ao longo da sua carreira, incluindo o Bram Stoker Award, o World Fantasy Award, o Nebula Award e o prestigiado National Book Award. Conta hoje com quase quatrocentos milhões de exemplares vendidos em cerca de trinta e cinco países. Números e um currículo impressionantes a fazerem jus ao seu estatuto de escritor mais bem pago do mundo.

www.stephenking.com

Título original: End of Watch
1.ª edição em papel: junho de 2018
Autor: Stephen King
Tradução: Ana Lourenço
Design da capa: Rui Rodrigues
Revisão: João Pedro Tapada

© 2016 by Stephen King
Publicado por acordo com o Autor representado por The Lotts Agency, Ltd
[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.° 1
1500-499 Lisboa
www.bertrandeditora.pt
editora@bertrand.pt
Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3693-6

Para Thomas Harris

Arranjar uma arma
Voltar para o meu quarto
Vou arranjar uma arma
Com um cano ou dois
Sabes que estou melhor morto do que
A cantar esta música suicida[1].

«Suicide Blues», Cross Canadian Ragweed

---

[1]Get me a gun/Go back into my room/I'm gonna get me a gun/One with a barrel or two/You know I'm better off dead than/Singing these suicide blues.

10 DE ABRIL DE 2009 MARTINE STOVER

A hora mais escura é a que precede a alvorada.

Esta antiga pérola de sabedoria ocorreu a Rob Martin enquanto conduzia lentamente a ambulância pela Upper Marlborough Street na direção da base, o Quartel de Bombeiros 3. Parecia-lhe que a pessoa que pensara aquilo sabia do que falava, porque estava escuro como o breu naquela madrugada, e o amanhecer não ia demorar.

Não é que aquele nascer do dia fosse ser grande coisa; poder-se-ia chamar-lhe amanhecer com ressaca. O nevoeiro era cerrado e trazia com ele o cheiro do Grande Lago, não muito agradável. Começara a cair uma chuvinha miúda, só para animar. Rob aumentou a velocidade do limpa-para-brisas. Um pouco à frente, dois arcos amarelos inconfundíveis destacavam-se na escuridão.

— As Tetas Douradas da América! — gritou Jason Rapsis do banco do pendura. Rob trabalhara com vários paramédicos ao longo dos seus quinze anos como socorrista, e Jace Rapsis era o melhor: de trato fácil quando não se passava nada, inabalável e concentrado quando tudo acontecia ao mesmo tempo. — Seremos alimentados! Deus abençoe o capitalismo! Para, para!

— Tens a certeza? — perguntou Rob. — Depois da aula prática que acabámos de ter sobre o que essa merda faz?

Vinham de uma das grandes mansões em Sugar Heights, onde um homem chamado Harvey Galen ligara para o 112 a queixar-se de dores terríveis no peito. Tinham-no encontrado caído no sofá daquilo a que os ricalhaços chamavam «sala principal», uma baleia branca encalhada com um pijama de seda azul. A mulher andava às voltas ao lado dele, convencida de que o marido ia bater a bota a qualquer momento.

— McDonald’s McDonald’s! — cantarolou Jason, aos saltos no banco. O profissional sério e competente que medira os sinais vitais do senhor Galen (com Rob ao lado, a segurar o estojo de primeiros socorros, com o equipamento de desobstrução das vias aéreas e os fármacos para o coração) tinha desaparecido. Com a franja loura a cair sobre os olhos, Jason parecia um rapaz de catorze anos

demasiado grande. — Para, já te disse!

Rob parou. Podia muito bem comer um McMuffin de salsicha e talvez uma daquelas coisas estilo *hash browns* que mais pareciam língua de búfalo assada.

Havia uma fila pequena de carros no *drive-thru*. Rob entrou nela.

— Além do mais, o tipo não teve um ataque cardíaco a sério — disse Jason. — Apenas uma *overdose* de comida mexicana. Recusou-se a ir para o hospital, não foi?

Era verdade. Depois de alguns arrotos vigorosos e um sopro de trombone da retaguarda que fizeram a esposa anorética refugiar-se na cozinha, o senhor Galen sentou-se, disse que se sentia bastante melhor e que não, não achava que precisava de ser levado para o Kiner Memorial. Rob e Jason também não achavam que ele precisava de ir, depois de ouvi-lo recitar tudo o que tinha comido no Tijuana Rose na noite anterior. A pulsação era forte, e apesar de a tensão arterial ser um pouco elevada, devia estar assim havia anos e mantinha-se estável de momento. O desfibrilhador externo automático nem saíra do saco de lona.

— Quero dois *Egg McMuffins* e dois *hash browns* — anunciou Jason. — E café simples. Pensando melhor, três *hash browns*.

Rob ainda estava a pensar em Galen.

— Desta vez foi indigestão, mas em breve será a sério. Enfarte fulminante. Quanto achas que ele pesava? Cento e quarenta? Cento e sessenta?

— Cento e cinquenta, no mínimo — respondeu Jason. — E para de me tentar estragar o pequeno-almoço.

Rob apontou para os arcos dourados suspensos no meio do nevoeiro vindo do lago.

— Este lugar e todos os outros antros de gordura são grande parte do problema dos Estados Unidos. Como profissional da área da saúde, com certeza sabes isso. O que acabaste de pedir? São novecentas calorias no mínimo, meu. Se acrescentares salsicha ao *Egg McMuffin*, estarás perto das mil e trezentas.

— O que vais querer, doutor Saúde?

— Um *McMuffin* com salsicha. Talvez dois.

Jason deu-lhe uma palmada no ombro.

— És cá dos meus!

A fila avançou. Estavam a dois carros do guiché de atendimento quando o rádio sob o computador de bordo soou. Os operadores de rádio costumavam ser frios, calmos e contidos, mas aquele parecia um locutor de rádio depois de beber demasiados *Red Bulls*.

— Todas as ambulâncias e carros de bombeiros, temos um IMV! Repito, um IMV! Esta é uma chamada prioritária para todas as ambulâncias e carros de bombeiros!

IMV era a abreviatura para «incidente com múltiplas vítimas». Rob e Jason entreolharam-se. Acidente de avião, acidente de comboio, explosão ou atentado terrorista. Só podia ser um dos quatro.

— O local é o Centro Cívico, na Marlborough Street. Repito, Centro Cívico, na Marlborough Street. Mais uma vez, é um IMV com possíveis mortos. Tenham cuidado.

O estômago de Rob Martin embrulhou-se. Ninguém lhes dizia para terem cuidado quando iam para o local de um acidente ou de uma explosão. Só restava o ataque terrorista, que podia ainda estar a decorrer.

A operadora de rádio recomeçou a falar. Jason ligou as luzes e a sirene enquanto Rob rodava o volante e conduzia a ambulância *Freightliner* para a rua que contornava o restaurante, raspando no para-lama do carro da frente. Encontravam-se a nove quarteirões do Centro Cívico, mas se a Al-Qaeda estava aos tiros com as *Kalashnikovs*, a única coisa com que podiam defender-se era o fiel desfibrilhador externo.

Jason pegou no microfone.

— Recebido, Central, daqui unidade vinte e três do Quartel dos Bombeiros número três, chegada provável em seis minutos.

Ouviram outras sirenes noutras partes da cidade, mas, a avaliar pelo som, Rob achou que a ambulância deles era a mais próxima do local. Uma luz acinzentada tinha começado a surgir no céu, e, quando saíram do McDonald’s e entraram na Upper Marlborough, um carro cinzento saiu do meio do nevoeiro,

um carro grande de três volumes, com o capô amolgado e a grelha enferrujada. Por um momento, os faróis HD, ligados no máximo, cegaram-nos. Rob buzinou e guinou para o lado. O carro (parecia um *Mercedes*, mas ele não tinha a certeza) voltou para a sua faixa e em breve era apenas um par de faróis traseiros a desaparecer no nevoeiro.

— Caramba, foi por pouco! — exclamou Jason. — Viste a matrícula?

— Não. — O coração de Rob batia com tanta força que ele o sentia a pulsar na garganta. — Estava demasiado ocupado a salvar as nossas vidas. Ouve, como pode haver múltiplas vítimas no Centro Cívico? Deus ainda nem sequer acordou. O sítio deve estar fechado.

— Pode ser sido um acidente de autocarro.

— Tenta de novo. Só começam a circular às seis.

Sirenes. Sirenes em toda a parte, começando a convergir como bipes num radar. Um carro da polícia passou a voar por eles, mas, pelo que Rob percebia, ainda estavam à frente das outras ambulâncias e dos carros de bombeiros.

O que nos dá a oportunidade de sermos os primeiros a ir pelos ares ou a levar um tiro de um árabe maluco a gritar *allahu akbar*, pensou Rob. Que bom para nós.

Mas trabalho era trabalho, portanto seguiu pela rampa íngreme que levava aos edifícios administrativos e ao auditório feio onde votara até se mudar para os subúrbios.

— *Trava!* — gritou Jason. — *Porra, Robbie,* TRAVA*!*

Uma grande multidão surgiu do meio do nevoeiro e correu na direção deles, algumas pessoas quase a desequilibrarem-se devido à inclinação da rampa. Gritavam. Um homem caiu, rebolou, levantou-se e correu com as fraldas da camisa rasgada a voarem sob o casaco. Rob viu uma mulher de colãs rasgados, tornozelos a sangrar e só um sapato. Travou de repente, e o solavanco da ambulância fez com que as coisas que não estavam presas na parte de trás voassem para a frente. Medicamentos, embalagens de soro e pacotes de agulhas de um armário deixado aberto, uma violação de protocolo, tornaram-se projéteis.

A maca que não tinham precisado de usar com o senhor Galen bateu numa das paredes. Um estetoscópio encontrou a abertura da divisória, bateu no para-brisas e caiu no tabliê.

— Vai devagar — pediu Jason. — Devagar, está bem? Não vamos piorar as coisas.

Rob tocou no acelerador e continuou a subir a rampa, agora a passo de caracol. As pessoas continuavam a vir, centenas delas, ao que parecia, algumas a sangrar, a maioria não parecendo ferida, mas todas apavoradas. Jason abriu a janela e inclinou-se para fora.

— *O que se passa? Alguém pode dizer-me o que se passa!?*

Um homem aproximou-se, ofegante e de rosto vermelho.

— Foi um carro. Abriu caminho pela multidão como um cortador de relva. O filho da mãe maluco quase me acertou. Não sei quantos atropelou. Ficámos encurralados como porcos por causa dos postes que lá puseram para organizar a fila. Ele fez de propósito, e as pessoas estão caídas lá como… como… ah, pá, bonecas ensanguentadas. Contei pelo menos quatro mortos. Deve haver mais.

O homem passou a andar em vez de correr agora que a adrenalina tinha diminuído. Jason soltou o cinto de segurança e inclinou-se para lhe gritar:

— Viu de que cor era? O carro que fez isso?

O homem virou-se, pálido e desgrenhado.

— Cinzento. Um carro grande e cinzento.

Jason voltou a encostar-se e olhou para Rob. Nenhum dos dois teve de o dizer: era o carro do qual haviam tido de se desviar ao sair do McDonald’s. E afinal aquilo na grelha não era ferrugem.

— Acelera, Robbie. Preocupamo-nos com a desarrumação lá atrás depois. Leva-nos até ao baile e não atropeles ninguém, pode ser?

— Sim.

Quando Rob chegou ao parque de estacionamento, o pânico estava a diminuir. Algumas pessoas afastavam-se a caminhar; outras tentavam ajudar as que tinham sido atropeladas pelo carro cinzento; algumas, os idiotas presentes em todas as multidões, tiravam fotografias ou filmavam com o telemóvel. À

espera de se tornarem virais no YouTube, supôs Rob. Tombados, viam-se postes cromados com fitas amarelas a dizer PROIBIDO PASSAR.

O carro-patrulha que passara por eles estava estacionado perto do edifício, junto a um saco-cama com uma mão branca e magra a sair. Havia um homem caído em cima do saco, que estava no meio de uma poça de sangue cada vez maior. O polícia fez sinal para a ambulância se aproximar, e o braço em movimento parecia tremer sob o brilho oscilante da luz azul no teto do carro.

Rob pegou no terminal móvel de dados e saiu enquanto Jason corria para a parte de trás da ambulância. Voltou com o estojo de primeiros socorros e o desfibrilhador. O dia começou a clarear, e Rob conseguiu ler a faixa a oscilar acima das portas do auditório: 1000 EMPREGOS GARANTIDOS! *Apoiamos as pessoas da nossa cidade!* RALPH KINSLER, PRESIDENTE DA CÂMARA.

Certo, isso explicava porque havia tanta gente ali tão cedo. Uma feira de emprego. Os tempos andavam difíceis em todo o lado desde que a economia sofrera um enfarte fulminante no ano anterior, mas estavam especialmente maus naquela cidadezinha à beira do lago, onde os empregos tinham começado a desaparecer ainda antes da viragem do século.

Rob e Jason aproximaram-se do saco-cama, mas o polícia abanou a cabeça. Tinha o rosto pálido.

— Este tipo e as duas pessoas no saco-cama estão mortos. A mulher dele e o bebé, acho. Ele devia estar a tentar protegê-los. — Emitiu um som gutural, algo entre um arroto e uma ânsia de vómito, e pôs a mão sobre a boca, antes de apontar: — Aquela senhora ali ainda pode estar viva.

A senhora em questão estava caída de costas, com as pernas torcidas num ângulo que sugeria trauma sério. A zona das virilhas das calças beges estava escura de urina. Tinha o rosto, ou o que restara dele, sujo de óleo. Parte do nariz e boa parte do lábio superior tinham sido arrancados. Os dentes impressionantemente brancos estavam expostos num rosnado involuntário. O casaco e metade da camisola de gola alta também haviam sido arrancados. Grandes hematomas escuros surgiam no pescoço e no ombro.

A porra do carro passou-lhe mesmo por cima, pensou Rob. Esmagou a mulher como se fosse um esquilo. Ele e Jason ajoelharam-se ao lado dela enquanto calçavam as luvas de látex. A mala da mulher estava perto, com uma marca parcial de pneu. Rob pegou-lhe e levou-a para a parte de trás da ambulância, pensando que a marca poderia servir de prova ou coisa do género. E a mulher iria querer a mala de volta.

Se sobrevivesse, claro.

— Não respira, mas tem pulso — disse Jason. — Fraco e instável. Rasga a camisola.

Rob assim fez, e metade do sutiã, com as alças destruídas, foi com ela. Puxou o resto para baixo e começou as compressões no peito enquanto Jason trabalhava nas vias aéreas.

— Ela vai sobreviver? — perguntou o polícia.

— Não sei — respondeu Rob. — Nós tratamos disto. Você tem outros problemas. Se mais ambulâncias vierem disparadas pela rampa como nós quase viemos, alguém vai morrer.

— Ah, pá, há feridos por todo o lado. Parece um campo de batalha.

— Ajude os que puder.

— Ela está de novo a respirar — disse Jason. — Concentra-te, Robbie, estamos a salvar uma vida. Avisa o Kiner de que vamos levar uma paciente com possível fratura no pescoço, traumatismos vertebrais, lesões internas, lesões no rosto e sabe Deus que mais. Estado crítico. Já te leio os sinais vitais.

Rob fez o telefonema do terminal móvel de dados enquanto Jason continuava a apertar o balão do reanimador manual. As urgências do Kiner atenderam de imediato, a voz do outro lado nítida e calma. O Kiner era um centro de traumatologia de nível 1, a que às vezes se chamava Classe Presidencial, e estava preparado para lidar com uma situação daquelas. Treinavam para isso cinco vezes por ano.

Com a chamada feita, ele mediu o nível de oxigenação (previsivelmente mau) e tirou o colar cervical e a prancha de imobilização laranja das traseiras da ambulância. Havia outras ambulâncias a chegar, e o nevoeiro começara a

dispersar, tornando clara a magnitude do desastre.

Isto tudo só com um carro, pensou Rob. Quem iria acreditar?

— Muito bem — disse Jason. — Mesmo que ela não esteja estável, é o melhor que podemos fazer. Vamos levá-la para a ambulância.

Tendo o cuidado de manter a prancha na horizontal, transportaram-na até ao veículo, pousaram-na na maca e prenderam-na. Com o rosto pálido e desfigurado emoldurado pelo colar cervical, ela parecia a vítima ritual de um filme de terror… só que essas eram sempre raparigas jovens e sensuais, e aquela mulher parecia ter uns quarenta e muitos ou cinquenta e poucos. Demasiado velha para estar à procura de emprego, diria alguém, e Rob só precisou de um olhar para saber que ela nunca mais procuraria outro. Nem voltaria a andar, pelo aspeto. Se tivesse sorte, talvez não ficasse tetraplégica, supondo que sobrevivesse, mas Rob achava que a vida dela da cintura para baixo terminara.

Jason ajoelhou-se, pôs uma máscara de plástico transparente sobre a boca e o nariz da mulher e abriu o oxigénio da botija na cabeceira da maca. A máscara ficou embaciada, um bom sinal.

— E a seguir? — perguntou Rob, como quem diz «O que mais posso fazer?».

— Encontra a epinefrina no meio das coisas que voaram ou tira-a do meu saco. Durante algum tempo o pulso esteve bom, mas voltou a enfraquecer. Depois, vamos embora. Com os ferimentos que ela sofreu, é um milagre estar viva.

Rob encontrou uma ampola de epinefrina debaixo de uma embalagem de ligaduras e entregou-a a Jason. Em seguida, fechou as portas de trás, sentou-se ao volante e ligou o motor. O primeiro a chegar a um incidente com múltiplas vítimas era o primeiro a chegar ao hospital. Isso melhoraria um pouco as possibilidades daquela mulher, que eram ínfimas. Ainda assim, era um trajeto de quinze minutos no trânsito leve da manhã, e Rob supunha que ela estivesse morta quando chegassem ao Ralph M. Kiner Memorial Hospital. Considerando a extensão dos ferimentos, talvez fosse melhor.

Mas isso não aconteceu.

Às três da tarde, muito depois de o turno deles ter terminado, mas demasiado agitados para pensarem em ir para casa, Rob e Jason estavam sentados na sala de convívio do Quartel dos Bombeiros 3, a ver a ESPN com a televisão sem som. Tinham feito oito viagens no total, mas a mulher fora a pior vítima.

— Chamava-se Martine Stover — disse Jason. — Ainda está no bloco. Perguntei quando foste à casa de banho.

— Alguma ideia das hipóteses dela?

— Não, mas ainda não desistiram, e isso quer dizer alguma coisa. Tenho a certeza de que ela estava à procura de um emprego de secretária. Abri a mala para procurar alguma identificação, vi o tipo sanguíneo na carta de condução e encontrei uma pilha de referências. Parece que era boa no que fazia. O último emprego foi no Bank of America. Foi despedida devido a cortes orçamentais.

— E se ela sobreviver? O que achas? Só as pernas?

Jason olhou para a televisão, onde jogadores de básquete corriam pelo campo, e não disse nada durante bastante tempo.

— Se ela sobreviver — disse, por fim —, vai ficar tetraplégica.

— Tens a certeza?

— Noventa e cinco por cento de certeza.

Surgiu um anúncio a cerveja. Jovens a dançar cheios de animação num bar. Toda a gente a divertir-se. Para Martine Stover, a diversão havia acabado. Rob tentou imaginar o que ela teria de encarar se sobrevivesse. Passaria o resto da vida numa cadeira de rodas motorizada que faria avançar ao soprar num tubo. Alimentar-se-ia à base de comida desfeita ou por via intravenosa. Respiração assistida por máquinas. Cagar para um saquinho. A vida numa dimensão médica desconhecida.

— O Christopher Reeve não se saiu muito mal — comentou Jason, como se lhe lesse os pensamentos. — Tinha uma boa atitude. Foi um bom exemplo. Manteve a cabeça erguida. Até realizou um filme, acho.

— Claro que manteve a cabeça erguida — disse Rob. — Graças ao colar cervical que nunca podia tirar. E já morreu.

— Ela vestia a sua melhor roupa — observou Jason. — Calças de qualidade,

uma camisola cara, um bom casaco. Estava a tentar reerguer-se. E um *estupor* aparece e tira-lhe tudo.

— Já o apanharam?

— Que eu saiba, não. Quando apanharem, espero que o pendurem pelos tomates.

Na noite seguinte, quando levaram uma vítima de AVC ao Kiner Memorial, foram ver Martine Stover. Ela estava na UCI e dava sinais de funcionamento cerebral crescente, o que indicava a recuperação iminente da consciência. Quando voltasse a si, alguém teria de lhe dar a má notícia: estava paralisada do peito para baixo.

Rob Martin ficou contente por não ter de ser ele.

E o homem que a imprensa apelidava de Assassino do Mercedes ainda não tinha sido apanhado.

Z

JANEIRO DE 2016

1

Um vidro parte-se no bolso das calças de Bill Hodges. O som é seguido de um coro jubilante de rapazes a gritar:

— *Foi um* home run!

Hodges faz uma careta e salta na cadeira. O doutor Stamos é um dos quatro médicos do consultório, e a sala de espera está cheia naquela manhã de segunda. Toda a gente se vira para ele. Hodges sente o rosto ficar quente.

— Desculpem — diz ele para a sala. — Mensagem de texto.

— E muito sonora — comenta uma senhora com cabelo branco fino e papada de *beagle*. Faz Hodges sentir-se um miúdo, e ele já tem quase setenta anos. Mas aparentemente ela sabe tudo sobre etiqueta de telemóveis. — Devia baixar o volume em lugares públicos, ou pôr o telemóvel no silêncio.

— Tem toda a razão, toda a razão.

A idosa volta a concentrar-se no seu livro (é *Cinquenta Sombras de Grey*, e não é a primeira vez que o lê, pelo aspeto manuseado do exemplar). Hodges tira o *iPhone* do bolso. A mensagem de texto é de Pete Huntley, o seu antigo parceiro quando ainda era da polícia. Pete está prestes a aposentar-se; difícil de acreditar, mas é verdade. Fim de turno, é como lhe chamam, mas Hodges descobriu que era impossível parar. Tem uma firma de duas pessoas chamada Finders Keepers. Apresenta-se como localizador independente, porque se meteu nuns problemas alguns anos atrás e não pode pedir licença de detetive particular. Naquela cidade, é preciso ter licença. Mas detetive é o que ele é, pelo menos durante parte do tempo.

Liga-me, Kermit. Agora. É importante.

Kermit é o verdadeiro primeiro nome de Hodges, mas ele usa o do meio com a maioria das pessoas; reduz as piadas de sapos ao mínimo. No entanto, Pete faz questão de usá-lo. Acha hilariante.

Hodges pensa em guardar de novo o telemóvel no bolso (depois de pô-lo no silêncio, se conseguir encontrar o botão de NÃO INCOMODAR). Será chamado para

o consultório do doutor Stamos a qualquer momento e quer pôr fim à consulta quanto antes. Como a maioria dos homens mais velhos que conhece, Hodges não gosta de consultórios médicos. Tem sempre medo de que encontrem não só uma coisa errada, mas uma coisa *muito* errada. Além do mais, sabe muito bem sobre o que o ex-parceiro quer conversar: a grande festa de reforma no mês seguinte. Vai ser no Raintree Inn, perto do aeroporto. No mesmo sítio da festa de Hodges, mas desta vez ele pretende beber bastante menos. Talvez nada. Teve problemas com a bebida quando estava no ativo — foi parte do motivo de o seu casamento ter acabado —, mas atualmente parece ter perdido o gosto pelo álcool. Isso é um alívio. Hodges leu um livro de ficção científica chamado *Revolta na Lua*. Não sabe muito sobre a Lua, mas testemunharia em tribunal que o uísque é um amante cruel, e produzido ali mesmo, na Terra.

Reflete no assunto, pensa em mandar uma mensagem de texto, mas rejeita a ideia e levanta-se. Os velhos hábitos são demasiado fortes.

A mulher na receção chama-se Marlee, de acordo com o crachá. Parece ter uns dezassete anos e dirige-lhe um sorriso luminoso de chefe de claque.

— O doutor vai já atendê-lo, senhor Hodges, prometo. Só estamos um bocadinho atrasados. As segundas-feiras são assim.

— Segundas, segundas, não se pode confiar nas segundas — canta Hodges, recordando a canção dos Mamas & Papas.

Ela parece não entender a referência.

— Vou só dar um saltinho lá fora, está bem? Tenho de fazer um telefonema.

— Com certeza — diz Marlee. — Mas não se afaste da porta. Faço-lhe sinal quando o doutor estiver pronto para o atender.

— Ótimo. — Hodges para ao lado da senhora a caminho da porta. — O livro é bom?

Ela olha para ele.

— Não, mas é muito vigoroso.

— Foi o que me disseram. Já viu o filme?

Ela olha para ele, surpreendida e interessada.

— Há um *filme*?

— Sim. Devia vê-lo.

Não é que Hodges tenha visto, apesar de Holly Gibney (a sua antiga assistente e atual sócia é uma fã ávida de filmes desde a infância perturbada) ter tentado arrastá-lo para vê-lo. Duas vezes. Foi Holly quem pôs o toque de mensagem com som de vidro a partir-se/*home run* no telemóvel dele. Achou isso engraçado. Hodges também… de início. Agora, acha uma maçada. Há de pesquisar na Internet como mudar isso. Hoje em dia encontra-se tudo na Internet. Algumas coisas são úteis. Algumas são interessantes. Algumas são engraçadas.

E algumas são horríveis.

2

O telemóvel de Pete toca duas vezes antes de o seu antigo parceiro atender.

— Huntley.

— Ouve com atenção — ordena Hodges —, porque podes ser interrogado sobre isto depois. Sim, vou à festa. Sim, vou fazer alguns comentários depois do jantar, divertidos, mas não ordinários, e vou fazer o primeiro brinde. Sim, sei que a tua ex e a tua atual mulher estarão lá, mas, pelo que me disseram, ninguém contratou uma *stripper*. Se contrataram, só pode ter sido o idiota do Hal Corley, e terias de lhe perguntar…

— Bill, para. Não é sobre a festa.

Hodges para de imediato. Não é só por causa das vozes indistintas em fundo; vozes de polícias, ele sabe-o apesar de não conseguir identificar o que estão a dizer. O que o faz hesitar é Pete ter-lhe chamado Bill, e isso quer dizer que o assunto é sério. Os pensamentos de Hodges vão primeiro para Corinne, a sua ex-mulher, e em seguida para a filha, Alison, que vive em São Francisco, e depois para Holly. Céus, se aconteceu alguma coisa a Holly…

— O que foi, Pete?

— Estou na cena de um crime que parece ser um homicídio seguido de suicídio. Gostava que viesses dar uma olhadela. Traz a tua parceira se ela estiver disponível e concordar. Detesto dizer isto, mas acho que ela é um pouco mais inteligente do que tu.

Nenhuma das pessoas importantes para ele. Os músculos da barriga de Hodges, contraídos como se para absorver um golpe, descontraem-se. A dor constante no estômago que o levou até Stamos, no entanto, continua presente.

— Claro que é. Porque ela é mais jovem. Começamos a perder neurónios aos milhões depois dos sessenta, um fenómeno que vais poder sentir daqui a dois anos. Por que motivo hás de querer um velhadas como eu numa cena de um crime?

— Porque este deve ser o meu último caso, porque vai encher os jornais e porque, não desmaies, valorizo a tua opinião. A da Gibney também. E, de certa forma, vocês estão ligados a este caso. Deve ser coincidência, mas não tenho a certeza.

— Ligados como?

— O nome Martine Stover diz-te alguma coisa?

Por um momento, não, mas de repente Hodges recorda-se. Numa manhã enevoada de 2009, um maluco chamado Brady Hartsfield conduziu um *Mercedes-Benz* roubado para cima de uma multidão à procura de emprego no Centro Cívico. Matou oito pessoas e feriu quinze com gravidade. Ao longo da investigação, os detetives K. William Hodges e Peter Huntley interrogaram muitos dos que estavam presentes naquela manhã enevoada, inclusive os sobreviventes feridos. Martine Stover fora a mais difícil de interrogar, e não só porque a boca desfigurada tornava praticamente impossível que ela fosse entendida por toda a gente, exceto pela mãe. Stover ficara paralisada do peito para baixo. Mais tarde, Hartsfield mandara uma carta anónima a Hodges. Nela, referira-se a Stover como «praticamente um vegetal». O que tornou tudo especialmente cruel foi a pérola de verdade dentro da piada de mau gosto.

— Não consigo ver uma tetraplégica como assassina, Pete… a não ser num episódio de *Mentes Criminosas*, claro. Então, deduzo…?

— Sim, foi a mãe. Primeiro Stover, depois ela. Vens?

Hodges não hesita.

— Vou. Apanho a Holly pelo caminho. Qual é a morada?

— Hilltop Court, número 1601. Em Ridgedale.

Ridgedale é um subúrbio a norte da cidade, não tão caro como Sugar Heights, mas ainda bastante agradável.

— Posso chegar dentro de quarenta minutos, se a Holly estiver no escritório.

E estará. Está quase sempre à secretária às oito, às vezes às sete, e é capaz de ficar lá até Hodges a mandar para casa, preparar o jantar e ver um filme no computador. Holly Gibney é o motivo principal de a Finders Keepers ainda estar de pé. É um génio da organização, uma barra no computador e o trabalho é a sua vida. Bem, juntamente com Hodges e a família Robinson, principalmente Jerome e Barbara. Uma vez, quando a mãe dos dois declarou Holly membro honorário da família Robinson, o seu rosto iluminou-se como o sol numa tarde de verão. É uma coisa que Holly faz com mais frequência agora, mas ainda não o suficiente para o gosto de Hodges.

— Ótimo, Kerm. Obrigado.

— Os corpos foram transportados?

— Vão a caminho da morgue neste momento, mas a Izzy tem todas as fotos no *iPad*. — Está a falar de Isabelle Jaynes, parceira de Pete desde que Hodges se reformou.

— Tudo bem. Levo-te um *éclair*.

— Já temos bolos para dar e vender. Onde estás, a propósito?

— Em nenhum sítio importante. Chego aí assim que puder.

Hodges termina a chamada e segue depressa pelo corredor até ao elevador.

3

O paciente das 8h45 do doutor Stamos sai finalmente da área de exames ao fundo. A consulta do senhor Hodges estava marcada para as nove, e são já nove e meia. O pobre homem deve estar desejoso de ser atendido rapidamente e dar continuidade ao seu dia. Ela olha para o corredor e vê Hodges a falar ao telemóvel.

Marlee levanta-se e espreita para o consultório do doutor Stamos. Ele está sentado à secretária com uma pasta aberta. Tem KERMIT WILLIAM HODGES impresso na etiqueta. O médico está a ler alguma coisa na pasta e a massajar as têmporas, como se tivesse dor de cabeça.

— Doutor Stamos. Chamo o senhor Hodges?

Ele olha para ela, sobressaltado, e depois para o relógio na mesa.

— Ah, Deus, sim. As segundas são uma treta, não são?

— Não se pode confiar nas segundas — diz ela, e vira-se para sair.

— Adoro o meu trabalho, mas detesto esta parte — comenta Stamos.

É a vez de Marlee se sobressaltar. Vira-se e olha para o médico.

— Esqueça. Estou a falar sozinho. Mande-o entrar. Vamos despachar isto.

Marlee olha para o corredor a tempo de ver a porta do elevador fechar-se ao longe.

4

Hodges liga para Holly do estacionamento ao lado do centro médico e, quando chega ao Turner Building na Lower Marlborough, onde fica o escritório, ela está em frente ao prédio com a pasta entre os sapatos baixos. Holly Gibney: quarenta e muitos anos agora, alta e magra, com o cabelo castanho normalmente apanhado num coque apertado, veste naquela manhã uma parca *North Face* com o capuz levantado a emoldurar o seu rosto pequeno. Qualquer pessoa consideraria comum aquele rosto, pensa Hodges, até ver os olhos, que são lindos

e cheios de inteligência. E é possível que não os visse durante muito tempo, porque, via de regra, Holly Gibney não estabelece contacto visual.

Hodges para o *Prius* na berma e ela entra, descalçando as luvas e aproximando as mãos da abertura da ventilação no lado do passageiro.

— Levaste muito tempo a chegar.

— Quinze minutos. Estava do outro lado da cidade. Apanhei todos os semáforos vermelhos.

— Foram *dezoito* minutos — informa Holly quando Hodges arranca. — Porque vieste em excesso de velocidade, o que é contraproducente. Se mantivesses a velocidade exata de trinta quilómetros por hora, terias apanhado quase todos os sinais verdes. Estão sincronizados. Já te disse várias vezes. Agora conta-me o que disse o médico. Tiveste vinte nos exames?

Hodges avalia as suas opções, que são apenas duas: contar a verdade ou mentir. Holly chateou-o para ir ao médico porque ele anda com problemas no estômago. De início só uma pressão, agora alguma dor. Holly pode ter transtorno de personalidade, mas é muito eficiente a chatear. Como um cão com um osso, pensa Hodges às vezes.

— Os resultados ainda não chegaram.

Isto não é bem uma mentira, diz Hodges para si mesmo, porque ainda não chegaram até mim.

Ela olha-o com desconfiança enquanto ele entra no trânsito da via rápida. Hodges detesta quando ela o olha assim.

— Vou ficar de olho no assunto — diz ele. — Confia em mim.

— Confio — responde ela. — Confio, Bill.

Isso fá-lo sentir-se pior.

Ela inclina-se, abre a pasta e tira o *iPad*.

— Pesquisei algumas coisas enquanto estava à espera. Queres ouvir?

— Força.

— A Martine Stover tinha cinquenta anos quando o Brady Hartsfield a deixou aleijada, o que faria com que tivesse cinquenta e seis anos hoje. Podiam ser cinquenta e sete, mas como estamos em janeiro, acho improvável. O que

dizes?

— É improvável, de facto.

— Na altura do Massacre do Centro Cívico, ela vivia com a mãe numa casa na Sycamore Street. Não era longe da de Brady Hartsfield e da mãe *dele*, o que é irónico, se pensarmos bem.

Também perto da família de Tom Saubers, reflete Hodges. Ele e Holly tiveram um caso que envolveu a família Saubers pouco tempo antes, que também tinha ligação àquilo a que o jornal local gostava de chamar Massacre do Mercedes. Pensando bem, havia todo o tipo de ligações, e talvez a mais estranha fosse o carro que Hartsfield usara como arma do crime ter pertencido à prima de Holly Gibney.

— E como é que uma idosa e a filha aleijada foram das ruas das árvores para Ridgedale?

— Seguro. A Martine Stover não tinha uma nem duas grandes apólices, mas três. Era obcecada no que toca a seguros. — Hodges reflete que só Holly poderia dizer aquilo em tom de aprovação. — Houve vários artigos sobre ela depois, porque foi a pessoa mais ferida entre os sobreviventes. Martine Stover disse que sabia que, se não arranjasse emprego no Centro Cívico, teria de começar a liquidar as apólices, uma a uma. Afinal, era uma mulher solteira com uma mãe viúva e sem trabalho para sustentar.

— Que acabou por cuidar dela.

Holly assente.

— Muito estranho e muito triste. Mas pelo menos tinham segurança financeira, que é o objetivo de um seguro. Até subiram na vida.

— Sim — diz Hodges —, mas agora a vida delas acabou.

Holly não responde. À frente está a saída de Ridgedale. Hodges segue por ela.

Pete Huntley ganhou peso, a barriga projeta-se acima do cinto, mas Isabelle Jaynes continua linda como sempre nas calças de ganga *skinny* desbotadas e no *blazer* azul. Os olhos cinzentos enevoados vão de Hodges para Holly e novamente para Hodges.

— Emagreceste — comenta ela.

Aquilo podia ser tanto um elogio como uma acusação.

— Ele anda com problemas de estômago, então fez uns exames — diz Holly. — Os resultados deviam estar prontos hoje, mas…

— Não vamos falar disso, Hols — pede Hodges. — Isto não é uma consulta médica.

— Vocês parecem cada vez mais um casal de velhos — diz Izzy.

— Um casamento estragaria a nossa relação de trabalho — responde Holly com voz firme.

Pete ri-se, e Holly lança-lhe um olhar intrigado enquanto entram na casa.

É uma bela casa de estilo Cape Cod, e apesar de ficar no cimo de uma colina e do dia frio, lá dentro está um calor sufocante. No vestíbulo, os quatro calçam luvas finas de borracha e capas sobre os sapatos. Como tudo volta, pensa Hodges. Como se eu nunca me tivesse afastado.

Numa parede da sala, há um quadro com crianças de olhos grandes e na outra um televisor enorme. Em frente a este, uma poltrona com uma mesa ao lado, que tem em cima um leque de revistas de celebridades como a *OK!* e jornais sensacionalistas como o *Inside View*. No meio da sala há dois sulcos fundos no tapete. Hodges pensa: Era aqui que elas se sentavam à noite para ver televisão. Ou talvez o dia todo. A mãe na poltrona, Martine na cadeira de rodas. Que devia pesar uma tonelada, a julgar pelos sulcos.

— Como se chamava a mãe? — pergunta ele.

— Janice Ellerton. O marido, James, morreu há vinte anos, segundo… — Dos antigos, como Hodges, Pete anda com um bloco em vez de um *iPad*. Consulta-o. — Segundo Yvonne Carstairs. Ela e a outra cuidadora, Georgina Ross, encontraram os corpos quando chegaram hoje de manhã, pouco antes das seis. Recebiam um extra para chegar cedo. A tal Ross não foi de grande ajuda…

— Estava em choque — interrompe Izzy. — Mas a Carstairs ajudou. Manteve a cabeça no lugar. Chamou logo a polícia, e chegámos ao local às seis e quarenta.

— Que idade tinha a mãe? — pergunta Hodges.

— Ainda não sei exatamente — responde Pete —, mas não era nenhuma miúda.

— Tinha setenta e nove — diz Holly. — Um dos artigos que encontrei enquanto estava à espera de que o Bill me fosse buscar dizia que ela tinha setenta e três na altura do Massacre do Centro Cívico.

— Demasiado velha para cuidar da filha tetraplégica — afirma Hodges.

— Mas estava bem de saúde — diz Isabelle. — Pelo menos segundo Carstairs. Era forte. E tinha bastante ajuda. Havia dinheiro para pagar por causa…

— … do seguro — conclui Hodges. — Holly contou-me no caminho.

Izzy lança um olhar a Holly, que não repara. Está a avaliar a sala. A fazer um inventário. A farejar o ar. A passar a mão pelas costas da poltrona da mãe de Martine. Holly tem problemas emocionais, é demasiado literal, mas também é aberta a estímulos impercetíveis para a maioria das pessoas.

— Havia duas cuidadoras de manhã, além de duas à tarde e duas à noite — enumera Pete. — Sete dias por semana. De uma empresa particular chamada…

— Uma nova consulta ao bloco. — Home Helpers. Elas faziam todo o trabalho pesado. Também há uma empregada, Nancy Alderson, mas parece que está de folga. Uma anotação no calendário da cozinha diz *Nancy em Chagrin Falls.* Há uma linha que abarca hoje, terça e quarta.

Dois homens, também de luvas e proteções nos sapatos, aproximam-se pelo corredor. Vindos da parte da casa que pertencera à falecida Martine Stover, supõe Hodges. Os dois carregam malas de provas.

— Terminámos no quarto e na casa de banho — diz um deles.

— Encontraram alguma coisa? — pergunta Izzy.

— Apenas o que era de esperar — responde o outro. — Conseguimos vários fios de cabelo branco na banheira, o que não é estranho se considerarmos que foi

onde a velhota morreu. Também havia excrementos, mas só vestígios. O que também era de esperar. — Por causa da expressão interrogadora de Hodges, o técnico acrescenta: — Ela usava fraldas. A senhora sabia o que estava a fazer.

— *Iac* — faz Holly.

— Há uma cadeira para o chuveiro, mas está no canto com toalhas empilhadas no assento — diz o primeiro técnico. — Parece nunca ter sido usada.

— Deviam lavá-la com uma esponja — comenta Holly.

Ainda parece sentir-se enojada, talvez pela ideia da fralda ou da merda na banheira, mas os olhos continuam a observar a sala. Pode fazer uma pergunta ou duas ou um comentário, mas a maior parte do tempo fica em silêncio, porque as pessoas a intimidam, principalmente em ambientes fechados. Mas Hodges conhece-a bem (pelo menos tanto quanto é possível) e vê que está alerta a tudo.

Mais tarde ela irá falar, e Hodges ouvirá com atenção. No caso dos Saubers, no ano anterior, ele descobriu que ouvir Holly recompensa. Tem uma maneira de pensar pouco convencional, às vezes muito pouco convencional, e as suas intuições podem ser surpreendentes. E apesar de ser medrosa por natureza, Deus sabe que tem os seus motivos, pode ser corajosa. É por causa de Holly que Brady Hartsfield, também conhecido como Assassino do Mercedes, está agora na Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas Kiner Memorial. Holly usou uma meia cheia de esferas de aço para lhe esmagar o crânio antes de Hartsfield poder causar uma catástrofe muito maior do que a do Centro Cívico. Vive agora num mundo nebuloso a que o chefe do departamento de neurologia da clínica chama «estado vegetativo persistente».

— Os tetraplégicos podem tomar duche — explica Holly —, mas é difícil por causa de todo o equipamento a que estão ligados. Portanto, são quase sempre lavados com uma esponja.

— Vamos para a cozinha, onde está sol — sugere Pete, e os quatro dirigem-se para lá.

A primeira coisa em que Hodges repara é o escorredor de louça, onde o prato com a última refeição da senhora Ellerton foi deixado a secar. As bancadas estão a brilhar, e o chão parece suficientemente limpo para se poder comer nele.

Hodges acredita que a cama no andar de cima deve estar feita. Ela talvez tenha até aspirado os tapetes. E há a questão da fralda. Cuidou das coisas de que podia cuidar. Como um homem que em tempos considerou seriamente o suicídio, Hodges compreende-a bem.

6

Pete, Izzy e Hodges sentam-se à mesa. Holly fica de pé, às vezes atrás de Isabelle para ver as fotografias no *iPad* na pasta chamada ELLERTON/STOVER, às vezes a mexer nos vários armários, os dedos enluvados leves como borboletas.

Izzy começa a explicar tudo e passa as fotos enquanto fala.

A primeira mostra duas mulheres de meia-idade. São corpulentas e têm ombros largos nos uniformes de *nylon* vermelho da Home Helpers, mas uma delas (Georgina Ross, presume Hodges) está a chorar e abraça o peito. A outra, Yvonne Carstairs, parece mais firme e resistente.

— Elas chegaram às seis menos um quarto — diz Izzy. — Têm a chave, para poderem entrar sozinhas e não precisarem de bater à porta ou tocar à campainha. Carstairs disse que Martine costumava dormir até às seis e meia, mas a senhora Ellerton estava sempre acordada quando chegavam. Dizia que se levantava por volta das cinco, pois gostava de beber o café cedinho. Só que esta manhã não estava acordada e não havia cheiro a café. Então as duas acharam que a velha senhora se deixara dormir pelo menos uma vez, que bom para ela. Foram nas pontas dos pés até ao quarto de Stover, ao fundo do corredor, para ver se *ela* estava acordada. Isto foi o que encontraram.

Izzy passa para a foto seguinte. Hodges espera outra interjeição de Holly, mas ela fica em silêncio e observa a foto com atenção. Stover está na cama com as cobertas pelos joelhos. Os danos ao rosto nunca foram tratados, mas o que sobrou parece em paz. Os olhos estão fechados, e as mãos retorcidas, unidas.

Uma sonda gástrica projeta-se da barriga magra. A cadeira de rodas, que mais parece uma cápsula espacial aos olhos de Hodges, está ali perto.

— No quarto de Stover *havia* um cheiro. Mas não a café. A álcool.

Izzy passa o dedo pelo ecrã. Mostra um grande plano da mesa de cabeceira de Stover. Há filas de comprimidos e um almofariz para transformá-los em pó, para que Stover pudesse ingeri-los. No meio deles, parecendo totalmente deslocada, está uma garrafa de vodca *Smirnoff Triple Distilled* e uma seringa de plástico. A garrafa de vodca está vazia.

— A mulher não queria correr riscos nenhum — diz Peter. — *Smirnoff Triple Distilled* é fortíssimo.

— Imagino que ela quisesse que fosse o mais rápido possível para a filha — comenta Holly.

— Bem observado — diz Izzy, mas com uma notável falta de afeto.

Não gosta de Holly, e o sentimento é recíproco. Hodges está ciente disso, porém não faz ideia do motivo. E como raramente encontram Isabelle, nunca se deu ao trabalho de perguntar a Holly.

— Tens um grande plano do almofariz? — pergunta Holly.

— Claro. — Izzy passa para a foto seguinte, e o almofariz parece do tamanho de um disco voador. Há um resto de pó branco no fundo. — Não teremos a certeza até ao fim da semana, mas achamos que é oxicodona. A receita foi aviada há três semanas, de acordo com o rótulo, mas o frasco está tão vazio como a garrafa de vodca.

Volta para a foto de Martine Stover, de olhos fechados, as mãos magras unidas como que em oração.

— A mãe esmagou os comprimidos, colocou-os na garrafa com um funil e injetou a vodca na sonda gástrica de Martine. Deve ter sido mais eficiente do que uma injeção letal.

Izzy muda novamente o ecrã. Dessa vez, Holly arqueja, mas não afasta o olhar.

A primeira foto da casa de banho adaptada para deficientes físicos de Martine mostra a bancada baixa com o lavatório, os armários e toalheiros baixos, a

combinação enorme de chuveiro com banheira. A porta de correr na frente do chuveiro encontra-se fechada, a banheira visível. Janice Ellerton está mergulhada na água até aos ombros, de camisa de dormir cor-de-rosa. Hodges julgaria que a peça teria inflado como um balão quando ela entrou na água, mas na foto a camisa está colada ao corpo. Tem um saco plástico sobre a cabeça, preso com o cinto de um roupão de banho. Um tubo longo serpenteia por baixo do saco, preso a uma lata pequena tombada no chão de azulejos. Na lata há a imagem de crianças a rir.

— *Kit* de suicídio — diz Pete. — Ela deve ter aprendido a fazê-lo na Internet. Há vários *sites* a explicar tudo passo a passo, com fotos, até. A água na banheira estava morna quando chegámos, mas devia estar quente quando ela entrou.

— Parece que acalma os nervos — intervém Izzy, e apesar de não dizer *iac*, o seu rosto contrai-se numa expressão momentânea de nojo quando passa para a foto seguinte: um grande plano de Janice Ellerton. O saco embaciara-se com a condensação das respirações finais, mas Hodges vê que os olhos estão fechados. Ela também partiu com um ar pacífico.

— A lata continha hélio — diz Pete. — Compra-se em qualquer supermercado. É usado para encher balões nas festas de crianças, mas também serve para nos matarmos se tivermos um saco na cabeça. Às tonturas segue-se a desorientação e nessa altura não conseguirias tirar o saco mesmo que mudasses de ideia. Depois vem a inconsciência, seguida de morte.

— Volte à foto anterior — pede Holly. — A que mostra a casa de banho toda.

— Ah — exclama Pete. — O doutor Watson pode ter visto alguma coisa.

Izzy volta. Hodges inclina-se para a frente e semicerra os olhos — já não vê tão bem ao perto. Mas vê o mesmo que Holly. Ao lado de um fio cinzento fino ligado a uma das tomadas há um marcador. Alguém, e ele presume que tenha sido Ellerton, porque os dias de escrever da filha tinham acabado, desenhou uma única e grande letra na bancada: **Z**.

— O que achas disso? — pergunta Pete.

Hodges pensa.

— É o bilhete de suicídio — responde, por fim. — Z é a última letra do alfabeto. Se ela soubesse grego, talvez tivesse sido ómega.

— É o que acho também — diz Izzy. — Bastante elegante, se pensarmos bem.

— Z também é a marca do Zorro — informa Holly. — Um cavaleiro mexicano mascarado. Houve muitos filmes ótimos do Zorro, um com o Anthony Hopkins como Don Diego, mas esse não foi muito bom.

— Acha isso relevante? — pergunta Izzy. O rosto dela demonstra interesse educado, mas há crítica no seu tom.

— Também houve uma série de televisão. — Holly olha para a foto como se estivesse hipnotizada. — Foi produzida pela Walt Disney na época do preto-e-branco. A senhora Ellerton talvez a visse quando era pequena.

— Está a dizer que ela se refugiou nas memórias de infância enquanto se preparava para pôr fim à vida? — Pete parece duvidar disso, assim como Hodges. — Creio que é possível.

— Disparate, provavelmente — diz Izzy, revirando os olhos.

Holly não lhe liga.

— Posso ver a casa de banho? Não vou tocar em nada, nem com isto. — Levanta as mãos enluvadas.

— Faça favor — diz Izzy de imediato.

Por outras palavras, pensa Hodges, desaparece e deixa os adultos conversarem. Não gosta da atitude de Izzy em relação a Holly, mas como não parece afetá-la em nada, não vê motivo para levantar ondas. Além do mais, Holly está um pouco estranha naquela manhã, parece perdida. Hodges acha que foram as fotografias. Os mortos nunca parecem tão mortos como nas fotos da polícia.

Ela afasta-se para analisar a casa de banho. Hodges recosta-se na cadeira, com as mãos entrelaçadas na nuca e os cotovelos para fora. O estômago problemático não está tão problemático naquela manhã, talvez por ele ter substituído o café por chá. Se for disso, vai ter de comprar mais chá. Raios, vai comprar um *camião*. Já está farto da dor de estômago constante.

— Vais dizer-me o que eu e a Holly estamos aqui a fazer, Pete?

Pete ergue as sobrancelhas e tenta parecer inocente.

— O que queres dizer com isso, Kermit?

— Estavas certo quando disseste que isto sairia nos jornais. É o tipo de história triste que as pessoas adoram, que faz a vida delas parecer melhor…

— Cínico, mas verdadeiro — comenta Izzy, suspirando.

— … mas qualquer ligação com o Assassino do Mercedes é casual, não causal. — Hodges não tem a certeza se aquilo transmite o que quer dizer, mas soa bem. — O que aqui tens é um homicídio de misericórdia típico, executado por uma senhora que já não conseguia ver a filha a sofrer. O último pensamento de Ellerton quando abriu o fluxo de hélio deve ter sido: «Vou estar contigo daqui a nada, querida, e quando eu caminhar pelas ruas do paraíso, tu vais estar ao meu lado.»

Izzy ri-se um pouco, mas Pete está pálido e pensativo. Hodges lembra-se de repente de que, muito tempo atrás, talvez trinta anos, Pete e a mulher perderam o primeiro filho, uma menina, por causa da síndrome de morte súbita infantil.

— É triste, e os jornalistas aproveitam-se disso durante um ou dois dias, mas acontece no mundo inteiro diariamente. A cada hora, pelo que sei. Então diz-me qual é a questão.

— Não deve ser nada. A Izzy diz que não *é* nada.

— É verdade — confirma ela.

— Ela deve achar que estou a ficar taralhouco ao aproximar-me da linha de chegada.

— Nada disso. Só acho que está na altura de deixares que a abelha conhecida como Brady Hartsfield te pare de zumbir junto ao ouvido.

Ela vira os olhos cinzentos enevoados para Hodges.

— A senhora Gibney pode ser uma pilha de tiques nervosos e associações estranhas, mas parou o relógio de Hartsfield na hora H, e dou-lhe todo o crédito por isso. Ele está atordoado na Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas Kiner, onde deve ficar até apanhar uma pneumonia e morrer, poupando ao Estado uma pipa de massa. Nunca irá a julgamento pelo que fez, todos sabemos isso. Não o

apanharam por causa daquilo no Centro Cívico, mas Gibney impediu-o de fazer explodir duas mil crianças no auditório Mingo um ano depois. Têm de aceitar isso. Considerem o feito uma vitória e sigam em frente.

— Uau! — faz Pete. — Há quanto tempo estás a guardar isso aí dentro?

Izzy tenta não sorrir, mas não consegue evitar. Pete sorri também, e Hodges pensa: eles trabalham tão bem juntos como o Pete e eu. É uma pena acabar com essa dupla. É mesmo.

— Há algum tempo — diz Izzy. — Agora, conta-lhe. — Vira-se para Hodges. — Pelo menos não são os homenzinhos cinzentos dos *Ficheiros Secretos*.

— E então? — pergunta Hodges.

— Keith Frias e Krista Countryman — começa Pete. — Também estavam no Centro Cívico na manhã de dez de abril, quando o Hartsfield fez o que fez. Frias, de dezanove anos, perdeu a maior parte do braço, ficou com quatro costelas partidas e ferimentos internos. Também perdeu setenta por cento da visão do olho direito. Countryman, de vinte e um anos, ficou com as costelas partidas, um braço partido e fraturas na coluna que só sararam depois de uma terapia dolorosa na qual nem quero pensar.

Hodges também não quer, mas é assombrado muitas vezes pelas vítimas de Brady Hartsfield. Principalmente quando pensa no quanto o trabalho de setenta segundos macabros pôde mudar a vida de tantas pessoas durante anos… ou, no caso de Martine Stover, para sempre.

— Eles conheceram-se nas sessões semanais de terapia num sítio chamado Recovery Is You e apaixonaram-se. Estavam a melhorar… aos poucos… e planeavam casar. Então, em fevereiro do ano passado, suicidaram-se juntos. Nas palavras de uma música *punk* antiga, encheram-se de comprimidos e morreram.

Isso faz Hodges pensar no almofariz na mesa de cabeceira de Stover. O almofariz com o resíduo de oxicodona. A mãe dissolveu a oxi toda na vodca, mas devia haver muitos outros narcóticos naquela mesa. Porque teve ela o trabalho de usar o saco plástico e o hélio quando podia ter engolido uma mão-cheia de *Vicodin*, seguida de outra de *Valium* e pronto?

— O suicídio adolescente de Frias e Countryman acontece todos os dias — diz Izzy. — Os pais não acreditavam no casamento. Queriam que eles esperassem. E eles não podiam fugir juntos, pois não? O Frias mal conseguia andar, e nenhum dos dois trabalhava. O seguro era suficiente para pagar as sessões semanais de terapia e ajudar nas compras da casa, mas nada parecido com o tipo de cobertura de primeira que a Martine Stover tinha. Resumindo, as merdas acontecem. Nem se lhe pode chamar coincidência. Pessoas aleijadas ficam deprimidas, e às vezes as pessoas deprimidas matam-se.

— Onde se mataram?

— No quarto do Frias — responde Pete. — Quando os pais foram a um parque de diversões com o irmão mais novo dele. Tomaram os comprimidos, deitaram-se na cama e morreram abraçados, como Romeu e Julieta.

— Romeu e Julieta morreram num túmulo — diz Holly, voltando para a cozinha. — No filme de Franco Zeffirelli, que é o melhor…

— Sim, certo, já percebemos — interrompe Pete. — Túmulo, quarto, pelo menos os dois estavam abraçados.

Holly traz o *Inside View* que estava na mesa ao lado da poltrona, dobrado para mostrar uma foto de Johnny Depp que o faz parecer bêbedo, drogado ou morto. Esteve o tempo todo na sala, a ler um jornal de mexericos? Se sim, está mesmo a ter um dia difícil.

— Ainda tem o *Mercedes*, Holly? — pergunta Pete. — O que o Hartsfield roubou à sua prima Olivia?

— Não. — Holly senta-se com o jornal dobrado no colo e os joelhos unidos. — Troquei-o em novembro por um *Prius* como o do Bill. Gastava muita gasolina e não era bom para o meio ambiente. Além disso, a minha terapeuta recomendou-o. Disse que, depois de um ano e meio, eu já tinha exorcizado a influência do carro sobre mim, e o seu valor terapêutico tinha acabado. Porque está interessado nisso?

Pete senta-se na beira da cadeira e junta as mãos entre as pernas abertas.

— O Hartsfield entrou naquele *Mercedes* usando um dispositivo eletrónico para destrancar as portas. A chave de reserva estava no porta-luvas. Talvez ele

soubesse que estava ali, ou talvez o massacre do Centro Cívico tenha sido um crime de oportunidade. Nunca iremos saber.

E a Olivia Trelawney, pensa Hodges, era muito parecida com a Holly: nervosa, fechada e pouco social. Nada estúpida, mas alguém difícil de gostar. Tínhamos a certeza de que ela deixara o carro destrancado com a chave na ignição, porque era a explicação mais simples. E porque, a um nível primitivo do cérebro em que o pensamento lógico não tem poder, *queríamos* que essa fosse a explicação. Ela era uma chata. Víamos as suas sucessivas negações como uma recusa arrogante de assumir a responsabilidade pelo próprio descuido. A chave na mala, a que ela nos mostrou? Partimos do princípio de que era a de reserva. Perseguimo-la, e quando a imprensa descobriu o seu nome, também a perseguiu. Ela acabou por acreditar que fizera o que acreditávamos que tinha feito: ajudou um monstro a chacinar uma data de gente. Nenhum de nós considerou a possibilidade de que um génio informático pudesse ter criado aquele dispositivo de destrancar carros. Inclusive a própria Olivia Trelawney.

— Mas não fomos os únicos a persegui-la.

Só percebe que falou em voz alta quando todos se viram para ele. Holly assente de leve, como se estive a pensar o mesmo. O que não seria assim tão surpreendente.

Hodges continua:

— É verdade que nunca acreditámos na Olivia, por mais que ela tivesse repetido que tinha a chave e trancou o carro, portanto parte da responsabilidade pelo que ela fez é nossa, mas o Hartsfield foi atrás dela com malícia premeditada. É aí que queres chegar, não é?

— É — afirma Pete. — Ele não se contentou com roubar o *Mercedes* dela e usá-lo como arma de um crime. Entrou na cabeça dela, até instalou um programa de áudio no computador cheio de gritos e acusações. E tu também foste acossado, Kermit.

Sim. É verdade.

Hodges recebeu uma carta anónima de Hartsfield quando estava no fundo do poço, a viver numa casa vazia, a dormir mal, sem ver quase ninguém além de

Jerome Robinson, o rapaz que lhe cortava a relva e reparava algumas coisas em casa. A padecer de uma doença comum aos polícias aposentados: depressão após o fim do turno.

«No caso dos polícias reformados, a taxa de suicídio é altíssima», escrevera Brady Hartsfield. Isso fora antes de começarem a comunicar pelo método preferido do século XXI: a Internet. «Seria uma pena que começasse a pensar na sua arma. Mas tem pensado nela, não tem?» Parecera que Hartsfield farejara os pensamentos suicidas de Hodges e tentara dar-lhe uma ajuda. Resultara com Olivia Trelawney, afinal, e ele apanhara o gosto.

— Quando comecei a trabalhar contigo — continua Pete —, disseste-me que os criminosos reincidentes eram como tapetes persas. Lembras-te?

— Sim.

Era uma teoria que Hodges expusera a muitos agentes. Poucos tinham ouvido, e, a julgar pela expressão de tédio, ele achava que Isabelle Jaynes fora uma delas. Pete ouvira.

— Recriam o mesmo padrão várias vezes. Ignoremos as pequenas variações, disseste, e procuremos a semelhança subjacente. Porque até os criminosos mais inteligentes, como o Turnpike Joe, que matou todas aquelas mulheres nas áreas de descanso, parecem ter um interruptor no cérebro encravado na repetição. Brady Hartsfield era especialista em suicídio…

— Ele era um *arquiteto* do suicídio — diz Holly. Está a olhar para o jornal com a testa franzida e o rosto mais pálido do que o normal. É difícil para Hodges reviver a história de Hartsfield (pelo menos conseguiu finalmente parar de visitar o filho da mãe na Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas), mas é ainda mais difícil para Holly. Hodges espera que ela não tenha uma recaída e volte a fumar, porém não o surpreenderia se isso acontecesse.

— Chame-lhe o que quiser, mas o padrão estava lá. Ele levou a própria mãe ao suicídio, pelo amor de Deus!

Hodges não diz nada, apesar de sempre ter duvidado da crença de Pete de que Deborah Hartsfield se matou quando descobriu, talvez por acidente, que o

filho era o Assassino do Mercedes. Primeiro, não têm provas de que a senhora Hartsfield descobriu isso. Segundo, a mulher ingeriu veneno para toupeiras, o que deve ter causado uma morte agonizante. É possível que Brady tenha assassinado a mãe, mas Hodges também nunca acreditou nisso. Se ele amava alguém, era ela. O ex-detetive acha que o veneno devia ser para outra pessoa… ou talvez nem sequer para uma pessoa. Segundo a autópsia, estava misturado com carne picada, e se há uma coisa de que os cães gostam é carne picada crua.

A família Robinson tem um cão, um rafeiro lindo de orelhas caídas. Brady devia tê-lo visto muitas vezes, porque vigiava a casa de Hodges e porque Jerome costumava levar o cão até lá quando ia cortar a relva. O veneno podia ser para *Odell*. É uma ideia que Hodges nunca comentou com os Robinson. Nem com Holly, na verdade. E deve ser treta, mas, na opinião de Hodges, é tão provável como a ideia de Pete de que a mãe de Brady se matou.

Izzy abre a boca, mas desiste de falar quando Pete ergue a mão; afinal, ele ainda é o membro mais velho da equipa, e mais experiente.

— A Izzy está a preparar-se para dizer que o caso da Martine Stover foi homicídio, não suicídio, mas acho que há uma boa hipótese de a ideia ter partido da própria Martine, ou ela e a mãe conversaram e chegaram a acordo. O que a meu ver caracteriza os dois casos como suicídio, apesar de não pretender escrever isso no relatório oficial.

— Calculo que tenhas verificado os outros sobreviventes do Centro Cívico, certo? — pergunta Hodges.

— Estão todos vivos, exceto o Gerald Stansbury, que morreu depois do último Dia de Ação de Graças — responde Pete. — Teve um ataque cardíaco. A mulher disse-me que as doenças coronárias eram um mal de família e que ele viveu mais do que o pai e o irmão. A Izzy está certa, não deve ser nada, mas achei que tu e a Holly deviam saber. — Ele olha para cada um deles. — *Vocês* não tiveram maus pensamentos sobre suicídio, tiveram?

— Não — diz Hodges. — Nos últimos tempos, não.

Holly só abana a cabeça, ainda a olhar para o jornal.

— E calculo que não encontraram uma letra Z misteriosa no quarto do jovem

Frias depois de ele e a menina Countryman se suicidarem, pois não? — pergunta Hodges.

— Claro que não — diz Izzy.

— Que você saiba — corrige Hodges. — Não é isso que quer dizer? Tendo em conta que acabou de descobrir esta hoje?

— Deus nos ajude — responde Izzy. — Isso é ridículo.

Olha ostensivamente para o relógio e levanta-se. Pete também se levanta.

Holly fica sentada, a olhar para o exemplar furtado do *Inside View*. Hodges também fica na cadeira, pelo menos por enquanto.

— Vais verificar as fotos do caso Frias-Countryman, certo, Pete? Vais dar uma olhadela, só para teres a certeza?

— Vou — afirma Pete. — E a Izzy deve estar certa, foi um disparate trazer-vos aqui.

— Ainda bem que o fizeste.

— E… ainda me custa a forma como tratámos a senhora Trelawney, sabem? — Pete está a olhar para Hodges, mas ele acha que o antigo parceiro está a falar com a mulher magra e pálida com o jornal de quinta categoria no colo. — Nunca duvidei de que ela tinha deixado a chave na ignição. E rejeitei qualquer outra possibilidade. Prometi a mim mesmo que nunca mais faria isso.

— Entendo — diz Hodges.

— Uma coisa em que todos aqui devemos concordar — começa Izzy — é que os dias do Hartsfield a atropelar, a fazer explodir pessoas e a arquitetar suicídios terminaram. Então, a não ser que tenhamos ido parar a um filme chamado *Filho de Brady*, sugiro que deixemos a casa da falecida senhora Ellerton e continuemos com as nossas vidas. Alguma objeção a essa ideia?

Não há nenhuma.

Hodges e Holly detêm-se por um momento no caminho de acesso antes de entrarem no carro, com o vento frio de janeiro a fustigá-los. Sopra do norte, do Canadá, muito tonificante, portanto o sempre presente fedor do grande lago poluído a leste está ausente hoje, o que é um alívio. Naquele canto de Hilltop Court há apenas algumas casas, e a mais próxima tem um cartaz a dizer VENDE-SE à frente. Hodges repara que Tom Saubers é o agente imobiliário e sorri. Tom também ficou gravemente ferido no Massacre do Centro Cívico, mas recuperou quase por completo. Hodges fica sempre impressionado com a capacidade de superação de certas pessoas. Não o enche exatamente de esperança em relação à espécie humana, mas…

Na verdade, enche, sim.

No carro, Holly pousa o *Inside View* no chão tempo suficiente para apertar o cinto de segurança, depois pega-lhe de novo. Nem Pete nem Isabelle a impediram de levar o jornal. Hodges acha que nem notaram. Porque notariam? Para eles, a casa de Ellerton não é, em bom rigor, a cena de um crime, apesar de a lei poder considerá-la como tal. Pete estava inquieto, é verdade, mas Hodges acredita que isso tenha mais que ver com superstição do que com verdadeira intuição policial.

O Hartsfield devia ter morrido quando a Holly lhe bateu com o porrete, pensa Hodges. Teria sido melhor para toda a gente.

— O Pete *vai* analisar as fotos dos suicídios de Frias e Countryman — diz Hodges a Holly. — Só para ter a certeza. Mas se encontrar um Z rabiscado algures, numa bancada ou num espelho, ficarei muito admirado.

Ela não responde. Parece perdida em pensamentos.

— Holly. Estás aí?

Ela sobressalta-se.

— Sim. Estou a pensar como vou localizar a Nancy Alderson em Chagrin Falls. Não deve demorar muito com todos os programas de busca que tenho instalados no computador, mas vais ter de lhe ligar. Já consigo fazer telefonemas, se for mesmo preciso, como sabes…

— Sei. Tornaste-te boa nisso. — E é verdade, embora ela faça sempre esses telefonemas com a caixa de *Nicorette* por perto. Sem contar uma reserva de *Twinkies* na gaveta, como apoio.

— Mas não posso ser eu a contar-lhe que as suas patroas, as suas *amigas*, tanto quanto sabemos, estão mortas. Vais ter de fazer isso. És bom nessas coisas.

Hodges acha que ninguém é muito bom nessas coisas, mas não se dá ao trabalho de o dizer.

— Porquê? A Alderson não deve vir aqui desde sexta passada.

— Merece saber — responde Holly. — A polícia entrará em contacto com os familiares, faz parte do trabalho, mas duvido que ligue à empregada. Pelo menos, é o que acho.

Hodges também acha que não, e Holly está certa, a empregada merece saber, pelo menos para não aparecer no dia seguinte e dar de caras com a fita amarela da polícia a barrar a porta. Mas desconfia que esse não é o único interesse de Holly em Nancy Alderson.

— O teu amigo Pete e a senhora Belos Olhos Cinzentos não fizeram *nada* — diz Holly. — Havia pó para recolher impressões digitais no quarto da Martine Stover, claro, na cadeira de rodas e na casa de banho onde a senhora Ellerton se matou, mas nada no andar de cima, onde ela dormia. Devem ter subido só para ver se não havia um corpo debaixo da cama ou no armário e pronto.

— Espera lá. Foste ao primeiro andar?

— Claro. *Alguém* precisava de investigar com minúcia, e aqueles dois não estavam a fazê-lo. Acham que sabem exatamente o que aconteceu. O detetive Huntley só te chamou porque ficou alarmado.

Alarmado. Sim, foi isso. A palavra que ele procurara e não conseguira encontrar.

— Eu também fiquei alarmada — revela Holly —, mas isso não quer dizer que perdi a capacidade de raciocinar. A situação não me cheira bem. Nada bem, e tens de falar com a empregada. Eu digo-te o que perguntar, se não te ocorrer nada.

— Isso é por causa do Z na bancada da casa de banho? Se sabes alguma

coisa que eu não sei, gostava que me contasses.

— Não é o que sei, é o que vi. Não reparaste no que estava *ao lado* daquele Z?

— Um marcador.

Ela olha para ele como quem diz: *Consegues fazer melhor do que isso*.

Hodges usa uma velha técnica policial que é especialmente útil quando se testemunha em julgamentos: visualiza de novo a foto, dessa vez na mente.

— Havia um fio ligado à tomada ao lado do lavatório.

— Sim! De início, pensei que pudesse ser de um leitor digital e que a senhora Ellerton o deixava ali a carregar porque passava a maior parte do tempo naquela parte da casa. Seria uma tomada conveniente, porque todas as outras no quarto da Martine deviam estar a ser usadas pelos dispositivos de suporte vital. Não achas?

— Sim, talvez.

— Só que eu tenho um *Nook* e um *Kindle*…

Claro que tens, pensa ele.

— … e nenhum dos dois têm fios assim. São pretos. Aquele era cinzento.

— Ela pode ter perdido o carregador original e comprou outro na Tech Village.

Era praticamente a única loja da cidade para comprar acessórios eletrónicos agora que a Discount Electronix, o antigo patrão de Brady Hartsfield, fora à falência.

— Não. Os leitores digitais têm *plug-ins* estreitos e compridos. Aquele era mais largo, como o de um *tablet*. Só o meu *iPad* tem um assim, e o da casa de banho era bastante mais pequeno. Aquele fio era de algum aparelho portátil. Assim, subi as escadas para o procurar.

— E lá encontraste…?

— Só um computador velho numa secretária perto da janela no quarto da senhora Ellerton. E quando digo velho, quero *mesmo* dizer velho. Estava ligado a um *modem*.

— Ah, meu Deus, não! — exclama Hodges. — A um *modem*, não!

— *Não* tem graça, Bill. Aquelas mulheres estão *mortas*.

Hodges tira uma das mãos do volante e levanta-a num gesto de paz.

— Desculpa. Continua. Agora é a parte em que me contas que ligaste o computador dela.

Holly parece um pouco desconcertada.

— Bem, sim. Mas só ao serviço de uma investigação que a polícia não parece estar interessada em fazer, obviamente. Não *bisbilhotei*.

Hodges podia argumentar, mas não diz nada.

— Não pedia senha, então dei uma olhadela ao histórico de pesquisas da senhora Ellerton. Ela visitava muitos *sites* de compras *online* e *sites* médicos relacionados com paralisia. Parecia muito interessada em células estaminais, o que faz sentido, considerando a condição da filh…

— Fizeste isso tudo em dez minutos?

— Leio depressa. Mas sabes o que *não* encontrei?

— Imagino que qualquer coisa relacionada com suicídio.

— Sim. Então, como sabia ela do hélio? E como sabia que devia dissolver os comprimidos em vodca e pô-los na sonda gástrica da filha?

— Bem — diz Hodges —, existe um antigo e misterioso ritual chamado leitura de livros. Talvez já tenhas ouvido falar.

— Viste algum livro naquela sala?

Ele revê a imagem da sala tal como fez com a foto da casa de banho de Martine Stover, e Holly tem razão. Havia prateleiras com bibelôs, o quadro das crianças com olhos grandes e o televisor de ecrã plano. Havia revistas na mesinha, mas espalhadas de uma forma que denotava mais decoração do que leitura voraz. Além do mais, nenhuma era exatamente a *Atlantic Monthly*.

— Não — responde Hodges —, não havia nenhum livro na sala, mas vi alguns na foto do quarto de Stover. Um parecia ser a Bíblia. — Olha para o *Inside View* dobrado no colo dela. — O que tens aí, Holly? O que estás a esconder?

Quando Holly fica vermelha, parece uma luz de alarme a acender, com o sangue a ir todo para a cara de forma assustadora. Isso acontece agora.

— Não roubei — diz ela. — Trouxe *emprestado*. Nunca roubo, Bill. Nunca!

— Calma aí. O que é?

— A coisa que acompanha o fio da casa de banho. — Ela desdobra o jornal e revela um aparelho rosa com ecrã cinzento-escuro. É maior do que um leitor digital, menor do que um *tablet*. — Quando desci, sentei-me na poltrona da senhora Ellerton para pensar um minuto. Passei as mãos entre os braços da poltrona e as almofadas. Não estava à procura de nada, só a mexer as mãos.

Um dos gestos de conforto de Holly, supõe Hodges. Viu muitos desde que a conheceu, na companhia da mãe superprotetora e do tio agressivamente sociável. Na companhia deles? Não, não exatamente. Essa expressão sugere igualdade. Charlotte Gibney e Henry Sirois tratavam-na mais como uma criança com deficiência mental a dar um passeio. Ela é uma mulher diferente agora, mas continuam presentes vestígios da antiga Holly. E Hodges não vê problema nisso. Afinal, toda a gente tem o seu lado sombrio.

— Encontrei isto do lado direito. É um *Zappit*.

O nome desperta alguma recordação, embora, quando o assunto é aparelhos eletrónicos, Hodges esteja bastante desfasado. Passa a vida a bloquear o computador de casa, e agora que Jerome Robinson está fora, é Holly quem costuma ir à Harper Road ajudá-lo.

— Um quê?

— Um *Zappit Commander*. Já vi anúncios *online*, mas há algum tempo. Vem com mais de cem jogos simples como o Tetris, o Genius e o SpellTower instalados. Nada complicado como o Grand Theft Auto. Então, diz-me o que estava a fazer ali, Bill. Diz-me o que estava a fazer numa casa em que uma das mulheres tinha quase oitenta anos e a outra não era capaz de ligar um interruptor, muito menos entreter-se com jogos eletrónicos.

— Parece mesmo estranho. Não chega a ser inconcebível, mas é estranho, sim.

— E o fio estava ligado ao lado da letra Z — continua ela. — Não o Z que representa a última letra do alfabeto, como num bilhete suicida, mas Z de *Zappit*. Pelo menos, é o que acho.

Hodges pensa na ideia.

— É possível.

Interroga-se de novo se já ouviu aquele nome antes ou se é só aquilo a que os franceses chamam *faux souvenir*, uma lembrança falsa. Podia jurar que tinha alguma ligação com Brady Hartsfield, mas não pode confiar nessa ideia, porque Brady está a surgir muito na sua cabeça hoje.

Quanto tempo passou desde que Hodges foi visitá-lo pela última vez? Seis meses? Oito? Não, mais do que isso. Bastante mais.

A última vez foi logo depois do caso de Pete Saubers e da arca cheia de dinheiro e de cadernos roubados que Pete encontrou praticamente enterrada no seu quintal. Naquela ocasião, Brady parecia o mesmo de sempre: um jovem dopado com uma camisa axadrezada e calças de ganga que nunca se sujavam. Sempre que Hodges ia visitá-lo, ele estava sentado na mesma cadeira no quarto 217 da Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas, a olhar pela janela para o parque de estacionamento.

Nesse dia, a única diferença real ocorrera fora do quarto 217. Becky Helmington, a enfermeira-chefe, fora transferida para a ala cirúrgica do Kiner Memorial, pondo fim ao acesso de Hodges aos boatos sobre Brady. A nova enfermeira-chefe era uma mulher escrupulosa com um rosto que mais parecia um punho fechado. Ruth Scapelli recusou a oferta de Hodges de cinquenta dólares por qualquer informação sobre Brady e ameaçou denunciá-lo se ele voltasse a oferecer-lhe dinheiro por informações sobre os pacientes.

— O senhor já nem sequer está na sua lista de visitas — concluiu.

— Não quero informações sobre ele — respondeu Hodges. — Tenho todas as informações sobre o Brady Hartsfield de que preciso. Só quero saber o que os funcionários do hospital dizem sobre ele. Porque houve boatos, sabe. Alguns bastante disparatados.

Scapelli lançou-lhe um olhar de desdém.

— Há boatos em todos os hospitais, senhor Hodges, e sempre sobre os pacientes famosos. Ou infames, como é o caso do senhor Hartsfield. Tive uma reunião com a equipa logo depois de a enfermeira Helmington sair da ala das

lesões cerebrais para a sua posição atual e informei todos que deviam parar de inventar histórias sobre o senhor Hartsfield imediatamente, e, caso me apercebesse de algum boato, descobriria a fonte e trataria de que a pessoa ou pessoas responsáveis fossem despedidas. Quanto a si… — Empinou o nariz e franziu ainda mais o rosto. — Não consigo acreditar que um ex-polícia, e ainda por cima condecorado, recorra ao suborno.

Pouco depois desse encontro humilhante, Holly e Jerome Robinson encurralaram-no e encenaram uma pequena intervenção, dizendo-lhe que as suas visitas a Brady tinham de terminar. Jerome estivera especialmente sério nesse dia, a sua alegria de sempre ausente.

— Não há nada que possa fazer naquele quarto além de se magoar a si próprio — dissera Jerome. — Sabemos sempre quando foi visitá-lo, porque fica com uma nuvenzinha cinzenta sobre a sua cabeça nos dois dias seguintes.

— Diz antes uma semana inteira — corrigiu Holly. Não olhou para ele e torceu os dedos de uma forma que fez Hodges ter vontade de agarrá-los e fazê-la parar antes que partisse algum osso. No entanto, a voz dela soara firme e segura: — Já não há mais nada dentro dele, Bill. Tens de aceitar isso. E, se houvesse, ele ficaria contente de cada vez que aparecesses. Perceberia o que está a fazer-te e ficaria contente.

Foi isso que o convenceu, porque Hodges sabia que aquilo era verdade. Então, mantém-se afastado. Foi um pouco como deixar de fumar: difícil no início, mais fácil com o tempo. Já se passam semanas inteiras sem Hodges pensar em Brady ou nos seus crimes terríveis.

Já não há mais nada dentro dele.

Hodges obriga-se a recordar isso enquanto conduz de novo para o coração da cidade, onde Holly irá ligar o computador e começar a caçar Nancy Alderson. O que quer que tenha acontecido naquela casa ao fundo de Hilltop Court (os pensamentos e as conversas, as lágrimas e as promessas, tudo a culminar nos comprimidos dissolvidos injetados na sonda gástrica e na botija de hélio com crianças a rir de lado) pode não ter nada que ver com Brady Hartsfield, porque Holly transformou literalmente o cérebro dele em pasta. Se Hodges às vezes tem

dúvidas é porque não consegue suportar a ideia de que Brady conseguiu evitar a punição. Que, no fim, o monstro escapou. Hodges nem pôde usar a meia cheia de esferas de aço porque estava ocupado a sofrer um ataque cardíaco na altura.

Ainda assim, uma reminiscência: *Zappit*.

Sabe que já ouviu esse nome.

Sente uma pontada no estômago e lembra-se da consulta a que fugiu. Vai ter de tratar disso, mas amanhã. Tem a impressão de que o doutor Stamos lhe vai dizer que tem uma úlcera, e essa notícia pode esperar.

8

Holly tem uma nova caixa de *Nicorette* ao lado do telefone, mas não precisa de mastigar nenhuma. A primeira Alderson para quem telefona é a cunhada da empregada, que obviamente quer saber por que motivo alguém de uma empresa chamada Finders Keepers quer contactar Nan.

— É sobre algum tipo de herança? — pergunta ela, esperançosa.

— Um momento — pede Holly. — Vou ter de lhe pedir que espere enquanto chamo o meu chefe.

Hodges não é chefe dela — ele tornou-a sócia após o caso de Pete Saubers no ano passado —, mas é uma desculpa a que recorre quando está stressada. Ele, que está ao computador a ler sobre a Zappit Game Systems, pega no telefone enquanto Holly fica ao lado da mesa, a morder a gola alta da camisola.

Hodges mantém o dedo sobre o botão de espera durante tempo suficiente para dizer a Holly que comer lã não lhe deve fazer bem, e que certamente não faz bem à camisola que ela usa. Em seguida, atende a chamada da cunhada.

— Infelizmente, temos más notícias para a Nancy — diz ele, e conta tudo rapidamente.

— Oh, meu Deus! — exclama Linda Alderson (Holly anotou o nome no

bloco dele). — Ela vai ficar arrasada, e não só porque isso significa o fim do emprego. Trabalha para aquelas senhoras desde 2012 e gosta muito delas. Passou o último Dia de Ação de Graças lá em casa e tudo. O senhor é polícia?

— Aposentado — responde ele —, mas trabalho com a equipa que investiga o caso. Pediram-me para contactar a senhora Alderson. — Acha que a mentira não se voltará contra ele, tendo em conta que Pete abriu a porta ao convidá-lo para ir à cena do crime. — Pode dizer-me como entrar em contacto com a Nancy?

— Eu dou-lhe o número do telemóvel. Ela foi a Chagrin Falls, para a festa de anos do irmão este sábado. Fez quarenta anos, e a mulher dele quis comemorar em grande. A Nancy fica lá até quarta ou quinta, acho, ou pelo menos era esse o plano. Tenho a certeza de que a notícia vai fazê-la voltar. Ela vive sozinha desde que o Bill, o irmão do meu marido, morreu, e só tem o gato como companhia. A senhora Ellerton e a senhora Stover eram uma espécie de família adotiva. Isso vai deixá-la tão triste…

Hodges anota o número e liga de imediato. Nancy Alderson atende ao primeiro toque. Ele identifica-se e dá-lhe a notícia.

— Ah, não, isso é impossível! — exclama ela depois de um momento de silêncio chocado. — O senhor enganou-se, detetive Hodges.

Ele não se dá ao trabalho de corrigi-la, porque aquilo é interessante.

— Porque diz isso?

— Porque elas são *felizes*. Dão-se muito bem, veem televisão juntas. Adoram ver filmes no DVD e programas de culinária, e também aqueles em que as mulheres conversam sobre coisas divertidas e recebem celebridades. O senhor não acreditaria, mas há muitas gargalhadas naquela casa. — Nancy Alderson hesita, então diz: — Tem a *certeza* de que está a falar das pessoas certas? Jan Ellerton e Marty Stover?

— Lamento dizer que sim.

— Mas… ela tinha aceitado a condição dela! Estou a falar da Marty. Martine. Dizia que habituar-se a ser paralítica era mais fácil do que habituar-se a ser solteirona. Estávamos sempre a falar disso, por estarmos sozinhas. Porque eu

perdi o meu marido, sabe?

— Então nunca houve um senhor Stover.

— Houve, sim. A Janice casou cedo. Foi um casamento breve, acho, mas ela disse que nunca se arrependeu porque teve a Martine. A Marty teve um namorado pouco antes do acidente, mas ele sofreu um ataque cardíaco. Morreu logo. A Marty dizia que ele estava em forma, que se exercitava três vezes por semana num ginásio do centro. Disse que foi isso que o matou. Como o coração era muito forte, quando teve problemas, foi o fim dele.

Hodges, sobrevivente de uma doença coronária, pensa: nunca hei de frequentar um ginásio.

— A Marty dizia que ficar sozinha depois de alguém que amamos falecer era o pior tipo de paralisia. Eu não sentia exatamente o mesmo em relação ao Bill, mas percebia o que ela queria dizer. O reverendo Henreid ia visitá-la com frequência. A Marty chama-lhe conselheiro espiritual, e mesmo quando não ia, ela e a Jan faziam orações diárias. Todos os dias, ao meio-dia. E a Marty estava a pensar em fazer um curso de contabilidade *online*. Sabia que há cursos especiais para pessoas com o tipo de deficiência dela?

— Não sabia — diz Hodges. No bloco, anota STOVER PLANEAVA FAZER CURSO DE CONTABILIDADE POR COMPUTADOR e vira-o para Holly. Ela ergue as sobrancelhas.

— Havia lágrimas e tristeza de vez em quando, claro, mas na maior parte do tempo elas eram *felizes*. Ou pelo menos… não sei…

— No que está a pensar, Nancy? — Passa a usar o primeiro nome dela, outro truque de velho polícia, sem dar por isso.

— Ah, não deve ser nada. A *Marty* parecia feliz como sempre, ela é um doce, não acreditaria no quanto é espiritual, vê o lado bom das coisas, mas a Jan parecia um bocadinho retraída ultimamente, como se tivesse alguma coisa a pesar-lhe na consciência. Pensei que pudesse ser algo relacionado com dinheiro, ou talvez aquela tristeza que nos atinge depois do Natal. Nunca *imaginei*… — Ela funga. — Com licença, preciso de me assoar.

— Claro.

Holly pega no bloco. A letra dela é pequena, obstipada, costuma ele pensar, e Hodges tem de aproximar o bloco do nariz para ler a mensagem: PERGUNTA-LHE SOBRE O ZAPPIT!

Ouve Alderson assoar-se.

— Desculpe.

— Não se preocupe. Nancy, sabe dizer-me se a senhora Ellerton tinha uma pequena consola de jogos? Cor-de-rosa.

— Valha-me Deus, como sabia isso?

— Eu não sei nada, na verdade — diz Hodges, com sinceridade. — Sou apenas um detetive reformado com uma lista de perguntas.

— Ela contou-me que um homem lha deu, que lhe disse que o aparelho era grátis desde que ela prometesse preencher um questionário e mandá-lo para a empresa. A coisa era um pouco maior do que um livro. Ficou abandonada lá em casa durante algum tempo…

— Quando foi isso?

— Não consigo lembrar-me exatamente, mas antes do Natal, com certeza. Na primeira vez que a vi, estava na mesinha de centro na sala. Ficou ali com o questionário dobrado até depois do Natal; sei isso porque a pequena árvore já tinha sido retirada, e depois vi o aparelho um dia na mesa da cozinha. A Jan disse que o ligou só para ver o que fazia e descobriu que havia jogos de paciência, talvez uns dez diferentes, como o Klondike, o Picture e o Pyramid. Como começou a usá-lo, decidiu preencher o questionário e enviá-lo.

— Ela punha-o a carregar na casa de banho da Marty?

— Sim, porque era o lugar mais conveniente. Ela passava muito tempo naquela parte da casa.

— Pois. Disse que a senhora Ellerton parecia retraída…

— Um *pouco* retraída — corrige Alderson de imediato. — Na maior parte do tempo, continuava a mesma de sempre. Um doce, como a filha.

— Mas alguma coisa a preocupava.

— Sim, acho que sim.

— Lhe *pesava* na consciência.

— Bem…

— Isso foi na mesma altura em que ela recebeu o aparelho?

— Acho que foi, agora que penso nisso, mas por que diabo jogar paciências num *tablet* cor-de-rosa a deixaria deprimida?

— Não sei — responde Hodges, e escreve DEPRIMIDA no bloco. Acha que há um salto significativo entre estar retraída e estar deprimida.

— A família já foi informada? — pergunta Alderson. — Não há ninguém na cidade, mas elas têm uns primos no Ohio, sei disso, e acho que no Kansas também. Ou talvez no Indiana. Os nomes estão no caderno de endereços.

— A polícia está a fazer isso neste momento — afirma Hodges, embora decida ligar para Pete depois para ter a certeza. Isso provavelmente vai irritar o seu antigo parceiro, mas Hodges não se importa. A consternação de Nancy Alderson está presente em cada palavra, e ele quer oferecer todo o consolo que puder. — Posso fazer uma última pergunta?

— Claro.

— Por acaso viu alguém a rondar a casa? Alguém sem um motivo óbvio para estar ali?

Holly está a assentir com vigor.

— Porque pergunta isso? — Alderson parece atónita. — Com certeza não acha que algum *estranho*…

— Eu não acho nada — responde Hodges com tranquilidade. — Só estou a ajudar a polícia porque houve redução de pessoal nos últimos anos. Cortes no orçamento da cidade.

— Eu sei, é horrível.

— Então deram-me uma lista de perguntas, e esta é a última.

— Bem, não vi ninguém. Teria reparado por causa do passadiço entre a casa e a garagem. A garagem é aquecida, então é lá que está a despensa, a máquina de lavar e a de secar roupa. Atravesso o passadiço várias vezes por dia e consigo

ver a rua de lá. Quase ninguém sobe Hilltop Court, porque a casa da Jan e da Marty é a última. Depois só há a rotunda. Claro que há o carteiro, a UPS e às vezes a FedEx, mas, tirando isso, a não ser que alguém se perca, temos aquela extremidade da rua só para nós.

— Então não havia ninguém.

— Não, senhor Hodges, com certeza.

— Nem o homem que deu o aparelho à senhora Ellerton?

— Não, ele abordou-a na Ridgeline Foods. É a mercearia ao fundo da colina, onde a City Avenue atravessa a Hilltop Court. Há um Kroger quilómetro e meio depois, na City Avenue Plaza, mas a Janice não vai lá apesar de os produtos serem um pouco mais baratos, porque diz que gosta de ajudar os produtores locais e… e… — Solta um soluço alto de repente. — Mas ela já não vai comprar mais nada em *lado nenhum*, pois não? Oh, não posso acreditar! A Jan nunca magoaria a Marty, por nada no mundo.

— É muito triste — diz Hodges.

— Vou ter de voltar hoje. — Alderson está a falar sozinha e não com Hodges. — Os familiares podem levar algum tempo a chegar, e alguém tem de tratar das coisas.

O último dever de uma empregada doméstica, pensa Hodges, e acha esse pensamento ao mesmo tempo tocante e terrível.

— Quero agradecer-lhe o seu tempo, Nancy. Vou deixá-la ag…

— Claro, havia aquele idoso — comenta Alderson.

— Que idoso?

— Vi-o várias vezes à porta do número mil quinhentos e oitenta e oito. Ele parava na berma e ficava no passeio, a olhar para lá. É a casa do outro lado da rua, um pouco mais abaixo. Talvez não tenha reparado, mas está à venda.

Hodges reparou, mas não diz nada. Não quer interromper.

— Uma vez, ele atravessou o relvado para olhar pela janela. Isso foi antes do último grande nevão. Como se estivesse a ver montras. — Dá uma gargalhada chorosa. — Enfim, também se vive de ilusões, como diria a minha mãe, porque não parecia o tipo de pessoa com dinheiro para comprar uma casa daquelas.

— Não?

— Hã-hã. Vestia um uniforme de trabalho. Sabe, calças verdes. E a parca estava remendada com fita adesiva. Além disso, o carro parecia muito velho e tinha manchas de primário. O meu falecido marido chamava a isso «cera dos pobres».

— Por acaso não sabe que tipo de carro era, sabe? — Vira o bloco para uma nova folha e escreve DESCOBRIR DATA DO ÚLTIMO GRANDE NEVÃO. Holly lê e assente.

— Não, desculpe. Não percebo nada de carros. Nem me lembro da cor, só das manchas de primário. Senhor Hodges, tem a certeza de que não houve nenhum engano? — Está quase a implorar.

— Quem me dera poder dizer que sim, Nancy, mas não posso. Foi muito útil.

— Fui? — pergunta ela, pouco convencida.

Hodges dá-lhe o seu número de telemóvel, o de Holly e o número do escritório. Pede a Nancy para ligar se se lembrar de alguma coisa de que não falaram. Avisa-a de que pode haver interesse da imprensa porque Martine ficou paralisada no Massacre do Centro Cívico em 2009 e diz-lhe que não é obrigada a falar com jornalistas se não quiser.

Nancy Alderson está a chorar quando ele desliga.

9

Leva Holly a almoçar ao Panda Garden a um quarteirão dali, na mesma rua. É cedo, e têm o restaurante quase só para eles. Holly não come carne e pede um *chao min* de legumes. Hodges adora a carne desfiada condimentada, mas o seu estômago não a tolera ultimamente, então escolhe cordeiro *ma la*. Usam pauzinhos: Holly porque tem destreza e Hodges porque isso o faz comer mais devagar e torna menos provável que haja uma fogueira pós-almoço na sua

barriga.

— O último grande nevão foi no dia dezanove de dezembro — diz Holly. — Segundo a meteorologia houve trinta centímetros de neve em Government Square e trinta e três no Branson Park. Não é nada de especial, mas o outro grande nevão deste inverno só gerou dez centímetros.

— Seis dias antes do Natal. Na mesma altura em que a Janice Ellerton recebeu o *Zappit*, segundo a Alderson.

— Achas que o homem que lhe deu o aparelho era o mesmo que olhava para a casa?

Hodges pega nos brócolos. Parece que faz bem à saúde, como todos os legumes que sabem mal.

— Acho que a Ellerton não teria aceitado *nada* de um tipo com uma parca remendada com fita adesiva. Não descarto a possibilidade, mas parece improvável.

— Come, Bill. Se eu continuar a comer assim, vou parecer um porco.

Hodges come, embora tenha pouco apetite nos últimos tempos, mesmo quando o estômago não o incomoda. Quando uma garfada fica presa na garganta, empurra-a com chá. Talvez seja uma boa ideia, pois o chá parece ajudar. Pensa no resultado dos exames que ainda não viu. Ocorre-lhe que o seu problema pode ser pior do que uma úlcera, que uma úlcera talvez seja a melhor possibilidade. Há medicamentos para úlceras. Para outras coisas, não.

Quando consegue ver o meio do prato (mas, caramba, há tanta comida à volta), pousa os pauzinhos.

— Descobri uma coisa enquanto estavas a localizar a Nancy Alderson.

— O quê?

— Tinha começado a ler sobre os *Zappits*. É espantoso como essas empresas de tecnologia aparecem e desaparecem depressa. Parecem dentes-de-leão em junho. O *Zappit Commander* não dominou o mercado. Era demasiado simples, demasiado caro, tinha concorrentes demasiado sofisticados. As ações da Zappit Inc. caíram, e foi comprada por uma empresa chamada Sunrise Solutions. Há dois anos, *essa* empresa declarou falência e desapareceu. O que quer dizer que a

Zappit não existe há muito tempo, e o tipo que distribuiu os aparelhos devia fazer parte de uma vigarice qualquer.

Holly percebe rapidamente onde Hodges quer chegar.

— Então o questionário era uma treta para acrescentar um pouco de, como se diz, verosimilhança. Mas o tipo não tentou extorquir-lhe dinheiro, pois não?

— Não. Pelo menos que saibamos.

— Há aqui qualquer coisa estranha, Bill. Vais contar ao detetive Huntley e à senhora Belos Olhos Cinzentos?

Hodges pega no bocado mais pequeno de cordeiro que está no prato, e agora há uma desculpa para deixá-lo cair.

— Porque não gostas dela, Holly?

— Bem, acha que sou maluca — responde Holly, direta. — Há isso.

— Tenho a certeza de que ela não…

— Sim. Acha. E também deve achar que sou perigosa, por causa da forma como bati no Brady Hartsfield no concerto dos ’Round Here. Mas não me importo. Faria aquilo outra vez. Mil vezes!

Ele pousa a mão sobre a dela. Os pauzinhos que Holly tem na mão fechada vibram como um diapasão.

— Eu sei que sim, e terias razão todas as vezes. Salvaste muitas vidas naquele dia.

Ela tira a mão de baixo da dele e começa a apanhar bagos de arroz.

— Ah, não me importa que ela ache que sou maluca. Lidei a vida inteira com pessoas que pensam o mesmo, a começar pelos meus pais. Mas há outra coisa. A Isabelle só vê o que vê, e não gosta de gente que vê mais, ou que pelo menos procura mais. Sente o mesmo em relação a ti, Bill. Tem ciúmes de ti. Por causa do Pete.

Hodges não diz nada. Nunca considerara essa possibilidade.

Ela pousa os pauzinhos na mesa.

— Não respondeste à minha pergunta. Vai contar-lhes o que descobrimos até agora?

— Ainda não. Há uma coisa que quero fazer primeiro, se aguentares as

pontas no escritório esta tarde.

Holly sorri para o que restou do *chao min.*

— Seguro sempre.

10

Bill Hodges não é o único que antipatizou de imediato com a substituta de Becky Helmington. Os enfermeiros e auxiliares que trabalham na Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas chamam ao local Capacete, por causa dos capacetes das motos, e em pouco tempo Ruth Scapelli ficou conhecida como enfermeira Ratched, por causa do filme *Voando sobre Um Ninho de Cucos*. No final do terceiro mês, ela pediu a transferência de três enfermeiros por várias infrações menores, e um auxiliar foi despedido por fumar numa despensa. Ela proibiu certos uniformes coloridos por «distraírem demasiado» ou serem «demasiado provocadores».

Mas os médicos gostam dela. Acham que é rápida e competente. Com os pacientes, também é rápida e competente, porém é fria, e há também um certo desprezo presente. Não permite que nem os mais cataclismicamente feridos sejam apelidados de vegetais ou plantas, pelo menos perto dela, mas tem uma certa *atitude*.

— Ela sabe o que faz — disse uma enfermeira a outra na sala de descanso pouco depois de Scapelli assumir o cargo. — Disso não tenho dúvidas, mas falta-lhe alguma coisa.

A outra enfermeira era uma veterana com trinta anos de serviço que já tinha visto de tudo. Pensou e disse uma única palavra… mas foi a palavra certa.

— Compaixão.

Scapelli nunca demonstra frieza nem desprezo quando acompanha Felix Babineau, o chefe do departamento de neurologia, nas suas rondas, e ele

provavelmente não repararia se demonstrasse. Outros médicos *repararam*, mas poucos ligam; os atos de seres inferiores como os enfermeiros, mesmo os chefes, estão muito abaixo do seu olhar arrogante.

Parece que Scapelli acha que, independentemente do que houver de errado com eles, os pacientes da Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas devem carregar parte da responsabilidade pela situação em que estão e, se se esforçassem mais, sem dúvida recuperariam pelo menos *parte* das suas capacidades. Mas faz o seu trabalho, e na maior parte do tempo fá-lo bem, talvez melhor do que Becky Helmington, de quem as pessoas gostavam muito mais. Se alguém lhe dissesse isso, Scapelli teria respondido que não estava ali para que gostassem dela. Estava ali para cuidar dos pacientes, fim da história, ponto final.

Mas há um paciente antigo no Capacete que ela detesta. Esse paciente é Brady Hartsfield. Não porque tenha um amigo ou parente que foi ferido ou morto no Centro Cívico; mas sim porque acha que ele está a fingir. A fugir da punição que tanto merece. Ela mantém-se afastada e deixa que os outros funcionários tratem dele, porque, só de olhá-lo, é tomada de uma enorme fúria por o sistema ser tão facilmente enganado por aquela criatura do mal.

Mantém-se afastada também por outro motivo: não confia totalmente em si própria quando está no quarto dele. Em duas ocasiões, fez uma coisa. O tipo de coisa que, se fosse descoberta, poderia resultar no *seu* despedimento. Mas, naquela tarde nos primeiros dias de janeiro, quando Hodges e Holly estão a acabar de almoçar, ela é atraída para o quarto 217 como se puxada por um cabo invisível.

Ainda naquela manhã foi obrigada a ir lá, porque o doutor Babineau insistiu que ela o acompanhasse nas rondas, e Brady é o seu paciente favorito. Está espantado com a progressão de Brady.

— Ele nunca devia ter saído do coma — disse Babineau assim que ela entrou para a equipa do Capacete. O médico é frio como um peixe, mas fica quase alegre quando fala de Brady. — E olhe para ele agora! Consegue andar distâncias curtas, com ajuda, claro. Consegue alimentar-se e responder verbalmente ou com sinais a perguntas simples.

Também tem tendência para tentar enfiar o garfo no olho, poderia ter acrescentado Ruth Scapelli (mas não acrescenta), e as suas respostas verbais parecem todas *uá-uá* e *gu-gu*. E há a questão dos dejetos. Se lhe põem uma fralda, ele não faz nada. Se lha tiram, urina na cama com a regularidade de um relógio. Defeca nela, se puder. Parece que sabe. Ela acredita que sabe *mesmo*.

Outra coisa que sabe, e disso não pode haver dúvida, é que Scapelli não gosta dele. Ainda naquela manhã, depois de o exame terminar e o doutor Babineau estar a lavar as mãos na casa de banho contígua, Brady levantou a cabeça para olhar para ela e levou uma das mãos ao peito. Fechou-a num punho frouxo e trémulo. Então, esticou o dedo médio lentamente.

A princípio, Scapelli não acreditou no que estava a ver: Brady Hartsfield a mostrar-lhe o dedo do meio. Então, quando ouviu a torneira ser fechada na casa de banho, dois botões saltaram na parte da frente do uniforme, deixando exposto o sutiã de sustentação *Playtex 18-Hour Comfort Strap Bra*. Ela não acredita nos boatos que ouviu sobre aquele desperdício de ser humano, *recusa-se* a acreditar, mas…

Brady sorriu-lhe. *Sorriu-lhe*.

Ela vai ao quarto 217 acompanhada da música tranquila que sai dos altifalantes no corredor. Usa o uniforme de reserva, o cor-de-rosa que guarda no cacifo e do qual não gosta muito. Olha para os dois lados para ter a certeza de que ninguém está a prestar atenção, finge ler a prancheta de Brady para o caso de haver um par de olhos curiosos que deixou escapar e entra no quarto. Ele está sentado na cadeira em frente à janela, como sempre. Usa uma das quatro camisas axadrezadas que tem e calças de ganga. O cabelo foi penteado, e as faces estão macias como a pele de um bebé. Um crachá no bolso da camisa proclama: FUI BARBEADO PELA ENFERMEIRA BARBARA!

Vive como o Donald Trump, pensa Ruth Scapelli. Matou oito pessoas e feriu Deus sabe quantas, tentou matar milhares de adolescentes num concerto, e aqui está, com as refeições trazidas ao quarto por empregados, a roupa lavada, a cara barbeada. Faz massagens três vezes por semana. Vai ao *spa* quatro vezes por

semana e goza da *banheira de hidromassagem*.

Vive como Donald Trump? Não. Mais como o chefe tribal de um daqueles países do Médio Oriente, cheios de petróleo.

E se ela contasse a Babineau que ele lhe mostrou o dedo do meio?

Ah, não, diria ele. Ah, não, enfermeira Scapelli. O que viu não passa de um reflexo muscular involuntário. O cérebro dele ainda é incapaz de processar os pensamentos que levariam a um gesto desses. Mesmo que não fosse o caso, porque lhe faria ele um gesto desses?

— Porque não gosta de mim — diz ela, inclinando-se para a frente com as mãos nos joelhos cobertos pela saia cor-de-rosa. — Não é, senhor Hartsfield? E isso deixa-nos quites, porque não gosto de si.

Ele não olha para ela nem dá sinal de que ouviu. Limita-se a olhar pela janela para o estacionamento. Mas *ouve*, ela tem a certeza de que ouve, e o facto de não reagir enfurece-a ainda mais. Quando Scapelli fala, as pessoas têm de *ouvir*.

— Devo acreditar que arrancou os botões do meu uniforme esta manhã com algum tipo de poder mental?

Nada.

— Não importa. Já tencionava substituir aquele uniforme. A parte de cima estava demasiado justa. Pode enganar alguns funcionários mais crédulos, mas não me engana, senhor Hartsfield. A única coisa que é capaz de fazer é ficar aí sentado. E de sujar a cama sempre que tem a oportunidade.

Nada.

Ela olha para a porta para ter a certeza de que está fechada, depois tira a mão esquerda do joelho e estende-a na direção dele.

— Todas aquelas pessoas que magoou, algumas ainda estão a sofrer. Isso deixa-o feliz? Deixa, não é? Será que gostaria de tal dor? Que tal descobrirmos?

Toca primeiro na superfície macia de um mamilo sob a camisa, depois belisca-o com o indicador e o polegar. Tem as unhas curtas, mas crava nele o que tem. Gira o mamilo de um lado para outro.

— Isto é dor, senhor Hartsfield. Gosta?

O rosto dele continua inexpressivo como sempre, o que a deixa mais furiosa.

Inclina-se para mais perto, até os narizes estarem quase a tocar-se. O rosto dela parece mais do que nunca um punho fechado. Os olhos azuis estão arregalados atrás dos óculos. Tem cuspo nas comissuras dos lábios.

— Eu podia fazer isso aos seus testículos — sussurra ela. — Talvez o faça.

Sim. Talvez faça. Afinal, ele não pode contar a Babineau. Consegue dizer umas quarenta palavras, no máximo, e poucas pessoas entendem o que diz. *Quero mais milho* sai mais como *Qué má mi*, um som que parece uma imitação tosca de índios num filme do faroeste. A única coisa que diz com clareza é *Quero a minha mãe*, e em várias ocasiões Scapelli teve grande prazer em informá-lo novamente de que a mãe está morta.

Ela torce o mamilo de um lado para o outro. No sentido dos ponteiros do relógio e ao contrário. Apertando com o máximo de força, e as mãos dela são de enfermeira, o que quer dizer que são fortes.

— Acha que o doutor Babineau é o seu animal de estimação, mas engana-se. O senhor é o animal de estimação *dele*. A cobaia. Ele acha que não sei nada sobre as drogas experimentais que lhe dá, mas sei. Vitaminas, diz ele. Até parece! Sei *tudo* o que acontece neste hospital. Ele acha que vai trazê-lo de volta, mas isso nunca irá acontecer. O seu caminho não tem retorno. E se ele conseguisse? Seria julgado e iria para a prisão durante o resto da vida. E não há banheiras de hidromassagem na Prisão Estadual de Waynesville.

Está a apertar o mamilo dele com tanta força que os tendões no seu pulso se destacam, mas ele ainda não dá sinal de sentir dor. Continua a olhar para o estacionamento, com o rosto inexpressivo. Se ela continuar, é capaz de uma das enfermeiras ver o hematoma, o inchaço, e isso vai para a prancheta dele.

Ela recua, respirando fundo, e o estore na janela agita-se de repente, emitindo um som alto. Isso fá-la saltar e olhar em volta. Quando se vira para ele de novo, Hartsfield já não está a olhar para o estacionamento.

Está a olhar diretamente para *ela*. Os olhos estão límpidos e conscientes.

Scapelli sente uma pontada de medo e dá um passo para trás.

— Eu podia denunciar o Babineau — diz ela —, mas os médicos arranjam sempre forma de escapar às coisas, principalmente quando é a palavra deles

contra a de uma enfermeira, até mesmo a da enfermeira-chefe. E porque iria eu denunciá-lo? Ele que faça as experiências que quiser. Até Waynesville é demasiado boa para si, senhor Hartsfield. Talvez ele lhe dê uma coisa que o mate. É o que merece.

Um carrinho de comida retumba no corredor; alguém está a receber um almoço tardio. Ruth Scapelli estremece como uma mulher a despertar de um sonho e recua para a porta, olhando de Hartsfield para o agora silencioso estore e novamente para Hartsfield.

— Vou deixá-lo com os seus pensamentos, mas quero dizer mais uma coisa antes de ir. Se me mostrar o dedo de novo, da próxima vez aperto-lhe os testículos.

A mão de Brady sobe do colo até ao peito. Treme, mas é uma questão de coordenação motora. Graças a dez sessões de fisioterapia por semana, conseguiu recuperar pelo menos um pouco do tónus muscular.

Scapelli olha, incrédula, vendo o dedo do meio erguer-se na direção dela.

Com isso, vem o sorriso obsceno.

— Você é um monstro — diz ela em voz baixa. — Uma aberração.

Mas não se aproxima dele de novo. Fica com um medo repentino e irracional do que poderia acontecer se se aproximasse.

11

Tom Saubers está mais do que disposto a fazer o favor que Hodges lhe pediu, apesar de ter de remarcar alguns compromissos da tarde. Deve a Bill Hodges bem mais do que um passeio por uma casa vazia em Ridgedale; afinal, o ex-detetive, com a ajuda dos amigos Holly e Jerome, salvou-lhe a vida dos filhos. E, possivelmente, da mulher também.

Digita a senha do alarme no vestíbulo, depois de ler os números num papel

preso à pasta que traz. Enquanto leva Hodges pelos aposentos do rés do chão, os passos de ambos a ecoar, Tom não consegue deixar de entrar na rotina. Sim, fica bastante longe do centro da cidade, nem vale a pena dizer, mas isso significa que tem todos os serviços urbanos, como água, saneamento, recolha de lixo, autocarros escolares e autocarros municipais, sem o barulho da cidade.

— A casa está pronta para receber televisão por cabo da melhor qualidade — acrescenta.

— Ótimo, mas não tenho interesse em comprá-la.

Tom olha para ele com curiosidade.

— Então qual é o *seu* interesse?

Hodges não vê motivo para não lhe contar.

— Saber se alguém usou esta casa para estar de olho naquela além, do outro lado da rua. Houve um homicídio seguido de suicídio no fim de semana passado nesta rua.

— No mil seiscentos e um? Meu Deus, Bill, que *horror*.

Pois é, pensa Hodges, e acredito que já estejas a pensar com quem deves falar para ser o agente daquela casa.

Não é que ele censure isso a Tom, que passou pelo inferno após o Massacre do Centro Cívico e saiu relativamente ileso.

— Vejo que já largou a bengala — comenta Hodges quando sobem para o primeiro andar.

— Às vezes uso-a à noite, principalmente se o tempo estiver chuvoso — diz Tom. — Os médicos dizem que isso de as articulações doerem mais quando o tempo está húmido é um disparate, mas eu digo que é verdade. Este é o quarto principal, apanha sol toda a manhã. A casa de banho é bonita e grande, com hidromassagem no chuveiro, e ao fundo do corredor…

Sim, é uma bela casa, Hodges não esperaria nada diferente em Ridgedale, mas não há sinal de alguém ter entrado ali nos últimos tempos.

— Viu o suficiente? — pergunta Tom.

— Acho que sim. Reparou em alguma coisa fora do sítio?

— Nada. E o alarme é dos bons. Se alguém *tivesse* entrado…

— Pois — interrompe Hodges. — Desculpe fazê-lo sair num dia tão frio.

— Disparate. Eu tinha de sair, de qualquer forma. E é bom vê-lo. — Saem pela porta da cozinha, que Tom tranca logo. — Mas você está demasiado magro.

— Ah, sabe o que se diz: nunca se é demasiado magro ou demasiado rico.

Tom, que devido aos ferimentos no Centro Cívico ficou demasiado magro e demasiado pobre, sorri ao velhote e dirige-se para a frente da casa. Hodges dá alguns passos, mas para.

— Podemos ver a garagem?

— Claro, mas não há lá nada.

— Só uma espreitadela.

— Não quer deixar passar nada, não é? Percebido, deixe-me encontrar a chave certa.

Só que não precisa da chave, porque a porta da garagem está entreaberta cinco centímetros. Os dois homens olham para a madeira lascada em volta do trinco em silêncio.

— Ah, quem diria — diz Tom, por fim.

— O alarme não cobre a garagem, deduzo.

— Deduz bem. Não há nada para proteger aí dentro.

Hodges entra num retângulo com paredes de madeira despidas e chão de cimento. Há marcas de botas visíveis no chão. Hodges consegue ver a própria respiração e também outra coisa. Em frente ao portão esquerdo há uma cadeira. Alguém se sentou ali para vigiar.

O ex-detetive tem sentido um desconforto crescente no lado esquerdo da barriga, uma sensação que se estende até à lombar, mas esse tipo de dor é quase uma velha companheira agora, e é temporariamente eclipsado pela animação.

Alguém se sentou ali para vigiar o número 1601, pensa ele. Apostaria a minha quinta nisso, se tivesse uma quinta.

Vai até à parte da frente da garagem e senta-se onde a pessoa se sentou. Há três janelas no meio do portão, e a da direita foi limpa recentemente. A vista é para a janela panorâmica da sala de estar do 1601.

— Ei, Bill — chama Tom. — Há qualquer coisa debaixo da cadeira.

Hodges inclina-se para olhar, apesar de isso lhe causar um ardor na barriga. O que vê é um disco preto, com talvez oito centímetros de diâmetro. Pega-lhe pela extremidade. Gravado ali, a dourado, há uma única palavra: STEINER.

— É de uma câmara? — pergunta Tom.

— Não, de um binóculo. Os departamentos da polícia com grandes orçamentos usam binóculos *Steiner*.

Com um bom binóculo *Steiner* (e, tanto quanto Hodges sabe, não há um *Steiner* mau), a pessoa poderia estar dentro da sala de estar de Ellerton e Stover, supondo que os estores estivessem subidos… e estavam, quando ele e Holly entraram lá de manhã. Caramba, se as mulheres estivessem a ver a CNN, a pessoa conseguiria ler o texto na base do ecrã.

Hodges não tem um saco de plástico para recolher a prova, mas tem um pacote de lenços de papel no bolso do casaco. Pega em dois, enrola com cuidado a tampa da lente e enfia-a no bolso de dentro do casaco. Levanta-se da cadeira (provocando outra pontada; a dor está forte esta tarde) e vê outra coisa. Alguém entalhou uma única letra na tábua de madeira entre os dois portões, talvez com um canivete.

É a letra Z.

12

Estão quase na entrada dos carros outra vez quando Hodges sente uma dor nova: uma pontada lancinante atrás do joelho esquerdo. Parece que foi esfaqueado. Grita tanto de surpresa como de dor enquanto se inclina, massajando o nó latejante, tentando fazer a dor passar. Aliviá-la, pelo menos.

Tom ajoelha-se ao lado dele, e assim nenhum dos dois vê o velho *Chevrolet* a passar lentamente por Hilltop Court. A tinta azul desbotada está cheia de manchas de primário vermelho. O cavalheiro idoso atrás do volante abranda

ainda mais para poder olhar para os dois homens. Então acelera, lançando uma baforada de fumo azulado pelo escape, e passa diante da casa de Ellerton e Stover, a caminho da rotunda ao fim da rua.

— O que foi? — pergunta Tom. — O que aconteceu?

— Cãibra — diz Hodges entre dentes.

— Massaje isso.

Hodges lança-lhe um olhar irónico por entre o cabelo desgrenhado.

— O que acha que estou a fazer?

— Deixe-me tratar do assunto.

Tom Saubers, veterano da fisioterapia por ter ido a uma certa feira de emprego seis anos antes, afasta a mão de Hodges.

Descalça uma das luvas e crava os dedos na perna de Hodges. Com força.

— Ai! Isso dói, porra!

— Eu sei — diz Tom. — Não se pode evitar. Ponha o máximo de peso que conseguir na perna boa.

Hodges faz isso. O *Malibu* com as manchas de primário vermelho passa lentamente de novo, dessa vez a descer a colina. O condutor aproveita para dar outra boa olhadela e acelera.

— Está a melhorar — diz Hodges. — Graças a Deus.

É verdade, mas o seu estômago está em chamas e a lombar parece ter sido distendida.

Tom olha para ele com preocupação.

— Tem a certeza de que está bem?

— Estou. É só um espasmo muscular.

— Ou talvez uma trombose venosa profunda. Você já não é novo, Bill. Tem de ver isso. Se alguma coisa lhe acontecesse enquanto estava comigo, o Pete nunca me perdoaria. Nem a irmã. Devemos-lhe muito.

— Está tudo sob controlo, tenho uma consulta amanhã — diz Hodges. — Venha, vamos embora daqui. Estou a gelar.

Coxeia nos primeiros dois ou três passos, mas a dor atrás do joelho acaba por desaparecer por completo, e Hodges consegue andar normalmente. Mais do que

Tom. Graças ao encontro com Brady Hartsfield em abril de 2009, Tom Saubers vai coxear o resto da vida.

13

Quando Hodges chega a casa, o estômago está melhor, mas sente-se exausto. O ex-detetive cansa-se com facilidade agora e diz a si mesmo que é porque o seu apetite anda mau, mas será mesmo esse o motivo? Ouviu o vidro a partir-se e os miúdos a gritar *home run* duas vezes durante o regresso de Ridgedale, mas nunca olha para o telemóvel quando conduz, em parte porque é perigoso (além de ilegal, naquele estado), mas principalmente porque se recusa a tornar-se escravo do aparelho.

Além disso, não precisa de ler mentes para saber de quem é pelo menos uma daquelas mensagens. Espera até ter pendurado o casaco no roupeiro do vestíbulo, tocando brevemente no bolso interno para verificar se a tampa da lente ainda está segura lá dentro.

A primeira mensagem é de Holly.

Devíamos falar com o Pete e a Isabelle, mas liga-me primeiro. Tenho uma pergunta.

A outra não é dela. Diz:

O doutor Stamos precisa de falar consigo com urgência. Tem consulta amanhã às 9. Não falte!

Hodges olha para o relógio e vê que, apesar de o dia parecer já ter durado pelo menos um mês, são apenas 16h15. Liga para o consultório do médico e fala com Marlee. Consegue reconhecê-la pela voz alegre de chefe de claque, que fica séria quando ele se apresenta. Hodges não sabe o que os exames revelaram, mas não pode ser coisa boa. Como Bob Dylan disse uma vez, não é preciso ser meteorologista para saber para que lado o vento sopra.

Ele pede-lhe para mudar a consulta para as 9h30 porque pretende ter uma reunião com Holly, Pete e Isabelle primeiro. Hodges recusa-se a acreditar que a sua visita ao consultório do doutor Stamos pode ser seguida de um internamento, mas é realista, e aquela dor na perna deixou-o assustado.

Marlee deixa-o à espera em linha. Hodges ouve os Young Rascals durante algum tempo (*Que já devem ser velhos*, pensa) até ela voltar.

— Podemos recebê-lo às nove e meia, senhor Hodges, mas o doutor Stamos pediu-me para enfatizar que é fundamental não faltar à consulta.

— É muito mau? — pergunta ele antes de conseguir conter-se.

— Não tenho informações sobre o seu caso — responde Marlee —, mas diria que é melhor descobrir qual o problema o mais depressa possível. Não acha?

— Acho — diz Hodges, com a voz pesada. — Irei à consulta. E obrigado.

Desliga e olha para o telemóvel. No ecrã há uma foto da filha com sete anos, alegre e sorridente, no balouço que ele montou no quintal quando viviam na Freeborn Avenue. Quando ainda eram uma família. Agora, Allie tem trinta e seis anos, é divorciada, anda no psicólogo e está a sair de uma relação dolorosa com um homem que lhe contou uma história tão velha como a Bíblia: *Vou deixá-la em breve, mas agora é má altura.*

Hodges pousa o telemóvel na mesa e levanta a camisa. A dor no lado esquerdo do abdómen diminuiu para uma pontada leve de novo, e isso é bom, mas ele não gosta do inchaço que vê abaixo do esterno. Parece que acabou de fazer uma refeição enorme, quando na verdade só conseguiu comer metade do almoço e o pequeno-almoço, que foi um *bagel*.

— Que se passa contigo? — pergunta ele ao estômago inchado. — Não me importaria de ter uma ideia antes da consulta de amanhã.

Calcula que poderia encontrar todas as ideias de que precisa se ligasse o computador e pesquisasse na Internet, mas acha que tentar fazer o próprio diagnóstico é um jogo para idiotas. Então, liga para Holly. Ela quer saber se ele encontrou alguma coisa interessante no número 1588.

— *Muito* interessante, como dizia aquele humorista no *Laugh-In*, mas antes de falarmos disso, faz a tua pergunta.

— Achas que o Pete consegue descobrir se a Martine Stover comprou um computador? Verificar os cartões de crédito dela, essas coisas? Porque o da mãe era *pré-histórico*. Se sim, quer dizer que ela estava a falar sério sobre o curso *online*. E, se estava a falar a sério, então…

— Então as hipóteses de ter elaborado um pacto suicida com a mãe caem drasticamente.

— Sim.

— Mas eu não descartaria a possibilidade de a mãe ter decidido fazer tudo sozinha. Pode ter posto os comprimidos com a vodca na sonda gástrica da filha enquanto ela dormia e depois entrado na banheira para terminar o serviço.

— Mas a Nancy Alderson disse…

— Que elas eram felizes, sim, eu sei. Só estou a fazer uma observação. Mas não acredito nisso.

— Pareces cansado.

— Só o meu cansaço normal de fim do dia. Vou arrebitar assim que comer alguma coisa.

Nunca na vida Hodges sentiu menos vontade de comer.

— Come bastante. Estás muito magro. Mas primeiro diz-me o que encontraste naquela casa vazia.

— Não na casa. Na garagem.

Hodges conta-lhe. Ela não o interrompe. Nem diz nada quando ele termina. Holly às vezes esquece-se de que está ao telefone, portanto dá-lhe uma deixa.

— E então? O que achas?

— Não sei. Não sei mesmo. É tão… estranho, tudo muito estranho. Não achas? Ou não? Porque posso estar a exagerar. Às vezes, faço isso.

Não me digas, pensa Hodges, mas dessa vez não acha que ela esteja a exagerar, e diz-lho.

— Comentaste que duvidavas que a Janice Ellerton aceitasse alguma coisa de um homem com uma parca remendada e uniforme de trabalho — comenta ela.

— Sim.

— Então isso quer dizer…

Agora, é ele que fica em silêncio e deixa-a concluir.

— Quer dizer que estão envolvidos dois homens. *Dois*. Um deu o *Zappit* à Janice Ellerton juntamente com o questionário falso quando ela andava às compras, e o outro vigiou-a desde a casa do outro lado da rua. E com um binóculo! Dos *caros*! Talvez os dois homens não estejam a trabalhar juntos, mas…

Ele espera. Sorrindo um pouco. Quando Holly eleva a velocidade do processo de raciocínio ao nível máximo, ele quase ouve as engrenagens rodar atrás da testa.

— Bill, ainda aí estás?

— Estou. Só à espera de que desembuches.

— Ah, pelo menos para mim, eles parecem estar a trabalhar juntos. E podem ter alguma coisa que ver com a morte daquelas duas mulheres. Pronto, estás contente?

— Estou, Holly. Estou. Tenho uma consulta amanhã às nove e meia…

— Os resultados dos exames chegaram?

— Chegaram. Quero marcar uma reunião antes com o Pete e a Isabelle. Oito e meia está bem para ti?

— Claro.

— Vamos contar-lhes tudo, sobre o Alderson, a consola que encontraste e a casa do número mil quinhentos e oitenta e oito. Para ver o que eles acham. Parece-te bem?

— Parece, mas *ela* não vai gostar nada disso.

— Podes estar enganada.

— Posso. E o céu pode ficar verde com pintinhas vermelhas amanhã. Agora, vai comer qualquer coisa.

Hodges garante que vai e aquece uma lata de canja de galinha com massa enquanto vê as notícias. Come quase tudo, mas faz pausas entre as colheradas e tenta animar-se: tu consegues, tu consegues.

Enquanto está a lavar o prato, a dor no lado esquerdo do abdómen volta,

juntamente com os tentáculos que se esticam até à lombar. A dor parece irradiar a cada batimento. O seu estômago contrai-se. Pensa em correr para a casa de banho, mas é demasiado tarde. Hodges inclina-se para o lava-louça e vomita com os olhos fechados. Não os abre enquanto tateia em busca da torneira e a abre para lavar o chiqueiro. Não quer ver o que saiu do seu corpo, porque consegue sentir gosto de sangue na boca e na garganta.

Ah, pensa ele, estou metido em sarilhos.

Em sarilhos dos grandes.

14

Oito da noite.

Quando a campainha toca, Ruth Scapelli está a ver um *reality show* idiota que é só uma desculpa para mostrar homens e mulheres jovens em roupa interior. Em vez de ir direita à porta de entrada, arrasta os pés até à cozinha e liga o monitor da câmara de segurança instalada no alpendre. Vive num bairro seguro, mas não vale a pena correr riscos; uma das frases preferidas da sua falecida mãe era *a escumalha propaga-se*.

Fica surpreendida e inquieta quando reconhece o homem à sua porta. Veste um sobretudo de *tweed*, obviamente caro, e um chapéu *trilby* com uma pena. Por baixo do chapéu, o cabelo grisalho perfeitamente cortado cai de forma dramática ao longo das têmporas. Traz uma pasta fina. É o doutor Felix Babineau, chefe do departamento de neurologia e manda-chuva na Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas da Região dos Lagos.

A campainha toca de novo, e ela apressa-se a abrir a porta, pensando: ele não pode saber o que fiz esta tarde porque a porta estava fechada e ninguém me viu entrar. Descontrai-te. É outra coisa. Talvez um assunto do sindicato.

Mas ele nunca discutiu assuntos do sindicato com ela, embora Scapelli

pertença ao Sindicato dos Enfermeiros há cinco anos. O doutor Babineau talvez nem a reconhecesse se passasse por ela na rua sem o uniforme. Isso fá-la lembrar-se do que veste agora, um roupão velho e pantufas mais velhas ainda (com caras de coelhinhos!), mas é demasiado tarde para fazer alguma coisa a esse respeito. Pelo menos, não tem rolos no cabelo.

Ele devia ter ligado antes, pensa ela, mas o pensamento que vem em seguida é perturbador: talvez quisesse apanhar-me de surpresa.

— Boa noite, doutor Babineau. Entre e abrigue-se do frio. Lamento recebê-lo de roupão, mas não estava à espera de visitas.

Ele entra e fica parado no vestíbulo. Ela tem de contorná-lo para fechar a porta. Visto de perto em vez de pelo monitor, acha que os dois talvez estejam quites no desalinho. Ela veste roupão e pantufas, é verdade, mas ele tem a barba por fazer. O doutor Babineau (ninguém sonharia em tratá-lo por doutor Felix) pode ser elegante — basta ver o cachecol de caxemira a envolver-lhe elegantemente o pescoço —, mas esta noite precisa de se barbear, e muito. Além do mais, está com olheiras.

— Deixe-me pendurar o seu casaco — oferece ela.

Ele pousa a pasta entre os sapatos, desabotoa o sobretudo e entrega-lho, juntamente com o cachecol. Ainda não disse nada. A lasanha que ela comeu ao jantar, deliciosa na altura, parece estar a afundar-se e a levar o fundo do estômago com ela.

— Quer…

— Vamos para a sala — diz ele, e passa por ela como se fosse o dono da casa.

Ruth Scapelli segue-o.

Babineau tira o comando do braço da poltrona, aponta-o à televisão e baixa o som. Os jovens continuam a correr no ecrã, mas fazem-no sem a companhia da tagarelice do apresentador. Scapelli já não está só inquieta; agora, está com medo. Pelo emprego, sim, pela posição que se esforçou tanto por alcançar, mas também por si mesma. Falta qualquer coisa no olhar dele, pois ela só vê uma espécie de vazio.

— Quer beber alguma coisa? Um refrigerante ou uma chávena de…

— Ouça, enfermeira Scapelli. E com atenção se quiser manter o emprego.

— Eu… eu…

— E não terminaria com a perda do posto. — Babineau pousa a pasta no assento da poltrona e abre as fivelas douradas. Elas estalam ao abrir. — A senhora agrediu hoje um paciente deficiente mental, o que pode ser considerado agressão *sexual*, e cometeu em seguida o que a lei chama crime de ameaça.

— Eu… eu nunca…

Quase não consegue ouvir a própria voz. Acha que pode desmaiar se não se sentar, mas a pasta dele está na poltrona favorita dela. Scapelli atravessa a sala até ao sofá e pelo caminho bate com a canela na mesa de centro, com força suficiente para quase a tombar. Sente um fio de sangue escorrer pelo tornozelo, mas não olha. Se olhar, irá *desmaiar*.

— Torceu o mamilo do senhor Hartsfield. Depois, ameaçou fazer-lhe o mesmo aos testículos.

— Ele dirigiu-me um gesto obsceno! — explode Scapelli. — Mostrou-me o dedo do meio!

— Vou garantir que nunca mais trabalha em enfermagem — diz ele, olhando para as profundezas da pasta enquanto ela quase desmaia no sofá. Tem as suas iniciais gravadas de lado na pasta. Em dourado, claro. Conduz um *BMW* novo e deve pagar cinquenta dólares para cortar o cabelo. Talvez mais. É um chefe autoritário, dominador, e agora está a ameaçar arruinar a sua vida por causa de um pequeno erro. Um pequeno deslize.

Não se importaria se o chão se abrisse e a engolisse, mas a sua visão é perversamente clara. Scapelli parece ver cada filamento da pena espetada no chapéu dele, cada veia vermelha nos olhos injetados, cada pelo grisalho de barba por fazer nas faces e no queixo. O cabelo teria a mesma cor, pensa ela, se ele não pintasse.

— Eu… — Lágrimas começam a surgir, lágrimas quentes a escorrer pelas faces frias. — Eu… por favor, doutor Babineau. — Não sabe como o médico sabe, e não importa. O facto é que ele sabe. — Nunca mais farei isso. Por favor.

Por favor.

O doutor Babineau não se dá ao trabalho de responder.

15

Selma Valdez, uma das quatro enfermeiras que faziam o turno das três às onze da noite no Capacete, bate à porta do quarto 217 por uma questão de hábito (porque o ocupante nunca responde) e entra. Brady está sentado na cadeira em frente à janela, a olhar para a escuridão. O candeeiro da mesa de cabeceira encontra-se aceso, iluminando as suas madeixas douradas. Ainda usa o crachá que diz FUI BARBEADO PELA ENFERMEIRA BARBARA!

Selma pensa em perguntar se ele quer ajuda para se deitar (embora não consiga desabotoar a camisa e as calças sozinho, é capaz de tirar os dois quando alguém lhos desabotoa), porém muda de ideias. O doutor Babineau acrescentou uma observação na prancheta de Hartsfield, escrita a caneta vermelha. «O paciente não deve ser perturbado quando estiver em estado semiconsciente. Durante esses períodos, o cérebro dele pode estar a "reiniciar-se" de forma gradual, mas considerável. Venham verificá-lo a intervalos de meia hora. Não ignorem esta diretiva.»

Selma não acha que Hartsfield esteja a reiniciar-se coisa nenhuma, está mas é perdido na terra dos vegetais, mas, como todos os enfermeiros que trabalham no Capacete, ela tem um certo receio do doutor Babineau e sabe que o médico tem o hábito de aparecer a qualquer hora, mesmo de madrugada, e são apenas oito da noite.

Em algum momento desde a última vez que foi verificar o quarto 217, Hartsfield conseguiu levantar-se e dar três passos até à mesa de cabeceira, onde guarda a consola de jogos. Não tem a destreza manual necessária para jogar nada, mas consegue ligá-la. Gosta de segurá-la no colo e olhar para as

demonstrações. Às vezes, faz isso durante uma hora ou mais, curvado como alguém a estudar para um exame importante. O favorito é a demonstração do Fishin' Hole, para o qual está a olhar agora. Toca uma música que ela recorda da infância: *Vou nadar, pelo mar, pelo lindo mar*…

Ela aproxima-se, pensa em dizer «Gosta mesmo disso, não é?», mas lembra-se do aviso *Não ignorem esta diretiva* sublinhado e encara o pequeno ecrã de cinco por três polegadas. Percebe por que motivo ele gosta de olhar; há qualquer coisa bela e fascinante na forma como os peixes exóticos aparecem, param e se afastam a nadar com um único movimento da cauda. Alguns são vermelhos… alguns são azuis… alguns são amarelos… ah, e há um cor-de-rosa lindo…

— Pare de olhar.

A voz de Brady arranha como as dobradiças de uma porta pouco usada, e apesar de haver um espaço considerável entre as palavras, elas são perfeitamente claras. Nada parecidas com os murmúrios enrolados de sempre. Selma dá um salto, como se ele lhe tivesse dado um beliscão em vez de ter apenas falado com ela. No ecrã do *Zappit* há um clarão azul momentâneo que esconde os peixes, mas eles voltam a seguir. Selma olha para o relógio preso de cabeça para baixo no uniforme e vê que já são oito e vinte. Santo Deus, ela está mesmo ali parada há quase vinte minutos?

— Vá-se embora.

Brady ainda está a olhar para o ecrã, onde os peixes nadam de um lado para outro, de um lado para outro. Selma afasta o olhar, mas é necessário um tremendo esforço.

— Volte mais tarde. — Uma pausa. — Quando eu acabar. — Outra pausa. — De olhar.

Selma obedece e, quando sai para o corredor, sente que tudo voltou ao normal. Ele falou com ela, grande coisa. E o que tem ele gostar de assistir à demonstração do Fishin' Hole tal como alguns tipos gostam de ver miúdas de biquíni a jogar vólei? Mais uma vez, grande coisa. A verdadeira pergunta é: porque deixam as *crianças* ter aquelas consolas. Não podem ser boas para os seus cérebros imaturos, pois não? Por outro lado, as crianças passam a vida a

jogar no computador, então talvez sejam imunes. Bem, ela ainda tem muita coisa para fazer. Hartsfield que fique na cadeira a olhar para a engenhoca.

Ao fim e ao cabo, não está a magoar ninguém.

16

Felix Babineau inclina-se rigidamente para a frente, como um androide num filme antigo de ficção científica. Enfia a mão na pasta e tira um aparelho rosa que parece um leitor digital. O ecrã está cinzento e vazio.

— Há aqui um número que quero que encontre — diz ele. — Um número de nove dígitos. Se conseguir encontrá-lo, enfermeira Scapelli, o incidente de hoje ficará entre nós.

O primeiro pensamento dela é «deves estar maluco», mas não pode dizer isso, quando ele tem a sua vida nas mãos.

— Como vou encontrá-lo? Não percebo nada de aparelhos eletrónicos! Mal sei mexer no telemóvel!

— Disparate. Como enfermeira cirúrgica, foi muito procurada pela sua destreza.

Era verdade, mas há dez anos que ela não põe os pés num bloco operatório do Kiner, a entregar tesouras e retratores e esponjas. Recebeu a oferta de um curso de seis semanas sobre microcirurgia — o hospital pagaria setenta por cento do valor —, mas não teve interesse. Ou foi o que alegou; na verdade, teve medo de não passar no curso. Mas ele está certo, no seu apogeu era rápida.

Babineau prime um botão no cimo do aparelho. Ela inclina a cabeça para ver. O aparelho acende-se, e as palavras BEM-VINDO AO ZAPPIT! aparecem. Surge então um ecrã cheio de ícones. Jogos, calcula ela. O médico passa o dedo pelo ecrã uma, duas vezes, e diz-lhe para se aproximar. Quando Scapelli hesita, ele sorri. Talvez pretenda ser agradável e convidativo, mas o sorriso apavora-a. Porque

não vê nada nos olhos dele, nenhuma expressão humana.

— Vá, enfermeira. Não vou *morder-lhe*.

É claro que não vai. Mas e se morder?

Mesmo assim, aproxima-se para poder ver o ecrã, onde peixes exóticos nadam de um lado para o outro. Quando balançam os rabos, surgem bolhas. Ouve-se uma melodia vagamente familiar.

— Está a ver este? Chama-se Fishin' Hole.

— E-estou.

Pensa: ele enlouqueceu mesmo. Teve algum esgotamento, de trabalhar tanto.

— Se tocar na parte inferior do ecrã, o jogo começa e a música muda, mas não quero que faça isso. Só precisa da demonstração. Procure os peixes cor-de-rosa. Não aparecem com frequência e são rápidos, portanto tem de observar com atenção. Não pode desviar os olhos do ecrã.

— Doutor Babineau, sente-se bem?

É a voz dela, mas parece vir de muito longe. Ele não responde, limita-se a olhar para o ecrã. Scapelli também está a olhar. Os peixes até são interessantes. E a melodia é um pouco hipnótica. Há um clarão azul no ecrã. Ela pestaneja, e os peixes voltam. Nadam de um lado para o outro. Agitam as caudas e espalham bolhas.

— Cada vez que encontrar um peixe cor-de-rosa, toque nele, e irá aparecer um número. Nove peixes cor-de-rosa, nove números. Então, terá terminado, e tudo isto ficará para trás. Compreende?

Ela pensa em perguntar se deve anotar os números algures ou só decorá-los, mas isso parece demasiado difícil, então limita-se a assentir.

— Ótimo. — Ele entrega-lhe o aparelho. — Nove peixes, nove números. Mas só os peixes cor-de-rosa, não se esqueça.

Scapelli olha para o ecrã onde os peixes nadam: vermelhos e verdes, verdes e azuis, azuis e amarelos. Saem a nadar pelo lado esquerdo do ecrã retangular, depois voltam pelo direito. Saem a nadar pelo lado direito do ecrã e voltam pelo esquerdo.

Esquerdo, direito.

Direito, esquerdo.

Alguns em cima, outros em baixo.

Mas onde estão os cor-de-rosa? Tem de tocar neles e depois de ter tocado em nove, tudo aquilo vai ficar para trás.

Pelo canto do olho, vê Babineau a fechar a pasta. Pega-lhe e sai da sala. Está a ir-se embora. Não importa. Ela tem de tocar nos peixes cor-de-rosa para que tudo fique para trás. Uma luz azul surge no ecrã, e os peixes voltam. Nadam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. A música toca: *Vou nadar, pelo mar, pelo lindo mar. Que felizes seremos, eu e tu, eu e tu.*

Um cor-de-rosa! Toca nele. O número onze aparece! Faltam só oito!

Toca num segundo peixe cor-de-rosa enquanto a porta da rua se fecha silenciosamente, e num terceiro quando o doutor Babineau liga o carro lá fora. Ela está de pé no meio da sala, com os lábios entreabertos como se para dar um beijo, a olhar para o ecrã. As cores movem-se nas suas faces e testa. Os olhos estão arregalados e vidrados. Um quarto peixe cor-de-rosa aparece. Esse move-se mais devagar, como se a convidar o seu dedo, mas ela fica ali parada.

— Olá, enfermeira Scapelli.

Levanta o rosto e vê Brady Hartsfield sentado na sua poltrona. O seu corpo cintila um pouco, meio fantasmagórico, mas é mesmo ele. Usa a mesma roupa de quando ela foi visitá-lo à tarde: calças de ganga e uma camisa axadrezada. O crachá que diz FUI BARBEADO PELA ENFERMEIRA BARBARA! ainda está preso na camisa. Mas o olhar vazio a que toda a gente no Capacete se habituou desapareceu. Olha para ela com interesse. Ela lembra-se do irmão a olhar para a sua colónia de formigas daquela forma quando eram crianças, em Hershey, na Pensilvânia.

Deve ser um fantasma, porque os peixes nadam nos seus olhos.

— O Babineau vai contar — diz Hartsfield. — E não será só a palavra dele contra a sua, não é tão simples. Pôs uma câmara escondida no meu quarto para me vigiar. Para me estudar. A lente é uma grande angular, para o doutor Babineau poder ver o quarto todo. Esse tipo de lente chama-se olho de peixe.

Ele sorri para mostrar que fez um trocadilho. Um peixe vermelho nada pelo seu olho direito, então desaparece para reaparecer no esquerdo. Scapelli pensa: o cérebro dele está cheio de peixes. Estou a ver os seus pensamentos.

— A câmara está ligada a um gravador. Ele irá mostrar aos diretores do hospital as imagens da senhora a torturar-me. Não doeu assim tanto, não sinto a dor como sentia antes, mas ele vai chamar-lhe tortura. E não terminará aí. Irá publicar o vídeo no YouTube. E no Facebook. E no *site* Bad Medicine. Irá tornar-se viral. Vai ficar famosa. A Enfermeira Torturadora. E quem vai defendê-la? Quem vai estar do seu lado? Ninguém. Porque ninguém gosta de si. Todos a consideram uma pessoa horrível. E o que acha a *senhora*? Acha-se horrível?

Agora que a ideia foi trazida à sua atenção, Scapelli acha que sim. Qualquer pessoa que ameace torcer os testículos de um homem com danos cerebrais *deve* ser horrível. No que estivera ela a pensar?

— Diga. — Ele inclina-se para a frente, a sorrir.

Os peixes nadam. A luz azul surge. A música toca.

— Diga, sua cabra inútil.

— Sou horrível — declara Ruth Scapelli para a sala, que está vazia, exceto por ela.

Não desvia os olhos do ecrã do *Zappit Commander*.

— Agora diga-o com mais ênfase.

— Sou horrível. Sou uma cabra inútil horrível.

— E o que vai o doutor Babineau fazer?

— Publicar o vídeo no YouTube. No Facebook. No Bad Medicine. Contar a toda a gente.

— Vai ser presa.

— Vou ser presa.

— Vão publicar a sua foto nos jornais.

— Claro que vão.

— Vai para a prisão.

— Vou para a prisão.

— Quem vai ficar do seu lado?

— Ninguém.

17

Sentado no quarto 217 do Capacete, Brady olha para a demonstração do jogo Fishin' Hole. O rosto está desperto e atento. É o rosto que esconde de toda a gente, menos de Felix Babineau, e o médico já não importa. O doutor Babineau mal existe. Atualmente, é apenas o doutor Z.

— Enfermeira Scapelli — diz Brady. — Vamos para a cozinha.

Ela resiste, mas não por muito tempo.

18

Hodges tenta manter-se abaixo da dor e continuar a dormir, mas acaba por ser içado com firmeza até chegar à superfície e abrir os olhos. Vira-se para o relógio na mesa de cabeceira e vê que são duas da manhã. Má hora para estar acordado, talvez a pior. Quando sofria de insónias depois da reforma, chamava às duas da manhã «a hora do suicídio», e agora pensa: deve ter sido nessa hora que a senhora Ellerton agiu. Às duas da manhã. A hora em que parece que o dia nunca mais vai chegar.

Sai da cama, caminha devagar até à casa de banho e tira o frasco gigantesco de *Gelusil* no armário de medicamentos, tendo o cuidado de não se olhar ao espelho. Engole quatro vezes e inclina-se, à espera de ver se o estômago vai aceitar ou expelir tudo, como fez com a canja.

O medicamento fica, e a dor começa a diminuir. Às vezes, o *Gelusil* ajuda. Nem sempre.

Hodges pensa em voltar para a cama, mas tem medo que as pontadas voltem assim que se deitar. Então, vai para o escritório e liga o computador. Sabe que é a pior hora para começar a procurar causas possíveis para os seus sintomas, mas já não consegue resistir. O papel de parede aparece (outra foto de Allie em criança). Ele leva o cursor do rato até à barra de ferramentas para abrir o *Firefox*, mas fica imóvel. Há ali uma coisa nova. Entre o balão das mensagens de texto e o ícone de câmara do FaceTime, encontra-se um guarda-chuva azul com um número *1* vermelho em cima.

— Uma mensagem no Guarda-Chuva Azul da Debbie — diz ele. — Raios me partam.

Jerome Robinson descarregou a aplicação do Guarda-Chuva Azul no computador de Hodges quando era bastante mais novo, quase seis anos antes. Brady Hartsfield, também conhecido como Assassino do Mercedes, queria conversar com o polícia que não conseguira apanhá-lo, e, apesar de aposentado, Hodges estava muito disposto a conversar. Porque depois de bandidos como o Sr. Mercedes começarem a falar (não havia muitos como ele, e graças a Deus por isso), estavam a um ou dois passos de serem apanhados. Isso era especialmente verdade no caso dos arrogantes, e Hartsfield era a personificação da arrogância.

Os dois tinham os seus motivos para comunicarem através de um *site* seguro, teoricamente impossível de localizar, com servidores localizados algures nas profundezas obscuras da Europa de Leste. Hodges queria levar o criminoso do Massacre do Centro Cívico a cometer um erro que ajudasse a identificá-lo. O Sr. Mercedes queria fazer Hodges suicidar-se. Afinal, fora bem-sucedido com Olivia Trelawney.

«Que tipo de vida tem?», escrevera no primeiro contacto que fizera com Hodges, uma carta em papel. «Que tipo de vida tem, agora que deixou para trás "a emoção da caça"?» E depois: «Quer contactar-me? Tente o *site* Sob o Guarda-Chuva Azul da Debbie. Até o registei como «sapococas19.»

Com a ajuda de Jerome Robinson e Holly Gibney, Hodges localizou Brady, e Holly bateu-lhe na cabeça. Jerome e Holly tiveram direito aos serviços municipais de graça durante dez anos; Hodges ganhou um *pacemaker*. Houve

dores e perdas nas quais Hodges não quer pensar, nem mesmo agora, tantos anos depois, mas seria possível dizer que, para a cidade, e principalmente para quem estava no concerto no Mingo naquela noite, tudo terminou bem.

Em algum momento entre 2010 e agora, o ícone do guarda-chuva azul desapareceu da barra de ferramentas. Se Hodges alguma vez pensou no que aconteceu (não se lembra se pensou nisso), deve ter calculado que Jerome ou Holly desinstalaram a aplicação numa das visitas para reparar qualquer problema que ele causara ao indefeso *Macintosh*. Mas um deles deve ter colocado o ícone na pasta de aplicações, onde o guarda-chuva azul ficou escondido todos aqueles anos. Caramba, talvez o próprio Hodges o tenha arrastado dali e esquecido. A memória tem a mania de pregar umas partidas depois dos sessenta e cinco anos, quando a malta da terceira idade entra na reta final.

Hodges leva o cursor até ao guarda-chuva azul, hesita e clica. A imagem de fundo é substituída por um casal jovem num tapete mágico, a flutuar sobre um mar infinito. Cai chuva prateada, mas o casal está seguro e seco sob um guarda-chuva azul.

Ah, quantas lembranças aquilo lhe traz.

Digita **sapococas19** como nome de utilizador e como senha. Não era assim que fazia antes, seguindo as instruções de Hartsfield? Não tem a certeza, mas só há uma forma de descobrir. Clica na tecla *enter*.

O computador pensa por um segundo ou dois (parece mais), e então ele entra. Hodges franze a testa ante o que vê. Brady Hartsfield usava **assmerc** como *nick*, abreviatura de Assassino do Mercedes (não tem dificuldade em lembrar-se disso), mas aquilo é outra pessoa. O que não devia surpreendê-lo, pois Holly transformou o cérebro doentio de Hartsfield em aveia, mas mesmo assim surpreende.

Z-Boy quer conversar consigo!
Quer conversar com Z-Boy?
S N

Hodges clica no **S**, e, um momento depois, aparece uma mensagem. Só uma única frase, meia dúzia de palavras, mas Hodges lê-a várias vezes, sentindo não medo, mas excitação. Há ali uma coisa importante. Ainda não sabe o que é, mas parece muito importante.

Z-Boy: Ele ainda não acabou consigo.

Hodges encara a mensagem com a testa franzida. Finalmente, inclina-se para a frente na cadeira e digita:

sapococas19: Quem não acabou comigo? Quem é você?

Não há resposta.

19

Hodges e Holly reúnem-se com Pete e Isabelle no Dave's Diner, um restaurante seboso a um quarteirão do hospício matinal conhecido como Starbucks. Como a azáfama do pequeno-almoço já passou, podem escolher a mesa e vão para uma ao fundo. Na cozinha, uma música dos Badfinger toca no rádio e as empregadas não param de rir.

— Só disponho de meia hora — diz Hodges. — Depois tenho de correr para o médico.

Pete inclina-se para a frente com uma expressão preocupada.

— Nada sério, espero.

— Não. Estou ótimo. — Naquela manhã, sente-se mesmo ótimo, como se tivesse quarenta e cinco anos outra vez. Aquela mensagem no computador, mesmo críptica e sinistra, parece ter resultado melhor do que o *Gelusil*. —

Vamos falar do que descobrimos. Holly, mostra-lhes a Prova A e a Prova B.

Holly levou a sua pasta axadrezada para o encontro. Lá de dentro (e não sem relutância), retira o *Zappit Commander* e a capa da lente que Hodges encontrou na garagem da casa do número 1588. Os dois objetos estão em sacos plásticos, embora a lente ainda esteja enrolada em lenços de papel.

— O que andaram a tramar? — pergunta Pete.

Tenta ser engraçado, mas Hodges ouve um tom acusador na sua voz.

— Apenas a investigar — responde Holly, e embora não costume estabelecer contacto visual, lança um breve olhar a Izzy Jaynes, como que para dizer «Percebeste?».

— Expliquem — diz Izzy.

Hodges assim faz, enquanto Holly fica sentada ao seu lado com o olhar baixo, o descafeinado, a única coisa que bebe, ainda intocado. Mas o maxilar está a mover-se, e Hodges sabe que ela voltou às *Nicorettes*.

— Incrível — diz Izzy quando Hodges termina. Toca no saco com o *Zappit* dentro. — *Roubaste* isto. Embrulhaste-o num jornal como um bocado de salmão da peixaria e tiraste-o da casa.

Holly parece encolher-se na cadeira. As mãos estão tão apertadas no colo que os nós dos dedos ficaram brancos.

Normalmente, Hodges gosta de Isabelle, apesar de ela uma vez quase o ter levado erroneamente à sala de interrogatórios (isso durante o caso do Assassino do Mercedes, quando ele estava enterrado numa investigação não autorizada), mas não gosta muito dela agora. Não gosta de ninguém que faça Holly encolher-se assim.

— Sê razoável, Iz. Pensa bem. Se a Holly não tivesse encontrado aquela coisa, por mero acaso, o aparelho ainda estaria lá. Vocês não iam revistar a casa.

— E provavelmente nem iam ligar para a empregada — completa Holly, e apesar de não erguer o olhar, a voz soa dura. Hodges fica feliz por ouvir isso.

— Teríamos chegado à Alderson com o tempo — afirma Izzy, mas os seus olhos cinzentos enevoados desviam-se para cima e para a esquerda quando o diz. É um sinal clássico de mentira, e Hodges sabe que ela e Pete nem pensaram em

conversar com a empregada, embora talvez fossem *mesmo* chegar a ela a certa altura. Pete Huntley pode ser lento, mas os lentos costumam ser minuciosos, e isso tinha o seu valor.

— Se havia alguma impressão digital no aparelho — continua Izzy —, já não há. Podes dizer-lhes adeus.

Holly murmura qualquer coisa para si mesma, o que faz Hodges recordar que, quando a conheceu (e a subestimou totalmente), pensava nela como Holly Murmuradora.

Izzy inclina-se para a frente, com os olhos cinzentos de repente nada enevoados.

— *O que* disseste?

— Ela disse que isso é um disparate — responde Hodges, sabendo perfeitamente que a palavra que ela usou foi *estupidez*. — E tem razão. Estava enfiado entre o braço da poltrona da senhora Ellerton e a almofada. Qualquer impressão digital estaria esborratada e sabes isso perfeitamente. Além do mais, *pretendiam* revistar a casa toda?

— Talvez — diz Isabelle, parecendo mal-humorada. — Dependendo do relatório da polícia científica.

Apenas o quarto e a casa de banho de Martine Stover foram examinados. Todos ali sabem isso, inclusive Izzy, e não há necessidade de Hodges insistir nesse ponto.

— Calma — diz Pete a Isabelle. — Eu convidei o Kermit e a Holly a irem lá, e concordaste.

— Isso foi antes de eu saber que iam sair de lá com…

Cala-se. Hodges espera com interesse para ver como vai terminar. Irá dizer *com uma prova*? Prova de quê? De um vício em jogos de paciência, Angry Birds e Frogger?

— Com um objeto que pertenceu à senhora Ellerton — termina ela, com falta de jeito.

— Ah, agora sim — diz Hodges. — Podemos seguir em frente? Quem sabe falar sobre o homem que lhe entregou o *Zappit* no supermercado, alegando que a

empresa queria saber a opinião dos utilizadores de um aparelho que já não é fabricado?

— E o homem que as observava — acrescenta Holly, ainda sem erguer o olhar. — O homem que as observava do outro lado da rua com um binóculo.

O antigo parceiro de Hodges toca no saco com a tampa da lente.

— Vou mandar analisar isto para ver se há impressões digitais, mas não tenho muita esperança, Kerm. Sabes como as pessoas tiram e põem as tampas das lentes.

— Sei — afirma Hodges. — Pelas extremidades. E estava frio naquela garagem. Suficientemente frio para a respiração condensar. O tipo provavelmente calçava luvas.

— O do supermercado devia estar a tramar algum golpe — diz Izzy. — Tem pinta de ser isso. Pode ser que tenha ligado uma semana depois para tentar convencê-la de que, por ter aceitado a consola obsoleta, iria ter de comprar uma moderna e mais cara, e ela mandou-o dar uma volta. Ou ele pode ter usado as informações no questionário para entrar no computador dela.

— *Aquele* computador, não — diz Holly. — É mais velho do que a minha avó.

— Inspecionaste bem a casa, não foi? — pergunta Izzy. — Também deste uma olhadela ao armário dos medicamentos durante a tua investigação?

Aquilo foi demasiado para Hodges.

— Ela estava a fazer o que tu devias ter feito, Isabelle. E sabes isso muito bem.

As faces de Izzy começam a ficar vermelhas.

— Só vos chamámos por uma questão de cortesia, e quem me dera que não o tivéssemos feito. Vocês causam sempre problemas.

— Chega — diz Pete.

Mas Izzy está inclinada para a frente, com os olhos a ir do rosto de Hodges para o cimo da cabeça inclinada de Holly.

— Esses dois homens misteriosos, se realmente existiram, não têm nada que ver com o que aconteceu naquela casa. Um devia estar a planear um golpe, e o

outro devia ser um tarado qualquer.

Hodges sabe que deve continuar a ser simpático, manter a paz e todas essas coisas, mas não consegue.

— Um tarado a salivar por ver uma octogenária a despir-se ou uma tetraplégica a tomar um banho de esponja? Sim, faz sentido.

— Ouve o que te digo — diz Izzy. — A mãe matou a filha e depois matou-se. Até deixou uma espécie de bilhete suicida, o Z, ponto final. Não podia ser mais claro.

Z-Boy, pensa Hodges. Quem está no Guarda-Chuva Azul da Debbie agora assina como Z-Boy.

Holly levanta a cabeça.

— Também havia um Z na garagem. Entalhado na madeira entre as portas. O Bill viu-o. *Zappit* também começa com Z.

— Sim — diz Izzy. — E Kennedy e Lincoln têm o mesmo número de letras, o que prova que os dois foram mortos pela mesma pessoa.

Hodges olha para o relógio e vê que vai ter de sair dali em breve, e tanto melhor. Além de chatear Holly e irritar Izzy, aquela reunião não resultou em nada. Nem resultará, porque ele não tenciona contar a Pete e Isabelle o que descobriu no computador de madrugada. Essa informação pode levar a investigação a outro nível, mas Hodges vai deixar tudo a marinar até poder investigar um pouco mais. Não quer pensar que Pete pode estragar tudo, mas…

Bem, podia estragar. Porque ser minucioso é um substituto pobre de ser atencioso. E Izzy? Não quer tocar no vespeiro cheio de coisas saídas de romances policiais sobre letras enigmáticas e homens misteriosos, com as mortes na casa de Ellerton já na primeira página do jornal de hoje, ao lado da história completa de como Martine Stover ficou tetraplégica, nem com Izzy à espera de ascender ao degrau seguinte na hierarquia da polícia assim que o seu atual parceiro se reformar.

— A questão — começa Pete — é que isto está classificado como homicídio seguido de suicídio, e vamos continuar com essa versão. *Temos* de seguir em frente, Kermit. Vou reformar-me, e a Iz vai ficar com uma pilha de casos e sem

parceiro por um tempo, graças aos malditos cortes orçamentais. Essas coisas — indica os dois sacos plásticos — são interessantes, mas não mudam os factos. A não ser que penses que um mestre do crime engendrou isto tudo. Um mestre do crime que conduz um carro velho e remenda a parca com fita adesiva.

— Não, não acho. — Hodges lembra-se de uma coisa que Holly disse sobre Brady Hartsfield ontem. Usou a palavra *arquiteto*. — Acho que tens razão. Homicídio seguido de suicídio.

Holly lança-lhe um olhar surpreendido antes de baixar os olhos de novo.

— Mas podes fazer-me um favor?

— Se puder — diz Pete.

— Tentei ligar o aparelho, mas o ecrã não acendeu. As pilhas devem estar descarregadas. Não quis abrir o compartimento porque aquela tampa deslizante *seria* um bom lugar para procurar impressões digitais.

— Vou pedir que tratem disso, mas duvido que…

— Sim, eu também. O que quero mesmo é que um dos teus informáticos analise os vários jogos. Para ver se há alguma coisa fora do comum.

— Tudo bem — concede Pete, e muda de posição quando Izzy revira os olhos.

Hodges não pode ter a certeza, mas acha que o ex-parceiro deu um pontapé no tornozelo dela debaixo da mesa.

— Tenho de ir — anuncia Hodges, e pega na carteira. — Perdi a consulta de ontem. Não posso perder a de hoje.

— Nós pagamos a conta — diz Izzy. — Afinal, trouxeram-nos tantas provas valiosas que é o mínimo que podemos fazer.

Holly murmura outra coisa para si mesma. Desta vez, Hodges não tem a certeza, mesmo com o seu ouvido treinado para ouvir Holly, mas acha que pode ter sido *cabra*.

No passeio, Holly enfia na cabeça um chapéu de caça axadrezado fora de moda, mas encantador, e puxa-o até às orelhas, depois enfia as mãos nos bolsos do casaco. Não olha para ele, apenas começa a andar na direção do escritório a um quarteirão de distância. O carro de Hodges está estacionado em frente ao Dave's, mas ele corre atrás dela.

— Holly.

— Vês como ela é.

Holly acelera ainda sem olhar para ele.

A dor no estômago está a voltar e Hodges começa a ficar sem fôlego.

— Holly, espera. Não consigo acompanhar-te.

Ela vira-se, e ele fica alarmado ao ver os olhos dela cheios de lágrimas.

— Há mais coisas nesta história! Mais, mais, mais! Mas eles vão varrer tudo para debaixo do tapete, e nem disseram o verdadeiro motivo: para que o Pete possa ter uma boa festa de reforma sem isto a pairar-lhe sobre a cabeça como pairou sobre a tua o Assassino do Mercedes quando te reformaste e para que os jornais não levantem ondas, mas sabes que há mais coisas nesta história, sei que sabes, e sei que tens de ir levantar os exames e *quero* que faças isso, porque estou muito *preocupada*, mas aquelas pobres mulheres… não acho… elas não merecem… ser *varridas para debaixo do tapete*!

Finalmente para, a tremer. As lágrimas já estão a congelar nas faces. Ele levanta o rosto dela na direção do seu, sabendo que Holly se afastaria de qualquer outra pessoa que tentasse tocar-lhe assim, até Jerome Robinson, e ela adora Jerome, talvez desde a altura em que descobriram o programa fantasma que Brady deixara no computador de Olivia Trelawney — o programa que finalmente a empurrou para o abismo e a fez tomar uma *overdose* de comprimidos.

— Holly, não acabámos. Na verdade, acho que estamos só a começar.

Ela olha bem para ele, outra coisa que não faz com mais ninguém.

— O que queres dizer?

— Aconteceu uma coisa, uma coisa que não quis contar ao Pete e à Izzy. Não sei o que pensar. Não tenho tempo para te contar agora, mas, quando voltar do

médico, conto tudo.

— Está bem. Vai-te lá embora. E apesar de eu não acreditar em Deus, vou rezar pelo resultado dos teus exames. Ao fim e ao cabo, uma oraçãozinha não pode fazer mal, pois não?

— Não.

Ele dá-lhe um abraço rápido, pois os abraços longos não funcionam com Holly, e dirige-se ao carro, mais uma vez a pensar no que ela disse ontem, acerca de Brady Hartsfield ser um arquiteto do suicídio. É uma bela expressão para uma mulher que escreve poesia nos tempos livres (não é que Hodges já tenha lido alguma ou venha a ter autorização para ler um dia), mas Brady provavelmente desprezaria a expressão, considerá-la-ia abaixo do seu calibre. Brady considerar-se-ia um *príncipe* do suicídio.

Hodges entra no *Prius* que Holly praticamente o forçou a comprar e segue para o consultório do doutor Stamos. Está também a dizer uma pequena oração: que seja uma úlcera. Mesmo daquelas que sangra e precisa de cirurgia.

Só uma úlcera.

Por favor, que não seja nada pior do que isso.

21

Não precisa de perder tempo na sala de espera hoje. Apesar de chegar cinco minutos mais cedo e de a sala de espera estar tão cheia como na segunda-feira, Marlee, a rececionista chefe de claque, manda-o entrar antes mesmo de Hodges ter a oportunidade de se sentar.

Belinda Jensen, a enfermeira de Stamos, cumprimenta-o sempre nos *check-ups* anuais com um sorriso alegre, mas não sorri esta manhã. Quando Hodges sobe para a balança, recorda-se de que o *check-up* anual está um pouco atrasado. Uns quatro meses. Na verdade, quase cinco.

O cilindro da balança antiquada para nos setenta e cinco quilos. Quando ele se reformou da polícia em 2009, pesava cento e cinco quilos no exame obrigatório. Belinda mede-lhe a tensão, enfia-lhe uma coisa no ouvido para medir a temperatura e leva-o pelas salas de exame até ao consultório do doutor Stamos, ao fundo do corredor. Bate à porta com os nós dos dedos, e quando Stamos diz «Entre, por favor», deixa Hodges sozinho. Normalmente é tagarela e cheia de histórias sobre os filhos desobedientes e o marido arrogante, mas hoje não disse quase nada.

Não pode ser bom, pensa Hodges, mas talvez não seja assim tão mau. Por favor, meu Deus, que não seja muito mau. Mais dez anos não seria pedir muito, seria? Ou, se não for pedir muito, que tal cinco?

Wendell Stamos está na casa dos cinquenta, com o cabelo a rarear e o corpo de ombros largos e cintura fina de um atleta profissional que manteve a forma depois da reforma. Olha para Hodges com seriedade e convida-o a sentar-se. Hodges assim faz.

— Qual é a gravidade?

— É grave — respondeu o doutor Stamos, mas apressa-se a acrescentar: — Mas não incurável.

— Não se ponha com rodeios, desembuche.

— É cancro do pâncreas e, infelizmente, descobrimo-lo… bem… já tarde. Já lhe afeta o fígado.

Hodges vê-se a lutar com uma vontade forte e consternadora de rir. Não, mais do que rir: lançar a cabeça para trás e cantar *yodel* como a porra do avô da Heidi. Acha que foi por Stamos ter dito é *grave, mas não incurável*. Fá-lo lembrar uma velha piada. O médico diz ao paciente que tem uma boa e uma má notícia; qual quer o paciente primeiro? Quero a má notícia, diz o paciente. Bem, responde o médico, o senhor tem um tumor cerebral inoperável. O paciente começa a balbuciar e pergunta qual pode ser a boa notícia depois de saber uma coisa daquelas. O médico inclina-se para a frente, esboça um sorriso e diz: ando a comer a minha rececionista e ela é *linda*.

— Quero que vá imediatamente a um gastrenterologista. Hoje. O melhor

desta parte do país é o Henry Yip, do Kiner. Ele irá indicar-lhe um bom oncologista. Creio que o médico vai querer iniciar de imediato a químio e a radioterapia. Podem ser difíceis para o paciente, debilitantes, mas bastante menos penosas do que há cinco anos…

— Pare — diz Hodges.

A vontade de rir felizmente passou.

Stamos para, olhando para ele iluminado por um brilhante raio de sol de janeiro. Hodges pensa: tirando um milagre, este é o último mês de janeiro que vou ver. Uau.

— Quais são as probabilidades? Não doure a pílula. Estou no meio de uma coisa, uma coisa importante, então preciso de saber.

Stamos suspira.

— Poucas, infelizmente. O cancro de pâncreas é muito *silencioso*.

— Quanto tempo?

— Com tratamento? Possivelmente, um ano. Até dois. E uma remissão não está totalmente fora de ques…

— Quanto tempo sem tratamento?

Stamos franze a testa.

— Quatro meses. Talvez sete. É impossível prever com precisão.

— Tenho de pensar — diz Hodges.

— Já ouvi isso muitas vezes depois de ter tido a tarefa desagradável de dar este tipo de notícia, e digo sempre aos meus pacientes o que vou dizer-lhe agora, Bill. Se estivesse no cimo de um prédio em chamas e um helicóptero aparecesse e lhe atirasse uma escada de corda, diria que precisava de pensar antes de subir?

Hodges pensa na pergunta, e a vontade de rir regressa. Consegue dominá-la, mas não contém o sorriso. É amplo e encantador.

— Talvez — diz ele —, se o helicóptero em questão não tiver gasolina suficiente no depósito.

22

Quando Ruth Scapelli tinha vinte e três anos, antes de começar a desenvolver a carapaça grossa que a envolvia nos últimos anos, teve um caso breve e conturbado com um homem não muito honesto que era dono de um salão de bólingue. Engravidou e deu à luz uma menina que batizou como Cynthia. Isso foi em Davenport, no Iowa, a sua cidade natal, onde estudava enfermagem na Kaplan University. Ficou impressionada de se ver mãe, mais impressionada ainda ao perceber que o pai de Cynthia era um quarentão barrigudo com a tatuagem AMAR PARA VIVER E VIVER PARA AMAR escrita num braço peludo. Se ele a tivesse pedido em casamento (o que não fez), ela teria dito não com um arrepio. A tia Wanda ajudou-a a criar a criança.

Cynthia Scapelli Robinson vive agora em São Francisco, onde tem um bom marido (sem tatuagens) e dois filhos. O mais velho é aluno de quadro de honra no secundário. Tem um lar afetuoso. Cynthia esforça-se por mantê-lo assim, porque a atmosfera na casa da tia, onde passou a maior parte da infância (e onde a mãe começou a desenvolver aquela carapaça impressionante) era sempre fria, cheia de recriminações e repreensões que costumavam começar com «Esqueceste-te de…». A atmosfera emocional da casa não chegava ao nível de congelação, mas nunca passava dos sete graus. Quando Cynthia estava no secundário, já tratava a mãe pelo primeiro nome. Ruth Scapelli nunca se opôs; na verdade, sentia um certo alívio. Faltou ao casamento da filha por causa de compromissos de trabalho, mas mandou uma prenda. Um rádio-despertador. Atualmente, Cynthia e a mãe falam ao telefone uma ou duas vezes por mês e às vezes trocam *e-mails*. «O Josh vai bem na escola, entrou na equipa de futebol» recebe uma resposta lacónica: «Que bom.» Cynthia nunca sentiu falta da mãe porque nunca houve muita coisa de que sentir falta.

Nesta manhã, levanta-se às sete, faz o pequeno-almoço para o marido e para os dois filhos, despede-se de Hank quando ele sai para trabalhar, despede-se dos rapazes quando saem para a escola, enxagua os pratos e liga a máquina da louça.

Isso é seguido de uma ida à casa das máquinas, onde enche a máquina da roupa e a liga também. Faz aquelas tarefas matinais sem pensar uma única vez *Não podes esquecer-te de…*, só que algures lá no fundo *está* a pensar, e irá sempre pensar. As sementes plantadas na infância criam raízes profundas.

Às nove e meia, faz uma segunda chávena de café, liga a televisão (raramente olha para o ecrã, mas gosta da companhia) e abre o portátil para ver se recebeu algum outro *e-mail* além dos habituais da Amazon e da Urban Outfitters. Esta manhã, tem um da mãe, enviado na noite anterior, às 22h44, o que quer dizer 20h44 no horário da Costa Oeste. Franze a testa ao ler o assunto, que só tem duas palavras: **Sinto muito**.

Abre o *e-mail*. O seu coração acelera à medida que lê.

Sou horrível. Sou uma puta inútil e horrível. Ninguém me vai apoiar. É isto que tenho de fazer. Amo-te.

Amo-te. Quando foi a última vez que a mãe lhe disse aquilo? Cynthia, que o diz aos filhos pelo menos quatro vezes por dia, não consegue lembrar-se. Pega no telemóvel que estava a carregar na bancada, e liga primeiro para o telemóvel da mãe, depois para o telefone fixo. Só ouve a mensagem curta e objetiva de Ruth Scapelli nos dois: «Deixe mensagem. Ligo-lhe se achar indicado.» Cynthia pede à mãe para ligar imediatamente, mas receia que a mãe não possa fazer isso. Nem agora, nem mais tarde, talvez nunca.

Anda de um lado para o outro da cozinha ensolarada duas vezes, mordendo o lábio, depois pega de novo no telemóvel e procura o número do Kiner Memorial Hospital. Volta a andar enquanto espera que a transfiram para a Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas. Finalmente, é atendida por um enfermeiro que se identifica como Steve Halpern. Não, diz Halpern, a enfermeira Scapelli ainda não chegou, o que é surpreendente. O turno dela começa às oito, e no Midwest já é meio-dia e quarenta.

— Tente apanhá-la em casa — aconselha ele. — Ela deve estar doente, embora seja estranho não ligar.

Não sabes da missa a metade, pensa Cynthia. A não ser, claro, que Halpern tenha crescido numa casa em que o mantra era «Esqueceste-te de…».

Ela agradece (não pode esquecer-se disso, por mais preocupada que esteja) e arranja o número de uma esquadra a mais de três mil quilómetros de distância. Identifica-se e relata o problema o mais calmamente possível.

— A minha mãe mora no número duzentos e noventa e oito da Tannenbaum Street. Chama-se Ruth Scapelli, é enfermeira-chefe na Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas do Kiner Hospital. Recebi um *e-mail* dela esta manhã que me deixou preocupada…

Digo que parecia deprimida? Não. Pode não ser o suficiente para fazer a polícia ir até lá. Além disso, não é o que ela acha. Cynthia respira fundo.

— Acho que ela pode estar a considerar o suicídio.

23

O carro-patrulha 54 para diante do número 298 da Tannenbaum Street. Os agentes Amarilis Rosario e Jason Laverty, conhecidos como Toody e Muldoon porque o número do seu carro apareceu numa antiga série cómica sobre polícias, saem e aproximam-se da porta. Rosario toca à campainha. Ninguém atende, então Laverty bate à porta, com força. Continua a não haver resposta. Tenta a maçaneta só para ver se está destrancada, e está. Entreolham-se. O bairro é bom, mas ainda fica na cidade, e as pessoas da cidade quase sempre trancam as portas.

Rosario enfia a cabeça dentro da casa.

— Senhora Scapelli, é a agente Rosario. A senhora está em casa?

Não há resposta.

— Aqui é o agente Laverty, minha senhora — diz o parceiro. — A sua filha está preocupada. A senhora está bem?

Silêncio. Laverty encolhe os ombros e indica a porta aberta.

— Primeiro as senhoras.

Rosario entra e solta a tira do coldre sem pensar. Laverty segue-a. A sala

encontra-se vazia, mas o televisor está ligado, sem som.

— Toody, Toody, não estou a gostar nada disto — diz Rosario. — Sentes o cheiro?

Laverty sente. É cheiro a sangue. Encontram a fonte na cozinha, onde Ruth Scapelli está caída no chão ao lado de uma cadeira tombada. Tem os braços abertos, como se tivesse tentado amortecer a queda. Veem os cortes profundos que ela fez, longos nos antebraços, quase até aos cotovelos, e curtos nos pulsos, horizontais. Há salpicos de sangue nos azulejos e uma boa quantidade na mesa, onde ela se sentou para tratar do assunto. Uma faca de carne tirada do cepo de madeira ao lado da torradeira jaz no meio da mesa, posicionada com cuidado grotesco entre o saleiro, o pimenteiro e o porta-guardanapos de cerâmica. O sangue está escuro, coagulado. Laverty acha que ela morreu há pelo menos doze horas.

— Talvez não houvesse nada interessante na televisão — diz ele.

Rosario olha para o parceiro com uma expressão carrancuda e ajoelha-se perto do corpo, mas não o suficiente para sujar de sangue o uniforme, que acabou de vir da lavandaria no dia anterior.

— Ela desenhou alguma coisa antes de perder a consciência — observa. — No azulejo perto da mão direita. Desenhou com o próprio sangue. O que achas que é? O número dois?

Laverty inclina-se para ver melhor, com as mãos nos joelhos.

— Difícil dizer — responde ele. — É um dois ou um Z.

BRADY

— O meu filho é um génio — dizia Deborah Hartsfield às amigas, para depois acrescentar com um sorriso enorme: — Se é verdade, não é fanfarronice.

Isso foi antes de ela começar a beber muito, quando ainda tinha amigas. Em tempos teve outro filho, Frankie, mas Frankie não era um génio. Frankie era atrasado mental. Uma noite, quando tinha quatro anos, caiu pelas escadas da cave e partiu o pescoço. Pelo menos era essa a história que Deborah e Brady contavam. A verdade era um pouco diferente. Um pouco mais complexa.

Brady adorava inventar coisas, e um dia inventaria uma coisa que tornaria os dois ricos, e as suas vidas mudariam para melhor. Deborah tinha a certeza disso e dizia-o ao filho com frequência. E Brady acreditava.

Ele tinha notas médias na maioria das disciplinas, mas a Informática I e II só tirava a nota máxima. Quando terminou o secundário na North Side High, a casa dos Hartsfield estava equipada com todo o tipo de engenhocas, algumas altamente ilegais, como as que Brady usava para roubar o sinal de televisão por cabo à Midwest Vision. Tinha uma oficina na cave onde Deborah raramente se aventurava, e era lá que criava as suas invenções.

Pouco a pouco, a dúvida surgiu. E o ressentimento, o irmão gémeo da dúvida. Por mais que as suas criações fossem inspiradas, nenhuma gerava dinheiro. Havia pessoas na Califórnia, como Steve Jobs, por exemplo, que tinham feito fortunas incríveis e revolucionado o mundo a partir das suas garagens, mas as coisas que Brady criava raramente atingiam as expectativas.

O Rolla, por exemplo, um dos seus projetos. Era para ser um aspirador comandado por computador que trabalharia de forma autónoma, com giroscópios, que mudaria de direção sempre que encontrasse um obstáculo. Parecia uma invenção campeã, até que Brady viu um aspirador *Roomba* numa loja fina de eletrodomésticos na Lacemaker Lane. Alguém fora mais rápido do que ele. Ocorreu-lhe a expressão *um dia atrasado, um dólar mais pobre*. Afastou o pensamento, mas às vezes, à noite, quando não conseguia dormir ou quando começava a ter uma das suas enxaquecas, ele voltava.

Mas duas das suas invenções, e das menores, tornaram possível a chacina no Centro Cívico. Eram comandos de televisão modificados, a que ele chamava Coisa Um e Coisa Dois. A Coisa Um mudava sinais de trânsito de vermelho para verde e vice-versa. A Coisa Dois era mais sofisticada: captava e armazenava sinais enviados pelos comandos das chaves dos carros, permitindo que Brady destrancasse os veículos depois de os donos, sem suspeitarem de nada, se irem embora. Primeiro, usou a Coisa Dois para roubar, para abrir carros e procurar dinheiro e outros objetos de valor no interior. Depois, quando a ideia de conduzir um carro grande para cima de uma multidão foi ganhando forma na sua mente (juntamente com a fantasia de assassinar o presidente ou talvez uma estrela de cinema famosa), Brady usou a Coisa Dois no *Mercedes* da senhora Olivia Trelawney e descobriu que ela guardava a chave de reserva no porta-luvas.

Deixou aquele carro em paz e guardou a existência da chave de reserva para uso posterior. Pouco tempo depois, como uma mensagem das forças sombrias que comandam o universo, leu no jornal que haveria uma feira de emprego no Centro Cívico no dia 10 de abril.

Esperavam-se milhares de pessoas.

Depois de começar a trabalhar na ciberpatrulha da Discount Electronix e poder comprar computadores com desconto, Brady ligou vários portáteis de marcas genéricas na sua cave. Raramente usava mais do que um, mas gostava do aspeto que conferiam ao aposento: parecia algo saído de um filme de ficção científica ou de um episódio de *O Caminho das Estrelas*. Também instalou um sistema com ativação por voz, e isso anos antes de o programa da Apple acionado por voz — Siri — ter surgido.

Mais uma vez, um dia atrasado, um dólar mais pobre.

Ou, naquele caso, alguns milhares de milhões.

Numa situação assim, quem não ia querer matar uma data de gente?

No Centro Cívico, só conseguiu matar oito pessoas (sem contar com os feridos, alguns bastante mutilados), mas podia ter matado *milhares* naquele

concerto de *rock*. Teria sido lembrado para sempre. Mas, antes de poder apertar o botão que projetaria as esferas de aço numa explosão mortal, mutilando e decapitando centenas de pré-adolescentes escandalosas (para não falar nas suas mães gordas e indulgentes), alguém o fizera perder os sentidos.

Essa parte da sua memória tinha desaparecido de forma permanente, ao que parecia, mas ele não *precisava* de se lembrar. Só uma pessoa podia ter feito aquilo: Kermit William Hodges. O ex-detetive deveria ter-se suicidado, como a senhora Trelawney, o plano era esse, mas conseguira evitar isso e também os explosivos que Brady lhe pusera no carro. O velho detetive reformado apareceu no concerto e deteve Brady poucos segundos antes de ele conquistar a imortalidade.

Bum, bum, as luzes apagam-se.

Anjo, anjo, vamos para baixo.

As coincidências são traiçoeiras, e acontece que Brady foi levado para o Kiner Memorial pela unidade 23 do Quartel de Bombeiros 3. Rob Martin não estava em cena, pois na altura passeava pelo Afeganistão, com todas as despesas pagas pelo governo dos Estados Unidos, mas Jason Rapsis era o paramédico e tentou manter Brady vivo enquanto a ambulância acelerava rumo ao hospital. Se tivesse de apostar nas suas probabilidades de sobrevivência, Rapsis teria apostado contra. O jovem sofria de convulsões violentas. Os batimentos cardíacos estavam a cento e setenta e cinco, a tensão arterial alterava entre alta e baixa. Mas ainda continuava na terra dos vivos quando a unidade 23 chegou ao Kiner.

Ali, foi examinado pelo doutor Emory Winston, um veterano na enfermaria de traumatizados do hospital, a que alguns dos médicos mais antigos chamavam Clube da Navalha e da Pistola de Sábado à Noite. Winston recrutou um estudante de medicina, que por acaso estava nas urgências a namoriscar com as enfermeiras, e convidou-o a fazer uma avaliação rápida e superficial do novo paciente. O estudante relatou reflexos alterados, pupila esquerda dilatada e fixa e

reflexo de Babinski positivo do lado direito.

— E o que significa isso? — perguntou Winston.

— Quer dizer que o tipo tem danos cerebrais irreparáveis — respondeu o aluno. — É um vegetal.

— Muito bem, talvez um dia o senhor se torne médico. Prognóstico?

— Morto até amanhã — disse o estudante.

— Deve estar certo — afirmou Winston. — Espero que esteja, porque ele nunca irá recuperar. Mas vamos fazer uma TAC.

— Porquê?

— Porque é o protocolo, filho. E porque tenho curiosidade em saber qual o alcance real dos danos enquanto ainda está vivo.

Brady continuava vivo sete horas mais tarde, quando o doutor Annu Singh, habilmente assistido pelo doutor Felix Babineau, executou uma craniotomia para retirar o coágulo enorme que comprimia o cérebro de Brady e aumentava os danos a cada minuto, matando células divinamente especializadas aos milhões. Quando a operação terminou, Babineau virou-se para Singh e estendeu-lhe a mão ainda enfiada na luva suja de sangue.

— Impressionante.

Singh apertou a mão do outro médico, mas fez isso com um sorriso autodepreciativo.

— Simples *rotina* — disse ele. — Já o fiz mil vezes. Bem… algumas centenas. O que é incrível é a resiliência do paciente. Custa a crer que sobreviveu à operação. Os danos que esse pobre coitado tem… — Singh abanou a cabeça. — Ai, ai, ai.

— Sabe o que ele estava a tentar fazer, não sabe?

— Sim, fui informado. Terrorismo em grande escala. Pode viver durante algum tempo, mas nunca vai ser julgado por esse crime e não será nenhuma grande perda para o mundo quando se for.

Foi com essa ideia na cabeça que o doutor Babineau, às escondidas, começou a dar a Brady — não oficialmente em morte cerebral, mas quase — um fármaco experimental a que chamava *Cerebellin* (mas só em pensamento, já que

tecnicamente era apenas um número de seis dígitos), juntamente com os protocolos estabelecidos de aumento da oxigenação, diurese, fármacos antiepiléticos e esteroides. O fármaco experimental 649558 tinha mostrado resultados promissores quando testado em animais, mas graças a uma embrulhada de normas e trâmites burocráticos, os testes em humanos demorariam anos a acontecer. Fora desenvolvido num laboratório de neurologia na Bolívia, o que só contribuía para complicar mais as coisas. Quando os testes em humanos começassem (se começassem), Babineau estaria a viver numa comunidade de reformados na Florida, se a mulher levasse a dela avante. E a morrer de tédio.

Aquela era para ele uma oportunidade de ver alguns resultados enquanto ainda estava ativamente envolvido na investigação neurológica. Se fizesse uma grande descoberta, não era impossível imaginar um Nobel de Medicina no horizonte. E não havia inconveniente algum, desde que guardasse os resultados para si até os testes em humanos serem autorizados. De qualquer forma, o homem era um assassino degenerado que nunca acordaria. Se por algum milagre acordasse, a sua consciência não passaria desse estado nebuloso que experimentavam os doentes com Alzheimer em fase avançada. Até esse resultado seria incrível.

— Pode estar a ajudar alguém no futuro, senhor Hartsfield — disse ele ao paciente em coma. — A fazer uma colherzinha de bem em vez de uma pazada de mal. E se sofrer alguma reação adversa? Se tiver uma paragem cardíaca (não é que tenha muitos anos pela frente) ou até morrer, em vez de apresentar um ligeiro aumento da função cerebral?

Não seria uma grande perda. Não para si e certamente não para a sua família, porque não tem ninguém.

Muito menos para o mundo; o mundo ficaria satisfeito por vê-lo partir.

O médico abriu uma pasta no computador intitulada EXPERIÊNCIAS COM CEREBELLIN EM HARTSFIELD. Havia nove experiências no total, ao longo de um período de catorze meses em 2010 e 2011. Babineau não viu nenhuma mudança.

Era a mesma coisa que estar a dar água destilada à sua cobaia humana.

Desistiu.

A cobaia humana em questão passou quinze meses no limbo, um espírito perdido que, em algum momento do décimo sexto mês, se lembrou do próprio nome. Chamava-se Brady Wilson Hartsfield. De início, não havia mais nada. Nem passado, nem presente, nem *ele* além do nome. E então, pouco antes de desistir e partir a flutuar, outra palavra surgiu. Era *comando*. Já tivera um significado importante, mas não conseguia lembrar-se de qual.

No quarto do hospital, deitado na cama, os lábios hidratados por glicerina moveram-se e ele disse a palavra em voz alta. Estava sozinho; isso foi três semanas antes de uma enfermeira chamada Sadie MacDonald ver Brady abrir os olhos e perguntar pela mãe.

— Co… mando.

E as luzes acenderam-se. Assim como acontecia na sua sala de comando ao estilo de *O Caminho das Estrelas* na cave quando ele ativava os computadores do cimo das escadas com a voz.

Era lá que ele estava: na cave da Elm Street, que tinha o mesmo aspeto que no dia em que saíra de lá pela última vez. Havia outra palavra que executava outra função, e agora que ele estava ali, lembrou-se dela também. Porque era uma palavra boa.

— Caos!

Na sua mente, falou alto como Moisés no monte Sinai. Na cama do hospital, pareceu mais um grunhido sussurrado. Mas funcionou, porque a sua fila de portáteis ganhou vida. Em cada ecrã havia o número vinte… depois dezanove… depois dezoito…

O que é isto? O que, em nome de Deus, é isto?

Por um momento de pânico, não conseguiu lembrar-se. Só sabia que, se a contagem decrescente que via nos sete ecrãs chegasse ao zero, os computadores parariam. Iria perdê-los, perderia a sala e o fiapo de consciência que de alguma

forma tinha conseguido encontrar. Seria enterrado vivo nas trevas da sua cabe…

E essa era a palavra! Exatamente essa!

— Trevas!

Gritou-a a plenos pulmões, pelo menos por dentro. Do lado de fora, não passou de outro grunhido sussurrado de cordas vocais há muito sem uso. A pulsação, a respiração e a tensão arterial começaram a subir. Em pouco tempo, a enfermeira-chefe Becky Helmington repararia e iria ver o paciente, apressada, mas não a correr.

Na sala de comando na cave de Brady, a contagem decrescente nos computadores parou no catorze, e uma imagem apareceu em cada ecrã. Antigamente, os ecrãs daqueles computadores (agora guardados numa sala de provas da polícia e com etiquetas que diziam Prova A até G) ligavam-se e mostravam imagens de um filme chamado *A Quadrilha Selvagem*. Mas, naquele momento, mostravam fotos da vida de Brady.

No ecrã 1 estava o seu irmão Frankie, que se engasgou com uma maçã, sofrera os seus próprios danos cerebrais e mais tarde caiu da escada da cave (ajudado pelo pé de Deborah Hartsfield).

No ecrã 2 estava a própria Deborah. Usava um roupão branco justo do qual Brady se lembrou de imediato. Ela chamava-me amorzinho, pensou ele, e, quando me beijava, os lábios estavam sempre meio húmidos e eu ficava duro. Quando eu era pequeno, ela chamava àquilo «rijeza». Às vezes, quando eu estava na banheira, ela massajava-me a pila com uma toalhinha molhada e perguntava-me se sabia bem.

No ecrã 3 estavam a Coisa Um e a Coisa Dois, invenções que tinham realmente funcionado.

No ecrã 4 estava o *Mercedes* cinzento da senhora Trelawney, com o capô amolgado e a grelha a pingar sangue.

No ecrã 5 estava uma cadeira de rodas. Por um momento, Brady não entendeu a relevância daquela imagem, mas de repente fez-se luz. Fora como ele entrara no auditório Mingo na noite do concerto dos ’Round Here. Ninguém se preocupou com um pobre deficiente de cadeira de rodas.

No ecrã 6 estava um jovem bonito e sorridente. Brady não conseguia lembrar-se do nome dele, pelo menos ainda não, mas sabia quem o jovem era: o negro que cortava a relva do velho Det.-Ref.

E no ecrã 7 estava o próprio Hodges, usando um chapéu de abas inclinado sobre um olho e sorrindo. Apanhei-te, Brady, dizia o sorriso. Dei-te com o meu porrete, e aí estás, numa cama de hospital, e quando vais levantar-te? Aposto que nunca.

Maldito Hodges, que estragou tudo.

Aquelas sete imagens foram a base em volta da qual Brady começou a reconstruir a sua identidade. Enquanto fazia isso, as paredes da sala na cave, sempre o seu esconderijo, o seu reduto contra um mundo idiota e displicente, começaram a ficar mais finas. Ouvia outras vozes a atravessar as paredes e percebeu que algumas eram de enfermeiros, outras de médicos e algumas, talvez, fossem de agentes da polícia, espreitando-o de vez em quando para terem a certeza de que não fingia. Fingia e não fingia ao mesmo tempo. A verdade, assim como a verdade relacionada com a morte de Frankie, era complexa.

Ao princípio, abria os olhos só quando tinha a certeza de que estava sozinho, e não o fazia com frequência. Não havia muita coisa no quarto para ver. Mais cedo ou mais tarde, teria de despertar de vez mas, quando o fizesse, eles não podiam perceber que ele conseguia pensar muito, e que na verdade estava a pensar mais claramente a cada dia. Se soubessem disso, levá-lo-iam a julgamento.

Brady não queria ir a julgamento.

Quando talvez ainda tivesse coisas a fazer.

Uma semana antes de Brady falar com a enfermeira MacDonald, abriu os olhos a meio da noite e olhou para o saco de soro suspenso no suporte ao lado da cama. Entediado, levantou a mão para empurrá-lo, talvez até derrubá-lo. Não

conseguiu fazer isso, mas o saco balançou no gancho antes mesmo de ele perceber que as mãos ainda estavam pousadas na colcha, os dedos ligeiramente retorcidos devido à atrofia muscular que a fisioterapia podia desacelerar, mas não impedir — não, pelo menos, enquanto o paciente dormisse o sono longo da baixa atividade cerebral.

Eu fiz aquilo?

Brady esticou as mãos de novo, e elas não se mexeram muito (embora a esquerda, a sua mão dominante, tenha tremido um pouco), mas sentiu a palma da mão tocar no saco do soro e pô-lo novamente em movimento. Pensou: que interessante. E adormeceu. Foi a sua primeira e autêntica noite de repouso desde que Hodges (ou talvez tenha sido o preto) o meteu naquela porcaria de cama de hospital.

Nas noites seguintes, bem tarde, quando tinha a certeza de que ninguém iria entrar e apanhá-lo em flagrante, Brady fez experiências com a mão fantasma. Muitas vezes, enquanto fazia isso, pensava num colega do secundário chamado Harold «Gancho» Crosby. Harold perdera a mão direita num acidente de carro. Tinha uma prótese, tão obviamente falsa que a usava com uma luva por cima, mas às vezes colocava um gancho de aço inoxidável para ir à escola. Alegava que era mais fácil pegar nas coisas com o gancho, e, como bónus, deixava as garotas apavoradas quando se aproximava por trás e acariciava uma perna ou um braço com ele. Uma vez disse a Brady que, apesar de ter perdido a mão sete anos antes, às vezes sentia cócegas ou um formigueiro, como se ela tivesse ficado dormente e estivesse a despertar. Mostrou a Brady o coto, liso e rosado.

— Quando formiga assim, eu podia jurar que conseguia coçar a cabeça com ela — disse.

Brady sabia exatamente como Gancho Crosby se sentia… só que ele, Brady, *conseguia* coçar a cabeça com a mão fantasma. Já experimentara. Também descobriu que conseguia balançar o estore que as enfermeiras baixavam à noite. Aquela janela ficava demasiado longe da cama, mas, com a mão fantasma, ele

conseguia chegar-lhe à mesma. Alguém pusera uma jarra com flores de plástico na mesa ao lado da cama (mais tarde ele descobriu que fora a enfermeira-chefe Becky Helmington, a única na equipa a tratá-lo com alguma gentileza), e conseguia empurrá-la para a frente e para trás com facilidade.

Depois de se esforçar, pois a sua memória estava cheia de buracos, lembrou-se do nome desse tipo de fenómeno: telecinesia. A capacidade de mover objetos com a mente. Só que qualquer tentativa a valer lhe fazia doer muito a cabeça, e a sua mente não parecia ter muito que ver com isso. Era a *mão*, a mão esquerda dominante, apesar de a outra aberta sobre a colcha nunca se mover.

Incrível. Ele tinha a certeza de que Babineau, o médico que ia vê-lo com mais frequência (mas que ultimamente parecia estar a perder o interesse), ficaria doido de excitação, mas aquele era um talento que pretendia guardar para si.

Poderia ser útil em algum momento, porém duvidava. Abanar as orelhas também era um talento, mas não tinha nenhum valor. Sim, ele conseguia mover sacos de soro no suporte e agitar o estore e derrubar uma moldura; conseguia fazer o cobertor ondular, como se um peixe grande estivesse a nadar por baixo. Às vezes, fazia uma dessas coisas quando um enfermeiro estava no quarto, porque os sustos eram divertidos. Mas esse parecia ser o limite da sua nova habilidade. Tentou e não conseguiu ligar a televisão suspensa acima da cama, tentou e não conseguiu fechar a porta da casa de banho. Conseguia segurar a maçaneta cromada — sentia a dureza fria quando os dedos se fechavam em volta dela —, mas a porta era demasiado pesada, e a sua mão fantasma demasiado fraca. Pelo menos, por enquanto. Achava que, se continuasse a exercitá-la, a poderia fortalecer.

Preciso de acordar, pensou ele, e tomar uma aspirina para esta porra de dor de cabeça infinita e comer comida a sério. Até comida de hospital seria uma maravilha. Vou fazê-lo em breve. Talvez amanhã.

Mas não o fez. Porque, no dia seguinte, Brady descobriu que a telecinesia não era a única habilidade que trouxera do sítio onde estivera, fosse lá onde fosse.

A enfermeira que verificava os sinais vitais dele na maioria das tardes e o preparava para dormir na maioria das noites (não se podia dizer preparar para ir para cama se ele estava sempre *na* cama) era uma jovem chamada Sadie MacDonald. Tinha cabelo escuro e uma beleza simples, sem maquilhagem. Brady observara-a com os olhos entreabertos, como observava todos os que entravam no quarto desde que atravessara a parede da sala da cave, onde recuperara a consciência.

A enfermeira MacDonald parecia ter medo dele, mas Brady acabou por perceber que isso não o tornava especial, porque a jovem tinha medo de toda a gente. Era o tipo de mulher que se deslocava com passinhos curtos e rápidos. Se alguém entrava no quarto 217 quando ela estava prestes a iniciar as suas tarefas — a enfermeira-chefe Becky Helmington, por exemplo —, Sadie tinha tendência para se encolher a um canto. E morria de medo do doutor Babineau. Quando tinha de estar no quarto com o médico, Brady quase sentia o gosto do medo que ela exalava.

Mais tarde acabou por perceber que talvez não estivesse a exagerar.

Um dia depois de Brady adormecer a pensar em creme de ovos, Sadie MacDonald entrou no quarto 217 às 15h15, verificou o monitor acima da cabeceira e escreveu alguns números na prancheta pendurada aos pés da cama. Em seguida, verificaria o saco do soro e tiraria almofadas lavadas do armário. Levantá-lo-ia com uma das mãos (era pequena, mas tinha braços fortes) e substituiria as almofadas velhas pelas novas. Isso talvez fosse trabalho para os auxiliares de enfermagem, mas Brady achava que MacDonald estava no fim da cadeia hierárquica do hospital. Uma enfermeira na base da pirâmide hospitalar, de certa forma.

Tinha decidido que abriria os olhos e falaria com ela assim que a mulher terminasse de trocar as almofadas, quando os seus rostos estivessem próximos. Isso iria assustá-la, e Brady gostava de assustar as pessoas. Muita coisa na sua vida tinha mudado, mas não isso. Talvez ela até gritasse, como fez uma

enfermeira quando ele criou as ondulações na colcha.

Só que MacDonald desviou-se para a janela quando estava a aproximar-se do armário. Não havia nada para ver lá fora além do silo do estacionamento, mas ela ficou ali um minuto… dois… três. Porquê? O que havia de tão fascinante numa maldita parede de tijolo?

Mas não era *só* de tijolo, percebeu Brady quando olhou para fora com ela. Havia espaços abertos em cada andar, e, à medida que os carros subiam a rampa, o sol refletia-se rapidamente nos para-brisas.

Um brilho. Outro brilho. E mais outro.

Santo Deus, pensou Brady, em teoria sou *eu* quem está em coma, não sou? Parece que a mulher está a ter uma espécie de convul…

Espera aí. Aguenta os cavalos.

A olhar para fora *com* ela? Como posso estar a olhar pela janela se estou deitado aqui na cama?

Uma *pick-up* enferrujada subiu a rampa. Atrás dela, um *Jaguar*, provavelmente de um médico rico, e Brady percebeu que não estava a olhar *com* ela, estava a olhar *por* ela. Era como ver a paisagem passar pela janela do pendura enquanto outra pessoa conduzia.

E sim, Sadie MacDonald *estava* a ter uma convulsão, tão leve que nem devia ter-se apercebido. As luzes tinham provocado isso. As luzes nos para-brisas dos carros que passavam. Assim que houvesse uma interrupção no tráfego na rampa, ou assim que o ângulo da luz do sol mudasse um pouco, ela sairia daquele transe e continuaria a cumprir as suas tarefas. Sairia daquele estado e nem saberia que entrara nele.

Mas Brady sabia.

Sabia porque estava dentro dela.

Brady foi um pouco mais fundo e percebeu que conseguia captar os seus pensamentos. Era incrível. Conseguia vê-los a surgir para a frente e para trás, de um lado para o outro, para cima e para baixo, às vezes a atravessar caminhos de um tom verde-escuro que era (ele não tinha a certeza, teria de pensar sobre isso com cuidado) a sua consciência. Tudo o que significava ser Sadie. Tentou ir mais

além, identificar alguns dos pensamentos-peixes, mas, bolas, eles passavam tão depressa! Ainda assim…

Qualquer coisa sobre os *muffins* que ela tinha em casa.

Qualquer coisa sobre um gato que ela vira na montra de uma loja de animais: preto com o peito branco, encantador.

Qualquer coisa sobre… pedras? Eram pedras?

Qualquer coisa sobre o pai dela, e esse peixe era vermelho, a cor da raiva. Ou da vergonha. Ou as duas coisas.

Quando saiu da frente da janela e se dirigiu ao armário, Brady sentiu uma vertigem. Quando a sensação de queda passou, viu-se dentro de si mesmo, a olhar pelos próprios olhos. Ela ejetara-o sem sequer saber que ele estava lá.

Quando o levantou para pôr duas almofadas de espuma com fronhas recém-lavadas atrás da cabeça dele, Brady manteve os olhos fixos à frente e parcialmente abertos. Afinal, não falou.

Precisava de meditar sobre aquilo.

Durante os quatro dias seguintes, Brady tentou várias vezes entrar na cabeça das pessoas que iam ao seu quarto. Teve algum êxito só uma vez, com um jovem auxiliar que ia limpar o chão. O jovem não era mongoloide (o termo que a mãe usava para quem tinha síndrome de Down), mas também não era candidato a entrar na Mensa. Olhava para as faixas molhadas que a esfregona deixava no linóleo, vendo o brilho delas desaparecer, e isso abriu a mente dele. A visita de Brady foi curta e desinteressante. O rapaz perguntava a si mesmo se nessa noite serviriam tacos no refeitório, nada mais.

E depois a vertigem, a sensação de queda. O rapaz cuspira-o como uma semente de melancia, sem nem uma vez diminuir a velocidade dos movimentos da esfregona.

Com os outros que entravam no quarto de tempos a tempos, não teve tanta sorte, e esse fracasso foi bastante mais frustrante do que não conseguir esfregar a cara. Brady fez um inventário de si mesmo, e o que descobriu foi consternador.

A cabeça sempre dorida estava ligada a um corpo esquelético. Ele conseguia mexer-se — não estava paralisado —, mas os seus músculos tinham atrofiado, e até mover a perna alguns centímetros para um lado ou para o outro exigia um esforço hercúleo. Estar dentro da enfermeira MacDonald, por outro lado, fora como andar num tapete voador.

Mas só entrara porque MacDonald padecia de alguma forma de epilepsia. Branda, mas o suficiente para abrir uma porta. Os outros pareciam ter uma defesa natural. Não conseguiu ficar na mente do auxiliar mais de alguns segundos, e se *aquele* infeliz fosse anão, o nome dele seria Dunga.

Isso fê-lo lembrar-se de uma piada antiga. Um turista em Nova Iorque pergunta a um *beatnik*: «Como se chega ao Carnegie Hall?» E o *beatnik* responde: «Com treino, meu, com muito treino.»

É isso que preciso de fazer, Brady pensou. Treinar e ficar mais forte. Porque o Kermit William Hodges está algures lá fora, e o ex-detetive acha que venceu. Não posso permitir isso. Não *vou* permitir isso.

E assim, naquela noite chuvosa em meados de novembro de 2011, Brady abriu os olhos, disse que lhe doía a cabeça e perguntou pela mãe. Não houve grito. Era a noite de folga de Sadie MacDonald, e Norma Wilmer, a enfermeira de serviço, era mais dura. Mesmo assim, deu um gritinho de surpresa e correu para ver se o doutor Babineau ainda estava na sala dos médicos.

Agora começa o resto da minha vida, pensou Brady.

Treina, meu, treina muito.

PRETA BRANCA

1

Apesar de Hodges ter oficialmente transformado Holly em sócia da Finders Keepers e de haver um gabinete livre (pequeno, mas com vista para a rua), ela escolheu ficar na área da receção. Está sentada ali, a olhar para o ecrã do computador, quando Hodges entra às onze menos um quarto. E apesar de ser rápida ao enfiar alguma coisa na gaveta larga da secretária, o olfato de Hodges ainda funciona bem (ao contrário de algumas partes do corpo mais abaixo), e capta o aroma inconfundível de um *Twinkie* parcialmente comido.

— Qual é a ocasião, Hollyberry?

— Apanhaste essa mania do Jerome e sabes que detesto. Se me chamares Hollyberry de novo, vou passar uma semana na casa da minha mãe. Ela está sempre a pedir que a vá visitar.

Até parece, pensa Hodges. Não a suportas, e, além disso, estás a seguir uma pista, minha querida. Presa a isso como uma viciada em heroína.

— Desculpa, desculpa. — Ele olha por cima do ombro dela e vê um artigo da *Bloomberg Business* de abril de 2014. O cabeçalho diz ZAPPIT ZAPEADA. — Sim, a empresa fez merda e saltou fora. Creio que te disse isso ontem.

— Disseste. O interessante, pelo menos para mim, é o inventário.

— O que queres dizer?

— Milhares de *Zappits* não vendidos, talvez dezenas de milhares. Queria saber o que lhes aconteceu.

— E descobriste?

— Ainda não.

— Devem ter sido enviados para as crianças pobres na China, juntamente com todos os legumes e verduras que me recusei a comer quando era criança.

— Crianças a passar fome não têm graça — diz ela, severa.

— Não, claro que não.

Hodges empertiga-se. Aviou a receita dos analgésicos quando saiu do consultório de Stamos — coisa da pesada, mas não tão pesada como o que ele

pode precisar de tomar em breve — e sente-se quase bem. Sente até um pouco de fome, o que é uma mudança boa.

— Devem ter sido destruídos. É o que fazem com os livros encalhados, acho.

— É demasiada coisa para destruir, tendo em conta que os aparelhos estão carregados com jogos e ainda funcionam. Os mais caros, como o *Commander*, até tinham *wi-fi*. Agora fala-me dos teus exames.

Hodges força um sorriso que espera pareça composto e satisfeito.

— Tenho boas notícias, na verdade. É uma úlcera, mas pequena. Vou ter de tomar uns medicamentos e vigiar a dieta. O doutor Stamos diz que, se eu fizer isso, deve curar-se sozinha.

Ela esboça um sorriso radiante que faz Hodges sentir-se bem com a mentira absurda. Claro que também o faz sentir-se na merda.

— Graças a Deus! Vais fazer o que ele mandou, não vais?

— Podes crer.

Mais mentiras; nem toda a comida sem gosto do mundo vai curar o que o aflige. Hodges não é do tipo de desistir, e em outras circunstâncias estaria no consultório do gastrenterologista Henry Yip agora mesmo, por mais que as suas hipóteses de vencer o cancro de pâncreas sejam más. Mas a mensagem que recebeu no *site* do Guarda-Chuva Azul mudou tudo.

— Que bom. Porque não sei o que faria sem ti, Bill. Não sei.

— Holly…

— Na verdade, sei. Voltaria para casa. E isso seria mau para mim.

Não me digas, pensa Hodges. Quando te conheci, estavas na cidade para o funeral da tua tia Elizabeth, e a tua mãe arrastava-te praticamente como um rafeiro pela trela. Faz isto, Holly, faz aquilo, Holly, e, pelo amor de Deus, não faças nada embaraçoso.

— Agora, conta-me — continua ela. — Conta-me a novidade. Conta, conta, conta!

— Conto tudo daqui a quinze minutos. Enquanto isso, vê se consegues descobrir o que aconteceu a todas aquelas consolas *Commander*. Não deve ser importante, mas quem sabe?

— Tudo bem. Que notícia maravilhosa sobre os teus exames, Bill.

— Sim.

Vai para o escritório. Holly vira a cadeira para olhar para ele por um momento, porque Hodges raramente fecha a porta quando está lá dentro. Mas não é totalmente inédito. Volta a concentrar-se no computador.

2

«Ele ainda não acabou consigo.»

Holly repete isso em voz baixa. Pousa o hambúrguer vegetariano parcialmente comido no prato de papel. Hodges já acabou o dele; contou tudo entre dentadas. Não diz que acordou porque estava com dores; nesta versão, descobriu a mensagem porque não conseguia dormir e resolveu navegar pela Internet.

— Era o que dizia.

— Do Z-Boy.

— Sim. Parece o nome de um ajudante de super-herói, não é? «Siga as aventuras de Z-Man e Z-Boy enquanto livram as ruas de Gotham City do crime!»

— Isso é Batman e Robin. São eles que patrulham Gotham City.

— Eu sei, já lia livros do Batman antes de nasceres. Estava só a dizer.

Ela pega no hambúrguer vegetariano, retira um bocado de alface e torna a pousá-lo.

— Quando foi a última vez que visitaste o Brady Hartsfield?

Sempre direita ao assunto, pensa Hodges com admiração. Esta é a minha Holly.

— Fui vê-lo logo depois de toda aquela história com a família Saubers, e mais uma vez depois, no verão. A seguir, tu e o Jerome encurralaram-me e

mandaram-me parar. Então parei.

— Fizemos isso para teu bem.

— Eu sei, Holly. Agora come a tua sanduíche.

Ela dá uma dentada, limpa a maionese do canto da boca e pergunta como Hartsfield parecia estar na última visita.

— Na mesma… de um modo geral. Ali sentado, a olhar para a garagem. Eu falo, faço perguntas, mas ele não responde. Ganhou o óscar dos Danos Cerebrais, sem dúvida nenhuma. Mas ouvi algumas histórias sobre ele.

— Que tipo de histórias?

— Que tem alguma espécie de poder mental. Que consegue abrir e fechar a torneira na casa de banho do quarto e às vezes faz isso para assustar os funcionários. Eu diria que é treta, mas quando a Becky Helmington era enfermeira-chefe, disse-me que viu algumas coisas estranhas, estores a abanar, a televisão a ligar-se sozinha, sacos de soro a balançar. E considero-a uma testemunha credível. Sei que é difícil acreditar…

— Nem por isso. A telecinesia, às vezes chamada psicocinesia, é um fenómeno documentado. Nunca viste nada assim durante as tuas visitas?

— Bem… — Ele faz uma pausa e lembra-se. — Na penúltima visita aconteceu uma coisa. Havia uma moldura na mesa ao lado da cama, com uma fotografia dele com a mãe, abraçados e com a cara encostada. De férias algures. Havia uma igual na casa da Sycamore Street. Deves lembrar-te.

— Claro que sim. Lembro-me de tudo o que vimos naquela casa, inclusive das fotos picantes que o Hartsfield tinha da mãe no computador. — Cruza os braços sobre os seios pequenos e faz uma careta. — Tinham uma relação muito *pouco* natural.

— Podes crer. Não sei se ele alguma vez teve sexo com ela…

— *Iac!*

— … mas acho que queria, e no mínimo ela estimulava as suas fantasias. Enfim, peguei na moldura e disse uns disparates sobre ela, para tentar forçar uma reação, fazer com que ele respondesse. Porque ele está *lá*, Holly, e quero dizer totalmente presente. Tive a certeza naquela altura e tenho ainda mais a certeza

agora. Fica ali sentado, mas por dentro é o mesmo monstro que matou aquelas pessoas no Centro Cívico e tentou matar muitas mais no auditório Mingo.

— E usou o Guarda-Chuva Azul da Debbie para falar contigo, não te esqueças disso.

— Depois da noite de ontem, não vou esquecer.

— Conta-me o resto.

— Por um segundo, ele parou de olhar para a garagem do outro lado. Os olhos… rolaram nas órbitas e ele olhou para mim. Os cabelos da minha nuca levantaram-se, e o ar pareceu ficar… sei lá… *elétrico*. — Hodges obriga-se a dizer o resto. É como empurrar uma pedra grande colina acima. — Prendi gente má quando estava na polícia, gente *muito* má. Uma delas era uma mãe que matou o filho de três anos por causa do seguro, que nem era nada de especial, mas nunca senti a presença do mal em nenhuma dessas pessoas depois de serem apanhadas. É como se o mal fosse algum tipo de abutre que se afasta a voar quando os bandidos são presos. Mas senti-o naquele dia, Holly. Senti mesmo. Senti-o no Brady Hartsfield.

— Acredito — diz ela, com a voz tão baixa que mal chega a um sussurro.

— E ele tinha um *Zappit*. Era essa a ligação que eu estava a tentar estabelecer. Se é que é uma ligação, e não apenas uma coincidência. Havia um tipo, não sei o apelido dele, toda a gente lhe chamava Al da Biblioteca, que os distribuía no hospital juntamente com *Kindles* e livros. Não sei se o Al era auxiliar de enfermagem ou apenas um voluntário. Podia até ser um zelador a fazer um favorzinho. Acho que só não me lembrei logo porque o *Zappit* que encontraste na casa da senhora Ellerton era cor-de-rosa, e o do Brady era azul.

— Como pode o que aconteceu à Janice Ellerton e à filha ter alguma coisa que ver com o Brady Hartsfield? A não ser que… alguém se apercebeu de alguma atividade telecinética fora do quarto dele? Ouviste boatos sobre isso?

— Não, mas na altura em que o caso dos Saubers terminou, uma enfermeira suicidou-se na Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas. Cortou os pulsos numa casa de banho no mesmo corredor do quarto do Hartsfield. Chamava-se Sadie MacDonald.

— Estás a querer dizer que…

Holly está a mexer de novo na sanduíche, a rasgar a alface e a deixá-la no prato. À espera de que ele continue.

— Desembucha, Holly. Não vou dizê-lo por ti.

— Então estás. Achas que o Brady a convenceu de alguma forma. Não vejo como isso seria possível.

— Nem eu, mas sabemos que o Brady tem um certo fascínio por suicídios.

— Essa Sadie MacDonald… ela tinha um *Zappit*?

— Só Deus sabe.

— Como… como foi…

Desta vez, ele ajuda-a.

— Com um bisturi que tirou de um dos blocos operatórios. Soube isso pela assistente do médico-legista. Ofereci-lhe um *voucher* para o DeMasio's, o restaurante italiano.

Holly desfaz mais alface. O prato começa a encher-se do que parecem confetes na festa de aniversário de um duende. Está a pôr Hodges nervoso, mas ele não a impede. Ela prepara-se para dizer alguma coisa. E finalmente diz.

— Tencionas visitar o Hartsfield.

— Sim.

— Achas mesmo que vais arrancar alguma coisa dele? Nunca conseguiste.

— Agora sei um pouco mais.

Mas o que *sabe* realmente Hodges? Nem sequer tem a certeza do que desconfia. Mas afinal talvez Hartsfield não seja um monstro. Talvez seja apenas uma aranha, e o quarto 217 no Capacete seja o centro da sua teia, onde ele fica a tecer.

Ou talvez tudo não passe de uma grande coincidência. Talvez o cancro já esteja a devorar o cérebro de Hodges, fazendo-o ter ideias paranoicas.

É o que Pete pensaria, e o que a sua parceira (é difícil parar de pensar nela como senhora Belos Olhos Cinzentos agora que está na cabeça dele) diria em voz alta.

Levanta-se.

— Não há momento melhor do que o presente.

Ela larga a sanduíche em cima da pilha de alface desfeita para poder segurar-lhe o braço.

— Tem cuidado.

— Terei.

— Protege os teus pensamentos. Sei que parece maluquice, mas eu *sou* maluca, pelo menos durante parte do tempo, portanto posso dizê-lo. Se tiveres alguma ideia sobre… bem, fazer mal a ti mesmo… liga-me. Liga-me *de imediato*.

— Está bem.

Ela cruza os braços e aperta os ombros, aquele velho gesto de ansiedade que ele já vê com menos frequência.

— Quem dera que o Jerome estivesse aqui.

Jerome Robinson está no Arizona, a gozar um semestre de férias, a construir casas como trabalhador voluntário. Uma vez, quando Hodges usou a expressão *ornamentar o currículo* em relação a essa atividade, Holly chamou-lhe a atenção e disse que Jerome estava a fazer aquilo porque era boa pessoa. Hodges tem de concordar com isso. Jerome é mesmo boa pessoa.

— Vou ficar bem. E isso não deve ser nada. Somos como crianças com medo de que a casa abandonada na esquina seja assombrada. Se disséssemos alguma coisa disto ao Pete, ele mandava logo internar-nos.

Holly, que já foi internada (duas vezes), acredita que algumas casas abandonadas podem mesmo ser assombradas. Tira a mão magra e sem anéis do ombro durante tempo suficiente para agarrar de novo no braço dele, desta vez pela manga do sobretudo.

— Liga-me quando lá chegares, e de novo quando te vieres embora. Não te esqueças, porque vou ficar preocupada, e não posso ligar-te porque…

— Não são permitidos telemóveis no Capacete. Sim, eu sei. Vou ligar, Holly. Enquanto isso, tenho duas tarefas para ti. — Vê a mão dela voar para o bloco e abana a cabeça. — Não, não precisas de tomar nota. É simples. Primeiro, entra no eBay ou onde quer que se comprem coisas que já não estão disponíveis no

mercado e compra um *Zappit Commander*. Podes fazer isso?

— Claro. Qual é a outra tarefa?

— A Sunrise Solutions comprou a Zappit e pediu falência. Alguém deve ser o administrador de insolvência. Esse administrador contrata advogados, contabilistas e liquidadores para ajudar a espremer cada cêntimo da empresa. Descobre o nome dele, e eu ligo-lhe ainda hoje ou amanhã. Quero saber o que aconteceu a todos aqueles *Zappits* que não foram vendidos, porque alguém deu um à Janice Ellerton bastante tempo depois de as duas empresas terem saído do mercado.

Ela anima-se.

— Isso é brilhante!

Não é brilhante, só trabalho policial, pensa ele. Posso ter um cancro em fase terminal, mas ainda me lembro de como se faz o trabalho, e isso é alguma coisa.

É uma coisa boa.

3

Quando sai do Turner Building e segue para a paragem do autocarro (o autocarro número 5 é um meio mais rápido e fácil de atravessar a cidade do que ao volante do seu *Prius*), Hodges é um homem muito preocupado. Está a pensar na melhor forma de abordar Brady, como fazê-lo revelar-se. Quando ainda estava no ativo não tinha rival na sala de interrogatórios, portanto tem de haver uma forma. Antes, ele só ia ao Capacete para provocar Brady e provar a sua crença de que ele fingia estar semicatatónico. Agora, há perguntas a sério, e deve haver *alguma* forma de conseguir fazer Brady responder-lhes.

Tenho de provocar a aranha, pensa.

A interferir com os esforços para planear o confronto iminente estão pensamentos sobre o diagnóstico que acabou de receber e os medos inevitáveis

que o acompanham. Pela própria vida, sim. Mas também há perguntas sobre o quanto pode sofrer mais para a frente e como vai dar a notícia às pessoas que precisam de saber. Corinne e Allie vão ficar abaladas, mas vão ficar bem. O mesmo vai acontecer à família Robinson, apesar de ele saber que Jerome e Barbara, a sua irmã mais nova (já não tão nova agora; vai fazer dezasseis anos dali a uns meses) irão receber a notícia com dificuldade. Mas é com Holly que mais se preocupa. Ela não é maluca, apesar do que disse no escritório, mas é frágil. E muito. Teve dois esgotamentos nervosos no passado, um no secundário e outro com vinte e poucos anos. Está mais forte agora, mas as suas maiores fontes de apoio nos últimos anos foram ele e a pequena empresa que têm juntos. Se os dois desaparecerem, ela vai estar em risco. Hodges não pode mentir para si mesmo sobre isso.

Não vou deixar que ela se vá abaixo, pensa Hodges. Caminha de cabeça baixa e mãos enfiadas nos bolsos, a respiração a sair em nuvens brancas. Não posso deixar que isso aconteça.

Mergulhado em pensamentos, não vê o *Chevrolet Malibu* com manchas de primário pela terceira vez em dois dias. Encontra-se estacionado na rua, em frente ao prédio onde Holly está agora a perseguir o administrador de insolvência da Sunrise Solutions. No passeio, ao lado do carro, está um senhor idoso com uma parca velha remendada com fita adesiva. Vê Hodges apanhar o autocarro, tira um telemóvel do bolso e faz um telefonema.

4

Holly vê o chefe, que por acaso é a pessoa que ela mais adora no mundo, dirigir-se à paragem de autocarro na esquina. Ele está tão *magro* agora, quase uma sombra do homem corpulento que conheceu seis anos antes. E pressiona o flanco enquanto anda. Faz muito isso ultimamente, e ela acha que nem dá pelo

gesto.

Apenas uma pequena úlcera, disse. Ela gostaria de acreditar nisso, gostaria de acreditar *nele*, mas não sabe se consegue.

O autocarro chega e Bill entra. Holly fica a vê-lo afastar-se pela janela, roendo as unhas, desejando fumar um cigarro. Tem pastilhas *Nicorette* com fartura, mas às vezes só um cigarro funciona.

Para de perder tempo, diz a si mesma. Se queres mesmo ser uma bisbilhoteira horrível e trapaceira, não há momento melhor do que o presente.

Então, Holly entra no gabinete dele.

O ecrã do computador está escuro, mas ele nunca o desliga até ir para casa; só precisa de mexer o rato. Porém, antes que possa fazê-lo, a sua atenção é captada pelo bloco amarelo ao lado do teclado. Ele tem sempre um à mão, normalmente coberto de anotações e rabiscos. É assim que pensa.

Escrito no cimo daquele há uma frase que conhece bem, uma frase que ecoa nela desde que ouviu a música na rádio pela primeira vez: *All the lonely people.* Todas as pessoas solitárias. Ele sublinhou-a. Por baixo, há nomes que ela conhece.

Olivia Trelawney (viúva)
Martine Stover (solteira, empregada chamou-lhe «solteirona»)
Janice Ellerton (viúva)
Nancy Alderson (viúva)

E vários outros. O dela, claro; ela também é uma solteirona. De Pete Huntley, que é divorciado. E do próprio Hodges, também divorciado.

Os solteiros têm o dobro das hipóteses de se suicidarem. Os divorciados, o quádruplo.

— O Brady Hartsfield gostava de suicídio — murmura ela. — Era o seu passatempo.

Sob os nomes, rodeada por um círculo, há uma anotação que ela não entende.

Lista de visitas? Que visitas?

Prime uma tecla ao acaso, e o computador de Bill liga-se, mostrando o ecrã e todas as pastas ali espalhadas. Ela repreendeu-o por aquilo várias vezes, disse que é como deixar a porta de casa destrancada e os bens de valor todos espalhados na mesa da sala de jantar com um cartaz a dizer ROUBEM-ME, e Hodges diz sempre que vai arrumar aquilo, mas nunca faz nada. Não é que fosse mudar alguma coisa para Holly, porque também tem a senha dele. Ele deu-lha. Para o caso de alguma coisa me acontecer, disse. Agora, ela está com medo de que alguma coisa lhe tenha acontecido.

Uma olhadela ao ecrã basta para dizer que o que quer que seja não é uma úlcera. Há ali uma pasta nova, com um nome assustador. Holly clica nela. As letras góticas terríveis em cima bastam para confirmar que o documento é mesmo o testamento de Kermit William Hodges. Ela fecha-o de imediato. Não tem desejo nenhum de bisbilhotar a herança dele. Saber que esse documento existe e que ele o abriu hoje mesmo basta. Mais do que basta, na verdade.

Holly fica ali, agarrada aos ombros e a morder o lábio. O passo seguinte seria pior do que bisbilhotar. Seria invadir. Roubar.

Chegaste até aqui, vai em frente.

— Sim, tenho de ir em frente — sussurra Holly, e clica no ícone do selo postal que abre o *e-mail* dele, dizendo a si mesma que não deve haver ali nada. Mas há. O *e-mail* mais recente deve ter chegado quando estavam a conversar sobre a mensagem que Hodges encontrou essa manhã no Guarda-Chuva Azul da Debbie. É do médico com quem ele teve consulta. Chama-se Stamos. Ela abre o *e-mail* e lê: «Aqui está uma cópia dos resultados do seu exame mais recente, para poder guardá-los.»

Holly insere a senha do *e-mail* para abrir o anexo, senta-se na cadeira de Bill e inclina-se para a frente, com as mãos apertadas no colo. Quando desce para a segunda das oito páginas, já está a chorar.

5

Hodges mal se instalou no banco de trás do autocarro número 5 quando ouve o som de vidro a partir-se no bolso do casaco e os miúdos a aplaudir o *home run* que acabou de estilhaçar a janela da sala da senhora O'Leary. Um homem de fato baixa o *Wall Street Journal* e olha para ele com ar de reprovação.

— Desculpe — pede Hodges. — Ando há que tempos para o mudar.

— Devia fazer disso a sua prioridade — diz o homem, e levanta de novo o jornal.

A mensagem de texto é do seu antigo parceiro. De novo. Com uma forte sensação de *déjà-vu*, Hodges liga-lhe.

— Pete, para quê tantas mensagens? Tens o meu número gravado.

— Calculei que a Holly te devia ter programado o telemóvel e posto um toque maluco — revela Pete. — Ela acharia isso engraçado. Também achei que o terias no volume máximo, seu filho da mãe surdo.

— O alerta de mensagens é que está no máximo — diz Hodges. — Quando recebo uma chamada, o telemóvel só tem um miniorgasmo contra a minha perna.

— Então muda o alerta.

Horas atrás, descobriu que tem apenas alguns meses de vida. Agora, está a discutir o volume do telemóvel com Pete.

— Vou tratar disso. Agora, diz-me porque ligaste.

— Um dos nossos técnicos informáticos caiu em cima daquele aparelho cheio de jogos como mosca em cima de merda. Adorou-o, chamou-lhe retro. Acreditas? A coisa deve ter sido fabricada há uns cinco anos e agora já é retro.

— O mundo está acelerado.

— Está mesmo diferente. De qualquer modo, o *Zappit* já era. Quando o nosso homem lhe meteu pilhas novas, umas luzes azuis piscaram no ecrã e ele morreu.

— Qual era o problema?

— Algum tipo de vírus, o aparelho supostamente tem *wi-fi* e é assim que

essas porcarias são descarregadas, mas o tipo disse que é mais provável que houvesse um *chip* estragado ou que tenha sofrido um curto-circuito. A questão é: não quer dizer nada. A Ellerton não podia tê-lo usado.

— Então porque deixava ela o fio do carregador ligado na tomada da casa de banho da filha?

Isso cala Pete por um momento.

— Certo, então pode ter funcionado durante algum tempo e depois o *chip* morreu. Ou lá o que eles fazem.

Funcionou, sim, pensa Hodges. Ela jogou paciências à mesa da cozinha. Vários tipos diferentes, Klondike e Pyramid e Picture. Coisas que saberias, querido Pete, se tivesses falado com Nancy Alderson. Isso ainda deve estar na tua lista.

— Está bem — diz Hodges. — Obrigado pela informação.

— É a tua *última* informação, Kermit. Tenho uma parceira com quem trabalho bem desde que te aposentaste, e gostaria que ela estivesse na festa da minha reforma em vez de sentada à mesa na esquadra amuada a pensar que te preferi a ela até ao fim.

Hodges poderia insistir no assunto, mas o hospital está a duas paragens. Além do mais, percebe que quer separar-se de Pete e Izzy e seguir o próprio caminho. Pete é lento, e Izzy arrasta os pés. Hodges quer desvendar aquele caso, com o pâncreas doente e tudo.

— Está certo — diz ele. — Obrigado na mesma.

— Caso encerrado?

— *Finito.*

Ele vira os olhos para cima e para a esquerda.

A dezanove quarteirões de onde Hodges está a guardar o *iPhone* no bolso do sobretudo, existe um mundo diferente. Não é um mundo muito agradável. A irmã de Jerome Robinson está nele e está em apuros.

Bonita e recatada com o uniforme da escola de Chapel Ridge (casaco cinzento de lã, saia cinzenta, meias brancas até aos joelhos e um cachecol vermelho ao pescoço), Barbara avança pela Martin Luther King Avenue com um *Zappit Commander* amarelo nas mãos enluvadas. Nele, os peixes do jogo Fishin' Hole nadam de um lado para o outro, embora estejam quase invisíveis na luz fria e intensa do meio-dia.

A avenida é uma das duas vias principais naquela parte da cidade conhecida como Lowtown. Apesar de a população ser predominantemente negra e de Barbara ser negra (ou melhor, café com leite), nunca foi até lá, e esse facto fá-la sentir-se burra e inútil. Aquele é o seu povo, os seus antepassados comuns podem ter carregado sacas e levantado fardos na mesma plantação no passado, tanto quanto ela sabe, mas Barbara nunca ali esteve sequer *uma única vez*. E foi avisada para não estar não só pelos pais, mas também pelo irmão.

— Lowtown é onde as pessoas bebem cerveja e depois comem a garrafa — disse-lhe ele uma vez. — Não é sítio para uma rapariga como tu.

Uma rapariga como eu, pensa ela. Uma rapariga boazinha de classe média-alta como eu, que estuda num bom colégio particular, tem boas amigas brancas e muita roupa cara e uma mesada. Ah, até tenho um cartão de débito! Posso levantar sessenta dólares num multibanco sempre que quiser! Incrível!

Barbara caminha distraída, e parece um sonho, porque tudo é tão estranho e ela está a menos de três quilómetros de casa, que por acaso é uma casa aconchegante de estilo Cape Cod com uma garagem contígua para dois carros. A hipoteca está paga e tudo. Passa por espeluncas onde se podem levantar cheques e lojas de penhores cheias de guitarras, rádios e navalhas reluzentes com cabos nacarados. Passa por bares a tresandar a cerveja mesmo com as portas fechadas no frio do inverno. Passa por restaurantes pequenos e baratos com cheiro a gordura. Alguns vendem fatias de piza, e outros, comida chinesa. Na janela suja

de um deles há um cartaz que diz BOLAS DE FARINHA DE MILHO FRITAS COM BERÇA COMO A SUA MÃE FAZIA.

Não a *minha* mãe, pensa Barbara. Nem sei o que é uma berça. Couve? Espinafre?

Nas esquinas (*todas* as esquinas, ao que parece), há miúdos de calções compridos e calças de ganga largas, às vezes perto de bidões enferrujados com fogueiras acesas para se aquecerem, às vezes a jogarem *footbag*, às vezes só a exibir os ténis gigantescos, com os blusões abertos apesar do frio. Cumprimentam os amigos com gritos de «iô» e acenam aos carros que passam e, quando um para, entregam pequenos envelopes de papel vegetal pela janela aberta. Ela anda ao longo de quarteirões e mais quarteirões da Martin Luther King Avenue (nove, dez, talvez doze, já perdeu a conta), e cada esquina é como um *drive-thru* de drogas em vez de hambúrgueres ou tacos.

Passa por mulheres a tremer de frio com calças justas, casacos de pele falsa e botas brilhantes; na cabeça usam perucas espantosas muito coloridas. Passa por prédios vazios com janelas entaipadas. Passa por um carro desmontado e coberto de símbolos de gangues. Passa por uma mulher com um penso sujo num olho, que arrasta pelo braço uma criança aos berros. Passa por um homem sentado num cobertor, que bebe de uma garrafa de vinho e lhe mostra a língua cinzenta. É um bairro pobre e desesperante e esteve *ali o tempo todo*, e Barbara nunca fez nada a respeito disso. Nunca *fez* nada? Nunca sequer *pensou* em fazer. O que ela fez foi os trabalhos de casa. O que fez foi falar ao telemóvel e mandar SMS às amigas à noite. O que fez foi atualizar o Facebook e preocupar-se com a pele. É uma adolescente parasita típica: janta em bons restaurantes com os pais enquanto os seus irmãos e irmãs, *ali mesmo o tempo todo, a menos de três quilómetros da sua bela casa suburbana*, bebem vinho e consomem droga para esquecer a vida horrível que têm. Tem vergonha do seu cabelo, esticado e a dar-lhe pelos ombros. Tem vergonha das meias brancas limpas que vão até aos joelhos. Tem vergonha da cor da pele, porque é a mesma da deles.

— Ei, preta branca! — O grito vem do outro lado da rua. — O que estás a

fazer aqui? Não tens nada que estar aqui!

Preta branca.

É o nome de uma série de televisão[2], eles veem-na em casa e riem, mas também é o que ela é. Não preta, mas preta branca. Leva uma vida de branca num bairro branco. Pode fazê-lo porque os pais ganham muito dinheiro e são donos de uma casa num quarteirão em que as pessoas são tão politicamente corretas que se encolhem se ouvem os filhos chamarem atrasada mental a outra criança. Pode levar essa maravilhosa vida branca porque não é ameaça para ninguém, não causa problemas ao *statu quo*. Segue o seu caminho, fala com as amigas sobre rapazes e músicas e rapazes e roupas e rapazes e séries de que gostam e que rapariga viram com que rapaz no Birch Hill Mall.

Ela é preta branca, uma expressão que significa que é inútil e não merece viver.

— Talvez devesses pôr fim a isso. Que essa seja a tua declaração.

A ideia é uma voz, e surge a Barbara com uma lógica reveladora. Emily Dickinson disse que a poesia era a sua carta para um mundo que nunca lhe escreveu, tinham lido isso na escola, mas Barbara nunca escreveu uma carta. Uma data de redações, trabalhos sobre livros e *e-mails* idiotas, mas nada realmente importante.

— Talvez esteja na altura de fazeres isso.

Não é a voz dela, mas a voz de um amigo.

Para em frente a uma loja esotérica onde se lê o futuro e cartas de tarô. Na montra suja, acredita ver o reflexo de alguém ao seu lado, um homem branco com rosto sorridente de menino e madeixas louras a cair sobre a testa.

Olha em volta, mas não está ali ninguém. Foi apenas imaginação sua. Olha novamente para o ecrã da consola. À sombra do toldo da loja, os peixes ficam intensos e claros de novo. Nadam para um lado e para o outro, de vez em quando obliterados por um clarão azul. Barbara olha para trás e vê um jipe preto a vir na direção dela pela rua, guinando de uma faixa para a outra a grande velocidade. Tem pneus enormes, daqueles a que os rapazes na escola chamam Pé Grande ou Tamanho Gangster.

— Se vais fazê-lo, é melhor apressares-te.

É como se alguém estivesse realmente ao seu lado. Alguém que a entende. E a voz tem razão. Barbara nunca pensou em suicídio, mas naquele momento a ideia parece perfeitamente racional.

— Nem precisas de deixar um bilhete — diz o amigo.

Ela vê de novo o reflexo dele na montra. Fantasmagórico.

— Só fazê-lo já será a tua carta ao mundo.

Verdade.

— Agora sabes demasiado sobre ti própria para continuares a viver — observa o amigo quando ela volta o olhar para os peixes. — Sabes demasiado, e tudo é mau. — Apressa-se a acrescentar: — O que não quer dizer que sejas má pessoa.

Ela pensa: não, não horrível, apenas inútil.

Preta branca.

O jipe está a aproximar-se. O Tamanho Gângster. Quando a irmã de Jerome Robinson se aproxima da berma, pronta para se atravessar à frente do veículo, o seu rosto ilumina-se num sorriso ansioso.

7

O doutor Felix Babineau usa um fato de mil dólares por baixo da bata branca que esvoaça atrás dele enquanto avança pelo corredor do Capacete, mas agora precisa de se barbear mais do que nunca e o cabelo branco, normalmente impecável, está desgrenhado. Ignora um grupo de enfermeiros perto da receção a falar num tom baixo e agitado.

A enfermeira Wilmer aproxima-se dele.

— Doutor Babineau, já soube…

Ele nem olha para ela, e Norma tem de dar um passo para o lado rapidamente

para não ser atropelada. Observa-o surpreendida.

Babineau tira o cartão de NÃO INCOMODAR que traz sempre no bolso da bata, pendura-o na maçaneta do quarto 217 e entra. Brady Hartsfield não levanta o rosto. Toda a sua atenção está no aparelho que tem no colo, onde os peixes nadam de um lado para o outro. Não há música; ele tirou o som.

Muitas vezes, quando entra no quarto, Felix Babineau desaparece e o doutor Z toma o seu lugar. Mas hoje, não. O doutor Z é só mais uma versão de Brady, afinal, uma projeção, e hoje Brady está demasiado ocupado para se projetar.

As suas lembranças de tentar fazer explodir o auditório Mingo durante o concerto dos ’Round Here ainda são confusas, mas uma coisa ficou clara desde que acordou: o rosto da última pessoa que viu antes de as luzes se apagarem. Foi Barbara Robinson, irmã do preto de Hodges. Estava sentada perto de Brady, apenas algumas filas à frente. Agora, está ali, a nadar com os peixes que os dois partilham nos ecrãs. Brady apanhou Scapelli, a cabra sádica que lhe torceu o mamilo. Agora, vai cuidar da cabra da Robinson. A morte dela vai atingir o irmão, mas essa não é a melhor parte. Vai enfiar uma faca no coração do velho detetive. *Essa* é a parte mais importante.

Mais agradável.

Ele consola-a, diz-lhe que não é má pessoa. Ajuda-a a pôr-se em movimento. Um veículo qualquer está a avançar pela Martin Luther King Avenue, ele não sabe o que é porque o subconsciente de Barbara ainda está a lutar contra ele, mas é grande. Suficientemente grande para fazer o serviço.

— Brady, ouça. O Z-Boy ligou. — O verdadeiro nome do Z-Boy é Brooks, mas Brady recusa-se a chamar-lhe isso. — Ele tem estado atento, como instruiu. Aquele polícia … ex-polícia ou seja lá o que for…

— Cale-se — ordena Brady sem levantar a cabeça, com o cabelo caído sobre a testa. Na luz forte, parece estar mais perto dos vinte do que dos trinta anos.

Babineau, que está habituado a ser ouvido e ainda não captou totalmente o seu estado de subordinado, ignora-o.

— O Hodges esteve ontem em Hilltop Court, primeiro na casa da Ellerton e

depois a bisbilhotar a casa do outro lado da rua, onde…

— *Eu mandei-o calar-se!*

— O Brooks viu-o entrar no autocarro número cinco, o que deve querer dizer que ele está a vir para cá! E, se estiver a vir para cá, isso significa que ele *sabe*!

Brady olha furioso para Babineau durante um momento e volta a atenção para o ecrã. Se deslizar agora, se permitir que aquele idiota culto desvie a sua concentração…

Mas não vai permiti-lo. Quer magoar Hodges, quer magoar o preto, deve-lhes isso, e aquela é a melhor forma de fazê-lo. Não é só uma questão de vingança. Ela é a primeira cobaia que estava no concerto, e não é como os outros, que eram mais fáceis de controlar. Mas Brady *está* a controlá-la, só precisa de mais dez segundos, e agora vê o que está a aproximar-se. É um jipe. Grande e preto.

Ei, querida, pensa Brady Hartsfield. A tua boleia chegou.

8

Barbara está de pé na berma, a ver o jipe aproximar-se, a calcular o tempo, mas, quando flexiona os joelhos, um par de mãos agarra-a por trás.

— Ei, miúda, o que se passa?

Ela luta, mas o aperto nos seus ombros é forte, e o jipe passa com o som de Ghostface Killah. Ela vira-se, libertando-se e vê um rapaz magricela da sua idade, com um blusão do Todhunter High. É alto, talvez com um metro e noventa, portanto Barbara precisa de olhar para cima. Tem uma cabeleira castanha encaracolada e curta e barbicha. Em volta do pescoço exibe uma corrente de ouro fina. Está a sorrir. Os olhos são verdes e risonhos.

— És bonita, e isso é um facto, não um elogio, mas não és daqui, certo? Vestida dessa maneira… A tua mãe nunca te disse para não atravessares fora da

passadeira?

— Deixa-me em paz!

Ela não sente medo. Está furiosa.

Ele ri-se.

— E durona! Gosto de miúdas duronas. Que tal uma fatia de piza e uma *Coca-Cola*?

— Não quero nada de ti!

O amigo dela foi-se embora, provavelmente desgostoso. A culpa não é minha, pensa ela. É deste rapaz, deste pacóvio.

Pacóvio! Uma palavra de preta branca! Sente-se corar e baixa o olhar para os peixes no ecrã do *Zappit*. Eles vão consolá-la, consolam sempre. E pensar que quase deitou fora o aparelho quando aquele homem lho deu! Antes de encontrar os peixes! Os peixes levam-na sempre para longe, e às vezes trazem o amigo. Mas ela só tem um vislumbre momentâneo antes de a consola desaparecer. Puf! Desapareceu! O pacóvio segura o *Zappit* nos dedos longos e olha para o ecrã, fascinado.

— Uau, isto é bem antigo!

— É meu! — grita Barbara. — Devolve-mo!

Do outro lado da rua, uma mulher ri-se e grita com a voz rouca:

— Mostra-lhe quem manda, irmã! Fá-lo baixar a crista!

Barbara tenta tirar-lhe o *Zappit*. O rapaz alto segura-o acima da cabeça, sorrindo-lhe.

— Devolve-mo, já disse! Para de ser idiota!

Mais pessoas estão a observar agora, e o rapaz alto atua para o público. Desvia-se para a esquerda, depois dá um passo ligeiro para a direita, um movimento que deve passar a vida a usar no campo de básquete, sem nunca perder o sorriso indulgente. Os olhos verdes brilham e dançam. Todas as raparigas do Todhunter devem adorar aqueles olhos, e Barbara já não está a pensar em suicídio, ou que é preta branca ou uma nulidade socialmente inconsciente. Está apenas furiosa, e o facto de ele ser bonito deixa-a ainda mais zangada. Barbara joga futebol em Chapel Ridge e dá o seu melhor pontapé digno

de penálti na canela do rapaz.

Ele grita de dor (mas de alguma forma é uma dor *divertida*, o que a enfurece ainda mais, porque foi mesmo um pontapé forte) e inclina-se para ver o ferimento. Isso deixa-o à altura dela, e Barbara agarra o seu precioso retângulo de plástico amarelo. Vira-se, a saia a rodopiar com o movimento, e corre para a rua.

— *Querida, cuidado!* — grita a mulher de voz rouca.

Barbara ouve o chiar de travões e sente o cheiro a borracha queimada. Olha para a esquerda e vê uma carrinha a vir direita a ela, com a frente a virar para a esquerda quando o condutor carrega no travão. Atrás do para-brisas sujo, vê apenas olhos consternados e uma boca aberta. Levanta as mãos e larga o *Zappit*. Naquele momento, a última coisa no mundo que Barbara Robinson quer é morrer, mas ali está ela, na rua, afinal, e é demasiado tarde.

A minha boleia chegou, pensa.

9

Brady desliga o *Zappit* e olha para Babineau com um grande sorriso.

— Apanhei-a. — As palavras saem claras, nada pastosas. — Vamos ver como Hodges e o pretinho de Harvard vão reagir a isso.

Babineau tem uma boa ideia de quem *ela* é e acha que deveria importar-se, mas não se importa. Só quer salvar a própria pele. Como permitiu que Brady o metesse naquilo? Quando deixou de ter escolha?

— É por causa do Hodges que estou aqui. Tenho quase a certeza de que vem a caminho. Para o ver.

— O Hodges já cá veio muitas vezes — diz Brady, apesar de ser verdade que o velho Det.-Ref. não aparece há um tempo. — Nunca desconfia da atuação de catatonia.

— Começa a notar. Não é estúpido, você mesmo o disse. Conhecia o Z-Boy quando ele era apenas Brooks? Deve tê-lo visto aqui quando vinha visitá-lo.

— Não faço ideia. — Brady está exausto, saciado. O que realmente deseja agora é saborear a morte da rapariga e dormir uma sesta. Ainda há muito a fazer, coisas grandiosas estão em marcha, mas de momento precisa de descansar.

— Ele não pode vê-lo assim — afirma Babineau. — Tem a pele corada e está coberto de suor. Parece uma pessoa que acabou de correr uma maratona.

— Então não o deixe entrar. Pode fazer isso. É médico, e ele é só mais um abutre a viver da pensão. Atualmente, não tem sequer autoridade para multar um carro num parquímetro expirado. — Brady pergunta a si mesmo como irá o preto receber a notícia. *Jerome*. Será que vai chorar? Cair de joelhos? Arrancar a roupa e bater no peito?

Vai culpar Hodges? Improvável, mas seria maravilhoso. Seria perfeito.

— Está bem — diz Babineau. — Sim, tem razão, posso fazer isso. — Está a falar consigo mesmo tanto como com o homem que devia ser a sua cobaia. Que piada, não é verdade? — Por enquanto, pelo menos. Mas ele ainda deve ter amigos na polícia, sabe. Provavelmente bastantes.

— Não tenho medo dos amigos e não tenho medo dele. Só não quero vê-lo. Pelo menos agora. — Brady sorri. — Depois de ele saber da rapariga, *aí sim* vou querer vê-lo. Agora, vá-se embora.

Babineau, que começa finalmente a perceber quem manda ali, sai do quarto de Brady. Como sempre, é um alívio fazer isso com a sua própria identidade. Porque, sempre que volta a ser Babineau depois de ser o doutor Z, há um pouco menos de Babineau a que regressar.

10

Tanya Robinson liga para o telemóvel da filha pela quarta vez nos últimos

vinte minutos, e pela quarta vez não consegue nada além de ouvir a mensagem alegre de Barbara.

— Esquece as minhas outras mensagens — diz Tanya depois do bipe. — Ainda estou zangada, mas agora também estou morta de preocupação. Liga-me. Preciso de saber que estás bem.

Larga o telemóvel na mesa e começa a andar pela pequena área do escritório. Pensa em ligar para o marido, mas decide não o fazer ainda. Ele ficaria danado com a ideia de Barbara faltar às aulas e vai achar que é isso que ela está a fazer. A princípio, Tanya fez a mesma suposição quando a senhora Rossi, a secretária da Chapel Ridge, ligou a perguntar se Barbara estava doente. Barbara nunca se baldou às aulas, mas há sempre uma primeira vez para esse tipo de comportamento, principalmente no caso de adolescentes. Só que não o faria sozinha, e depois de conversar um pouco mais com a senhora Rossi, Tanya confirmou que as amigas mais próximas da filha tinham ido à escola.

Desde então, pensamentos mais sombrios dominam a sua mente, e uma imagem passou a assombrá-la: o painel acima da via rápida que a polícia usa para ajudar na busca de crianças desaparecidas. Imagina o nome BARBARA ROBINSON naquele painel, a piscar como o cartaz de um filme infernal.

O telefone toca as primeiras notas do «Hino à Alegria» e ela corre até ele, pensando: graças a Deus, ah, graças a Deus, vou pôr-te de castigo pelo resto do inv…

Só que não é o rosto sorridente da filha que Tanya vê no ecrã. A identificação é: POLÍCIA. O estômago dela é tomado de pavor e a bexiga afrouxa. Por um momento, não consegue sequer atender, porque o polegar não se mexe. Por fim, prime o botão verde e a música silencia-se. Tudo no escritório, principalmente a foto da família na mesa, parece demasiado intenso. O telemóvel parece flutuar até à orelha dela.

— Estou?

Ouve.

— Sim, sou eu.

Ouve, a mão livre erguendo-se para cobrir a boca e sufocar qualquer som que deseje sair. Ouve-se a perguntar:

— Tem a certeza de que é a minha filha? Barbara Rosellen Robinson?

O agente que ligou diz que sim. Tem a certeza. Encontraram a identificação dela na rua. O que não diz é que tiveram de limpar o sangue para ver o nome.

11

Hodges sabe que há alguma coisa errada assim que sai da passagem que liga o Kiner Memorial à Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas da Região dos Lagos, onde as paredes estão pintadas de um rosa calmante e música suave toca dia e noite. A rotina de sempre foi alterada, e pouco trabalho parece estar a ser feito. Carrinhos de comida foram abandonados, cheios de refeições frias de algo parecido com massa que pode ter sido a ideia do refeitório de algum prato chinês. As enfermeiras juntaram-se em pequenos grupos, murmurando em voz baixa. Uma parece estar a chorar. Dois internos cochicham entre si perto do dispensador de água. Um auxiliar fala ao telemóvel, o que é tecnicamente motivo de suspensão, mas Hodges acha que ele se irá safar; ninguém lhe presta atenção.

Pelo menos Ruth Scapelli não se encontra por perto, o que pode aumentar as suas hipóteses de ver Hartsfield. É Norma Wilmer quem está na receção, e, juntamente com Becky Helmington, Norma era a sua fonte de informações relativamente a todas as coisas relacionadas com Brady antes de Hodges deixar de visitar o quarto 217. A má notícia é que o médico de Hartsfield também está ali. Hodges nunca conseguiu cair nas graças dele, embora Deus saiba como tentou.

Hodges vai até ao dispensador de água, esperando que Babineau não o tenha visto e se afaste em breve para analisar tomografias por emissão de positrões ou

qualquer outra coisa, deixando Wilmer sozinha e abordável. Bebe um pouco de água (fazendo uma careta e pousando a mão no flanco quando se endireita) e fala com os internos.

— Passa-se alguma coisa? O dia parece estar um pouco agitado.

Eles hesitam e entreolham-se.

— Não podemos falar — diz o Interno Um. Ainda tem resquícios da acne da adolescência e parece ter uns dezassete anos. Hodges estremece ao imaginá-lo a auxiliar numa cirurgia mais difícil do que a remoção de uma farpa no polegar.

— Alguma coisa com algum paciente? Com o Hartsfield? Só pergunto porque já fui polícia, e em parte sou o responsável por metê-lo aqui.

— Hodges — diz o Interno Dois. — É o senhor?

— Sim, sou eu.

— Apanhou-o, não foi?

Hodges assente, embora, se tivesse dependido de si, Brady teria feito bem mais vítimas no auditório Mingo do que conseguira no Centro Cívico. Não, foram Holly e Jerome que impediram Brady antes que ele pudesse detonar uma quantidade absurda de explosivo plástico.

Os internos trocam outro olhar, e um deles diz:

— O Hartsfield está na mesma, a vegetar. É a enfermeira Ratched.

O Residente Dois dá-lhe uma cotovelada.

— Não digas mal dos mortos, idiota. Principalmente se a pessoa que ouve puder ter a língua solta.

Hodges passa o polegar sobre a boca, como se a selar os seus perigosos lábios.

O Interno Um parece ansioso.

— A enfermeira-chefe Scapelli, quero dizer. Suicidou-se ontem à noite.

Todas as luzes na cabeça de Hodges se acendem, e pela primeira vez desde o dia anterior esquece-se de que provavelmente vai morrer.

— Tem a certeza?

— Cortou os braços e os pulsos e esvaiu-se — diz o Dois. — Foi o que ouvi, pelo menos.

— Deixou algum bilhete?

Não fazem ideia.

Hodges segue para a receção. Babineau ainda lá está, a olhar para processos com Wilmer (que parece nervosa com a promoção de última hora), mas ele não pode esperar. Aquilo é obra de Hartsfield. Ele não sabe como, mas Brady deixou a sua marca naquela história toda. O maldito príncipe do suicídio.

Quase chama a enfermeira Wilmer pelo primeiro nome, mas o instinto impede-o de fazer isso no último segundo.

— Enfermeira Wilmer, sou o Bill Hodges. — O que ela sabe perfeitamente. — Trabalhei no caso do Centro Cívico e no do auditório Mingo. Preciso de ver o senhor Hartsfield.

Ela abre a boca, mas Babineau interrompe-a.

— Isso está fora de questão. Mesmo que o senhor Hartsfield pudesse receber visitas, o que não pode, por ordem da Procuradoria, não teria permissão para o ver. Precisa de descansar. Cada uma das suas visitas anteriores não autorizadas deu cabo disso.

— É a primeira vez que ouço tal coisa — responde Hodges com tranquilidade. — Sempre que fui vê-lo, ele limitou-se a ficar sentado, parado. Amorfo, como papas de aveia.

A cabeça de Norma Wilmer gira de um para o outro. Parece uma mulher a ver um jogo de ténis.

— Não vê o estado em que ele fica depois de o senhor sair.

As faces cobertas de barba de Babineau começam a corar. Tem olheiras escuras. Hodges lembra-se de um desenho do livro de exercícios *Viver com Jesus* da catequese, ainda na era pré-histórica em que os carros tinham barbatanas e as raparigas usavam soquetes. O médico de Brady tem a mesma expressão do homem do desenho, mas Hodges duvida que ele seja um masturbador crónico. Por outro lado, lembra-se de Becky dizer que os neurologistas muitas vezes são mais malucos que os pacientes.

— E como é esse estado? — pergunta Hodges. — Faz birrinhas psíquicas? As coisas começam a cair depois de eu sair? O autoclismo despeja-se sozinho,

por acaso?

— Ridículo. O que o senhor deixa é *destruição* psíquica, senhor Hodges. Os danos cerebrais dele não são tão graves a ponto de não saber que o senhor é obcecado por ele. De forma malevolente. Quero que se vá embora. Tivemos uma tragédia, e isso deixou muitos dos pacientes nervosos.

Hodges vê os olhos de Wilmer arregalarem-se um pouco e sabe que os pacientes capazes de entender — e poucos no Capacete são — não fazem ideia de que a enfermeira-chefe tirou a própria vida.

— Só tenho algumas perguntas para ele e depois vou-me embora.

Babineau inclina-se para a frente. Os olhos por trás dos óculos de armação dourada estão injetados.

— Ouça com atenção, senhor Hodges. Em primeiro lugar, o senhor Hartsfield não é capaz de responder às suas perguntas. Se pudesse responder a perguntas, já teria sido levado a julgamento pelos seus crimes. Em segundo lugar, o senhor já não representa a polícia. Em terceiro, se não se for embora agora, vou chamar a segurança para o acompanhar até lá fora.

— Desculpe a pergunta, mas o senhor está bem?

Babineau recua como se Hodges o tivesse ameaçado com o punho.

— *Saia daqui!*

Os pequenos grupos de funcionários param de falar e olham para eles.

— Percebido — diz Hodges. — Estou a sair. Tudo bem.

Há um recanto com máquinas de venda automática junto à entrada da passagem. O Interno Dois está ali encostado, com as mãos nos bolsos.

— Oh, pá — diz ele. — Levou um sermão e peras.

— É o que parece.

Hodges observa o conteúdo da máquina Nibble-A-Bit. Não vê nada que não lhe vá inflamar o estômago, mas tudo bem. Não tem fome.

— Meu jovem — diz sem se virar —, se quiser ganhar cinquenta dólares por fazer uma simples tarefa que não vai causar mal a ninguém, venha cá.

O Interno Dois, um tipo que parece prestes a chegar à idade adulta algures no futuro não muito distante, junta-se a ele em frente à máquina Nibble-A-Bit.

— Qual é a tarefa?

Hodges tem sempre o bloco no bolso de trás, como quando era detetive. Rabisca uma palavra — *Ligue-me* — e acrescenta o número do telemóvel.

— Entregue isto à Norma Wilmer assim que o Smaug abrir as asas e levantar voo.

O Interno Dois pega no bilhete, dobra-o e enfia-o no bolso do peito da bata. E fica ali parado, cheio de expectativa. Hodges pega na carteira. Cinquenta dólares é muita massa só para entregar um bilhete, mas ele descobriu pelo menos uma coisa boa sobre o cancro terminal: não tem de se preocupar com o orçamento.

12

Jerome Robinson equilibra algumas tábuas no ombro debaixo do sol quente do Arizona quando o telemóvel toca. Estão a construir as casas — as primeiras duas já têm a estrutura — num bairro de renda baixa, mas respeitável, no sul de Phoenix. Pousa as tábuas num carrinho de mão e tira o telemóvel do cinto, pensando que deve ser Hector Alonzo, o mestre de obras. Naquela manhã, um dos pedreiros (uma pedreira, na verdade) tropeçou e caiu numa pilha de barras de ferro. Partiu a clavícula e sofreu uma laceração feia no rosto. Alonzo levou-a para as urgências do St. Luke e nomeou Jerome mestre de obras temporário na sua ausência.

Não é o nome de Alonzo que ele vê no ecrã, mas o rosto de Holly Gibney. É uma fotografia que ele próprio tirou, apanhando-a num dos seus raros sorrisos.

— Olá, Holly, tudo bem? Vou ter de te ligar daqui a nada, a manhã aqui está uma loucura, mas…

— Tens de voltar para casa — interrompe Holly.

Parece calma, mas Jerome conhece-a há muito tempo, e naquelas cinco

palavras sente que Holly está a conter emoções fortes. O medo é a principal delas. Holly ainda é uma pessoa muito medrosa. A mãe de Jerome, que a ama muito, disse uma vez que o medo é o estado permanente de Holly.

— Para casa? Porquê? O que aconteceu? — O seu próprio medo domina-o. — Aconteceu alguma coisa ao meu pai? À minha mãe? À Barbie?

— É o Bill — responde ela. — Tem cancro. Um cancro muito mau. No pâncreas. Se não fizer tratamento, vai morrer. Provavelmente vai morrer *de qualquer maneira*, mas podia ganhar tempo, e disse-me que era só uma úlcera por causa… por causa… — Ela respira com dificuldade e Jerome faz uma careta. — *Por causa da porra do Brady Hartsfield!*

Jerome não faz ideia de qual a ligação que Brady Hartsfield pode ter com o horrível diagnóstico de Bill, mas sabe o que está a ver naquele momento: problemas. Do outro lado da área de construção, dois jovens de capacete, universitários voluntários da Habitat para a Humanidade, como Jerome, estão a dar indicações contraditórias a uma betoneira que faz marcha-atrás. Um desastre iminente.

— Holly, ligo-te daqui a cinco minutos.

— Mas vens, não vens? Diz que vens. Porque acho que não consigo falar sozinha com ele sobre isto e *ele tem de começar o tratamento agora!*

— Cinco minutos — pede ele, e desliga.

Os seus pensamentos giram tão depressa que ele fica com medo de a fricção incendiar o cérebro, e o sol intenso não está a ajudar. Bill? Com cancro? Por um lado, parece impossível, mas por outro parece *completamente* possível. Ele estava no auge da boa forma durante o caso de Pete Saubers, quando Jerome e Holly se juntaram a ele, mas vai fazer setenta anos em breve, e da última vez que Jerome o viu, antes de viajar para o Arizona em outubro, Bill não parecia muito bem. Estava demasiado magro. Demasiado pálido. Mas Jerome não pode ir a lado nenhum enquanto Hector não voltar, seria como deixar os malucos a tomar conta do manicómio. E, conhecendo os hospitais de Phoenix, onde as urgências estão sempre cheias, talvez fique ali preso até ao fim do dia.

Jerome corre para a betoneira, gritando a plenos pulmões:

— *Espere! Espere, pelo amor de Deus!*

Faz os estudantes ineptos pararem a betoneira antes que ela caia numa vala recém-aberta a menos de um metro dali. Quando está inclinado para a frente para recuperar o fôlego, o telemóvel toca de novo.

Holly, amo-te, pensa Jerome, tirando de novo o telemóvel do cinto, mas às vezes dás comigo em doido.

Só que dessa vez não é a foto de Holly que vê. É a da mãe.

Tanya está a chorar.

— Tens de vir para casa — diz ela, e Jerome só tem tempo para pensar num velho ditado do avô: *chove sempre no molhado.*

Afinal sempre é Barbie.

13

Hodges está a dirigir-se para a saída quando o telemóvel vibra. É Norma Wilmer.

— Ele já saiu? — pergunta Hodges.

Norma não precisa de perguntar a quem ele se refere.

— Sim. Agora que viu o seu paciente de ouro, pode descontrair e fazer o resto da ronda.

— Lamento o que aconteceu à enfermeira Scapelli.

É verdade. Não gostava dela, mas é verdade.

— Eu também. Ela dirigia a equipa de enfermagem como o capitão Bligh dirigia o *Bounty*, mas detesto pensar em alguém a fazer… aquilo. Ouvimos a notícia e a nossa primeira reação é dizer «ah, não, ela não, nunca». É o choque. A segunda reação é «ah, sim, faz sentido». Nunca casou, não tinha amigos chegados, pelo menos que eu soubesse, e vivia em função do trabalho. Onde toda a gente a modos que a detestava.

— Existem muitas pessoas solitárias — diz Hodges, saindo para o ar frio e virando-se para a paragem de autocarro. Abotoa o casaco com uma das mãos e começa a massajar o flanco.

— Sim. Muitas. O que posso fazer por si, senhor Hodges?

— Tenho algumas perguntas. Podemos ir beber um copo?

Há uma longa pausa. Hodges acha que ela vai recusar.

— As suas perguntas podem causar problemas ao doutor Babineau? — pergunta Norma.

— Tudo é possível, Norma.

— Isso seria bom, mas acho que lhe devo uma, mesmo assim. Por não lhe ter dado a entender que nos conhecemos desde a época da Becky Helmington. Há um bar na Revere Avenue. Tem um nome engraçado, Bar Bar Black Sheep, e a maior parte dos funcionários bebe mais perto do hospital. Consegue encontrá-lo?

— Consigo.

— Saio às cinco. Vá lá ter às cinco e meia. Gosto de um vodca martíni bem gelado.

— Vou estar à espera.

— Só não espere que eu consiga fazê-lo ver o Hartsfield. Estaria a arriscar o meu emprego. O Babineau sempre foi diferente, mas agora está demasiado estranho. Tentei contar-lhe o que aconteceu à Ruth, mas ele ignorou-me. Não é que vá importar-se quando souber.

— Não é grande fã dele, pois não?

Ela ri-se.

— Por esse comentário deve-me duas bebidas.

— Duas, então.

Hodges está a enfiar o telemóvel no bolso do casaco quando ele vibra de novo. Vê que o telefonema é de Tanya Robinson, e os seus pensamentos voam de imediato para Jerome, a construir casas no Arizona. Muitas coisas podem correr mal num estaleiro de obras.

Atende. Tanya está a chorar, de início demasiado para ele conseguir perceber o que diz, apenas que Jim está em Pittsburgh e não quer ligar-lhe enquanto não

souber mais pormenores. Hodges está na berma, com a palma da mão a tapar a outra orelha para abafar os ruídos do trânsito.

— Mais devagar. Tanya, mais devagar. É o Jerome? Aconteceu alguma coisa ao Jerome?

— Não, o Jerome está bem. Eu *liguei*-lhe. É a *Barbara*. Estava em Lowtown…

— O que estava ela a fazer em Lowtown, pelo amor de Deus, e num dia de aulas?

— Não sei! Só sei que um rapaz a empurrou e uma carrinha a atropelou! Vão levá-la para o Kiner Memorial. Vou para lá agora!

— Está a conduzir?

— Sim, o que isso tem que ver com…

— Desligue o telemóvel, Tanya. E vá devagar. Estou no Kiner agora. Espero-a nas urgências.

Ele desliga e dá meia-volta, indo num passo de corrida desajeitado até ao hospital. Pensa: este sítio é como a máfia. Sempre que penso que saí, ele puxa-me de novo para dentro.

14

Uma ambulância com as luzes a piscar está a aproximar-se de marcha-atrás de uma das entradas das urgências. Hodges vai ao seu encontro e pega na identificação da polícia que ainda tem na carteira. Quando os paramédicos tiram a maca da parte de trás, ele mostra o cartão com o polegar em cima do carimbo de APOSENTADO. Tecnicamente, fingir ser polícia é crime, e em consequência é um truque que usa pouco, mas dessa vez parece bastante apropriado.

Barbara está medicada, mas consciente. Quando vê Hodges, agarra a mão dele com força.

— Bill? Como chegou aqui tão depressa? A mãe ligou-lhe?

— Ligou. Como estás?

— Bem. Deram-me uma coisa para as dores. Disseram… disseram que tenho uma perna partida. Vou perder a temporada de básquete, mas acho que não importa, porque a minha mãe vai pôr-me de castigo até eu fazer uns vinte e cinco anos.

As lágrimas começam a escorrer dos seus olhos.

Ele não tem muito tempo, por isso as perguntas sobre o que estava a fazer na Martin Luther King Avenue, onde às vezes há quatro tiroteios por semana, vão ter de esperar. Há uma coisa mais importante.

— Barb, sabes o nome do rapaz que te empurrou para a frente da carrinha?

Ela arregala os olhos.

— Ou viste-o bem? Podes descrevê-lo?

— Empurrou…? Ah, não, Bill! Não foi isso que aconteceu!

— Senhor agente, temos de ir — diz o paramédico. — Pode interrogá-la depois.

— Espere! — grita Barbara, e tenta sentar-se. O paramédico empurra-a delicadamente de volta para a maca, e ela faz uma careta de dor, mas Hodges fica animado com o grito. Foi alto e forte.

— O que foi, Barb?

— Ele só me empurrou *depois* de eu correr para a rua! Ele empurrou-me para o lado! Acho que me salvou a vida, e fico feliz por isso. — Está a chorar muito agora, mas Hodges não acredita nem por um minuto que é por causa da perna partida. — Afinal, não quero morrer. Não sei qual era o meu *problema*!

— Temos mesmo de levá-la para fazer exames, chefe — afirma o paramédico. — Ela precisa de uma radiografia.

— Não os deixe fazer nada àquele rapaz! — grita Barbara enquanto os homens da ambulância a levam pela porta dupla. — Ele é alto! Tem olhos verdes e barbicha! Estuda na Todhunter…

Barbara desaparece, e as portas ficam a balançar para a frente e para trás depois de ela passar. Hodges sai do hospital para poder usar o telemóvel sem ser

repreendido, e liga a Tanya.

— Não sei onde está, mas venha devagar e não passe semáforos vermelhos para cá chegar. Acabaram de levar a Barbara e ela está consciente. Partiu uma perna.

— Só isso? Graças a Deus! E ferimentos internos?

— Isso só os médicos podem dizer, mas parecia bastante animada. Acho que a carrinha só a atingiu de raspão.

— Tenho de ligar ao Jerome. De certeza que lhe preguei um susto de morte. E o Jim precisa de saber.

— Ligue-lhes quando cá chegar. Agora, desligue o telemóvel.

— O *Bill* pode ligar-lhes?

— Não, Tanya, não posso. Tenho de ligar a outra pessoa.

Fica ali, a exalar plumas brancas, as pontas das orelhas a ficarem dormentes. Não quer que a outra pessoa seja Pete, porque Pete está um pouco chateado com ele, e Izzy Jaynes soberanamente chateada. Pensa nas outras opções, mas só há uma: Cassandra Sheen. Foi parceiro dela várias vezes quando Pete estava de férias, e numa ocasião quando Pete tirou seis semanas de licença por motivos pessoais. Isso foi pouco depois do divórcio, e Hodges concluiu que Pete estava num centro de reabilitação para alcoólicos, mas nunca perguntou e Pete nunca tocou no assunto.

Não tem o número do telemóvel de Cassie, portanto liga para a Divisão de Detetives e pede para lhe transferirem a chamada, esperando que ela não esteja em campo. Tem sorte. Depois de menos de dez segundos a ouvir os conselhos de McGruff, o Cão do Crime, a voz dela soa ao seu ouvido.

— É a Cassie Sheen, a rainha do *botox*?

— Billy Hodges, sua puta velha! Pensei que tinhas morrido!

Ainda não, Cassie, pensa ele.

— Adorava trocar piadas contigo, querida, mas preciso de um favor. Ainda não fecharam a esquadra da Strike Avenue, pois não?

— Não. Mas está nos planos para o ano que vem. O que faz todo o sentido. Onda de crimes em Lowtown? Que onda de crimes, não é?

— Pois, é a parte mais segura da cidade. Talvez tenham lá um rapaz detido e, se a minha informação estiver correta, o que ele merece é uma medalha.

— Sabes o nome dele?

— Não, mas sei como ele é: alto, olhos verdes, barbicha. — Conta-lhe o que Barbara disse e acrescenta: — Talvez use um casaco da Todhunter High. Os agentes responsáveis devem tê-lo detido por empurrar uma rapariga para a frente de uma carrinha. Na verdade, ele empurrou-a para o lado, pelo que a carrinha a feriu de raspão em vez de esmagá-la.

— Tens a certeza?

— Tenho. — Não é verdade, mas ele acredita em Barbara. — Descobre o nome dele e pede aos agentes para o manterem lá, está bem? Quero dar-lhe uma palavrinha.

— Acho que posso fazer isso.

— Obrigado, Cassie. Fico a dever-te uma.

Desliga e olha para o relógio. Se quer falar com o rapaz da Todhunter e honrar o seu compromisso com Norma, não vai poder perder tempo a andar de autocarro.

Uma coisa que Barbara disse repete-se na sua mente: *Afinal, não quero morrer. Não sei qual era o meu problema.*

Liga para Holly.

15

Ela está diante de loja de conveniência perto do escritório, com um maço de *Winston* numa das mãos e a puxar o celofane com a outra. Não fuma há quase cinco meses, um novo recorde, e não quer começar de novo agora, mas o que viu no computador de Bill abriu um buraco no meio de uma vida que passou os últimos cinco anos a reparar. Bill Hodges é a sua pedra de toque, o barómetro

pelo qual mede a sua capacidade de interagir com o mundo. O que é só outra maneira de dizer que ele é o barómetro como mede a sua sanidade. Tentar imaginar a vida sem ele é como estar no cimo de um arranha-céus a olhar para o passeio sessenta andares abaixo.

Quando começa a puxar a tira do celofane, o telemóvel toca. Larga o maço na mala e pega no aparelho. É ele.

Holly não diz olá. Disse a Jerome que achava que não conseguiria falar sozinha com ele sobre o que descobriu, mas agora, de pé no passeio, com o vento a soprar e ela a tremer dentro do casaco grosso, Holly não tem escolha. Sai tudo de repente.

— Mexi no teu computador, e sei que bisbilhotar é uma coisa terrível, mas não lamento. Tive de mexer, porque mentiste ao dizer que era só uma úlcera, e podes despedir-me se quiseres, não me importo, desde que os deixes resolver o teu problema.

Silêncio do outro lado da linha. Quer perguntar se ele ainda lá está, mas a boca parece congelada e o coração bate com tanta força que o sente no corpo inteiro.

Finalmente, Hodges diz:

— Hols, acho que não *pode* ser resolvido.

— Pelo menos deixa-os *tentar*!

— Adoro-te — diz ele. Ela ouve o peso na sua voz. A resignação. — Sabes isso, não sabes?

— Não sejas parvo, claro que sei — responde ela, e começa a chorar.

— Vou tentar os tratamentos, claro. Mas preciso de alguns dias antes de me internar no hospital. E, neste momento, preciso de *ti*. Podes vir buscar-me?

— Posso. — A chorar mais do que nunca, porque sabe que ele diz a verdade sobre precisar dela. E é ótimo que precisem de nós. Talvez a *melhor* coisa. — Onde estás?

Ele responde.

— E outra coisa — acrescenta.

— O quê?

— Não posso despedir-te, Holly. Não és minha funcionária, és minha sócia. Tenta lembrar-te disso.

— Bill.

— O quê?

— Não estou a fumar.

— Que bom, Holly. Agora vem buscar-me. Vou estar à espera no vestíbulo. Faz frio lá fora.

— Irei o mais depressa que conseguir mantendo o limite de velocidade.

Ela apressa-se até ao estacionamento da esquina, onde deixa o carro. No caminho, larga o maço de tabaco fechado no lixo.

16

Hodges resume a Holly a sua visita ao Capacete a caminho da esquadra da Strike Avenue, começando pela notícia do suicídio de Ruth Scapelli e terminando com o que Barbara disse antes de a levarem para dentro.

— Sei o que estás a pensar — diz Holly. — Porque também estou a pensar isso. Que tudo aponta para o Brady Hartsfield.

— O príncipe do suicídio. — Hodges tomara mais dois analgésicos enquanto esperava por Holly e sente-se bem. — É a alcunha que inventei. Soa bem, não achas?

— Acho que sim. Mas disseste-me uma coisa certa vez. — Ela está sentada muito direita atrás do volante do *Prius*, com os olhos a ir de um lado para o outro enquanto entram em Lowtown. Guina para evitar um carrinho de compras que alguém abandonou no meio da rua. — Disseste que coincidências não são a mesma coisa que conspiração. Lembras-te de ter dito isso?

— Lembro. — É uma das suas frases favoritas. Tem umas quantas.

— Disseste que podes investigar uma conspiração para sempre e não chegar

a lado algum se for apenas uma série de coincidências seguidas. Se não conseguires descobrir nada de concreto nos próximos dois dias, se não *conseguirmos*, tens de desistir e começar o tratamento. Promete.

— Pode demorar um pouco mais a…

Ela interrompe-o.

— O Jerome vai voltar e ajudar. Será como nos velhos tempos.

Hodges lembra-se do título de um velho livro policial, *O Último Caso de Trent*, e sorri um pouco. Ela apercebe-se pelo canto do olho, encara isso como uma concordância e sorri-lhe, aliviada.

— Quatro dias — diz Hodges.

— Três. Não mais do que isso. Porque cada dia que ignoras o que está a acontecer dentro de ti, as tuas hipóteses diminuem. E já são pequenas. Então nem penses em regatear, Bill. És melhor do que isso.

— Tudo bem — diz ele. — Três dias. Se o Jerome ajudar.

— Irá ajudar. E vamos tentar resolver tudo em dois dias.

17

A esquadra da Strike Avenue parece um castelo medieval num país em que o rei foi deposto e impera a anarquia. As janelas têm grades grossas; o estacionamento é protegido por uma vedação de arame e barreiras de betão. Há câmaras a apontar para várias direções, cobrindo todos os ângulos, e ainda assim o prédio de pedra cinzenta foi salpicado de símbolos de gangues e um dos globos pendurados acima da porta principal está partido.

Hodges e Holly esvaziam os bolsos e a mala dela para cestos de plástico e passam por um detetor de metais que apita reprovador ao relógio de pulso de Hodges. Holly senta-se num banco no vestíbulo principal (que também é vigiado por múltiplas câmaras) e abre o *iPad*. Hodges vai até à receção, expõe a razão da

sua visita e depois de alguns minutos é recebido por um detetive magro de cabelo grisalho que dá uns ares a Lester Freamon de *The Wire*, a única série policial que Hodges consegue ver sem ter vontade de vomitar.

— Jack Higgins — diz o detetive, estendendo a mão. — Como o escritor, só que negro.

Hodges aperta-lhe a mão e apresenta Holly, que acena e o cumprimenta baixinho antes de voltar a atenção para o *iPad*.

— Acho que me lembro de si — diz Hodges. — Costumava estar na esquadra da Marlborough Street, não é verdade? Quando ainda andava de uniforme?

— Há muito tempo, quando ainda era jovem e insolente. Também me lembro de si. Apanhou o tipo que matou aquelas duas mulheres no parque McCarron.

— Foi um esforço coletivo, detetive Higgins.

— Trate-me por Jack. A Cassie Sheen ligou. Temos o seu rapaz numa sala de interrogatórios. Chama-se Dereece Neville. — Higgins soletra o primeiro nome. — Íamos soltá-lo, de qualquer forma. Várias pessoas que presenciaram o acidente corroboram a história dele: estava a conversar com a rapariga, ela ofendeu-se e correu para a estrada. O Neville viu a carrinha aproximar-se e correu atrás da rapariga, tentou afastá-la para o lado, conseguiu mais ou menos. Além disso, praticamente toda a gente aqui o conhece. É a estrela da equipa de básquete da Todhunter, deve conseguir uma bolsa de estudos numa faculdade da primeira divisão. Ótimas notas, aluno do quadro de honra.

— E o que estava o senhor Boas Notas a fazer fora da escola num dia de aulas?

— Ah, estavam todos na rua. O aquecimento da escola avariou-se de novo. É a terceira vez neste inverno, e ainda só estamos em janeiro. O presidente da Câmara diz que está tudo bem em Lowtown, que o bairro tem muitas ofertas de emprego, muita prosperidade, muita gente alegre e feliz. Iremos vê-lo quando ele concorrer para à reeleição, naquele seu SUV blindado.

— O jovem Neville magoou-se?

— Arranhou as palmas das mãos, mais nada. Segundo uma senhora do outro

lado da rua, a pessoa mais próxima do local, ele empurrou a rapariga e, citando-a, «voou por cima dela como um pássaro enorme».

— Ele sabe que pode ir-se embora quando quiser?

— Sabe, mas concordou em ficar. Quer saber se a rapariga está bem. Venha. Fale com ele e depois libertamo-lo. A não ser que veja algum motivo para não o fazermos.

Hodges sorri.

— Só aqui estou por causa da menina Robinson. Deixe-me fazer-lhe umas perguntas, e depois não o chateamos mais.

18

A sala de interrogatórios é pequena e sufocante, com os canos do sistema de aquecimento a emitir estalidos no teto. Mas deve ser a melhor da esquadra, porque tem um pequeno sofá e não a mesa com a argola para as algemas a destacar-se como um punho de aço. O sofá foi remendado com fita adesiva em alguns pontos e faz Hodges pensar no homem que Nancy Alderson disse ter visto em Hilltop Court, o da parca remendada.

Dereece Neville está sentado no sofá. De calças beges e camisa branca, parece elegante e bem arranjado. A barbicha e o fio de ouro ao pescoço são os únicos toques de estilo. O casaco da escola está dobrado num dos braços do sofá. Levanta-se quando Hodges e Higgins entram e estende a mão de dedos compridos criada expressamente para trabalhar com uma bola de básquete. A base da palma da mão está cor de laranja devido ao antisséptico.

Hodges aperta-lhe a mão com cuidado, prestando atenção aos arranhões, e apresenta-se.

— Não está em apuros, senhor Neville. Na verdade, a Barbara Robinson mandou-me vir aqui para lhe agradecer e ter a certeza de que estava bem. Sou

amigo dela e da família há bastante tempo.

— E *ela* está bem?

— Partiu a perna — responde Hodges, puxando uma cadeira. Leva a mão ao flanco e pressiona. — Podia ter sido muito pior. Aposto que estará de volta ao campo de futebol no próximo ano. Sente-se, sente-se.

Quando Neville se senta, os joelhos dele parecem chegar quase à altura do queixo.

— A culpa foi minha, de certa forma. Não devia estar a brincar com ela, mas achei-a tão gira e isso. Ainda assim… não sou pitosga. — Faz uma pausa e corrige-se. — Não sou cego. O que tinha ela consumido? Sabe?

Hodges franze a testa. Nunca lhe passara pela cabeça a possibilidade de Barbara estar drogada, embora devesse; afinal, ela é uma adolescente, e aqueles são os Anos da Experimentação. Mas ele janta com os Robinson três ou quatro vezes por mês e nunca viu nenhum sinal de que ela pudesse estar envolvida com drogas. Talvez esteja demasiado próximo. Ou seja demasiado velho.

— O que o fez pensar que ela tinha consumido alguma coisa?

— Ela encontrar-se ali, para começar. E com o uniforme de Chapel Ridge; conheço-o porque jogamos com eles duas vezes por ano. Ganhamos sempre. E ela parecia meio tonta. Ali parada na berma perto do Mamma Stars, aquele sítio onde se vai ler a sina, com cara de quem estava prestes a atirar-se para o meio dos carros. — Encolhe os ombros. — Então comecei a falar com ela, a provocá-la sobre atravessar fora da passadeira. Ela irritou-se e armou-se em Kitty Pryde comigo. Achei isso giro, então… — Olha para Higgins e depois para Hodges. — Esta é a parte da culpa, e estou a ser franco convosco, *okay*?

— *Okay* — diz Hodges.

— Bom… tirei-lhe o jogo. Só na brincadeira, estão a ver. Segurei a consola acima da cabeça. Não tencionava ficar com aquilo. E ela deu-me um pontapé, com bastante força para rapariga, e tirou-ma. Nesse momento não parecia nada drogada.

— Como parecia, Dereece? — A mudança para o primeiro nome do rapaz é automática.

— Ah, *furiosa*! Mas também assustada. Como se tivesse acabado de dar-se conta de onde estava, numa rua a que raparigas como ela, raparigas com uniformes de escolas particulares, nunca vão, principalmente sozinhas. A Martin Luther King Avenue? Caramba, pelo amor de Deus. — Inclina-se para a frente, com as mãos de dedos longos presas entre os joelhos, a expressão sincera. — Ela não sabia que eu estava só a brincar, percebem? Entrou em pânico, estão a ver?

— Sim — diz Hodges, e apesar de parecer concentrado (pelo menos é o que espera), entrou em piloto automático por um momento, preso numa coisa que Neville acabou de dizer: *Tirei-lhe o jogo.* Parte dele pensa que não pode haver ligação entre esse caso e o de Ellerton e Stover. A outra parte, a maior, pensa que deve haver, o encaixe é perfeito. — Isso deve tê-lo feito sentir-se mal.

Neville levanta as palmas das mãos arranhadas num gesto filosófico que diz *O que se pode fazer?*

— É este sítio, meu. É Lowtown. Ela saiu das nuvens e percebeu onde estava, só isso. Tenciono sair daqui assim que puder. *Enquanto* puder. Vou jogar na primeira divisão, tirar notas altas para poder conseguir um emprego se não for suficientemente bom para chegar a profissional. Depois, tiro a minha família daqui. Somos só eu, a minha mãe e os meus dois irmãos. É graças à minha mãe que cheguei onde cheguei. Ela nunca deixou a gente brincar com a merda. — Pensa no que acabou de dizer e ri-se. — Se ela me ouvisse dizer asneiras, passava-se!

O rapaz é demasiado bom para ser verdade. Mas é. Hodges tem a certeza, e não gosta de pensar no que poderia ter acontecido à irmã de Jerome se Dereece Neville estivesse na escola hoje.

— Fizeste mal em provocar a rapariga, mas devo dizer que depois te redimiste — intervém Higgins. — Vais pensar no que quase aconteceu se voltares a ter vontade de fazer uma coisa igual?

— Sim, senhor, vou.

Higgins levanta a mão. Em vez de lhe dar uma palmada, Neville toca nela com delicadeza, com um sorriso levemente sarcástico. É um bom rapaz, mas ainda estão em Lowtown, e Higgins ainda é polícia.

Higgins levanta-se.

— Já estamos despachados, detetive Hodges?

Hodges assente com apreciação pelo uso do antigo título, mas não terminou ainda.

— Quase. Que tipo de jogo era, Dereece?

— Antigo. — Sem hesitação. — Uma espécie de *Game Boy*, mas o meu irmão mais novo teve um, a nossa mãe comprou-o em saldo, ou lá como foi, e o que a rapariga tinha não era igual. Era amarelo. Não propriamente a cor favorita das raparigas. Das que eu conheço, pelo menos.

— Viste o ecrã?

— Só de relance. Tinha uma data de peixes a nadar.

— Obrigado, Dereece. Tens a certeza de que ela estava drogada? Numa escala de um a dez, sendo dez cem por cento de certeza.

— Bom, eu diria cinco. Teria dito dez quando me aproximei dela, porque se comportou como se fosse atravessar a rua, e havia um jipe a aproximar-se, bastante maior do que a carrinha que lhe bateu de raspão. Não achei que fosse coca ou metanfetamina ou ácido, mas uma coisa mais leve, como *ecstasy* ou erva.

— Mas quando começaste a brincar com ela? Quando lhe tiraste o jogo?

Dereece Neville revira os olhos.

— Meu, ela acordou *num instante*.

— Muito bem — diz Hodges. — Terminámos. Obrigado.

Higgins também agradece, e Hodges e ele vão na direção da porta.

— Detetive Hodges. — Neville está novamente de pé, e Hodges tem de inclinar o pescoço para olhar para ele. — Se eu lhe der o meu número de telefone, será que lho pode entregar?

Hodges pensa um pouco, tira a caneta do bolso da camisa e entrega-a ao rapaz alto que provavelmente salvou a vida de Barbara Robinson.

19

Holly conduz o *Prius* até à Lower Marlborough Street. No caminho, Hodges conta-lhe a conversa que teve com Dereece Neville.

— Se isto fosse um filme, eles apaixonavam-se — diz Holly quando ele termina. A sua voz soa melancólica.

— A vida não é um filme, Hol… Holly. — Refreia-se no último segundo para não dizer *Hollyberry*. Não é dia para frivolidades.

— Eu sei — diz ela. — É por isso que gosto de os ver.

— Sabes se havia *Zappits* amarelos?

Como costuma acontecer, Holly tem a resposta na ponta da língua.

— Existiam em dez cores, e amarelo era uma delas, sim.

— Estás a pensar o mesmo que eu? Que há uma ligação entre o que aconteceu à Barbara e o que aconteceu àquelas mulheres em Hilltop Court?

— Não sei *o que* estou a pensar. Gostava que nos pudéssemos sentar com o Jerome como fizemos quando o Pete Saubers se meteu em apuros. Apenas sentar e conversar.

— Se o Jerome chegar hoje e a Barbara estiver mesmo fora de perigo, talvez possamos fazer isso amanhã.

— Amanhã é o teu segundo dia — diz Holly ao parar o carro diante do parque de estacionamento do costume. — O segundo de três.

— Holly…

— Não! — diz ela com veemência. — Nem sequer comeces! Prometeste! — Põe o carro em ponto-morto e vira-se para olhar para ele. — Achas que o Hartsfield está a fingir, não achas?

— Sim. Talvez não desde a primeira vez que abriu os olhos e perguntou pela querida mãezinha, mas acho que melhorou muito depois disso. Talvez completamente. Finge estar semicatatónico para não ir a julgamento. Se bem que seria normal que o Babineau descobrisse. Devem ter exames, encefalogramas e coisas…

— Isso não importa. Se o Hartsfield estiver consciente e descobrisse que atrasaste o tratamento e morreste por causa dele, como achas que se sentiria?

Hodges não responde, por isso Holly responde por ele.

— Sentir-se-ia feliz, feliz, feliz! Maravilhado, *extasiado*!

— Muito bem — diz Hodges. — Percebi. O resto de hoje e mais dois dias. Mas esquece a minha situação por um minuto. Se ele tem alguma influência além daquele quarto de hospital… é assustador.

— Eu sei. E ninguém acreditaria em nós. Isso também é assustador. Mas nada me assusta tanto como a ideia da tua morte.

Ele tem vontade de abraçá-la, mas Holly arvorou uma das muitas expressões repelentes de abraços, então olha para o relógio.

— Tenho um compromisso e não quero deixar a senhora à espera.

— Vou para o hospital. Mesmo que não me deixem ver a Barbara, a Tanya estará lá, e acho que vai gostar de ver um rosto amigo.

— Boa ideia. Mas, antes de ires, queria que tentasses encontrar o nome do administrador de insolvência da Sunrise Solutions.

— Chama Todd Schneider. Trabalha numa firma de advogados com seis nomes. O escritório fica em Nova Iorque. Encontrei-o enquanto conversavas com o senhor Neville.

— Fizeste isso no *iPad*?

— Sim.

— És um génio, Holly.

— Não, é só pesquisa informática. Tu é que tiveste a esperteza de pensar nisso. Posso ligar-lhe, se quiseres.

O rosto dela mostra o quanto teme a perspetiva.

— Não é preciso. Liga para o escritório dele e vê se consegues marcar uma conversa telefónica comigo. O mais cedo possível amanhã.

Ela sorri.

— Está bem. — Mas o sorriso esmorece. Aponta para a barriga dele. — Dói muito?

— Só um pouco. — Por enquanto, é verdade. — O ataque cardíaco foi pior.

— Também é verdade, mas pode não continuar a ser por muito tempo. — Se conseguires ver a Barbara, dá-lhe um beijo meu.

— Darei.

Holly vê-o dirigir-se ao seu carro e repara na forma como a mão esquerda pousa no flanco depois de levantar a gola do casaco. A cena deixa-a com vontade de chorar. Ou talvez de gritar de fúria. A vida é muito injusta. Ela sabe isso desde o secundário, quando era alvo de piadas, mas às vezes ainda se surpreende. Não devia, mas surpreende-se.

20

Hodges atravessa a cidade e mexe no rádio, à procura de um bom *rock'n'roll*. Encontra os Knack na BAM-100 a cantar «My Sharona», e aumenta o volume. Quando a música termina, o DJ começa a falar de uma tempestade que se aproxima de leste, vinda das montanhas Rochosas.

Hodges não presta atenção. Está a pensar em Brady e na primeira vez que viu uma daquelas consolas *Zappit*. O Al da Biblioteca distribuía-as com jornais, livros e *Kindles*. Qual era o apelido dele? Hodges não consegue lembrar-se. Se é que alguma vez o soube.

Quando chega ao bar com o nome engraçado, encontra Norma Wilmer sentada a uma mesa ao fundo, longe do grupo agitado de executivos a gritar e a dar palmadas nas costas uns dos outros enquanto competem por bebidas ao balcão. Norma trocou o uniforme de enfermeira por um calça-casaco verde-escuro e saltos baixos. Já tem uma bebida à frente.

— Eu é que ia comprar isso — diz Hodges, sentando-se à frente dela.

— Não se preocupe — diz ela. — Limitei-me a pedir a bebida; quem paga é você.

— Com certeza.

— O Babineau não pode despedir-me nem mandar transferir-me se alguém me vir a falar consigo, mas podia dificultar-me a vida. Claro, eu também podia dificultar a dele.

— A sério?

— A sério. Acho que ele anda a fazer experiências com o seu velho amigo Brady Hartsfield. A dar-lhe comprimidos com sabe Deus o quê. Injeções também. Vitaminas, diz ele.

Hodges olha para ela, surpreendido.

— Há quanto tempo acontece isso?

— Anos. Foi um dos motivos para a Becky Helmington ter pedido transferência. Não queria estar no centro da confusão se o Babineau lhe desse a vitamina errada e o matasse.

A empregada aproxima-se. Hodges pede uma *Coca-Cola*.

Norma ri-se.

— *Coca-Cola*? A sério? Não vai honrar as calças que veste?

— No que se refere ao álcool, já bebi mais do que a senhora conseguiria beber durante toda a vida, minha cara — responde Hodges. — Que diabo anda o Babineau a tramar?

Ela encolhe os ombros.

— Não faço ideia. Mas não seria o primeiro médico a fazer experiências com alguém com quem o mundo não se rala. Já ouviu falar no estudo de Tuskegee sobre a sífilis? O governo dos Estados Unidos usou quatrocentos negros como cobaias. O estudo durou quarenta anos, e, tanto quanto sei, nenhum *deles* atropelou um bando de pessoas indefesas. — Dirige a Hodges um sorriso de esguelha. — Investigue o Babineau. Arranje-lhe problemas. Desafio-o a isso.

— É no Hartsfield que estou interessado, mas por aquilo que me está a dizer, não ficaria admirado se o Babineau acabasse como um dano colateral.

— Então vivam os danos colaterais. — Soa a *danj clateraij*, e Hodges deduz que Norma não vai na primeira bebida. Afinal, ele é um detetive experiente.

Quando a empregada traz a *Coca-Cola*, Norma emborca o resto da sua bebida e levanta o copo.

— Quero outro, e como o cavalheiro paga, quero um duplo. — A empregada pega no copo e afasta-se. Norma volta a atenção para Hodges. — Disse que tem perguntas. Faça-as enquanto ainda consigo responder. A minha boca está um pouco dormente e só irá piorar.

— Quem está na lista de visitas do Brady Hartsfield?

Norma franze a testa.

— Lista de *visitas*? Está a brincar? Quem disse que ele tinha uma lista de visitas?

— A falecida Ruth Scapelli, logo depois de substituir a Becky como enfermeira-chefe. Ofereci-lhe cinquenta dólares por quaisquer rumores que ouvisse sobre ele, que era o que eu pagava à Becky na altura, e ela reagiu como se eu lhe tivesse mijado nos sapatos. A seguir, disse: «O senhor nem sequer está na lista de visitas dele.»

— Ah.

— E ainda hoje o Babineau disse…

— Uma merda qualquer sobre a Procuradoria. Eu ouvi, Bill. Estava lá.

A empregada pousa a nova bebida de Norma diante dela, e Hodges sabe que é melhor terminar aquela reunião depressa, antes que Norma comece a encher-lhe os ouvidos com as suas penas, desde não ser apreciada no trabalho à triste vida amorosa sem amor. Quando as enfermeiras bebem, têm tendência para se emborrachar. São como os chuis, nesse aspeto.

— A senhora trabalha no Capacete desde que comecei a ir lá…

— Há bastante mais tempo. Doze anos. — *Anochh*. Ela levanta o copo num brinde e emborca metade da bebida. — E agora fui promovida a enfermeira-chefe, pelo menos temporariamente. O dobro da responsabilidade com o mesmo salário de sempre, sem dúvida.

— Viu alguém da Procuradoria nos últimos tempos?

— Não. Havia um regimento de advogados no início, e de médicos a desunharem-se para declarar o filho da puta capaz, mas foram-se embora desanimados assim que o viram a babar-se e a tentar pegar numa colher. Voltaram algumas vezes para verificar, cada vez com menos advogados, mas não

nos últimos tempos. Para eles, o Hartsfield é um vegetal. Fim de conversa.

— Então, não lhe ligam.

E porque ligariam? A não ser por alguma retrospetiva ocasional nos dias em que há poucas notícias, o interesse por Brady Hartsfield morreu. Há sempre carniça nova à disposição.

— Sabe que não. — Uma madeixa de cabelo cai-lhe sobre os olhos. Ela sopra-a para cima. — Alguém tentou impedi-lo de entrar, sempre que foi visitá-lo?

Não, pensa Hodges, *mas há ano e meio que não vou lá*.

— Se *houvesse* uma lista de visitas…

— Seria do Babineau, não da Procuradoria. Quando se trata do Assassino do Mercedes, a Procuradoria está-se nas tintas

— Hã?

— Esqueça.

— Importava-se de verificar se essa lista existe? Agora que foi promovida a enfermeira-chefe?

Ela pensa.

— Não deve estar no computador, seria demasiado fácil, mas a Scapelli tinha algumas pastas trancadas numa gaveta da secretária. Era muito boa a descobrir quem é bom e quem é maroto. Se eu encontrar alguma coisa, a informação valeria vinte dólares para si?

— Cinquenta, se me ligar amanhã. — Hodges não sabe se ela irá sequer lembrar-se daquela conversa amanhã. — O tempo urge.

— Se essa lista existir, deve ser só fruto da arrogância, sabe? O Babineau gosta de guardar o Hartsfield só para si.

— Mas vai verificar?

— Vou, porque não? Sei onde ela esconde a chave da gaveta. Merda, a maioria das enfermeiras do andar sabe. É difícil habituar-me à ideia de que a enfermeira Ratched está morta.

Hodges assente.

— Sabia que ele consegue mover coisas? Sem tocar nelas? — Norma não

olha para ele; está a fazer anéis na mesa com o fundo do copo. Parece tentar reproduzir o logótipo dos Jogos Olímpicos.

— O Hartsfield?

— De quem estamos a falar? Sim. Ele faz isso para assustar as enfermeiras. — Levanta a cabeça. — Estou bêbeda, portanto vou dizer-lhe uma coisa que nunca diria sóbria. Queria que o Babineau o *matasse*. Que lhe desse uma dose de alguma coisa muito tóxica e o Hartsfield batesse a bota. Porque ele me assusta. — Faz uma pausa e acrescenta: — Assusta-nos a todos.

21

Holly consegue falar com o assistente pessoal de Todd Schneider quando ele se prepara para terminar o dia de trabalho e ir para casa. O assistente diz que o senhor Schneider deve estar disponível entre as oito e meia e as nove horas do dia seguinte. Depois disso, tem reuniões o dia todo.

Holly desliga, lava o rosto suado no pequeno lavatório, reaplica desodorizante, tranca o escritório e vai para o Kiner Memorial a tempo de apanhar o pior da hora de ponta da tarde. Quando chega são seis horas, e já é de noite. A mulher da receção verifica no computador e diz que Barbara Robinson está no quarto 528 da ala B.

— Isso fica nos Cuidados Intensivos? — pergunta Holly.

— Não, minha senhora.

— Que bom — diz Holly, e segue pelo corredor, os sapatos sóbrios de salto baixo a ecoar.

As portas do elevador abrem-se no quinto andar e ali, à espera para entrar, estão os pais de Barbara. Tanya tem o telemóvel na mão e olha para Holly como se ela fosse um fantasma. Jim Robinson resmunga «raios me partam».

Holly encolhe-se um pouco.

— O que foi? Porque me olham assim? Que se passa?

— Nada — responde Tanya. — É que eu ia ligar-te…

As portas do elevador começam a fechar-se. Jim estica o braço, e elas abrem-se de novo. Holly sai.

— … assim que chegasse lá abaixo — conclui Tanya, e aponta para uma placa na parede. Tem a imagem de um telemóvel com uma linha vermelha em cima, na diagonal.

— Ias? Porquê? Pensei que era só uma perna partida, quer dizer, sei que partir uma perna é sério, claro, mas…

— Ela está acordada e está bem — interrompe Jim, mas ele e Tanya trocam um olhar que sugere que isso não é bem verdade. — Foi uma fratura simples, na verdade, mas encontraram um galo feio na parte de trás da cabeça e decidiram que ela devia passar a noite em observação por uma questão de segurança. O médico que lhe tratou a perna disse que tem noventa e nove por cento de certeza de que ela vai estar pronta para ir para casa amanhã de manhã.

— Fizeram-lhe um exame toxicológico — diz Tanya. — Não havia drogas no sangue dela. Não fiquei admirada, mas foi um alívio mesmo assim.

— Então qual é o problema?

— Tudo. — Tanya parece dez anos mais velha do que quando Holly a viu pela última vez. — A mãe da Hilda Carver levou a Barb e a Hilda para a escola de carro. É a vez dela, e ela disse que a Barbara estava bem no carro. Um pouco mais calada do que de costume, mas, fora isso, normal. A Barbara disse à Hilda que tinha de ir à casa de banho, e foi a última vez que a Hilda a viu. Disse que a Barb deve ter saído por uma das portas laterais do ginásio. Os alunos chamam-lhe «portas das baldas».

— O que disse a Barbara?

— Não quis contar-nos *nada*. — A voz de Tanya treme, e Jim envolve-lhe a cintura com o braço. — Mas disse que te vai contar tudo. Era por isso que te ia ligar. Disse que és a única que vai entender.

22

Holly percorre lentamente o corredor até ao quarto 528, que fica mesmo ao fundo. Tem a cabeça baixa e está a pensar muito concentrada, por isso quase esbarra no homem que empurra o carrinho de livros bastante manuseados e *Kindles* com etiquetas a dizer PROPRIEDADE DO KINER HOSP coladas sob os ecrãs.

— Desculpe — diz Holly. — Estava distraída.

— Tudo bem — responde o Al da Biblioteca, e segue caminho. Holly não o vê parar e olhar para trás. Está a reunir toda a sua coragem para a conversa que aí vem. É capaz de se tornar emotiva, e as cenas emotivas sempre a apavoraram. O facto de adorar Barbara ajuda.

Além disso, está curiosa.

Bate à porta, que está entreaberta, e espreita lá para dentro quando ninguém responde.

— Barbara. É a Holly. Posso entrar?

Barbara esboça um sorriso fraco e pousa na cama o exemplar muito manuseado de *Jogos da Fome: A Revolta* que estava a ler. *Deve tê-lo recebido do homem do carrinho,* pensa Holly. Ela está sentada na cama, com um pijama rosa em vez da bata do hospital. Holly acha que a mãe deve ter levado o pijama juntamente com o *tablet* que vê na mesa de cabeceira de Barbara. A blusa rosa dá um pouco de vivacidade a Barbara, mas ela ainda parece atordoada. Não tem nenhum penso na cabeça, portanto o galo não deve ser assim *tão* mau. Holly pergunta a si mesma se querem Barbara ali mais uma noite por algum outro motivo. Só consegue pensar num e gostaria de acreditar que é ridículo, mas não consegue.

— Holly! Como te puseste aqui tão depressa?

— Já vinha a caminho. — Holly entra e fecha a porta. — As pessoas visitam os amigos quando eles estão no hospital, e nós somos amigas. Encontrei os teus pais junto ao elevador. Disseram que querias falar comigo.

— Sim.

— Em que posso ajudar, Barbara?

— Ah… posso perguntar-te uma coisa? É bastante pessoal.

— Tudo bem. — Holly senta-se na cadeira ao lado da cama. Com cuidado, como se a cadeira pudesse estar eletrificada.

— Sei que tiveste alturas más, quando eras mais nova. Antes de trabalhares para o Bill.

— Sim — responde Holly. A luz do teto não está acesa, apenas o candeeiro na mesa de cabeceira. O seu brilho envolve-as e cria uma atmosfera agradável. — Bastante más.

— Alguma vez tentaste matar-te? — Barbara dá uma gargalhada curta e nervosa. — Eu disse que era pessoal.

— Duas vezes. — Holly responde sem hesitar. Está surpreendentemente calma. — Da primeira vez, tinha mais ou menos a tua idade. Na escola, os colegas eram maus para mim e chamavam-me nomes feios. Não aguentei. Mas não me esforcei muito. Tomei um monte de aspirinas e descongestionantes.

— Esforçaste-te mais da segunda vez?

É uma pergunta difícil, e Holly pensa bem.

— Sim e não. Foi logo a seguir a ter problemas com o meu chefe, aquilo a que hoje em dia chamam assédio sexual. Na altura, não chamavam nada. Eu estava na casa dos vinte. Tomei comprimidos mais fortes, mas ainda não o suficiente, e parte de mim sabia isso. Eu estava muito instável na época, mas não era burra, e a parte de mim que não era burra queria viver. Entre outras razões porque sabia que o Martin Scorsese faria mais filmes, e queria vê-los. O Martin Scorsese é o melhor realizador vivo. Faz filmes compridos como livros. A maioria dos filmes parece contos.

— O teu chefe, tipo, *atacou-te*?

— Não quero falar disso e não importa. — Holly também não quer levantar o rosto, mas lembra a si mesma que está a falar com Barbara e obriga-se a fazer isso. Porque Barbara tem sido uma boa amiga apesar de todos os seus tiques e problemas. E agora está numa situação difícil. — Os motivos nunca importam, porque o suicídio vai contra todos os instintos humanos, e isso converte-o numa

loucura.

Exceto em alguns casos, pensa ela. Em certos casos terminais. Mas o Bill não se encontra em estado terminal.

Não vou deixá-lo chegar a esse ponto.

— Percebo o que queres dizer. — Barbara vira a cabeça de um lado para o outro na almofada. À luz do candeeiro, as lágrimas cintilam no seu rosto. — Sei.

— Era por isso que estavas em Lowtown? Para te matares?

Barbara fecha os olhos, mas as lágrimas atravessam as pestanas.

— Acho que não. Pelo menos, de início. Fui lá porque a voz me mandou. O meu amigo. — Faz uma pausa e pensa. — Mas ele não era meu amigo, afinal de contas. Um amigo não ia querer que eu me matasse, não é?

Holly segura a mão de Barbara. Tocar em alguém é difícil para ela, mas hoje, não. Talvez seja por sentir que as duas estão protegidas naquele cantinho. Talvez seja porque é Barbara. Talvez as duas coisas.

— Que amigo é esse?

— O dos peixes — responde Barbara. — O que está dentro do jogo.

23

É Al Brooks quem empurra o carrinho cheio de livros pelo átrio do hospital (passando pelo senhor e pela senhora Robinson, que estão à espera de Holly), e é Al quem apanha outro elevador até a passagem que liga o prédio principal do hospital à Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas. É Al quem cumprimenta a enfermeira Rainier na receção, uma funcionária antiga que retribui o cumprimento sem desviar os olhos do ecrã do computador. Ainda é Al quem empurra o carrinho pelo corredor, mas quando o deixa ali e entra no quarto 217, Al Brooks desaparece e Z-Boy toma o seu lugar.

Brady está na cadeira com o *Zappit* ao colo. Não tira os olhos do ecrã. Z-Boy

tira o próprio *Zappit* do bolso esquerdo da túnica cinzenta larga e liga-o. Toca no ícone do Fishin' Hole e, no ecrã inicial, os peixes começam a nadar: vermelhos, amarelos, dourados, de vez em quando um cor-de-rosa, veloz. A música toca. E, de vez em quando, o aparelho emite uma luz intensa que ilumina as faces e os olhos dele com um brilho azulado.

Ficam assim durante quase cinco minutos, um sentado e um de pé, os dois a olhar para os peixes que nadam e a ouvir a melodia aguda. O estore da janela balança. A colcha na cama desce e sobe. Uma ou duas vezes, Z-Boy assente, indicando compreensão. E então, a mão de Brady entreabre-se e solta o aparelho. Ele desliza pelo colo, depois pelas pernas inúteis e cai no chão. A boca abre-se. As pálpebras semicerram-se. O movimento do peito dentro da camisa axadrezada torna-se impercetível.

Os ombros de Z-Boy endireitam-se. Ele sacode-se, desliga o *Zappit* e guarda o aparelho de novo no bolso de trás. Do bolso direito tira um *iPhone*. Uma pessoa com conhecimento informático considerável modificou-o com várias aplicações de segurança de última geração, e desativou o GPS. Não há nomes na pasta de contactos, só iniciais. Z-Boy clica em FL.

O telefone toca duas vezes, e FL atende com um sotaque russo falso.

— Daqui agente Zippity-Du-Dá, camarada. Aguardo instruções.

— Não foste paga para fazer piadas foleiras.

Silêncio. E então:

— Tudo bem. Nada de piadas.

— Vamos seguir com o plano.

— Vamos seguir com o plano quando eu receber o resto do meu dinheiro.

— Vais recebê-lo esta noite e começar a trabalhar imediatamente.

— Entendido — diz FL. — Para a próxima dá-me uma tarefa difícil.

Não vai haver uma próxima, pensa Z-Boy.

— Não dês cabo disto.

— Não darei. Mas não trabalho enquanto não receber a massa.

— Irás receber.

Z-Boy desliga, guarda o telemóvel no bolso e sai do quarto de Brady. Passa

pela receção e pela enfermeira Rainier, que ainda está absorta no computador. Deixa o carrinho perto das máquinas de venda automática e atravessa a passagem. Anda com determinação, como um homem bastante mais jovem.

Dali a uma hora ou duas, Rainier ou uma das outras enfermeiras vai encontrar Brady Hartsfield caído na cadeira ou no chão, em cima do *Zappit*. Ninguém vai ficar muito preocupado; ele ficou inconsciente muitas vezes antes e sai sempre desse estado.

O doutor Babineau diz que faz parte do processo de reinicialização, que cada vez que Hartsfield volta, está um pouco melhor. *O nosso rapaz está a ficar bom*, diz Babineau. *Podem não acreditar quando olham para ele, mas está mesmo a melhorar.*

Não sabes da missa a metade, pensa a mente que agora ocupa o corpo do Al da Biblioteca. *Não sabes nem a porra da metade. Mas começas a perceber, doutor B, não começas?*

Mais vale tarde do que nunca.

24

— O homem que me gritou na rua estava errado — diz Barbara. — Acreditei nele porque a voz me mandou acreditar, mas ele estava errado.

Holly quer saber mais coisas sobre a voz do jogo, mas Barbara pode ainda não estar pronta para falar disso. Então, pergunta que homem era esse e o que gritou ele.

— Ele chamou-me preta branca, como naquela série. Acho a série engraçada, mas ali na rua aquilo soou a ofensa. É…

— Eu conheço a série e sei como algumas pessoas usam a palavra.

— Mas eu *não* sou preta branca. Nenhum negro o é, na verdade. Nem mesmo que viva numa casa bonita numa rua boa como a Teaberry Lane. Somos

sempre negros. Achas que não sei como me olham na escola? O que dizem nas minhas costas?

— Claro que sabes — diz Holly, que já foi olhada e tema de mexericos muitas vezes no seu tempo; a sua alcunha no secundário era Monga-Monga.

— Os professores falam sobre igualdade de sexos e igualdade racial. A escola tem uma política de tolerância zero, e é a sério, pelo menos para a maioria, acho, mas qualquer pessoa pode andar pelos corredores nos intervalos das aulas e identificar facilmente os alunos negros e os alunos chineses transferidos e a aluna muçulmana, porque somos a minoria. Parecemos grãos de pimenta que caíram no saleiro sem querer.

Está a ficar animada, a voz a revelar ultraje e indignação, mas também fastio.

— Sou convidada para festas, mas há muitas para que não sou convidada, e só fui convidada para sair duas vezes. Um dos rapazes que me convidou era branco, e toda a gente se fartou de olhar quando fomos ao cinema, e alguém atrás de nós nos atirou pipocas. Acho que, no cinema, a igualdade racial acaba quando as luzes se apagam. E uma vez, quando eu estava a jogar futebol? Ia eu a driblar a bola perto da linha lateral, com abertura para tentar rematar, quando um pai branco de camisa polo grita para a filha «marca a preta!». Fingi que não ouvi. A rapariga esboçou um sorriso de gozo. Tive vontade de a deitar ao chão, ali mesmo, com o paizinho dela a assistir, mas não fiz nada. Engoli tudo. E uma vez, quando era caloura, deixei o meu livro de inglês na bancada à hora do almoço e, quando voltei para o buscar, alguém tinha enfiado um bilhete nele a dizer NAMORADA DO BUCKWHEAT[3]. Também engoli isso. Durante dias, as coisas correm bem, semanas, até, e então acontece uma coisa que tenho de engolir. É a mesma coisa com os meus pais, eu sei. Talvez seja diferente para o Jerome em Harvard, mas aposto que às vezes até ele tem de engolir certas coisas.

Holly aperta-lhe a mão, mas não diz nada.

— Não sou *preta branca*, mas a voz disse que eu era só porque não cresci numa casa camarária com um pai abusivo e uma mãe viciada em drogas. Porque nunca comi berça nem sabia exatamente o que era isso. Porque digo mortadela

em vez de *mortandela*. Porque as pessoas são pobres em Lowtown e nós vivemos bem na Teaberry Lane. Tenho um cartão de débito e a minha escola é boa e o meu irmão estuda em Harvard, mas… mas, não vês… Holly, não *vês* que eu nunca…

— Nunca tiveste escolha sobre essas coisas — completou Holly. — Nasceste onde nasceste e como nasceste, tal como eu. Tal como todos nós, na verdade. E, aos dezasseis anos, nunca te pediram para mudar nada, além da roupa.

— *Sim!* Sei que não devia sentir vergonha, mas a voz *fez-me* sentir vergonha, fez-me sentir uma parasita inútil, *e ela ainda está aqui*. Parece que deixou um rasto de gosma dentro da minha cabeça. Porque eu nunca tinha *estado* em Lowtown, e é *horrível*, e, em comparação com aquelas pessoas, *sou* mesmo uma preta branca, e tenho medo de a voz nunca mais desaparecer e a minha vida ficar *estragada*.

— Tens de sufocá-la. — Holly fala com uma certeza seca e distante.

Barbara olha para ela, surpreendida.

Holly assente.

— Sim. Tens de sufocar a voz até ela morrer. É a primeira coisa. Se não cuidares de ti, não vais conseguir melhorar. E, se não conseguires melhorar, não podes ajudar ninguém.

— Não posso voltar para a escola e fingir que Lowtown não existe — afirma Barbara. — Se vou viver, tenho de fazer alguma coisa. Jovem ou não, tenho de fazer alguma coisa.

— Estás a pensar em fazer trabalho voluntário?

— Não sei *o que* estou a pensar. Não sei o que uma rapariga como eu pode fazer. Mas vou descobrir. Porém, se precisar de lá voltar, os meus pais não vão gostar. Tens de me ajudar, Holly. Sei que é difícil para ti, mas *por favor*. Tens de lhes dizer que preciso de calar aquela voz. Mesmo que não consiga sufocá-la, talvez possa ao menos baixar-lhe o volume.

— Tudo bem — cede Holly, apesar do receio. — Vou ajudar. — Tem uma ideia, e anima-se. — Devias falar com o rapaz que te salvou.

— Não sei como encontrá-lo.

— O Bill irá ajudar — diz Holly. — Agora, fala-me do jogo.

— Está avariado. A carrinha passou-lhe por cima, vi os bocados, e ainda bem. De cada vez que fecho os olhos, vejo aqueles peixes, principalmente o peixe rosa com o número, e ouço a música.

Cantarola a melodia, mas Holly não a reconhece.

Uma enfermeira entra com um carrinho com medicamentos. Pergunta a Barbara qual é o seu nível de dor. Holly sente vergonha por não ter pensado em perguntar isso assim que entrou. De certa forma, sente-se uma pessoa má e egoísta.

— Não sei — diz Barbara. — Cinco, talvez?

A enfermeira abre uma embalagem plástica e entrega um copinho de papel a Barbara. Tem dois comprimidos lá dentro.

— As doses são calculadas para cada doente. Vais dormir que nem um bebé. Pelo menos até eu voltar para verificar as tuas pupilas.

Barbara engole os comprimidos com um pouco de água. A enfermeira diz a Holly que deve sair em breve para deixar a «nossa menina» descansar um pouco.

— Daqui a nada — diz Holly, e quando a enfermeira sai, ela inclina-se para a frente, com o rosto atento e os olhos a brilhar. — O jogo. Onde arranjaste o jogo, Barb?

— Foi um homem que mo deu. Eu estava no Birch Street Mall com a Hilda Carver.

— Quando foi isso?

— Antes do Natal, mas não muito antes. Lembro-me porque ainda não tinha encontrado uma prenda para o Jerome e começava a ficar preocupada. Vi um *blazer* bonito na Banana Republic, mas era demasiado caro; além disso, ele vai estar a construir casas até maio. Não tem muitas oportunidades de usar um *blazer* a fazer isso, não é?

— Acho que não.

— Então um homem aproximou-se quando a Hilda e eu estávamos a almoçar. Sabemos que não devemos falar com estranhos, mas já não somos crianças, e, além do mais, estávamos na praça da alimentação, com várias

pessoas em volta. E ele tinha bom ar.

Os piores normalmente têm, pensa Holly.

— Usava um fato lindo que devia ter custado *uma pipa de massa* e levava uma pasta. Disse que se chamava Myron Zakim e que trabalhava para uma empresa chamada Sunrise Solutions. Deu-nos o seu cartão. Mostrou-nos uns *Zappits*, a pasta estava cheia deles, e disse que cada uma podia ficar com um de graça se preenchêssemos um questionário e o enviássemos para a empresa. O endereço estava no questionário. Também estava no cartão.

— Por acaso lembras-te do endereço?

— Não, deitei fora o cartão. Além disso, só tinha o número de uma caixa postal.

— Em Nova Iorque?

Barbara pensa um pouco.

— Não. Aqui na cidade.

— Então vocês aceitaram os *Zappit*s.

— Sim. Não disse à minha mãe porque ela me teria dado um sermão por ter falado com o homem. Preenchi o questionário e enviei-o. A Hilda não, porque o *Zappit* dela não funcionava. Emitiu um clarão azul e morreu. Deitou-o fora. Lembro-me de ela dizer que era o que se podia esperar quando nos diziam que uma coisa era de graça. — Barbara ri. — Parecia mesmo a mãe dela!

— Mas o teu funcionava.

— Sim. Era antiquado, mas também… sabes, divertido. De início. Quem me dera que o meu tivesse vindo avariado, assim não teria ouvido a *voz*. — As pálpebras dela fecham-se, depois abrem-se lentamente. Sorri. — Eh lá! Acho que estou a flutuar.

— Não comeces já a flutuar. Consegues descrever o homem?

— Era branco, com cabelo branco. Velho.

— Muito velho ou só um pouco velho?

Os olhos de Barbara estão a ficar vidrados.

— Mais velho do que o meu pai, não tão velho como o meu avô.

— Uns sessenta?

— Acho que sim. Da idade do Bill, mais ou menos. — Os olhos dela arregalam-se de repente. — Ah! Lembrei-me de uma coisa. Achei-a estranha e a Hilda também.

— O que foi?

— Ele disse que se chamava Myron Zakim, e o cartão dizia Myron Zakim, mas as iniciais na pasta eram diferentes.

— Consegues lembrar-te de quais eram?

— Não… desculpa… — Já começou mesmo a flutuar.

— Podes pensar nisso assim que acordares, Barb? A tua cabeça estará fresca, e pode ser importante.

— Tudo bem…

— Quem me que a Hilda não tivesse deitado fora o dela — comenta Holly.

Não obtém resposta, nem espera uma; está habituada a falar sozinha. A respiração de Barbara é profunda e lenta. Holly começa a abotoar o casaco.

— A Dinah tem um — diz Barbara com a voz distante e sonhadora. — O *dela* funciona. Joga Crossy Roads nele… e Plants vs. Zombies… e também descarregou a trilogia *Divergente*, mas disse que os livros vieram todos baralhados.

Holly para de abotoar o casaco. Conhece Dinah Scott, já a viu na casa dos Robinson muitas vezes, entretida com jogos de tabuleiro ou a ver televisão, e muitas vezes a ficar para o jantar. E a babar-se por Jerome, como todas as amigas de Barbara.

— Foi o mesmo homem quem lho deu?

Barbara não responde. Mordendo o lábio, pois não quer pressionar a rapariga, mas a precisar, Holly sacode-lhe o ombro e pergunta de novo.

— Não — responde ela com a mesma voz distante. — Comprou-o no *site*.

— Que *site*, Barbara?

A resposta é um ronco. Barbara adormeceu.

25

Holly sabe que os Robinson vão estar à sua espera no átrio, portanto corre para a loja, esconde-se atrás de um expositor com ursos de peluche (Holly é ótima a esconder-se) e liga para Bill. Pergunta-lhe se conhece a amiga de Barbara, Dinah Scott.

— Claro — responde ele. — Conheço a maioria das amigas dela. As que visitam a casa, pelo menos. Tu também.

— Acho que devias ir falar com ela.

— Queres dizer hoje?

— Quero dizer agora. Ela tem um *Zappit*. — Holly respira fundo. — Eles são perigosos.

Não consegue obrigar-se a dizer aquilo em que começa a acreditar: que são máquinas de suicídio.

26

No quarto 217, os auxiliares Norm Richard e Kelly Pelham levantam Brady e levam-no até à cama enquanto Mavis Rainier supervisiona. Norm apanha o *Zappit* do chão e olha para os peixes a nadar no ecrã.

— Porque não apanha ele uma pneumonia e morre, como o resto dos vegetais? — pergunta Kelly.

— Este é demasiado desprezível para morrer — responde Mavis, depois vê Norm a olhar para os peixes. Tem os olhos arregalados e a boca aberta.

— Acorda, dorminhoco — diz ela, e tira-lhe a consola. Carrega no botão para a desligar e enfia-a na gaveta de cima da mesa de cabeceira de Brady. — Temos uma data de coisas para fazer antes de dormir.

— O quê? — Norm olha para as mãos, como se esperasse ainda segurar o

Zappit.

Kelly pergunta à enfermeira Rainier se quer medir a tensão a Hartsfield.

— O nível de oxigénio está um pouco baixo — diz.

Mavis pensa um pouco.

— Ele que se foda — responde então.

Os três saem.

27

Em Sugar Heights, o bairro mais elegante da cidade, um *Chevy Malibu* velho com manchas de primário aproxima-se de um portão fechado na Lilac Drive. Desenhadas de forma artística no ferro forjado estão as iniciais de que Barbara Robinson não conseguiu lembrar-se: FB. Z-Boy sai de trás do volante, a parca velha (com um rasgão nas costas e outro na manga esquerda remendados com fita adesiva) a agitar-se em volta dele. Digita o código no teclado, e os portões começam a abrir-se. Volta para o carro, enfia a mão debaixo do banco e tira duas coisas. Uma é uma garrafa plástica de refrigerante com o gargalo cortado. O interior foi preenchido com lã de aço. A outra é um revólver de calibre .32. Z-Boy enfia o cano da arma dentro do silenciador caseiro, outra invenção de Brady Hartsfield, e segura-a no colo. Com a mão livre, conduz o *Malibu* pelo caminho de acesso curvo.

À frente, as luzes acionadas por movimento acendem-se no alpendre.

Atrás, os portões de ferro fecham-se silenciosamente.

---

[2] Black-ish, série da ABC. (*N. da T.*)

[3] Buckwheat era o nome de uma personagem negra interpretado pelo ator Billie Thomas na série *Our Gang* dos anos de 1930. (*N. da T.*)

O AL DA BIBLIOTECA

Brady não demorou a perceber que os seus dias como ser físico estavam contados. Nasceu ignorante, mas não continuou assim.

Sim, houve fisioterapia — o doutor Babineau ordenou, e Brady não estava em posição de protestar —, mas havia um limite para o que ele podia conseguir. Acabou por ser capaz de se arrastar uns dez metros pelo corredor a que alguns pacientes chamavam «Estrada da Tortura», mas só com a ajuda da fisioterapeuta Ursula Haber, a fufa nazi que mandava no departamento.

— Só mais um passo, senhor Hartsfield — dizia Haber, e quando ele conseguia dar mais um passo, a vaca pedia mais um e depois outro. Quando Brady tinha finalmente autorização para desabar na cadeira de rodas, a tremer e encharcado em suor, gostava de se imaginar a enfiar trapos encharcados em óleo na racha da mulher e atear-lhes fogo.

— Bom trabalho! — exclamava ela. — *Bom* trabalho, senhor Hartsfield!

E se ele conseguisse gargarejar alguma coisa que se assemelhasse ligeiramente a um *obrigado*, ela olhava para quem estivesse ali perto, com um sorriso de orgulho. Olhem! O meu macaquinho de estimação consegue falar!

Ele *conseguia* falar (mais e com mais clareza do que eles imaginavam) e conseguia arrastar-se dez metros na Estrada da Tortura. Nos melhores dias, conseguia comer papas sem sujar muito a roupa. Mas não conseguia vestir-se, não conseguia atar os sapatos, não conseguia limpar-se depois de cagar, não conseguia sequer usar o comando (uma lembrança da Coisa Um e da Coisa Dois dos bons e velhos tempos) para ver televisão. Conseguia segurá-lo, mas o seu controlo motor não era suficientemente bom para manipular os pequenos botões. Se conseguisse premir o botão de ligar, era obrigado a ficar a olhar para um ecrã vazio e uma mensagem de À PROCURA DE SINAL. Isso deixava-o furioso; nos primeiros dias de 2012, *tudo* o enfurecia, mas tinha o cuidado de não o mostrar. Pessoas furiosas estavam furiosas por um motivo, e os vegetais não deviam ter motivo para nada.

Às vezes, os advogados da Procuradoria visitavam-no. Babineau protestou

contra essas visitas, disse aos advogados que estavam a atrapalhar o tratamento, o que ia contra os interesses deles a longo prazo, mas de nada adiantou.

Às vezes, iam polícias com os advogados, e uma vez um polícia foi sozinho. Era um maricas gordo com cabelo curto e sorriso fácil. Brady estava na cadeira, então o maricas gordo sentou-se na cama. Disse a Brady que a sua sobrinha estivera no concerto dos ’Round Here.

— Ela tem apenas treze anos e é doida pela banda — disse ele, rindo. Ainda a rir, inclinou-se para a frente por cima da barriga enorme e deu um soco nos tomates de Brady. — Uma pequena lembrança da minha sobrinha — disse o polícia. — Sentiste? Meu, espero que sim.

Brady sentiu, mas não tanto como o maricas gordo devia querer, porque tudo ficara meio vago entre a sua cintura e os joelhos. O circuito no cérebro que devia comandar essa área tinha ardido, achava ele. Isso normalmente seria mau, mas era bom quando se tinha de aguentar um gancho da direita nas joias da família. Ficou ali sentado, inexpressivo. Porém, fixou o nome do maricas gordo. Moretti. Foi para a sua lista.

A lista de Brady era longa.

Mantinha um certo poder sobre Sadie MacDonald em virtude daquela primeira incursão totalmente acidental no cérebro dela. (Mantinha um poder maior ainda sobre o cérebro do auxiliar idiota, mas ir até lá era como tirar férias em Lowtown.) Em várias ocasiões, Brady conseguiu levá-la até à janela, o local da primeira convulsão. Normalmente, Sadie só olhava para fora e continuava a trabalhar, o que era frustrante, mas um dia em junho de 2012 teve outra miniconvulsão. Brady viu-se a olhar pelos olhos dela novamente, mas dessa vez não se contentou em ficar no banco do pendura, apenas a ver as vistas. Dessa vez quis conduzir.

Sadie levantou as mãos e acariciou os próprios seios. Apertou-os. Brady sentiu um formigar leve entre as pernas da enfermeira. Estava a deixá-la excitada. Interessante, mas pouco útil.

Pensou em virá-la e levá-la para fora do quarto. Em seguir pelo corredor. Beber uns goles no dispensador de água.. A sua própria cadeira de rodas orgânica. Mas e se alguém falasse com ele? O que diria? E se Sadie assumisse novamente o comado quando estivesse longe dos clarões de sol e começasse a gritar que Hartsfield estava dentro dela? Achariam que tinha enlouquecido. Talvez a obrigassem a meter baixa. Se fizessem isso, Brady perderia o seu acesso a ela.

Então escavou mais na mente, vendo os pensamentos-peixes passarem a piscar de um lado para o outro. Estavam mais claros agora, mas eram quase todos desinteressantes.

Mas um… um vermelho…

O pensamento surgiu assim que Brady pensou nele, porque estava a fazê-*la* pensá-lo.

Um peixe grande e vermelho.

Um pai-peixe.

Brady estendeu a mão e apanhou-o. Foi fácil. O seu corpo físico era quase imprestável, mas dentro da mente de Sadie ele era tão ágil como um bailarino. O peixe vermelho era o pai de Sadie, que a molestara regularmente entre os seis e os onze anos. Aos onze, cruzara a linha e violara-a. Sadie contou a uma professora, e o pai foi preso. Suicidara-se depois de pagar a caução e sair em liberdade.

Mais para se divertir, Brady começou a pôr os seus próprios peixes no aquário da mente de Sadie MacDonald: pequenos peixes-balão venenosos que não passavam de exageros dos pensamentos que ela própria albergava na área sombria que existe entre a mente consciente e a subconsciente.

Que ela encorajara o pai.

Que *gostara* de receber a atenção dele.

Que era responsável pela sua morte.

Que, pensando bem, não fora suicídio. Na verdade, ela assassinara-o.

Sadie tremeu violentamente, as mãos a voar para a cabeça, e virou-se para longe da janela. Brady sentiu a vertigem nauseante e agitada quando foi ejetado

da mente dela. A enfermeira olhou para ele com o rosto pálido e consternado.

— Acho que desmaiei durante uns segundos — disse ela, e deu uma risada trémula. — Mas não vais contar a ninguém, pois não, Brady?

Claro que não, e depois disso foi cada vez mais fácil para ele entrar na cabeça de Sadie. Ela já não precisava de olhar para a luz do sol refletida nos para-brisas na rua; bastava-lhe entrar no quarto. Estava a perder peso. A sua modesta beleza começara a desaparecer. Às vezes, o uniforme estava sujo e às vezes tinha as meias rasgadas. Brady continuou a plantar as acusações no subconsciente dela: encorajaste-o, gostaste, foi culpa tua, não mereces viver.

Bem ou mal, ajudava a passar o tempo.

Às vezes, o hospital recebia doações, e em setembro de 2012 recebeu uma dezena de consolas *Zappit*, da empresa que os fabricou ou de alguma outra organização de caridade. A administração enviou-as para a pequena biblioteca ao lado da capela ecuménica do hospital. Ali, um auxiliar desembrulhou-as, deu uma olhadela, concluiu que eram idiotas e ultrapassadas e enfiou-as ao fundo de uma prateleira. Foi ali que Al Brooks, o Al da Biblioteca, as encontrou em novembro e levou uma para si.

Al gostou de alguns dos jogos, como aquele em que tinha de conduzir Pitfall Harry em segurança por buracos e cobras venenosas, mas do que mais gostava era do Fishin' Hole. Não do jogo em si, que era idiota, mas do ecrã de demonstração. Achava que as pessoas ririam, mas para Al aquilo não tinha piada. Quando estava chateado com alguma coisa (como o irmão ter gritado com ele por não ter posto o lixo na rua para a recolha de quinta de manhã ou por causa de um telefonema mal-humorado da filha em Oklahoma City), aqueles peixes a deslizar lentamente e a música acalmavam-no sempre. Às vezes, perdia a noção do tempo. Era incrível.

Certa noite, não muito antes de 2012 passar para 2013, Al teve uma ideia. Hartsfield do quarto 217 era incapaz de ler e não demonstrara interesse em livros nem em música. Se alguém lhe enfiasse uns auriculares, ele batia-lhes até os

fazer cair, como se o incomodassem. Também era incapaz de manipular os pequenos botões sob o ecrã do *Zappit*, mas podia olhar para a demonstração do Fishin' Hole. Talvez gostasse dela ou da de alguns dos outros. Se gostasse, talvez outros pacientes (em abono da verdade, Al nunca pensava neles como vegetais) também pudessem gostar, e isso seria bom, porque alguns dos pacientes com danos cerebrais no Capacete tinham acessos de violência de vez em quando. Se os ecrãs de demonstração os acalmassem, os médicos, as enfermeiras, os auxiliares e até os zeladores teriam mais tranquilidade no trabalho.

Ele poderia até receber um bónus. Provavelmente não, mas sonhar não custava nada.

Al entrou no quarto 217 uma tarde no início de dezembro de 2012, pouco depois de o único visitante regular de Hartsfield sair. Era um ex-detetive chamado Hodges, que fora fundamental na captura de Hartsfield, embora não tivesse sido a pessoa que lhe batera na cabeça e lhe provocara os danos cerebrais.

As visitas de Hodges perturbavam Hartsfield. Depois de ele sair, caíam coisas no 217, a torneira do chuveiro era aberta e fechada e às vezes a porta da casa de banho batia. Os enfermeiros viam essas coisas e tinham a certeza de que Hartsfield as causara, mas o doutor Babineau ridicularizava a ideia. Alegava que era exatamente o tipo de ideia histérica que tomava conta de certas mulheres (embora vários dos enfermeiros do Capacete fossem homens). Al sabia que as histórias eram verdadeiras porque vira manifestações em várias ocasiões e não se considerava uma pessoa histérica. Pelo contrário.

Numa ocasião memorável, ouvira uma coisa no quarto de Hartsfield quando estava a passar pelo corredor, abriu a porta e viu os estores a fazer uma dança maluca. Isso foi logo depois de uma das visitas de Hodges. Durara quase trinta segundos, depois tudo voltara ao normal.

Embora tentasse ser simpático (tentava ser simpático com toda a gente), Al não gostava de Bill Hodges. O homem parecia estar radiante com o estado de

Hartsfield. Deleitado. Al sabia que Hartsfield era um homem mau que assassinara pessoas inocentes, mas que importância tinha isso quando o homem que fizera essas coisas já não existia? O que restava não passava de uma casca. E que importava se ele conseguia sacudir os estores ou abrir e fechar a torneira? Essas coisas não magoavam ninguém.

— Olá, senhor Hartsfield — disse Al naquela noite de dezembro. — Trouxe-lhe uma coisa. Espero que goste.

Ligou o *Zappit* e tocou no ecrã para abrir a demonstração do Fishin' Hole. Os peixes começaram a nadar e a música a tocar. Como sempre, Al ficou mais calmo e aproveitou o momento para saborear a sensação. Antes de poder virar o aparelho para Hartsfield conseguir ver o ecrã, viu-se a empurrar o carrinho da biblioteca na Ala A, do outro lado do hospital.

O *Zappit* tinha desaparecido.

Isso devia tê-lo deixado nervoso, porém não deixou. Sentia-se perfeitamente normal. Estava um pouco cansado e parecia ter dificuldade em organizar os pensamentos, mas, fora isso, estava bem. Feliz. Olhou para a mão esquerda e viu que desenhara um grande Z nas costas com a caneta que tinha sempre no bolso da túnica.

Z de Z-Boy, pensou ele, e riu.

Brady não tomou a decisão consciente de saltar para dentro do Al da Biblioteca; segundos depois de o velhote olhar para a consola nas mãos, Brady entrara. E não sentira estar a invadir a mente do tipo da biblioteca. Naquele momento, aquele corpo pertencia-lhe tal como um carro da Hertz lhe teria pertencido enquanto quisesse conduzi-lo.

O núcleo da consciência do tipo da biblioteca ainda estava algures por ali, mas era só um zumbido tranquilizador, como o som de uma caldeira na cave num dia frio. Porém, ele tinha acesso a todas as lembranças de Alvin Brooks e a

todo o conhecimento armazenado no seu cérebro. Havia uma vasta quantidade deste último, porque antes de se aposentar aos cinquenta e oito anos, o homem fora eletricista, conhecido como Faísca Brooks em vez do Al da Biblioteca. Se Brady quisesse refazer um circuito, poderia fazê-lo com facilidade, embora compreendesse que podia já não ter essa competência quando voltasse para o próprio corpo.

Pensar no próprio corpo alarmava-o, e inclinou-se para o homem curvado na cadeira. Tinha os olhos semiabertos, só a mostrar a parte branca. A língua pendia de um canto da boca. Brady pousou a mão deformada no peito de Brady e sentiu um movimento leve. Então estava tudo bem com o seu corpo, mas, meu Deus, tinha um aspeto *horrível*. Parecia um esqueleto envolto em pele. Hodges fizera-lhe isso.

Saiu do quarto e passeou pelo hospital, sentindo uma espécie de euforia louca. Sorriu a toda a gente. Não conseguiu conter-se. Com Sadie MacDonald, tivera medo de estragar tudo. Ainda tinha medo, mas não tanto. Isto era melhor. Usava o Al da Biblioteca como uma luva apertada. Quando passou por Anna Corey, a chefe do serviço de limpeza da Ala A, perguntou-lhe como estava correr a radioterapia do marido. Ela respondeu que Ellis estava a aguentar-se bem, apesar de tudo, e agradeceu-lhe por perguntar.

No átrio, parou o carrinho em frente à casa de banho dos homens, entrou, sentou-se na sanita e examinou o *Zappit*. Assim que viu os peixes a nadar, percebeu o que devia ter acontecido. Os idiotas que tinham criado aquele jogo em particular também tinham criado, certamente sem querer, um efeito hipnótico. Nem toda a gente seria suscetível, mas Brady calculava que muita gente seria, e não só as pessoas com tendência para ligeiras convulsões, como Sadie MacDonald.

Sabia pelas leituras que fizera na sala de comando da cave que vários aparelhos eletrónicos e jogos eram capazes de desencadear convulsões ou estados hipnóticos em pessoas perfeitamente normais, o que fez os fabricantes imprimirem um aviso (com letras muito pequenas) em muitos manuais de instruções: não jogar durante períodos prolongados, não se sentar a menos de

noventa centímetros do ecrã, não jogar se tiver antecedentes de epilepsia.

E o efeito não era limitado a videojogos. Pelo menos um episódio dos desenhos animados *Pokémon* foi banido quando milhares de crianças se queixaram de dores de cabeça, visão desfocada, náuseas e convulsões. Acreditava-se que o culpado era uma cena do episódio em que uma série de mísseis era disparada, provocando um efeito estroboscópico. A combinação dos peixes a nadar com a música funcionava da mesma forma. Brady estava admirado por a empresa fabricante do *Zappit* não ter recebido uma enxurrada de reclamações. Descobriu depois que *houvera* reclamações, mas não muitas. E chegou à conclusão de que havia dois motivos para isso. Primeiro, o maldito jogo Fishin' Hole não tinha o mesmo efeito. Segundo, quase ninguém comprou as consolas *Zappit*. Foram um fiasco.

Ainda a empurrar o carrinho, o homem a usar o corpo do Al da Biblioteca voltou para o quarto 217 e pousou o *Zappit* na mesa de cabeceira, pois o aparelho merecia mais estudo e reflexão. Então (com algum pesar), Brady deixou o Al Brooks da Biblioteca. Houve aquele momento de vertigem, depois viu-se a olhar para cima em vez de para baixo. Estava curioso para saber o que aconteceria em seguida.

Primeiro, o Al da Biblioteca ficou ali parado, uma peça de mobília que parecia um ser humano. Brady esticou a mão invisível até ele e deu-lhe uma palmadinha na face. Em seguida, procurou a mente do Al com a sua, esperando encontrá-la fechada, como a da enfermeira MacDonald ficava depois de ela sair do estado de fuga dissociativa.

Mas a porta estava escancarada.

A consciência de Al tinha voltado, porém era um pouco menor. Brady desconfiava de que uma parte tinha sido sufocada pela sua presença. E daí? As pessoas matavam neurónios quando bebiam em excesso, mas tinham muitos outros. O mesmo era verdade em relação a Al. Pelo menos por enquanto.

Brady viu o Z que desenhara nas costas da mão do homem, sem motivo nenhum, só porque podia, e falou sem abrir a boca.

— Olá, Z-Boy. Vai agora. Sai. Vai para a Ala A. Mas não falas disto a

ninguém, entendido?

— Falar sobre o quê? — perguntou Al, parecendo intrigado.

Brady assentiu da forma que podia e sorriu como podia. Já estava desejoso de entrar de novo em Al. O corpo de Al era velho, mas pelo menos *funcionava*.

— Isso mesmo — disse ele a Z-Boy. — Falar sobre o quê.

O ano de 2012 transformou-se em 2013. Brady perdeu o interesse em tentar fortalecer os seus músculos telecinéticos. Não fazia sentido agora que tinha Al. Cada vez que entrava na mente do homem, o seu domínio ficava mais forte, e o comando, melhor. Comandar Al era como comandar um daqueles drones que os militares usavam para vigiar os árabes no Afeganistão… e depois para lançar bombas nos seus dirigentes.

Lindo, na verdade.

Uma vez, fez Z-Boy mostrar um dos *Zappit*s ao Det.-Ref., na esperança de que Hodges ficasse fascinado com a demonstração do Fishin' Hole. Estar dentro de Hodges seria maravilhoso. A primeira prioridade de Brady seria pegar num lápis e enfiá-lo nos olhos do ex-detetive. Mas Hodges só olhou de relance para o ecrã e devolveu o aparelho ao Al da Biblioteca.

Brady tentou de novo alguns dias depois, dessa vez com Denise Woods, a auxiliar de fisioterapia que ia ao seu quarto duas vezes por semana exercitar-lhe os braços e pernas. Ela aceitou a consola quando Z-Boy lha entregou e olhou para os peixes a nadar durante bastante mais tempo do que Hodges. *Alguma coisa* aconteceu, mas não foi o suficiente. Tentar entrar nela foi como empurrar um diafragma firme de borracha: cedia um pouco, o bastante para a vislumbrar a dar ovos mexidos ao filho na sua cadeira alta, mas depois empurrava-o para trás.

Ela devolveu o *Zappit* a Z-Boy.

— Tem razão, são peixes bonitos — disse Denise. — Agora porque não vai distribuir os livros, Al, e me deixa trabalhar com o Brady nestes joelhos chatos?

Então era isso. Ele não tinha o mesmo acesso instantâneo aos outros que tivera a Al, e bastou-lhe pensar um pouco para perceber porquê. Al tivera um

pré-condicionamento à demonstração do Fishin' Hole, vira aquilo dezenas de vezes antes de levar o *Zappit* a Brady. Essa era uma diferença crucial e uma desilusão arrasadora. Brady imaginara que teria dezenas de drones entre os quais escolher, mas isso não ia acontecer a não ser que houvesse forma de alterar o aparelho e incrementar o efeito hipnótico. Seria possível?

Como tinha modificado todo o tipo de aparelhos no passado (a Coisa Um e a Coisa Dois eram um exemplo), Brady acreditava que sim. O *Zappit* estava equipado com *wi-fi*, afinal, e o *wi-fi* era o melhor amigo do pirata informático. Suponhamos, por exemplo, que programava uma luz intermitente. Uma espécie de estroboscópio, como o que quase fritara o cérebro das crianças expostas à sequência de mísseis no episódio de *Pokémon*.

O estroboscópio poderia ter também outros propósitos. Enquanto fazia um curso da faculdade comunitária chamado Informática do Futuro (pouco antes de largar a faculdade de vez), a turma de Brady tivera de ler um relatório longo da CIA, publicado em 1955 e tornado público logo depois do 11 de Setembro. Intitulava-se «As Possibilidades Operacionais da Perceção Subliminar» e explicava como os computadores podiam ser programados para transmitir mensagens tão rápidas que o cérebro não as reconhecia como mensagens, mas sim como pensamentos originais. Suponhamos que ele conseguia incorporar uma mensagem dessas dentro da luz estroboscópica. DORME AGORA, ESTÁ TUDO BEM, por exemplo, ou talvez só DESCONTRAI-TE. Brady achava que uma coisa assim, combinada com o efeito hipnótico do ecrã da demonstração, seria bastante eficiente. Claro que podia estar enganado, mas daria a mão direita praticamente inútil para descobrir.

Duvidava que um dia conseguisse, pois havia dois problemas insuperáveis. Um era fazer as pessoas olharem para o ecrã do *Zappit* durante tempo suficiente para o efeito hipnótico agir. O outro era ainda mais básico: como iria ele modificar *qualquer coisa*? Não tinha acesso a computadores e, mesmo que tivesse, de que serviria? Não conseguia nem atar a porra dos sapatos! Considerou usar Z-Boy e rejeitou a ideia quase de imediato. Al Brooks vivia

com o irmão e a família deste, e se de repente começasse a exibir conhecimentos e aptidões avançados em informática, haveria perguntas. Principalmente quando as pessoas já se questionavam sobre Al, que começara a mostrar-se distraído e um tanto peculiar. Brady calculava que achavam que Al começava a padecer de senilidade, o que não estava muito longe da verdade.

Afinal, parecia que Z-Boy estava mesmo a perder alguns neurónios.

Brady ficou deprimido. Tinha chegado como sempre ao ponto em que as suas ideias brilhantes colidiam de frente com a realidade sombria. Acontecera com o aspirador *Rolla*; acontecera com o dispositivo para o retrocesso de veículos assistido por computador; acontecera com o monitor de televisão programável e motorizado que, teoricamente, revolucionaria a segurança doméstica. As suas ideias geniais nunca davam em nada.

Ainda assim, tinha um drone humano à mão de semear, e depois de uma visita particularmente enfurecedora de Hodges, Brady decidiu que talvez se animasse a pôr o seu *drone* a trabalhar. Assim, Z-Boy visitou um cibercafé a um ou dois quarteirões do hospital e, ao fim de cinco minutos num computador (Brady ficou eufórico ao sentar-se de novo diante de um ecrã), descobriu onde Anthony Moretti, também conhecido como chui gordo socador de testículos, morava. Após sair do cibercafé, Brady levou Z-Boy até uma loja e comprou uma faca de caça.

No dia seguinte, quando saiu de casa, Moretti encontrou um cão morto sobre o capacho. Degolado. Escrito com o sangue do animal no para-brisas do carro lia-se: A TUA MULHER & FILHOS SÃO OS PRÓXIMOS.

Fazer isso, *poder* fazer isso, alegrou Brady. *A vingança é um prato que se serve frio*, pensou ele, *e eu sou muito paciente*.

Às vezes fantasiava em mandar Z-Boy atrás de Hodges dar-lhe um tiro na

barriga. Como seria bom estar diante do Det.-Ref., a vê-lo tremer e gemer enquanto a vida lhe escorria por entre os dedos!

Seria extraordinário, mas Brady perderia o seu drone, e, depois de preso, Al poderia dar com a língua nos dentes. Alem disso, havia outra questão, uma questão ainda mais importante: *não seria o suficiente*. Hodges merecia mais do que uma bala na barriga seguida de dez ou quinze minutos de sofrimento. Bastante mais. Hodges precisava de viver, de respirar o ar tóxico dentro de um saco de culpa do qual não haveria escapatória. Até que já não o suportasse e se suicidasse.

Esse fora o plano original, nos bons e velhos tempos.

Mas não é possível, pensou Brady. Nada disso é possível. Tenho o Z-Boy, que irá para um lar se continuar a seguir este caminho, e posso agitar estores com a minha mão fantasma. É isso. É tudo o que tenho.

Mas então, no verão de 2013, o buraco negro em que vivia foi perfurado por um raio de luz. Teve uma visita. Uma visita a sério, não Hodges nem um gajo de fatinho da Procuradoria, para ver se ele tinha magicamente melhorado o suficiente para ir a julgamento por mais de dez crimes diferentes, encabeçados pelas oito mortes intencionais no Centro Cívico.

Houve uma batida rápida na porta, e Becky Helmington espreitou para o interior do quarto.

— Brady? Está aqui uma jovem para o ver. Disse que trabalhava consigo e trouxe-lhe uma coisa. Quer recebê-la?

Brady só conseguia pensar numa jovem que pudesse estar ali. Pensou em dizer não, mas, além da maldade, recuperara a curiosidade (talvez fossem até a mesma coisa). Assentiu de forma desajeitada e tentou tirar a franja dos olhos.

A visita entrou timidamente, como se pudesse haver minas escondidas no chão do quarto. Trazia um vestido. Brady nunca a tinha visto de vestido nem imaginava que tivesse um. Mas ainda usava o cabelo cortado muito curto, como quando tinham trabalhado juntos na ciberpatrulha da Discount Electronix, e ela ainda era lisa como uma tábua à frente. Ele lembrou-se de uma piada: se não ter peitos conta para alguma coisa, Cameron Diaz vai ter sucesso durante muito

tempo. Mas ela tinha aplicado um pouco de base para cobrir as marcas de acne (incrível) e até um pouco de batom (ainda mais incrível). Numa das mãos segurava um pacote embrulhado.

— Oi, meu — disse Freddi Linklatter com uma timidez pouco comum. — Como vais?

Aquilo abria a porta a muitas possibilidades.

Brady fez o melhor que pôde para sorrir.

MAUCONCERTO.COM

1

Cora Babineau passa uma toalha com monograma na nuca e franze a testa para o monitor do ginásio da cave. Fez apenas seis quilómetros dos dez que costuma fazer na passadeira, detesta ser interrompida, e o anormal voltou.

Ding-dong faz a campainha. Apura o ouvido para os passos do marido no andar de cima, mas não os ouve. No monitor, o velho da parca remendada (parece um daqueles vagabundos que param nos cruzamentos com cartazes a dizer coisas como COM FOME, SEM EMPREGO, VETERANO DO EXÉRCITO, AJUDE, POR FAVOR) está ali parado.

— Raios! — pragueja ela, e para a passadeira. Sobe a escada, abre a porta para o corredor de trás e grita: — *Felix! É aquele teu amigo esquisito! O Al!*

Não há resposta. Ele está de novo no escritório, possivelmente a olhar para aquele aparelho com jogos pelo qual parece ter-se apaixonado. Das primeiras vezes que mencionou a nova e estranha obsessão do marido às amigas do *country club,* foi como uma piada. Agora, já não parece tão engraçado. Felix tem sessenta e três anos, está demasiado velho para videojogos infantis e demasiado novo para ter ficado tão esquecido. Cora começou a pensar se ele não sofrerá de Alzheimer precoce. Também lhe passou pela cabeça que o amigo esquisito de Felix pode ser algum tipo de traficante, mas o homem não será demasiado velho para isso? E se o marido quiser drogas, deve ser capaz de as arranjar com facilidade; segundo Felix, boa parte dos médicos do Kiner passa pelo menos metade do tempo com a moca.

Ding-dong faz a campainha.

— Raios partam isto — resmunga, e vai ela própria abrir a porta, ficando mais irritada a cada passo.

É uma mulher alta e magra cujas formas femininas quase desapareceram à força do exercício. O bronzeado do golfe continua presente mesmo no meio do inverno, mas degradou-se numa tonalidade amarelada que lhe confere o aspeto

de uma doente de hepatite crónica.

Abre a porta. O clima de janeiro entra e arrefece-lhe o rosto e os braços suados.

— Gostaria de saber quem o senhor é — diz ela — e o que anda a tramar com o meu marido. Posso saber?

— Claro que sim, senhora Babineau — responde ele. — Às vezes, sou o Al. Às vezes, sou o Z-Boy. Esta noite, sou o Brady, e, caramba, é bom sair mesmo numa noite fria como esta.

Ela olha para a mão dele.

— O que tem aí dentro?

— O fim de todos os seus problemas — diz o homem da parca remendada, e ela ouve um estrondo abafado.

O fundo da garrafa de refrigerante explode em estilhaços, juntamente com os fiapos queimados da lã de aço. Flutuam no ar como dentes-de-leão.

Cora sente uma coisa acertar-lhe logo abaixo do seio esquerdo subdesenvolvido. Este filho da puta esquisito deu-me um soco, pensa. Tenta respirar e não consegue. O peito parece estranhamente morto; uma sensação de calor espalha-se acima do elástico das calças de fato de treino. Olha para baixo, ainda a tentar fazer aquela coisa tão essencial que é respirar, e vê uma mancha a formar-se no *nylon* azul.

Ergue o rosto para encarar o homem estranho à porta. Ele segura os restos da garrafa como se fossem um presente, uma pequena lembrança para compensar ter aparecido em casa dela sem avisar às oito da noite. Os restos da lã de aço espreitam do fundo como uma flor queimada. Cora consegue finalmente respirar, mas parece que inspirou líquido em vez de ar. Tosse sangue.

O homem da parca entra e fecha a porta. Larga a garrafa. Depois, empurra-a. Ela cambaleia para trás e derruba uma jarra decorativa na mesinha ao lado do bengaleiro, depois cai. A jarra estilhaça-se no soalho de madeira como uma bomba. Ela inspira o líquido de novo (Estou a afogar-me, pensa, a afogar-me aqui no vestíbulo de entrada) e tosse outro borrifo vermelho.

— Cora? — chama Babineau algures dentro da casa. Parece ter acabado de

acordar. — Cora, estás bem?

Brady levanta o pé do Al da Biblioteca e pousa com cuidado a bota preta pesada nos tendões repuxados do pescoço magro de Cora Babineau. Mais sangue jorra da boca dela; as bochechas ressequidas estão agora manchadas de vermelho. Ele pisa com força. Há um estalo quando alguma coisa se parte lá dentro. Os olhos dela saltam… saltam mais… e ficam vidrados.

— Foste difícil — comenta Brady, quase de forma carinhosa.

Uma porta abre-se. Pés em chinelos vêm a correr e Babineau aparece. Veste um roupão por cima de um pijama de seda ridículo ao estilo de Hugh Hefner. O seu cabelo branco, que costuma ser um motivo de orgulho, está desgrenhado. A barba por fazer tornou-se uma barba rala. Tem na mão um *Zappit* verde, no qual soa a música do jogo Fishin' Hole: *Vou nadar, pelo mar, pelo lindo mar*. Olha para a mulher caída no chão da entrada.

— Ela nunca mais vai precisar de se exercitar — diz Brady naquele mesmo tom afetuoso.

— *O que fez?* — grita Babineau, como se não fosse óbvio. Corre até Cora e ajoelha-se ao lado dela, mas Brady enfia a mão debaixo da axila do médico e força-o a levantar-se. O Al da Biblioteca não é nenhum Charles Atlas, mas é bastante mais forte do que o corpo destruído no quarto 217.

— Não há tempo para isso — diz Brady. — A jovem Robinson está viva, o que exige uma mudança de planos.

Babineau olha para ele, tenta organizar os pensamentos, mas não consegue. A sua mente, antes tão lúcida, está confusa. E é culpa daquele homem.

— Olhe para os peixes — diz Brady. — Olhe para os seus, que eu olho para os meus. Iremos sentir-nos melhor.

— Não.

Babineau quer olhar para os peixes, quer sempre olhar para eles agora (é como uma droga), mas tem medo. Brady quer verter a sua mente na cabeça de Babineau como uma espécie de água estranha, e de cada vez que isso acontece, mingua o eu essencial do médico.

— Sim — diz Brady. — Hoje precisa de ser o doutor Z.

— Recuso-me!

— Não está em posição de recusar. A situação começa a fugir-nos das mãos. Em breve, a polícia virá bater-lhe à porta. Ou o Hodges, e isso seria ainda pior. Ele não irá ler-lhe os seus direitos, mas sim bater-lhe com aquele porrete de fabrico caseiro. Porque é um filho da mãe malvado. E porque você tinha razão. Ele *sabe*.

— Não quero… não posso… — Babineau olha para a mulher. Ah, meu Deus, os olhos dela. Os olhos salientes. — A polícia nunca acreditaria… Sou um médico respeitado! Estamos casados há trinta e cinco anos!

— O Hodges vai acreditar. E quando o Hodges tem uma pista, transforma-se na porra do Wyatt Earp. Irá mostrar a sua foto à jovem Robinson. Ela olhará para ela e dirá: «Uau, sim, esse é o homem que me deu o *Zappit* no centro comercial.» E se lhe deu um *Zappit*, também deve ter dado um à Janice Ellerton. Ops! E não podemos esquecer-nos da Scapelli.

Babineau olha para Brady, tentando compreender aquela calamidade.

— Já para não falar nas drogas que me deu. O Hodges talvez saiba disso, porque é rápido com os subornos, e a maioria das enfermeiras do Capacete sabe. É um segredo que nunca tentou esconder. — Brady abana a cabeça do Al da Biblioteca com tristeza. — Essa sua arrogância…

— Vitaminas! — Babineau não consegue dizer mais nada.

— Nem a polícia vai acreditar nisso se arranjar um mandado para revistar os seus arquivos e o seu computador. — Brady olha para o corpo caído de Cora Babineau. — E depois há a sua mulher, claro. Como vai explicar isto?

— Quem me dera que você tivesse morrido antes de o levarem para o hospital — diz Babineau. A sua voz está a elevar-se, a tornar-se uma lamúria. — Ou na mesa de operações. Você é um Frankenstein!

— Não confunda o monstro com o criador — diz Brady, embora não reconheça muito crédito a Babineau no departamento de criação. A droga experimental do doutor B. pode ter alguma coisa que ver com as suas novas capacidades, mas pouco ou nada teve que ver com a sua recuperação. Tem a certeza de que foi ele próprio o responsável por isso. Um ato de pura força de

vontade. — Enquanto isso, temos de visitar uma pessoa, e não queremos deixá-la à espera.

— A mulher-homem. — Existe uma palavra para isso, Babineau conhecia-a, mas já a esqueceu. Como o nome da pessoa em questão. Ou o que comeu ao jantar. Sempre que Brady entra na sua cabeça, leva um pouco de si com ele quando se vai embora. A sua memória. Os seus conhecimentos. O que o faz ser *Babineau*.

— Isso mesmo, a mulher-homem. Ou, para dar um nome científico à sua inclinação sexual, *lesbionicus.*

— Não. — A lamúria tornou-se um sussurro. — Eu fico aqui.

Brady aponta a arma, o cano agora visível dentro dos restos rebentados do silenciador improvisado.

— Se acha que preciso realmente de si, está a cometer o pior erro da sua vida. E o último.

Babineau não responde. Aquilo é um pesadelo, e em breve vai acordar.

— Decida logo, senão amanhã a empregada vai encontrá-lo morto ao lado do corpo da sua mulher, as vítimas infelizes de um assalto. Preferia terminar a minha tarefa como doutor Z, o seu corpo é dez anos mais novo que o do Brooks e não está em má forma, mas faço o que tiver de fazer. Além do mais, deixá-lo enfrentar o Kermit Hodges sozinho seria maldade. Ele é um homem cruel, Felix. Nem imagina.

Babineau olha para o idoso da parca remendada e vê Hartsfield a fitá-lo pelos olhos azuis lacrimosos do Al da Biblioteca. Babineau tem os lábios trémulos e húmidos de saliva. Os olhos estão cheios de lágrimas. Brady acha que, com o cabelo branco todo espetado como está agora, o médico parece Albert Einstein naquela foto em que o famoso físico tem a língua de fora.

— Como me meti nisto? — geme ele.

— Como toda a gente se mete em tudo — responde Brady, com afabilidade. — Passo a passo.

— Porque teve de ir atrás da rapariga? — pergunta Babineau de supetão.

— Foi um erro — responde Brady. É mais fácil admitir isso do que a pura

verdade: por impaciência. Queria que a irmã do preto cortador de relva fosse a primeira antes que as outras mortes encobrissem a importância da sua. — Agora deixe-se de tretas e olhe para os peixes. Sabe que quer.

E Babineau quer. Essa é a pior parte. Apesar de tudo o que sabe agora, quer.

Olha para os peixes.

Ouve a música.

Ao fim de algum tempo, entra no quarto para trocar de roupa e tirar dinheiro do cofre. Faz uma última paragem antes de sair. O armário dos medicamentos na casa de banho está bem abastecido, tanto do lado dela como do dele.

Leva o *BMW* de Babineau e deixa o *Malibu* velho onde está por enquanto. Também deixa o Al da Biblioteca a dormir no sofá.

2

Por volta da altura em que Cora Babineau abre a porta pela última vez na vida, Hodges está sentado na sala da família Scott em Allgood Place, a um quarteirão da Teaberry Lane, onde os Robinson vivem. Tomou alguns analgésicos antes de sair do carro e não se sente muito mal, dadas as circunstâncias.

Dinah Scott está no sofá, ladeada pelos pais. Parece ter mais do que quinze anos esta noite, porque acabou de voltar de um ensaio na North Side High School, onde o grupo de teatro irá representar a peça *The Fantasticks*. Vai interpretar Luisa, contou Angie Scott, o que é um feito e tanto. (Isso faz Dinah revirar os olhos.) Hodges está sentado de frente para eles numa poltrona *La-Z-Boy* parecida com a que tem na própria sala. A avaliar pelo assento encovado, conclui que é o local preferido de Carl Scott.

Na mesa de centro entre eles há um *Zappit* verde. Dinah foi buscá-lo logo ao quarto, o que faz com que Hodges deduza que não estava soterrado sob

equipamento desportivo no roupeiro dela nem abandonado debaixo da cama com as bolas de cotão. Ou esquecido no cacifo da escola. Não, estava num local onde lhe podia pegar rapidamente. O que quer dizer que ainda o usa, antiquado ou não.

— Estou aqui a pedido da Barbara Robinson — diz. — Ela foi atropelada hoje por uma carrinha…

— Meu Deus! — exclama Dinah, e leva a mão à boca.

— Encontra-se bem — diz Hodges. — Só partiu uma perna. Vai passar a noite no hospital em observação, mas irá para casa amanhã e deve estar de volta à escola na próxima semana. Pode assinar o gesso dela, se é que os jovens ainda fazem isso.

Angie passa o braço pelos ombros da filha.

— O que tem isso que ver com o jogo da Dinah?

— Bom, a Barbara tinha um e acabou por apanhar um choque. — Com base no que Holly lhe contou enquanto Hodges se dirigia para ali, não é mentira. — Ia a atravessar a rua na altura, ficou desorientada por um momento e *bum*. Um rapaz empurrou-a para o lado, senão o acidente teria sido bastante pior.

— Santo Deus — murmura Carl.

Hodges inclina-se para a frente e olha para Dinah.

— Não sei quantos desses aparelhos têm defeito, mas pelo que aconteceu à Barbara, e por alguns outros incidentes dos quais temos conhecimento, é evidente que pelo menos alguns têm.

— Que te sirva de lição — diz Carl à filha. — Da próxima vez que alguém te disser que uma coisa é de graça, tem cuidado.

Isso gera outra revirar de olhos tipicamente adolescente.

— O que quero saber — continua Hodges — é como conseguiste o teu. É uma espécie de mistério, porque a Zappit não vendeu muitos. Foi comprada por outra empresa quando as consolas não tiveram sucesso, e essa empresa faliu em abril, há dois anos. Era de esperar que os *Zappits* fossem vendidos para ajudar a pagar as contas…

— Ou destruídos — interrompe Carl. — É o que fazem aos livros que não

são vendidos, sabia?

— Estou ciente — diz Hodges. — Então diz-me, Dinah, como arranjaste o aparelho?

— Num *site* — responde ela. — Não estou em apuros, estou? Quero dizer, eu não sabia, mas o meu pai diz sempre que não conhecer a lei não é desculpa.

— Não estás em apuros — afirma Hodges, tranquilizando-a. — Que *site* era esse?

— Chamava-se mauconcerto.com. Tentei entrar nele no telemóvel quando a minha mãe me ligou durante o ensaio e disse que o senhor viria cá, mas desapareceu. Acho que os aparelhos que tinham em *stock* acabaram.

— Ou descobriram que eram perigosos e largaram tudo sem avisar ninguém — sugere Angie Scott, carrancuda.

— Mas qual poderia ser a intensidade do choque? — pergunta Carl. — Abri a parte de trás quando a Dee o foi buscar. Só tem quatro pilhas AA recarregáveis.

— Não percebo nada disso. — O estômago de Hodges começa a doer de novo, apesar da medicação. Não é que o estômago seja o verdadeiro problema; é o órgão adjacente, que tem apenas quinze centímetros de comprimento. Depois do encontro com Norma Wilmer, decidiu verificar o índice de sobrevivência de pacientes com cancro do pâncreas. Só seis por cento conseguem viver mais cinco anos após o diagnóstico. Não é o que se pode chamar notícia animadora. — Até agora, não consegui mudar o toque de mensagens do meu *iPhone* para não assustar transeuntes inocentes.

— Posso fazer isso, se quiser — diz Dinah. — É canja. Eu tenho a *Crazy Frog* no meu.

— Fala-me primeiro do *site*.

— Tudo começou com um *tweet*. Alguém na escola falou-me disso. Depois foi-se espalhando para outras redes sociais. Facebook… Pinterest… Google Plus… o senhor sabe.

Hodges não sabe, mas assente.

— Não me lembro das palavras exatas, mas lembro-me bem do *tweet*. Porque só pode ter cento e quarenta caracteres. Sabe isso, não sabe?

— Claro — diz Hodges, embora não faça ideia do que é um *tweet*.

A sua mão esquerda está a tentar ir até à dor no flanco. Obriga-a a ficar parada.

— Esse dizia qualquer coisa como… — Dinah fecha os olhos. É bastante teatral, mas, claro, ela acabou de chegar de um ensaio do grupo de teatro. — «Más notícias: o concerto dos ’Round Here foi cancelado por culpa de um maluco. Querem uma boa notícia? Talvez até um brinde? Visitem mauconcerto.com.» — Abre os olhos. — Não deve ser exatamente isso, mas dá para ter uma ideia.

— Dá, sim. — Ele anota o nome do *site* no bloco. — E entraste lá…

— Claro. Muita gente entrou. Era engraçado. Tinha um vídeo dos ’Round Here a cantar o *single* de há uns anos, «Kisses on the Midway». E depois de uns vinte segundos ouvia-se o som de uma explosão e uma voz de pato a dizer «Ah, bolas, concerto cancelado».

— Não acho isso engraçado — diz Angie. — Vocês podiam ter morrido.

— Devia haver mais do que isso — afirma Hodges.

— Claro. Dizia que tinham estado lá uns dois mil adolescentes, muitos no seu primeiro concerto, e aquilo roubara-lhes a experiência. Se bem que, hum, *roubar* não foi bem a palavra que usaram.

— Acho que conseguimos entender qual foi, querida.

— E depois dizia que o patrocinador dos ’Round Here recebera uma data de aparelhos *Zappit* e queria distribuí-los. Para compensar o cancelamento do concerto.

— Apesar de isso ter sido há quase seis anos? — Angie parece incrédula.

— Sim. Um pouco estranho, se pensarmos bem.

— Mas tu não pensaste — diz Carl.

Dinah encolhe os ombros com uma expressão petulante.

— Pensei, mas não achei que houvesse problema.

— Que típico — comenta o pai.

— Então fizeste o quê? — pergunta Hodges. — Mandaste por *e-mail* o teu nome e morada e recebeste isso — aponta para o *Zappit* — pelo correio?

— Não foi assim tão simples — explica Dinah. — Tínhamos de provar que estivemos no concerto. Então, fui falar com a mãe da Barb. Sabe, a Tanya.

— Porquê?

— Por causa das fotos. Acho que tenho as minhas algures, mas não consegui encontrá-las.

— Havia de ver o estado do quarto dela — diz Angie, e dessa vez é ela quem revira os olhos.

O flanco de Hodges começou a latejar de forma lenta e regular.

— Que fotos, Dinah?

— Bom, foi a Tanya, e ela não se importa que a tratemos assim, que nos levou ao concerto. Fomos eu, a Barb, a Hilda Carver e a Betsy.

— Betsy…

— Betsy DeWitt — responde Angie. — O combinado foi as mães tirarem à sorte quem nos levaria. Calhou à Tanya. Levou a carrinha de Ginny Carver porque era o maior carro.

Hodges assente.

— Então, quando lá chegámos — continua Dinah —, a Tanya tirou fotografias a todas nós. *Tínhamos* de ter fotos. Parece uma parvoíce, acho, mas éramos crianças. Agora gosto dos Mendoza Line e dos Raveonettes, mas na altura os ’Round Here eram muito importantes para nós. Principalmente Cam, o vocalista. A Tanya usou os nossos telemóveis. Ou talvez tenha sido o dela, não me lembro. Mas fez cópias para todas nós, só que não consegui encontrar as minhas.

— Tinhas de mandar uma foto para o *site* para provar que foste ao concerto.

— Isso, por *e-mail*. Tive receio de que as fotos só nos mostrassem junto à carrinha da senhora Carver e que isso não bastasse, mas havia duas com o auditório Mingo em fundo, com as pessoas todas na fila. Achei que nem isso poderia ser suficiente, porque não mostrava o cartaz com o nome da banda, mas foi, e recebi o *Zappit* pelo correio uma semana depois. Veio num envelope grande almofadado.

— Havia remetente?

— Sim. Não me lembro do número do apartado, mas o nome era Sunrise Solutions. Deviam ser os patrocinadores da digressão.

É possível, pensa Hodges, *a empresa não estava falida na altura*. Mas duvida.

— Foi enviado aqui da cidade?

— Não me lembro.

— Tenho quase a certeza de que foi — diz Angie. — Apanhei o envelope do chão e deitei-o no lixo. Sou a empregada cá em casa, sabe?

Lança um olhar à filha.

— Desculpa — diz Dinah.

No bloco, Hodges escreve: *Sunrise Solutions fica em NI, mas pacote enviado daqui.*

— Quando aconteceu isso, Dinah?

— Soube do *tweet* e entrei no *site* o ano passado. Não consigo lembrar-me da data exata, mas sei que foi antes do Dia de Ação de Graças. E, como disse, chegou depressa. Fiquei admirada.

— Então tens o aparelho há uns dois meses.

— Sim.

— E não apanhaste nenhum choque?

— Não, nada disso.

— Sentiste alguma coisa estranha enquanto jogavas o Fishin' Hole, por exemplo, e perdeste a noção do tempo?

O senhor e a senhora Scott parecem alarmados, mas Dinah esboça um sorriso condescendente.

— Quer dizer tipo hipnose? «Estás a ficar com sono?»

— Não sei *o que* quero dizer exatamente, mas tudo bem, digamos que sim.

— Não — afirma Dinah, animada. — Além disso, o Fishin' Hole é um jogo idiota. É para putos. Usa-se a coisa que parece um *joy stick* ao lado do teclado para guiar a rede do Pescador Joe, está a ver? E ganham-se pontos pelos peixes que se apanham. Mas é muito fácil. Só lá vou de vez em quando para ver se os peixes rosa já estão a mostrar os números.

— Números?

— Sim. A carta que veio com o jogo explicava isso. Fixei-a no meu quadro de avisos porque queria ganhar a *scooter*. Quer ver?

— Com certeza.

Quando ela sobe as escadas para ir buscar a carta, Hodges pergunta se pode usar a casa de banho. Quando entra, desabotoa a camisa e olha para o flanco latejante do corpo. Parece inchado e quente ao toque, mas acha que pode estar a imaginar coisas. Puxa o autoclismo e toma mais dois comprimidos brancos. *Tudo bem?*, pergunta ele ao flanco latejante. *Podes calar-te um bocadinho e deixar-me terminar aqui?*

Dinah tirou boa parte da maquilhagem de teatro, e agora é fácil para Hodges imaginá-la com as outras três raparigas aos nove ou dez anos, indo ao primeiro concerto, saltitantes como pipocas no micro-ondas. Ela entrega-lhe a carta que veio com o jogo.

No cimo da folha há um sol e as palavras SUNRISE SOLUTIONS a formar um arco sobre a imagem, como seria de esperar, só que não parece nenhum logótipo que Hodges já tenha visto. É estranhamente amador, como se o original tivesse sido desenhado à mão. A carta dirigia-se a Dinah para dar um cunho mais pessoal. Não é que alguém fosse deixar-se enganar por isso hoje em dia, pensa Hodges, quando até os *mailings* em massa das companhias de seguros e dos advogados charlatões vêm personalizados.

> Cara Dinah Scott!
>
> Parabéns! Esperamos que goste do seu *Zappit*, que vem de fábrica com 65 jogos divertidos e desafiadores. Também tem *wi-fi*, para poder visitar os *seus sites* preferidos e fazer o *download* de livros como membro do Círculo de Leitores Sunrise! Está a receber este BRINDE para compensar o concerto que perdeu, mas claro que esperamos que conte a todos os seus amigos a sua maravilhosa experiência com o *Zappit*. E há mais!

Fique atenta ao ecrã de demonstração do jogo Fishin’ Hole e clique sempre que um peixe rosa aparecer, porque um dia, e não vai saber quando até isso acontecer, irá clicar neles e eles vão transformar-se em números! Se os peixes em que clicar somarem um dos números abaixo, irá ganhar um PRÉMIO! Mas os números só vão ficar visíveis por um curto período de tempo, portanto ESTEJA ATENTA!

Aumente a diversão mantendo o contacto com outras pessoas da «Família Zappit», entrando em zeetheend.com, onde também pode pedir o seu prémio se for um dos sortudos! Obrigado, de todos nós na Sunrise Solutions e de toda a equipa *Zappit*!

Havia uma assinatura ilegível, na verdade quase um rabisco. Por baixo:

Números da sorte para Dinah Scott:
1034 = *voucher* de 25 dólares na Deb
1781 = *voucher* de 40 dólares na Atom Arcade
1946 = *voucher* de 50 dólares nos Cinemas Carmike
7459 = Scooter *Wave* de 50 cc (grande prémio)

— Acreditaste mesmo nesta treta? — pergunta Carl Scott.

Apesar de a pergunta ser feita com um sorriso, Dinah fica com lágrimas nos olhos.

— Está bem, sou estúpida, pronto.

Carl abraça a filha e beija-lhe a testa.

— Sabes que mais? Na tua idade eu também teria acreditado.

— Tens verificado os peixes rosa, Dinah? — pergunta Hodges.

— Sim, uma ou duas vezes por dia. É mais difícil do que o jogo porque os peixes rosa são rápidos. Temos de nos concentrar.

Claro que sim, pensa Hodges. Está a gostar cada vez menos daquela história.

— Mas nada de números, não é?

— Até agora, não.

— Posso levar isso comigo? — pergunta ele, apontando para o *Zappit*. Pensa em dizer que irá devolvê-lo depois, mas muda de ideias. Duvida que isso aconteça. — E a carta?

— Com uma condição — responde ela.

Hodges, com a dor a diminuir agora, consegue sorrir.

— Diz lá, miúda.

— Fique atento aos peixes rosa, e se um dos números aparecer *eu* fico com o prémio.

— Combinado — diz Hodges, pensando: alguém quer dar-te um prémio, Dinah, mas duvido que seja uma *scooter* ou um *voucher* para o cinema. Pega no *Zappit* e na carta e levanta-se. — Quero agradecer a todos o vosso tempo.

— De nada — diz Carl. — Quando descobrir que diabo está a acontecer, conta-nos?

— Fique descansado — responde Hodges. — Uma última pergunta, Dinah, e se eu parecer idiota lembra-te de que tenho quase setenta anos.

Ela sorri.

— Na escola, o stor Morton diz que a única pergunta idiota…

— É a que não fazemos, eu sei. Sempre pensei a mesma coisa, então aqui vai. Toda a gente na North Side High sabe disto, certo? Sobre os *Zappit* de graça, os peixes com números e os prémios?

— Não só na nossa escola, também em todas as outras. Twitter, Facebook, Pinterest, Yik Yak… é assim que as redes *funcionam*.

— E quem foi ao concerto e puder provar, pode ganhar um desses.

— Sim.

— E a Betsy DeWitt? Recebeu algum?

Dinah franze a testa.

— Não, e isso é estranho, porque ela ainda tinha as fotos daquela noite e mandou-as para o *site*. Mas não foi tão rápida como eu, passa a vida a adiar as coisas, então o *stock* deve ter acabado. Se não somos rápidos, perdemos esse tipo de coisa.

Hodges agradece novamente à família Scott pelo seu tempo, deseja boa sorte

a Dinah para a peça e volta pelo passeio até ao carro. Quando se senta ao volante, o ar está suficientemente frio para ver a sua respiração. A dor surge de novo: quatro latejares intensos. Espera com os dentes cerrados, tentando dizer a si mesmo que aquelas dores novas e intensas são psicossomáticas, porque agora sabe qual é o problema, mas a ideia não pega. Dois dias parecem de repente demasiado tempo para esperar pelo tratamento, mas irá esperar. Tem de esperar, porque uma ideia horrível está a formar-se na sua mente. Pete Huntley não acreditaria nela, e Izzy Jaynes acharia que ele precisa de uma boleia urgente até ao manicómio mais próximo. O próprio Hodges ainda não acredita muito nela, mas as peças estão a encaixar-se, e apesar de a imagem revelada aos poucos parecer um desvario, também tem uma certa lógica perversa.

Liga o *Prius* e dirige-se a casa, onde irá telefonar a Holly e pedir-lhe que tente descobrir se a Sunrise Solutions alguma vez patrocinou uma digressão dos ’Round Here. Depois disso, irá ver televisão. Quando já não puder fingir que se interessa pelo que está a dar, irá deitar-se e ficar acordado até ao amanhecer.

No entanto, está curioso em relação ao *Zappit* verde.

Demasiado curioso, afinal, para esperar. A meio caminho entre Allgood Place e a Harper Road, entra no parque de estacionamento de uma zona comercial, para diante de uma tinturaria fechada e liga o aparelho. Ele emite um clarão branco e aparece um **Z** vermelho, ficando maior até preencher o ecrã todo. Um momento depois, há o clarão branco de novo, e surge uma mensagem: BEM-VINDO AO ZAPPIT! ADORAMOS JOGAR! PRIMA QUALQUER TECLA OU PASSE O DEDO PELO ECRÃ PARA COMEÇAR!

Hodges passa o dedo pelo ecrã, e os ícones dos jogos aparecem em filas organizadas. Alguns são versões dos jogos que ele via Allie jogar quando era pequena: Space Invaders, Donkey Kong, Pac-Man e a mulher daquele diabinho amarelo, Ms. Pac-Man. Tem também os vários jogos de paciência nos quais Janice Ellerton era viciada e muitas outras coisas das quais Hodges nunca ouviu falar. Passa de novo o dedo pelo ecrã e ali está, entre o SpellTower e o Desfile de Moda da Barbie: Fishin’ Hole. Respira fundo e clica no ícone.

A CARREGAR FISHIN’ HOLE, avisa o ecrã. Um pequeno círculo gira durante cerca de dez segundos (parece mais) e o ecrã de demonstração aparece. Há peixes a nadar de um lado para o outro, a rodopiar, a subirem e a descerem na diagonal. Bolhas sobem das bocas e dos rabos em movimento. A água é esverdeada em cima e vai ficando azul mais para o fundo. Toca uma música, mas Hodges não a reconhece. Observa e espera sentir alguma coisa. Sonolência parece a mais provável.

Os peixes são vermelhos, verdes, azuis, dourados e amarelos. Provavelmente, era para serem peixes tropicais, mas não têm nada do hiper-realismo que Hodges viu nos anúncios da *Xbox* e da *PlayStation* na televisão. Esses peixes são basicamente de desenho animado, e bastante primitivos, na verdade. Não admira o *Zappit* não ter tido êxito, pensa ele, mas é verdade que há alguma coisa meio hipnótica na forma como os peixes do Fishin’ Hole se movem, às vezes sozinhos, às vezes aos pares, de vez em quando num cardume de arco-íris.

Bingo, lá vem o cor-de-rosa. Clica no peixe, mas ele move-se demasiado depressa, e falha.

— Merda! — murmura Hodges baixinho. Olha para a montra escura da tinturaria por um momento, pois sente-se de facto um pouco ensonado. Bate ao de leve na face esquerda e depois na direita com a mão que não está a segurar o aparelho e olha para baixo. Há mais peixes agora, a deslizar de um lado para o outro em movimentos complicados.

Lá vem outro rosa, e dessa vez consegue clicar no peixe antes de ele desaparecer no lado esquerdo do ecrã. O peixe pisca (quase como quem diz *Tudo bem, Bill, apanhaste-me desta vez*), mas nenhum número aparece. Ele espera, olha e, quando outro rosa aparece, clica nele. De novo, nenhum número, só um peixe rosa que não existe no mundo real.

A música parece mais alta agora e mais devagar ao mesmo tempo. Hodges pensa: *Está mesmo a produzir algum tipo de efeito. É suave e provavelmente acidental, mas existe, sim*.

Prime o botão de desligar. No ecrã surge OBRIGADO POR JOGAR, ATÉ BREVE, e

depois fica escuro. Olha para o relógio do tabliê e fica atónito ao ver que está ali a olhar para o *Zappit* há mais de dez minutos. Pareceram dois ou três. Cinco, no máximo. Dinah não falara sobre perder a noção do tempo enquanto olhava para o ecrã de demonstração do Fishin' Hole, mas ele não fizera perguntas acerca disso, pois não? Por outro lado, Hodges tomou dois analgésicos fortes em casa dos Scott, e isso deve ter contribuído para o que acabou de acontecer. Se é que alguma coisa aconteceu.

Mas não houve nenhum número.

Os peixes rosa tinham sido apenas peixes rosa.

Hodges enfia o *Zappit* no bolso do casaco, junto do telemóvel, e ruma a casa.

3

Freddi Linklatter (ex-colega de Brady na reparação de computadores antes de o mundo descobrir que Brady Hartsfield era um monstro) está sentada à mesa da cozinha, a girar uma garrafa de bolso prateada com um dedo enquanto espera pelo homem da pasta cara.

Chama a si próprio doutor Z, mas Freddi não é parva. Conhece o nome que acompanha as iniciais na pasta: Felix Babineau, chefe do departamento de neurologia do Kiner Memorial.

Ele sabe que *ela* sabe? Freddi acha que sim e que não liga. Mas é estranho. *Muito*. Tem sessenta e poucos anos, é uma velha glória, mas age como uma pessoa bastante mais jovem. Uma pessoa que, de facto, é o paciente mais famoso (mais infame, para dizer a verdade) do doutor Babineau.

A garrafa gira e torna a girar. Tem gravado *GH & FL p/sempre* de lado. Bem, o «p/sempre» durou uns dois anos, e Gloria Hollis já se foi embora há bastante tempo. Babineau (ou doutor Z, como chama a si mesmo, como o vilão de uma história de BD) foi parte do motivo.

— Ele é sinistro — disse Gloria. — O tipo mais velho também. E o dinheiro. É muito dinheiro. Não sei no que eles te meteram, Fred, mas mais cedo ou mais tarde isso vai rebentar-te na cara, e não quero fazer parte dos danos colaterais.

Claro que Gloria também conhecera outra pessoa, uma pessoa mais bonita que Freddi, que tem o corpo anguloso, o queixo quadrado e cicatrizes de acne no rosto, mas não quis falar dessa parte da história, oh, não!

A garrafa gira e torna a girar.

Tudo pareceu tão simples no início, e como podia ela recusar o dinheiro? Nunca poupara muito quando trabalhava na ciberpatrulha da Discount Electronix, e o trabalho que conseguiu encontrar como técnica informática independente quando a loja fechou mal dava para pagar a renda. Podia ter sido diferente se ela tivesse aquilo a que Anthony Frobisher, o seu antigo chefe, gostava de chamar «jeito para as pessoas», mas esse nunca fora o seu forte. Quando o velho que se apresentava como Z-Boy fez a sua proposta (e, meu Deus, aquele era *mesmo* um nome da BD), foi como uma dádiva dos céus. Ela vivia num apartamento de merda em South Side, na parte da cidade conhecida como Paraíso Saloio, e tinha a renda atrasada um mês apesar do dinheiro que o homem já lhe tinha dado. O que devia fazer? Recusar cinco mil dólares? Nem pensar.

A garrafa gira e torna a girar.

O tipo está atrasado, talvez nem apareça, e isso talvez seja o melhor.

Ela lembra-se de que o velho analisou com o olhar o apartamento de duas assoalhadas, com a maioria dos pertences dela em sacos de plástico (era demasiado fácil imaginar aqueles sacos amontoados à sua volta enquanto tentava dormir debaixo de alguma ponte).

— Vai precisar de um apartamento maior — disse ele.

— Sim, e os agricultores da Califórnia precisam de chuva.

Lembra-se de espreitar para o envelope que ele lhe entregou. Lembra-se de mexer nas notas de cinquenta, do som reconfortante que faziam.

— Isto é bom, mas quando eu acertar contas com todas as pessoas a quem devo dinheiro, não vai restar muito.

Podia deixar na mão a maioria dos seus credores, mas o cota não precisava de saber disso.

— Vai haver mais, e o meu chefe vai arranjar-lhe um apartamento onde pode ter de receber algumas encomendas.

Isso fez soar alguns alarmes.

— Se está a falar de droga, esquecemos já o assunto.

Estendeu-lhe o envelope cheio de dinheiro, por muito que lhe custasse. Ele devolveu-o com uma careta de desprezo.

— Nada de droga. Não vai precisar de assinar a receção de nada que seja remotamente ilegal.

E ali está ela, num apartamento perto do lago. Não é que tenha vista para o lago, do sexto andar, e também não é um palácio. Longe disso, principalmente no inverno. Só se consegue ver uma nesgazinha do lago entre os arranha-céus mais novos e elegantes, mas o vento passa pelo meio deles muito bem, obrigado, e em janeiro esse vento é *frio*. Tem de pôr o termóstato a vinte e sete graus e mesmo assim veste três camisas e ceroulas sob as calças de ganga. Porém, o Paraíso Saloio tinha ficado para trás, isso é um feito e tanto, mas a pergunta permanece: é o suficiente?

A garrafa prateada gira e torna a girar. *GH* & *FL p/sempre*. Só que nada é para sempre.

A campainha toca e fá-la saltar. Ela pega na garrafa, a única lembrança dos gloriosos tempos com Gloria, e vai até ao intercomunicador. Reprime a vontade de falar de novo com o sotaque de agente russa. Quer ele se apresente como doutor Babineau ou como doutor Z, o tipo é um pouco assustador. Não assustador como os traficantes de metanfetaminas do Paraíso Saloio, mas de uma forma diferente. É melhor fazer tudo bem, despachar rapidamente aquilo e esperar não se ver metida em muito sarilhos se as coisas correrem mal para o seu lado.

— É o famoso doutor Z?

— Claro que sim.

— Está atrasado.

— Por acaso estou a atrapalhar alguma coisa importante, Freddi?

Não, nada importante. Nada do que ela faz é importante atualmente.

— Trouxe o dinheiro?

— Claro. — A voz soa impaciente. O cota com quem ela começara aquela negociação maluca tinha a mesma forma impaciente de falar. Ele e o doutor Z não se pareciam nada, mas *falavam* de forma semelhante, o suficiente para fazê-la questionar-se se não eram irmãos. Só que também falavam como aquela outra pessoa, o seu antigo colega de trabalho. O que acabou por revelar ser o Sr. Mercedes.

Freddi não quer pensar naquilo tal como não quer pensar nas várias piratarias informáticas que fez para o doutor Z. Prime o botão ao lado do intercomunicador.

Vai até à porta para esperá-lo e bebe um gole de uísque para se preparar. Guarda a garrafa no bolso da camisa do meio e enfia a mão no bolso da que tem por baixo, onde guarda os rebuçados de mentol. Acha que o doutor Z se estaria nas tintas se sentisse o cheiro a álcool no seu hálito, mas chupava sempre um rebuçado depois de um gole quando trabalhava na Discount Electronix, e os velhos hábitos são difíceis de mudar. Tira os cigarros *Marlboro* do bolso da camisa de cima e acende um. Vai mascarar mais o cheiro da bebida e acalmá-la, e se ele não gostar de vê-la a fumar, azar.

— Esse tipo meteu-te num belo apartamento e pagou-te quase trinta mil dólares em ano e meio — dissera Gloria. — Muita guita para uma coisa que qualquer pirata informático poderia fazer de olhos fechados, pelo menos segundo o que dizes. Então, *porque* foste escolhida? E porquê tanto?

Mais coisas nas quais Freddi não queria pensar.

Tudo começou com a foto de Brady com a mãe. Ela encontrou-a no lixo da Discount Electronix pouco depois de a equipa receber a notícia de que a loja de Birch Hill ia fechar. O chefe, Anthony «Tones» Frobisher, devia tê-la tirado do cubículo de Brady e atirado para ali depois de o mundo descobrir quem era o infame Assassino do Mercedes. Freddi não nutria grande simpatia por Brady (embora *tivessem* tido algumas conversas significativas sobre identidade de

género no passado). Embrulhar a foto e levá-la ao hospital fora mero impulso. E se depois o visitou algumas vezes foi por pura curiosidade, além de um pouco de orgulho pela reação dele. Brady *sorrira*.

— Ele reage a si — disse a nova enfermeira-chefe, Scapelli, depois de uma das visitas de Freddi. — Isso é muito raro.

Quando Scapelli substituiu Becky Helmington, Freddi soube que o misterioso doutor Z, que passou a entregar-lhe dinheiro, era na verdade o doutor Felix Babineau. Também não pensou nisso. Nem nas caixas que começaram a chegar de Terre Haute por UPS. Nem na pirataria informática. Tornou-se especialista em não pensar, porque quanto mais pensava, mais certas ligações se tornavam óbvias. E tudo por causa da porcaria da foto. Freddi desejava ter resistido ao impulso, mas a mãe tinha um ditado: «O demasiado tarde chega sempre demasiado cedo.»

Ouve os passos dele no corredor. Abre a porta antes que o homem possa tocar à campainha, e a pergunta sai antes que saiba que a vai fazer.

— Diga-me a verdade, doutor Z. O senhor é o Brady?

4

Hodges mal entrou pela porta e ainda está a tirar o casaco quando o telemóvel toca.

— Olá, Holly.

— Estás bem?

Prevê muitos telefonemas dela a começarem com aquela mesma frase. Bem, é melhor do que *Morre, cabrão*.

— Estou, sim.

— Mais um dia e começas o tratamento. E quando começares, não vais parar. Farás o que os médicos te mandarem fazer.

— Não te preocupes. Um trato é um trato.

— Deixarei de me preocupar quando estiveres livre do cancro.

Não, Holly, pensa ele, e fecha os olhos por causa do ardor inesperado das lágrimas. Não faças isso.

— O Jerome chega esta noite. Ligou do avião a perguntar pela Barbara, e contei-lhe tudo o que ela me disse. Chega às onze. Ainda bem que saiu quando saiu, porque vem aí uma tempestade. Estão a dizer que vai ser muito má. Ofereci-me para lhe alugar um carro como faço contigo quando sais da cidade. É mais fácil agora que temos a conta da empresa…

— Na qual insististe até eu ceder. Acredita, eu sei.

— Mas ele não precisa de carro. O pai vai buscá-lo. Vão ver a Barbara às oito da manhã e levá-la para casa se o médico lhe der alta. O Jerome disse que pode estar no nosso escritório às dez, se achares bem.

— Por mim, perfeito — diz Hodges, secando os olhos. Não sabe quanto Jerome pode ajudar, mas sabe que vai ser bom vê-lo. Muito bom. — Qualquer coisa que ele consiga sacar à irmã sobre aquele maldito aparelho…

— Pedi-lhe para fazer isso. Tens o da Dinah?

— Sim. E experimentei-o. Há qualquer coisa na demonstração do Fishin' Hole. Deixa uma pessoa sonolenta se olhamos demasiado tempo para aquilo. Puramente acidental, acho, e não vejo como a maioria das crianças seria afetada, porque o lógico seria quererem entrar de imediato no jogo.

Conta o resto do que soube por Dinah.

— Então a Dinah não recebeu o *Zappit* como a Barbara e a senhora Ellerton — diz Holly.

— Não.

— E não te esqueças da Hilda Carver. O homem que se apresentou como Myron Zakim também lhe deu um. Só que o dela não funcionava. A Barb disse que só emitiu um clarão azul e morreu. Viste algum clarão azul?

— Não. — Hodges está a olhar para o pouco que tem no frigorífico em busca de alguma coisa que o estômago possa aceitar e escolhe uma embalagem de iogurte de banana. — E havia os peixes rosa, mas quando consegui clicar em

dois, o que não é fácil, por sinal, não apareceu nenhum número.

— Aposto que apareceu no da senhora Ellerton.

Hodges é da mesma opinião. É cedo para generalizar, mas começa a pensar que os números-peixe só aparecem nos *Zappits* que foram entregues pelo homem com a pasta elegante, Myron Zakim. Também acha que alguém anda a brincar com a letra Z, e o jogo, juntamente com um interesse mórbido por suicídio, fazia parte do *modus operandi* de Brady Hartsfield. Mas Brady está entrevado no quarto do Kiner Memorial, caramba! Hodges passa a vida a deparar-se com esse facto irrefutável. Se Brady Hartsfield tem capangas para fazer o seu trabalho sujo, e começa a parecer que sim, como os comanda? E por que motivo as pessoas fariam alguma coisa por ele?

— Holly, preciso que ligues o computador e verifiques uma coisa. Não é nada de especial, só pormenor.

— Diz.

— Quero saber se a Sunrise Solutions patrocinou a digressão dos ’Round Here em 2010, quando o Hartsfield tentou fazer explodir o auditório Mingo. Ou *qualquer* digressão dos ’Round Here.

— Posso fazer isso. Já jantaste?

— Estou a tratar disso agora.

— Que bom. O que vais comer?

— Bife, batata palha e salada — diz Hodges, olhando para o iogurte com uma mistura de repulsa e resignação. — Tenho um resto de tarte de maçã para sobremesa.

— Aquece-a no micro-ondas e põe-lhe uma bola de gelado de baunilha em cima. Fica uma delícia!

— Vou levar isso em consideração.

Não devia ficar impressionado quando ela liga cinco minutos depois com a informação que lhe pediu, é só Holly a ser Holly, mas fica à mesma.

— Meu Deus, Holly, já?

Sem ideia de que está a citar Freddi Linklatter quase palavra por palavra, Holly diz:

— Para a próxima pede uma coisa difícil. Talvez não saibas, mas os ’Round Here separaram-se em 2013. Pelos vistos, essas *boy bands* não duram muito.

— Não — diz Hodges. — Quando começam a precisar de fazer a barba, as raparigas perdem o interesse.

— Não saberia dizer-te — comenta Holly. — Sempre fui fã do Billy Joel. E do Michael Bolton.

Ah, Holly, pensa Hodges com tristeza. E não pela primeira vez.

— Entre 2007 e 2012, o grupo fez seis digressões pelo país. As primeiras quatro foram patrocinadas pelos Sharp Cereals, que distribuía amostras grátis nos concertos. As duas últimas, inclusive a do Mingo, foram patrocinadas pela PepsiCo.

— Nenhuma Sunrise Solutions.

— Não.

— Obrigado, Holly. Vejo-te amanhã.

— Sim. Já estás a jantar?

— Vou sentar-me agora.

— Tudo bem. E tenta ver a Barbara antes de começares o tratamento. Ela precisa de ver rostos amigos, porque o problema que a afetou ainda não passou totalmente. Disse que parecia ter deixado um rasto de gosma dentro da cabeça dela.

— Vou fazer isso, com certeza — diz Hodges, mas é uma promessa que não pode cumprir.

5

O senhor é o Brady?

Felix Babineau, que às vezes se apresenta como Myron Zakim e às vezes como doutor Z, sorri ante a pergunta. Franze as bochechas não barbeadas de uma

forma sinistra. Naquela noite traz uma *ushanka* de pele em vez do chapéu *trilby*, e o cabelo branco aparece sob a base. Freddi queria não ter feito a pergunta, queria não ter de deixá-lo entrar, queria nunca ter ouvido falar dele. Se ele *for* Brady, é uma casa assombrada ambulante.

— Não faça perguntas e não lhe digo mentiras — diz ele.

Ela quer esquecer e não consegue.

— Porque o senhor fala como ele. E aquela alteração de programação que o outro tipo me trouxe depois de as caixas chegarem… era coisa do Brady. Era tão dele que nem precisava de assinatura.

— O Brady Hartsfield é um semicatatónico que mal consegue andar, muito menos escrever uma alteração de programação para ser usada numa data de consolas obsoletas. Não recebi o dinheiro prometido daqueles merdas da Sunrise Solutions e fico lixado com isso.

Fico lixado com isso. Uma expressão que Brady usava constantemente nos tempos da ciberpatrulha, normalmente para se referir ao chefe ou a um cliente idiota que tinha entornado café com leite na CPU.

— Está a ser muito bem paga, Freddi, e quase terminou. Porque não deixamos as coisas assim?

Passa ao seu lado, roçando-lhe, sem esperar resposta, pousa a pasta na mesa e abre-a. Tira um envelope com as iniciais dela, FL, escritas à frente. As letras são inclinadas para trás. Durante os anos que passou na ciberpatrulha da Discount Electronix, ela viu uma caligrafia semelhante, também inclinada para a esquerda, em centenas de ordens de serviço. Eram todas de Brady.

— Dez mil — diz o doutor Z. — O pagamento final. Agora, vá trabalhar.

Freddi estica a mão para o envelope.

— Não precisa de esperar, se não quiser. O resto é basicamente automático. É como programar um despertador.

E, se fores mesmo o Brady, pensa ela, *podias fazê-lo sozinho. Sou boa nisto, mas tu eras melhor.*

Ele deixa os dedos dela tocarem no envelope, depois fá-lo recuar.

— Eu fico. Não é que não confie em si.

Certo, pensa Freddi. *Até parece.*

O rosto dele franze-se novamente naquele sorriso perturbador.

— E quem sabe? Talvez tenhamos sorte e vejamos a primeira ligação.

— Aposto que a maior parte das pessoas que receberam aqueles *Zappits* já deitou fora o aparelho. É um maldito *brinquedo*, e alguns nem funcionam. Como o senhor mesmo disse.

— Deixe-me preocupar com isso — afirma o doutor Z.

Mais uma vez, as faces franzem-se e repuxam-se. Os olhos dele estão vermelhos, como se tivesse fumado um charro. Ela pensa em perguntar o que estão exatamente a fazer e o que espera ele conseguir com isso… mas já tem uma ideia, e será que deseja ter a certeza? Além disso, se ele *for* Brady, que mal pode fazer? Tinha centenas de ideias, todas impossíveis.

Bem.

Quase todas.

Vai à frente para o que estava destinado a ser um quarto de hóspedes e agora se transformou no seu escritório, o tipo de refúgio eletrónico com o qual sempre sonhou e para o qual nunca teve dinheiro. Um esconderijo que Gloria, com a sua beleza, gargalhada contagiante e «jeito para as pessoas» nunca conseguiu entender. Lá dentro, os aquecedores não funcionam bem e o ar é cinco graus mais frio do que no resto do apartamento. Os computadores não se importam. Até gostam.

— Força — diz ele. — Trabalhe.

Ela senta-se em frente ao *desktop MAC* de última geração, com o ecrã de vinte e sete polegadas, dá um clique para sair do modo de suspensão e digita a senha, uma sequência aleatória de números. Há uma pasta chamada Z, que ela abre com outra senha. As subpastas chamam-se Z-1 e Z-2. Ela usa uma terceira senha para abrir a Z-2, depois começa a digitar rapidamente no teclado. O doutor Z fica a olhar por cima do seu ombro esquerdo. É uma presença perturbadoramente negativa de início, mas depressa ela se distrai com o que está a fazer, como acontece sempre.

Não é que demore; o doutor Z já lhe entregou o programa pronto, e executá-

lo é brincadeira de crianças. À direita do computador, numa prateleira alta, há um repetidor de sinal *Motorola*. Quando ela termina, premindo simultaneamente as teclas COMMAND e Z, o repetidor ganha vida. Em pontinhos amarelos surge À PROCURA. As letras piscam como um sinal de trânsito intermitente num cruzamento deserto.

Esperam, e Freddi percebe que está a suster a respiração. Solta-a de repente, inflando por um momento as bochechas magras. Começa a levantar-se, mas o doutor Z pousa a mão no seu ombro.

— Vamos esperar um pouco mais.

Esperam cinco minutos, e o único som é o zumbido do equipamento dela e o sopro do vento vindo do lago congelado. À PROCURA pisca sem parar.

— De acordo — diz ele, por fim. — Eu sabia que era esperar demasiado. Tudo a seu tempo, Freddi. Voltemos para a sala. Vou dar-lhe o pagamento final e pôr-me a an…

À PROCURA a amarelo torna-se de repente ENCONTRADO a verde.

— *É isso!* — grita ele, fazendo-a saltar. — *É isso, Freddi! Ali está o primeiro!*

Qualquer dúvida que restava é eliminada, e ela tem a certeza. Bastou aquele grito de triunfo. É Brady, sim. Tornou-se uma matriosca viva, o que combina perfeitamente com o chapéu russo de pele. Se olhar para dentro de Babineau, encontra o doutor Z. Se olhar para dentro do doutor Z encontra, a mover todos os cordelinhos, Brady Hartsfield. Só Deus sabe como é possível, mas é.

ENCONTRADO a verde é substituído por A CARREGAR a vermelho. Depois de poucos segundos, A CARREGAR é substituído por CONCLUÍDO. Então, o repetidor começa a procurar de novo.

— Muito bem — diz ele. — Dou-me por satisfeito. Está na hora de ir embora. A noite foi agitada, e ainda não terminei.

Ela segue-o até à sala e fecha a porta do refúgio eletrónico ao passar. Tomou uma decisão que provavelmente devia ter tomado muito antes. Assim que ele se for embora, vai desligar o repetidor e apagar o programa. Quando isso estiver

tratado, fará as malas e partirá para um motel. Amanhã, vai sair da cidade e seguir para o sul da Florida. Não quer mais nada com o doutor Z nem com o seu braço-direito, Z-Boy, nem com o inverno do Midwest.

O doutor Z veste o casaco, mas vai até à janela em vez de ir para a porta.

— A vista não é grande coisa. Há demasiados arranha-céus à frente.

— Sim, é uma porcaria.

— Mas é melhor do que a minha — diz ele, sem se virar. — A única coisa que vi nos últimos cinco anos e meio foi um parque de estacionamento.

De repente, Freddi chega ao limite. Se ele ainda estiver na mesma sala que ela nos próximos sessenta segundos, terá um ataque de histeria.

— Dê-me o meu dinheiro. Dê-mo e saia daqui. Os nossos negócios chegaram ao fim.

Ele vira-se. Tem na mão a pistola de cano curto com que matou a mulher de Babineau.

— Tens razão, Freddi. Chegaram mesmo.

Ela reage imediatamente. Arranca-lhe a pistola da mão, dá-lhe um pontapé nas virilhas, acerta-lhe com golpes de karaté como Lucy Liu quando ele se dobra para a frente e sai a correr pela porta a gritar como uma louca. Este filme mental é exibido a cores e com som Dolby Digital enquanto ela fica parada, imóvel. A arma dispara. Ela cambaleia dois passos para trás, bate na poltrona onde se senta para ver televisão, desaba nela e rola para o chão de cabeça. O mundo começa a escurecer e a desaparecer. A sua última sensação é calor — em cima quando começa a sangrar e em baixo quando a bexiga cede.

— O pagamento final, como prometido. — As palavras parecem vir de muito longe.

A escuridão engole o mundo. Freddi afunda-se nela e desaparece.

Brady fica totalmente imóvel, a ver a poça de sangue formar-se sob ela. Está atento ao possível som de alguém a bater à porta, a querer saber se está tudo bem. Não espera que isso aconteça, mas é melhor prevenir do que remediar.

Ao fim de uns noventa segundos, guarda a arma de novo no bolso do sobretudo, ao lado do *Zappit* de Babineau. Não consegue resistir a dar mais uma olhadela ao escritório antes de se ir embora. O repetidor continua a sua busca infinita e automatizada. De forma imprevisível, ele concluiu uma jornada incrível. é impossível prever quais serão os resultados finais, mas de certeza que vai haver *algum* resultado. E vai corroer o velho Det.-Ref. como ácido. A vingança é mesmo melhor servida fria.

Tem o elevador só para si quando desce. A entrada também está vazia. Sai do prédio, dobra a esquina, levantando a gola do sobretudo caro de Babineau para se proteger do vento, e destranca o *BMW* do médico. Entra e liga o motor, mas só por causa do aquecimento. Há uma coisa que tem de ser feita antes de ir para o destino seguinte. Não *quer* fazer isso, porque, por mais falho que seja como ser humano, Babineau tem uma mente absurdamente inteligente, e boa parte dela ainda está intacta. Destruir essa mente assemelha-se a quando aqueles idiotas supersticiosos do Estado Islâmico reduzem a escombros tesouros insubstituíveis da arte e da cultura. Mas tem de ser feito. Brady não quer correr nenhum risco, porque o corpo também é um tesouro. Sim, Babineau tem a tensão um pouco alta e a audição piorou nos últimos anos, mas as partidas de ténis e as idas ao ginásio do hospital duas vezes por semana mantiveram os músculos em boa forma. O coração bate a setenta pulsações por minuto, sem falhar. Não sofre de ciática, de gota, de cataratas, nem de nenhuma outra abominação que afeta muitos homens da sua idade.

Além do mais, ele só dispõe do bom do médico, pelo menos por enquanto.

Com isso em mente, Brady volta-se para dentro e encontra o que resta da consciência de Felix Babineau, o cérebro dentro do cérebro. Está maltratado, massacrado e fraco por causa das repetidas ocupações de Brady, mas ainda está lá, ainda Babineau, ainda capaz (teoricamente, pelo menos) de recuperar o controlo. Mas está indefeso, como uma criatura desprovida da sua concha. Não é

exatamente carne; o núcleo de Babineau é formado por fios densamente reunidos, feitos de luz.

Não sem lamentar, Brady agarra-os com a mão fantasma e destrói-os.

7

Hodges passa a noite a comer lentamente o iogurte e a ver o Weather Channel. A tempestade de inverno, ridiculamente batizada como *Eugenie* pelos sabichões do canal, ainda está a aproximar-se e deve chegar à cidade no fim do dia seguinte.

— É difícil ser mais preciso agora — diz o sabichão careca de óculos para a sabichona loura estonteante de vestido vermelho. — Esta tempestade dá um novo significado ao termo «trânsito lento».

A sabichona estonteante ri como se o seu parceiro na meteorologia tivesse dito uma coisa absurdamente inteligente, e Hodges usa o comando para se livrar deles.

O comando, pensa ele, olhando para o aparelho. Um dos nomes daquela coisa. Uma invenção e tanto se pararmos para pensar. Podemos aceder a centenas de canais diferentes com o comando. Não precisamos sequer de nos levantar. Como se estivéssemos dentro da televisão em vez de na poltrona. Ou nos dois lugares ao mesmo tempo. É uma espécie de milagre, na verdade.

Quando vai à casa de banho lavar os dentes, o telemóvel vibra. Olha para o ecrã e tem de se rir, apesar de doer. Agora que está na privacidade do seu lar, sem ninguém por perto para ser incomodado pelo alerta de mensagem do *home run*, o seu antigo parceiro decide ligar.

— Olá, Pete, é bom saber que ainda te lembras do meu número.

Pete não tem tempo para conversa fiada.

— Vou dizer-te uma coisa, Kermit, e se decidires seguir por conta própria,

sou como o sargento Schultz em *Hogan's Heroes*. Lembras-te dele?

— Claro. — O que Hodges sente nas entranhas agora não é uma cãibra de dor, mas de excitação. É estranho reparar como são parecidas. — Não sei de nada.

— Certo. Tem de ser assim, porque no que diz respeito a este departamento, o homicídio da Martine Stover e o suicídio da mãe são oficialmente caso encerrado. Não vamos reabri-lo por causa de uma coincidência, e a ordem vem de cima. Está claro?

— Como água — diz Hodges. — Qual é a coincidência?

— A enfermeira-chefe da Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas do Kiner Memorial suicidou-se ontem à noite. Ruth Scapelli.

— Já soube.

— Soubeste durante uma das tuas peregrinações para visitar o adorável senhor Hartsfield, presumo.

— Sim.

Não era necessário dizer a Pete que não chegara a ver o adorável senhor Hartsfield.

— A Scapelli tinha uma daquelas consolas, um *Zappit*. Parece que a deitou no lixo antes de se esvair em sangue. Um dos técnicos encontrou-a.

— Ah. — Hodges volta para a sala e senta-se, fazendo uma careta quando o corpo se contrai de dor. — E isso é a tua ideia de uma coincidência?

— Não necessariamente minha — diz Pete, com um suspiro.

— Mas?

— Mas quero aposentar-me em paz, caramba! Se houver alguma coisa para investigar aqui, a Izzy pode fazer isso.

— Mas a Izzy não quer fazer porra nenhuma.

— Não. Nem o capitão, nem o comissário.

Ao ouvir aquilo, Hodges é obrigado a rever ligeiramente a opinião de que o antigo parceiro é um «caso perdido».

— Falaste com eles? Tentaste manter o caso aberto?

— Com o capitão. Mesmo com as objeções da Izzy Jaynes, devo acrescentar.

Objeções *bem fortes*. O capitão falou com o comissário. Esta noite, recebi ordens para esquecer o assunto, e sabes porquê.

— Sei. Porque o Brady Hartsfield está ligado aos dois casos. A Martine Stover foi uma das vítimas dele no Centro Cívico. A Ruth Scapelli era sua enfermeira. Um jornalista moderadamente inteligente levaria uns seis minutos a juntar tudo e a criar um artigo bom e assustador. Foi isso que ouviste do capitão Pedersen?

— Foi. Ninguém na direção da polícia quer que os holofotes se voltem para o Hartsfield, com ele ainda a ser avaliado como incompetente e incapaz de ajudar na própria defesa e, por isso, de ir a julgamento. Porra, ninguém na Câmara quer.

Hodges fica em silêncio, a pensar profundamente, talvez mais profundamente do que em qualquer outra ocasião da vida. Aprendeu a expressão «atravessar o Rubicão» quando ainda estava no secundário e compreendeu o significado sem precisar da explicação da professora Bradley: tomar uma decisão irrevogável. O que descobriu depois, às vezes para seu próprio pesar, foi que normalmente as pessoas chegam aos Rubicões mal preparadas. Se ele disser a Pete que Barbara Robinson também tinha um *Zappit* e também podia estar a pensar em suicídio quando faltou às aulas e foi para Lowtown, Pete vai ter de voltar a conversar com Pedersen. Dois suicídios relacionados com *Zappits* podem ser considerados coincidência, mas três? E, tudo bem, Barbara não foi bem-sucedida, graças a Deus, mas é mais uma pessoa com ligação a Brady. Estava no concerto dos ’Round Here, afinal. Na companhia de Hilda Carver e Dinah Scott, que *também* receberam *Zappits*. Mas haverá polícias capazes de acreditar no que ele próprio começa a acreditar? É uma pergunta importante, porque Hodges adora Barbara Robinson e não quer ver a privacidade dela violada sem a garantia de resultados concretos.

— Kermit? Ainda aí estás?

— Estou a pensar. A Scapelli teve alguma visita ontem à noite?

— Não sei dizer, porque os vizinhos não foram interrogados. Foi suicídio, não homicídio.

— A Olivia Trelawney também se suicidou — diz Hodges. — Lembras-te?

É a vez de Pete ficar em silêncio. Claro que se lembra, e também se lembra de que foi um suicídio *assistido*. Hartsfield pusera um *malware* no computador dela, fazendo-a pensar que estava a ser assombrada pelo fantasma de uma jovem mãe morta no Centro Cívico. Ajudou o facto de boa parte da cidade ter acreditado que o descuido de Olivia Trelawney ao ter deixado a chave sobresselente no porta-luvas fora parcialmente responsável pelo massacre.

— O Brady sempre gostou…

— Eu sei do que ele sempre gostou — interrompe Pete. — Não precisas de bater nessa tecla. Tenho outra coisa para ti, se quiseres.

— Manda.

— Falei hoje com a Nancy Alderson, por volta das cinco.

Que bom, Pete, pensa Hodges. Estás a fazer mais do que apenas picar o ponto nas tuas últimas semanas.

— Contou-me que a senhora Ellerton já tinha comprado um computador novo para a filha. Para o curso *online*. Disse que está debaixo da escada da cave, ainda na caixa. Ia oferecê-lo à Martine no seu aniversário, no mês que vem.

— Por outras palavras, ela estava a fazer planos futuros. Não parece uma mulher a pensar em suicidar-se, pois não?

— Não, eu diria que não. Tenho de ir, Kerm. A bola está do teu lado. Podes deixá-la cair, ou não. És tu quem decide.

— Obrigado, Pete, agradeço.

— Quem dera que fosse como antigamente — comenta Pete. — Teríamos ido atrás dessa história até chegarmos ao fundo dela.

— Mas não é.

Hodges está de novo a massajar o flanco.

— Não. Não é. Fica bem. Vê se ganhas um pouco de peso.

— Vou esforçar-me por isso — responde Hodges, mas está a falar sozinho. Pete já desligou.

Lava os dentes, toma um analgésico e veste o pijama devagar. Depois, vai para cama e olha para a escuridão, à espera do sono ou do amanhecer, o que vier primeiro.

8

Brady teve o cuidado de tirar o crachá de Babineau de cima da cómoda depois de vestir as roupas do médico, porque a faixa magnética na parte de trás transforma-o num passe com acesso total. Às dez e meia daquela noite, por volta do momento em que Hodges está a ver o Weather Channel, usa-o pela primeira vez para entrar no estacionamento dos funcionários atrás do edifício principal do hospital. O estacionamento está cheio durante o dia, mas àquela hora há vários lugares vagos por onde escolher. Decide-se pelo mais distante possível que consegue do clarão intenso dos candeeiros. Reclina o assento do luxuoso carro do doutor B e desliga o motor.

Adormece e vê-se a atravessar uma névoa ligeira de lembranças desconexas, tudo o que resta de Felix Babineau. Sente o gosto do batom de menta da primeira rapariga que ele beijou, Marjorie Patterson, na East Junior High, em Joplin, no Missouri. Vê uma bola de básquete com a palavra VOIT impressa em letras pretas quase apagadas. Sente calor na fralda ao fazer chichi enquanto está a colorir desenhos atrás do sofá da avó, um dinossauro enorme coberto de veludo verde desbotado.

Parece que as lembranças da infância são as últimas a desaparecer.

Pouco depois das duas da manhã, encolhe-se ao ter uma lembrança vívida do pai a bater nele por brincar com fósforos no sótão de casa e acorda assustado, ofegando no banco do *BMW*. Por um momento, o pormenor mais claro da lembrança permanece presente: uma veia a pulsar no pescoço vermelho do pai, logo acima da gola do polo azul.

Em seguida volta a ser Brady, vestindo a pele de Babineau.

9

Enquanto estava praticamente confinado ao quarto 217 e num corpo que já não funciona, Brady teve meses para fazer planos, rever os planos e rever as revisões. Cometeu erros no caminho (gostaria de nunca ter usado Z-Boy para mandar uma mensagem a Hodges pelo Guarda-Chuva Azul, por exemplo, e devia ter esperado mais tempo antes de ir atrás de Barbara Robinson), mas perseverou, e ali está ele, à beira do sucesso.

Ensaiou mentalmente esta parte da operação dezenas de vezes, e agora segue com confiança. O crachá de Babineau permite-lhe entrar pela porta que diz MANUTENÇÃO A. Nos pisos acima, os geradores do hospital são ouvidos como um zumbido baixo, se é que são ouvidos. Ali em baixo são um retumbar permanente, e o corredor está abafado. Mas encontra-se deserto, como era esperado. Um hospital grande como aquele nunca cai num sono profundo, mas durante a madrugada fecha os olhos e dormita.

A sala de descanso da equipa de manutenção também está vazia, assim como os duches e o vestiário. Há cadeados a proteger alguns dos cacifos, mas a maioria está aberta. Ele experimenta um após outro, verificando os tamanhos até encontrar uma camisa cinzenta e umas calças de trabalho do tamanho aproximado de Babineau. Tira as roupas do médico e coloca-as no meio das coisas do funcionário, sem deixar de transferir o frasco de comprimidos que tirou da casa de banho de Babineau. É uma mistura potente dos medicamentos de Babineau e dos da mulher. Num dos ganchos junto aos duches vê o toque final: um boné vermelho e azul dos Groundhogs. Pega-lhe, ajusta a tira de plástico atrás e enterra-o na testa, tendo o cuidado de cobrir todo o cabelo branco de Babineau.

Atravessa a Manutenção A e vira à direita na lavandaria do hospital, que está húmida, além de quente. Há duas funcionárias sentadas em cadeiras de plástico entre duas filas de máquinas de secar *Foshan* gigantescas. Dormem profundamente; uma tem no regaço, meio caída, uma caixa de bolachas salgadas a espalhar-se no regaço da saia de *nylon* verde. Mais adiante, passando as máquinas de lavar, há dois carrinhos de roupa junto à parede. Um está cheio de

batas hospitalares, e o outro cheio de lençóis limpos. Brady pega em algumas batas, pousa-as em cima dos lençóis bem dobrados e empurra o carrinho pelo corredor.

É preciso trocar de elevador e atravessar a passadeira para chegar ao Capacete, e ele vê exatamente quatro pessoas pelo caminho. Duas são enfermeiras a cochichar diante de um armário de material; duas são residentes na sala dos médicos, a rir baixinho por causa de alguma coisa num portátil. Nenhuma delas repara no homem da manutenção do turno da madrugada, com a cabeça baixa, enquanto empurra um carrinho cheio de roupa.

O local em que há mais possibilidade de ser notado (e talvez reconhecido) é o balcão dos enfermeiros no meio do Capacete. Mas uma das enfermeiras está a jogar paciências no computador, e a outra a tomar notas, apoiando a cabeça na mão livre. Esta apercebe-se de movimento pelo canto do olho e, sem levantar a cabeça, pergunta como ele está.

— Bem — responde Brady. — Mas hoje está frio.

— Sim, ouvi dizer que vem aí neve.

Ela boceja e volta às anotações.

Brady empurra o carrinho pelo corredor, parando um pouco antes do quarto 217. Um dos segredinhos do Capacete é que ali os quartos dos pacientes têm duas portas, uma sinalizada, e a outra, não. As não sinalizadas dão para os armários, o que torna possível repor o *stock* de lençóis ou de outras coisas necessárias à noite sem incomodar o descanso dos pacientes… ou as suas mentes perturbadas. Brady pega em algumas batas, olha rapidamente em volta para ter a certeza de que não está a ser observado e entra pela porta não sinalizada. Um momento depois, está a olhar para si mesmo. Durante anos fez todos acreditarem que Brady Hartsfield é aquilo a que os funcionários do Capacete chamam (mas apenas entre si) vegetal, atrasado ou LASNEC: luzes acesas sem ninguém em casa. Agora, é precisamente isso.

Inclina-se e toca numa das faces com a barba por fazer. Passa o polegar pela pálpebra fechada, sentindo a curva do globo ocular por baixo. Levanta a mão, vira-a e pousa-a delicadamente na colcha. Tira do bolso das calças cinzentas

emprestadas o frasco de comprimidos e põe meia dúzia deles na palma virada. *Toma, engole-os*, pensa ele. *Este é o meu corpo, inutilizado*.

Entra no corpo inútil uma última vez. Nem precisa de usar o *Zappit* para fazer isso agora, ou de ter medo de que Babineau assuma o comando e fuja como na história do Homem de Gengibre. Com a mente de Brady fora do corpo, Babineau é o vegetal. Não há lá nada além da lembrança do polo do pai.

Brady olha em volta dentro da própria cabeça, como um homem a verificar um quarto de hotel depois de uma longa estada. Alguma coisa esquecida no armário? Um tubo de pasta dos dentes abandonado na casa de banho? Quem sabe um botão de punho debaixo da cama?

Não. Está tudo guardado, e o quarto está vazio. Fecha a mão, detestando a forma arrastada como os dedos se movem, como se as articulações estivessem cheias de areia. Abre a boca, aproxima os comprimidos e enfia-os lá dentro. Mastiga. O gosto é amargo. Enquanto isso, Babineau desabou no chão como se não tivesse ossos. Brady engole uma vez. E mais outra. Pronto. Está feito. Fecha os olhos e, quando os abre de novo, está a olhar para baixo da cama, para um par de chinelos que Brady Hartsfield nunca mais vai usar.

Levanta-se no corpo de Babineau, sacode a roupa e dá mais uma olhadela ao corpo que o carregou durante quase trinta anos. O que deixou de lhe ser útil quando lhe acertaram na cabeça pela segunda vez no auditório Mingo, pouco antes de ele poder detonar os explosivos plásticos presos sob o assento da cadeira de rodas. Tempos atrás talvez tivesse achado que com essa medida drástica lhe sairia o tiro pela culatra, que a sua consciência e todos os seus planos grandiosos morreriam com aquele corpo. Já não. O cordão umbilical foi cortado. Atravessou o Rubicão.

Adeus, Brady, pensa ele, foi bom conhecer-te.

Desta vez, quando empurra o carrinho pela receção, a enfermeira que estava a jogar paciências desapareceu, provavelmente tendo ido à casa de banho. A outra está a dormir em cima das notas.

10

São quatro menos um quarto, e há muito para fazer.

Depois de voltar a vestir as roupas de Babineau, Brady sai do hospital tal como entrou e dirige-se a Sugar Heights. Como o silenciador caseiro de Z-Boy ficou *kaput*, e um tiro não silenciado provavelmente vai chamar a atenção num bairro elegante como aquele (onde os seguranças da Vigilant Guard Service nunca estão a mais de um ou dois quarteirões de distância), faz uma paragem no Valley Plaza, que fica no caminho. Verifica se há carros da polícia no parque de estacionamento, não vê nenhum e dirige-se para as traseiras: a área de cargas e descargas do Discount Home Furnishings.

Caramba, é tão bom estar na rua! *Maravilhoso!*

Inspira profundamente o ar frio do inverno enquanto vai para a frente do *BMW*, enrolando a manga do sobretudo caro de Babineau em volta do cano curto da .32. Não será tão eficiente como o silenciador de Z-Boy, e ele sabe que é um risco, mas não muito grande. Só um tiro. Olha para cima primeiro, querendo ver as estrelas, mas as nuvens obstruíram o céu. Ah, bem, haverá outras noites. Muitas delas. Possivelmente, milhares. Afinal, não está limitado ao corpo de Babineau.

Faz pontaria e dispara. Um buraquinho aparece no para-brisas do *BMW*. Agora vem outro risco: dirigir os quase dois quilómetros até Sugar Heights com um buraco de bala no vidro logo acima do volante, mas àquela hora da noite as ruas do subúrbio estão vazias e os polícias também dormitam, principalmente nos melhores bairros.

Em duas ocasiões aproximam-se dele uns faróis, e Brady sustém a respiração, mas das duas vezes os carros passam sem abrandar. O ar de janeiro entra pelo buraco de bala e faz um barulho agudo. Consegue chegar à McMansão de Babineau sem incidentes. Não há necessidade de marcar o código dessa vez; limita-se a acionar o comando do portão preso na pala. Quando chega ao fim do caminho de acesso, guina para o relvado coberto de neve, passa por

cima de uma zona de neve dura, acerta num arbusto e para.

Lar, doce lar, lá-lá-lá.

O único problema é que se esqueceu de trazer uma faca. Podia ir buscar uma a casa, pois há mais um assunto pendente lá dentro, mas não quer fazer duas viagens. Tem muitos quilómetros pela frente antes de dormir e está desejoso de começar. Então, abre a consola central e começa a mexer lá dentro. Era de esperar que um dândi como Babineau tivesse utensílios de higiene pessoal, talvez um corta-unhas… mas não encontra nada. Procura no porta-luvas, e na pasta com os documentos do carro (de couro, claro) encontra um cartão da seguradora Allstate plastificado. Há de servir. Afinal, como diz o anúncio, com eles uma pessoa está em boas mãos.

Brady levanta a manga do sobretudo de caxemira e a camisa, depois passa um canto do cartão plastificado no antebraço. Não produz nada além de uma linha vermelha fina. Repete o gesto com muito mais força, os lábios repuxados numa careta de dor. Dessa vez, a pele abre-se e o sangue escorre. Sai do carro com o braço levantado e inclina-se para dentro. Verte algumas gotas primeiro no banco e depois no volante. Não é muito, mas não é preciso haver muito, quando for somado ao buraco de bala no para-brisas.

Sobe os degraus do alpendre, e cada passo ligeiro é um pequeno orgasmo. Cora está deitada sob o bengaleiro do vestíbulo, tão morta como antes. O Al da Biblioteca ainda dorme no sofá. Brady sacode-o e, quando o outro só resmunga, segura Al com as duas mãos e empurra-o para o chão. Al abre os olhos.

— Hã? O que foi?

O olhar é atordoado, mas não completamente vazio. Não deve ter restado nada de Al Brooks dentro daquela cabeça saqueada, mas ainda há um pouco do *alter ego* que Brady criou. Isso basta.

— Olá, Z-Boy — diz Brady ao agachar-se.

— Olá — grunhe Z-Boy, tentando sentar-se. — Olá, doutor Z. Estou a vigiar a casa como pediu. A mulher, a que ainda consegue andar, passa o tempo a usar aquele *Zappit*. Vejo-a da garagem grande do outro lado da rua.

— Isso já não é necessário.

— Não? Olhe, onde estamos?

— Em minha casa — diz Brady. — Mataste a minha mulher.

Z-Boy olha, boquiaberto, para o homem de cabelo branco com sobretudo. Tem um hálito fétido, mas Brady não se afasta. Aos poucos, o rosto de Z-Boy começa a desmoronar-se. É como ver um acidente de carro em câmara lenta.

— Matei?… Impossível!

— Mataste.

— Não! Eu nunca faria isso!

— Mas fizeste. Só porque eu mandei.

— Tem a certeza? Não me lembro.

Brady segura-o pelo ombro.

— Não foi culpa tua. Tinhas sido hipnotizado.

O rosto de Z-Boy ilumina-se.

— Pelo Fishin' Hole!

— Sim, pelo Fishin' Hole. E enquanto estavas hipnotizado, mandei-te matar a senhora Babineau.

Z-Boy olha para ele com dúvida e preocupação.

— Se a matei, a culpa não foi minha. Eu estava hipnotizado e nem consigo lembrar-me.

— Toma isto.

Brady entrega a arma a Z-Boy. Ele levanta-a com a testa franzida, como se fosse um artefacto exótico.

— Enfia-a no bolso e dá-me a chave do teu carro.

Z-Boy mete a arma no bolso das calças com ar distraído, e Brady faz uma careta, esperando que a arma dispare e faça um buraco na perna do pobre coitado. Finalmente, Z-Boy entrega-lhe o porta-chaves. Brady guarda-o no bolso, levanta-se e atravessa a sala.

— Onde vai, doutor Z?

— Não me demoro. Porque não ficas no sofá até eu voltar?

— Vou ficar no sofá até o senhor voltar — diz Z-Boy.

— Ótima ideia.

Brady vai até ao escritório do doutor Babineau. Tem uma parede dedicada ao ego cheia de fotos emolduradas, inclusive uma de um Felix Babineau mais jovem a apertar a mão ao presidente Bush, filho, os dois a sorrir como idiotas. Brady ignora as fotos; já as viu muitas vezes antes, durante os meses em que estava a aprender a ocupar o corpo de outra pessoa, aquilo que agora considera os tempos em que aprendeu a conduzir. Também não está interessado no computador. O que quer é o *Macbook Air* em cima do aparador. Abre-o, liga-o e digita a senha de Babineau, que por acaso é CEREBELLIN.

— O teu medicamento é inútil — diz Brady quando o ecrã principal surge. Na verdade, não tem a certeza disso, mas é no que quer acreditar.

Os dedos voam pelo teclado à velocidade de quem tem prática e da qual Babineau teria sido incapaz, e um programa escondido, que Brady instalou numa das suas visitas anteriores à cabeça do bom doutor, surge no ecrã. Chama-se FISHIN' HOLE. Ele digita de novo, e o programa sintoniza-se com o repetidor no esconderijo informático de Freddi Linklatter.

A CARREGAR, diz o ecrã do portátil, e por baixo: 3 ENCONTRADOS.

Três encontrados! Três, já!

Brady está encantado, mas não exatamente surpreendido, apesar de ser madrugada. Há gente com insónia por todo o lado, e isso inclui o grupo que recebeu *Zappits* de graça por intermédio do mauconcerto.com. Que melhor forma de passar as horas insones antes do amanhecer do que com uma consola de jogos? E, antes de jogar paciências ou Angry Birds, porque não dar uma olhadela aos peixes rosa no ecrã de demonstração do Fishin' Hole e ver se eles finalmente foram programados para se tornarem números quando se lhes toca? Uma combinação dos números certos vai garantir prémios, mas às quatro da manhã, essa pode não ser a motivação principal. Quatro da manhã costuma ser uma hora infeliz para se estar acordado. É quando os pensamentos desagradáveis e as ideias pessimistas surgem, e o ecrã de demonstração é calmante. E também viciante. Al Brooks sabia isso antes de se tornar Z-Boy; Brady soube-o assim que o viu. Foi uma questão de sorte, mas o que Brady fez desde então, o que

preparou, não é sorte. É o resultado de um planeamento longo e cuidadoso na prisão que era o seu quarto de hospital e o seu corpo inútil.

Desliga o portátil, enfia-o debaixo do braço e começa a sair do escritório. Na porta, tem uma ideia e volta para a secretária de Babineau. Abre a gaveta do centro e encontra exatamente o que quer, não precisa sequer de procurar. Quando se está em maré de sorte, tudo funciona.

Brady volta para a sala. Z-Boy está sentado no sofá com a cabeça baixa, os ombros curvados e as mãos penduradas entre as coxas. Parece exausto.

— Agora tenho de ir — diz Brady.

— Para onde?

— Não é da tua conta.

— Não é da minha conta.

— Exatamente. Que tal voltares a dormir?

— Aqui no sofá?

— Ou no quarto lá em cima. Mas tens de fazer uma coisa primeiro. — Entrega a Z-Boy o marcador preto que encontrou na secretária de Babineau. — Deixa a tua marca, Z-Boy, tal como deixaste quando estiveste na casa da senhora Ellerton.

— Elas estavam vivas quando eu as espiava da garagem, isso sei, mas talvez estejam mortas agora.

— Devem estar.

— Não as matei também, matei? Porque parece que estive na casa de banho, pelo menos. E desenhei lá um Z.

— Não, não, nada diss…

— Procurei o *Zappit* como me pediu, tenho a certeza. Procurei muito, mas não o encontrei em lado nenhum. Acho que ela deve tê-lo deitado fora.

— Isso já não importa. Deixa a tua marca nesta casa, está bem? Em pelo menos dez sítios. — Ocorre-lhe um pensamento. — Ainda sabes contar até dez?

— Um… dois… três…

Brady olha para o *Rolex* de Babineau. Quatro e quinze da manhã. As rondas no Capacete começam às cinco. O tempo está a passar muito depressa.

— Ótimo. Deixa a tua marca em pelo menos dez sítios. Depois, podes voltar a dormir.

— Tudo bem. Vou deixar a minha marca em pelo menos dez sítios e depois vou dormir, depois vou até àquela casa que quer que eu vigie. Ou devo parar de fazer isso agora que elas estão mortas?

— Acho que podes parar agora. Vamos rever tudo, *okay*? Quem matou a minha mulher?

— Eu, mas não foi culpa minha. Estava hipnotizado e não me lembro. — Z-Boy começa a chorar. — Vai voltar, doutor Z?

Brady sorri, exibindo o dispendioso tratamento dentário do doutor Babineau.

— Claro.

Os seus olhos movem-se para cima e para a esquerda quando fala.

Vê o cota ir até à televisão gigante de gente rica na parede e desenhar um Z enorme no ecrã. Não são necessários zz em toda a cena do crime, mas Brady acha que vai ser um belo toque, principalmente quando a polícia perguntar ao antigo Al da Biblioteca o seu nome e o homem responder Z-Boy. É a cereja no topo do bolo.

Brady vai até à porta da rua e passa por cima do corpo de Cora. Desce os degraus do alpendre e faz um passo de dança no último, estalando os dedos de Babineau. Aquilo dói um pouco, só um ligeiro princípio de artrite, mas e depois? Brady sabe como é dor a sério, e não é como uma moinha nas falanges velhas.

Corre para o *Malibu* de Al. Não é grande coisa comparado ao *BMW* do falecido doutor Babineau, mas vai levá-lo onde precisa de ir. Liga-o e franze a testa quando ouve música clássica a sair dos altifalantes do tabliê. Muda para a BAM-100 e encontra uma música dos Black Sabbath da época em que Ozzy ainda era fixe. Lança um último olhar ao *BMW* estacionado de esguelha no relvado e acelera.

Ainda tem muitos quilómetros para percorrer antes de dormir, depois o toque final. Não vai precisar de Freddi Linklatter para isso, só do *Macbook* do doutor B. Livrou-se da coleira.

Está livre.

11

Por volta da hora em que Z-Boy está a provar que ainda sabe contar até dez, as pestanas ensanguentadas de Freddi Linklatter descolam-se do rosto também ensanguentado. Ela vê-se a encarar um olho castanho. Demora imenso tempo a concluir que não é um olho a sério, só um nó na madeira que *parece* um olho. Está deitada no chão, a sofrer da pior ressaca da sua vida, pior até do que a vez em que misturou metanfetaminas com rum *Ronrico* na cataclísmica festa de comemoração dos seus vinte e um anos. Mais tarde pensou que teve sorte em sobreviver àquela pequena experiência. Agora, quase deseja não ter sobrevivido, porque isto é pior. Não é só a cabeça; o peito dói tanto que parece que Marshawn Lynch a usou para treinar as placagens.

Manda as mãos moverem-se, e elas obedecem com relutância. Empurra o chão e tenta levantar-se. O seu corpo sobe, mas a camisa de cima fica no chão, colada a uma poça do que parece ser sangue e tem um cheiro suspeito a uísque. Então era isso que ela estava a beber quando tropeçou nos próprios pés e caiu. Bateu com a cabeça. Mas, meu Deus, quanto é que emborcou?

Não foi isso, pensa. Uma pessoa veio cá, e sabes quem foi.

É um simples processo de dedução. Ultimamente, só teve duas visitas, os zz, mas o cota que usa a parca remendada não aparece há algum tempo.

Tenta levantar-se e não consegue. Também não consegue fazer mais do que algumas inspirações superficiais. As mais profundas provocam-lhe uma dor acima do seio esquerdo. Parece que tem ali uma coisa espetada.

A minha garrafa de bolso?

Estava a fazê-la girar enquanto esperava que ele aparecesse. Para pagar o que me devia e sair da minha vida de uma vez por todas.

— Ele deu-me um tiro — geme ela. — O cabrão do doutor Z deu-me um tiro.

Cambaleia até à casa de banho e mal acredita no desastre que vê no espelho. A zona esquerda do rosto está coberta de sangue, e há um galo roxo a aparecer

acima de um corte na têmpora esquerda, mas isso não é o pior. A camisa azul de cambraia também está cheia de sangue, a maior parte do ferimento na cabeça, espera ela, ferimentos na cabeça sangram muito, mas há um buraco preto e redondo no peito, pela altura do bolso esquerdo. Ele deu-lhe mesmo um tiro. Agora, Freddi lembra-se do estrondo e do cheiro a pólvora logo antes de desmaiar.

Enfia os dedos trémulos no bolso da camisa, ainda a respirar superficialmente, e tira o maço de *Marlboro Lights*. Ali está o buraco de bala no meio do M. Larga os cigarros no lavatório, abre os botões da camisa e deixa-a cair no chão. O cheiro a uísque fica mais forte. A camisa por baixo é caqui, com bolsos amplos de abas. Quando tenta tirar a garrafa do bolso esquerdo, solta um gemido baixo de dor, a única coisa que consegue fazer sem ter de respirar fundo, mas, quando a puxa, a dor no peito diminui um pouco. A bala também atravessou a garrafa, e o lado virado para a pele está cheio de sangue. Larga a garrafa destruída em cima dos cigarros e começa a desabotoar a camisa caqui. Isso demora mais, mas a camisa por fim cai no chão. Por baixo dela está uma *t-shirt American Giant*, também com um bolso. Enfia a mão lá dentro e tira a caixinha metálica dos rebuçados de mentol. Também tem um buraco. A *t-shirt* não tem botões, então ela enfia o dedo mindinho no buraco de bala no bolso e puxa. O tecido rasga-se, e ela olha finalmente para a própria pele, salpicada de sangue.

Há um buraco logo abaixo do seio e vê nele uma coisa preta. Parece um inseto morto. Rasga mais a *t-shirt*, usando agora três dedos, depois enfia a mão no buraco e segura o inseto. Puxa-o como se fosse um dente solto.

— *Aaaai… aaaah… aaaai, foda-se…*

A coisa solta-se, não um inseto, mas uma bala de revólver. Olha para ela e larga-a no lavatório com as outras coisas. Apesar da dor de cabeça e do latejar no peito, Freddi percebe que teve uma sorte absurda. Era só uma arma pequena, mas à queima-roupa até uma arma pequena devia ter feito o serviço. E teria mesmo, se não fosse um golpe de sorte gigantesco. Primeiro pelos cigarros, depois pela garrafa — que foi o que realmente diminuiu o impacto —, depois

pela caixinha de metal e, por último, ela. A que distância do coração? Dois centímetros? Menos?

O seu estômago contrai-se. Sente ânsias de vómito, mas não vai permitir-se vomitar, não pode. O buraco no peito recomeçará a sangrar, porém essa não é a razão principal. A sua cabeça irá explodir. *Essa* é a razão principal.

A respiração está um pouco melhor agora que tirou a garrafa com as pontas horríveis (mas salvadoras) de metal. Volta para a sala e olha para a poça de sangue e uísque no chão. Se ele se tivesse inclinado e encostado o cano da arma à nuca dela… só para se certificar…

Freddi fecha os olhos e luta para recuperar a consciência quando ondas de escuridão e náusea ameaçam fazê-la desmaiar. Quando se sente um pouco melhor, vai até à poltrona e baixa-se muito devagar. Como uma velhinha com problemas nas costas, pensa. Olha para o teto. E agora?

O primeiro pensamento é ligar para o 112, chamar uma ambulância e ir para o hospital, mas o que vai dizer? Que um homem alegando ser mórmon ou testemunha de Jeová lhe bateu à porta e, quando ela abriu, lhe deu um tiro? E porquê? Por que motivo? E por que razão ela, uma mulher a viver sozinha, abriria a porta a um desconhecido às dez e meia da noite?

Isso não é tudo. A polícia irá aparecer. No quarto dela há trinta gramas de erva e três de cocaína. Podia livrar-se dessa merda, mas e as merdas no escritório? Tem alguns programas ilegais a funcionar, além de bastante equipamento caro que não comprou propriamente. A polícia vai querer saber se por acaso, menina Linklatter, o homem que lhe deu um tiro tinha alguma coisa que ver com esse equipamento eletrónico. Talvez lhe devesse dinheiro? Talvez fosse seu cúmplice, a roubar números de cartões de crédito e outras informações pessoais? E não pode deixar de ver o repetidor, a piscar como uma *slot machine* de Las Vegas enquanto envia o sinal eterno por *wi-fi*, a instalar um *malware* personalizado sempre que encontra um *Zappit* ligado.

O que é *isto*, menina Linklatter? Para que serve exatamente?

E o que irá ela responder?

Olha em volta, na esperança de ver o envelope com o dinheiro no chão ou no

sofá, mas é claro que ele o levou. Se é que havia dinheiro lá, e não só tiras de jornal. Ela está ali, levou um tiro, teve uma concussão (meu Deus, espero que não seja uma fratura) e não tem dinheiro. O que fazer?

Desligar o repetidor, essa é a primeira coisa. O doutor Z tem Brady Hartsfield dentro dele, e Brady não presta. O que o repetidor está a fazer é uma coisa má. Ela ia mesmo desligá-lo, não ia? É tudo um pouco vago, mas não era esse o plano? Desligar e desaparecer dali? Não tem o pagamento final para ajudar a financiar a fuga, mas apesar dos hábitos descuidados com dinheiro, ainda tem alguns milhares de dólares no banco, e o Corn Trust abre às nove. Além disso, tem o cartão multibanco. Então vai desligar o repetidor, apagar o *site* zeetheend, lavar a sujidade do rosto e sair dali. Não de avião, porque a segurança dos aeroportos é uma armadilha hoje em dia, mas de autocarro ou comboio, a caminho do oeste dourado. Não é o melhor plano?

Levanta-se e está a ir na direção da porta do escritório quando lhe ocorre o motivo óbvio para *não* ser o melhor plano. Brady foi-se embora, mas não se iria embora se não tivesse como monitorizar os seus projetos de longe, principalmente o repetidor, e fazer isso é a coisa mais fácil do mundo. Ele percebe de computadores, é brilhante, na verdade, apesar de lhe custar admitir isso, e é quase certo que deixou uma porta de entrada para o código dela. Se for assim, pode verificar sempre que quiser; precisa apenas de um portátil. Se ela desligar aquela merda toda, ele irá saber, e irá saber que ela ainda está viva.

Irá regressar.

— Então, o que faço? — sussurra Freddi. Vai até à janela a tremer (faz tanto frio naquele maldito apartamento quando o inverno chega), e olha para a escuridão. — O que faço agora?

12

Hodges está a sonhar com *Bowser*, o rafeiro que tinha em criança. O pai levou *Bowser* ao veterinário para ser abatido, apesar dos protestos chorosos de Hodges, depois de o velho cão ter mordido o rapaz dos jornais com tanta gravidade que ele teve de levar pontos. No sonho, *Bowser* está a mordê-lo a *ele*, a morder-lhe o flanco. Não o solta mesmo quando o jovem Billy Hodges lhe oferece a melhor guloseima do saco de guloseimas, e a dor é lancinante. A campainha toca, e Hodges pensa: é o rapaz dos jornais, vai morder-*lhe*, deves mordê-lo *a ele*.

Quando desperta do sonho e volta ao mundo real, percebe que não é a campainha, é o telefone ao lado da cama. O fixo. Tateia, derruba o aparelho, apanha-o em cima do edredão e consegue dizer uma coisa parecida com «estou sim».

— Calculei que tivesses o telemóvel no silêncio — diz Pete Huntley. Parece bastante desperto e estranhamente jovial.

Hodges semicerra os olhos para o relógio na mesa de cabeceira, mas não consegue ver as horas. O frasco dos analgésicos, já a meio, oculta o ecrã digital. Meu Deus, quantos comprimidos tomou ontem?

— Também não sei fazer isso. — Hodges senta-se a custo. Não consegue acreditar que a dor ficou mais forte tão depressa. Parece que estava à espera de ser identificada para atacar com unhas e dentes.

— Precisas de viver a vida, Kerm.

Já é um pouco tarde para isso, pensa ele, pondo os pés no chão.

— Porque me estás a ligar às… — Afasta o frasco. — Às vinte para as sete da manhã?

— Não podia esperar para te dar a boa notícia — diz Pete. — O Brady Hartsfield morreu. Uma enfermeira encontrou o corpo na ronda matinal.

Hodges levanta-se de um salto, e se fazer isso produz uma pontada de dor, não a sente.

— O quê? *Como?*

— Vai haver uma autópsia mais logo, mas o médico que o examinou acha que foi suicídio. Há resíduos de *alguma coisa* na língua e gengivas dele.

Recolheu uma amostra, e alguém do gabinete do médico-legista está a recolher outra neste momento. Vão acelerar os testes porque Hartsfield é famoso e tal.

— Suicídio — repete Hodges, passando a mão pelo cabelo já desgrenhado. A notícia é simples, mas parece ainda não conseguir digeri-la. — *Suicídio?*

— Ele sempre foi fã — diz Pete. — Creio que tu mesmo o disseste, e mais de uma vez.

— Sim, mas…

Mas o quê? Pete está certo, Brady *era* fã do suicídio, e não só do de outras pessoas. Estivera pronto para morrer na Feira de Emprego do Centro Cívico em 2009 se as coisas corressem mal, e um ano depois fora de cadeira de rodas para o auditório Mingo com um quilo e meio de explosivos plásticos colados ao assento. O que o punha no centro da explosão. Só que isso fora noutra época, e as coisas mudaram. Não mudaram?

— Mas o quê?

— Não sei — diz Hodges.

— Eu sei. Ele finalmente encontrou uma forma de o fazer. Tão simples como isso. De qualquer modo, se achavas que o Hartsfield estava envolvido nas mortes da Ellerton, da Stover e da Scapelli, e tenho de dizer que as minhas suspeitas iam na mesma direção, podes deixar de te preocupar. Ele já era, foi desta para melhor, bateu a bota, e vamos todos comemorar.

— Pete, preciso de algum tempo para processar isso.

— Sem dúvida — diz Pete. — Tiveste uma história e tanto com ele. Entretanto, tenho de ligar à Izzy. Para que o dia dela comece com o pé direito.

— Podes ligar-me quando receberes o resultado das análises ao que ele tomou?

— Claro. Enquanto isso, *sayonara* senhor Mercedes, certo?

— Certo, certo.

Hodges desliga, vai até à cozinha e prepara um café. Devia beber chá, o café vai queimar-lhe as pobres entranhas doentes, mas naquele momento não liga a isso. E não vai tomar nenhum comprimido durante algum tempo. A sua cabeça precisa de ficar o mais lúcida possível.

Solta o telemóvel do carregador e liga a Holly. Ela atende rapidamente, e ele pensa que horas ela acordará. Às cinco? Mais cedo, até? Talvez algumas perguntas não devam ser respondidas. Conta-lhe o que Pete acabou de dizer, e, pela primeira vez na vida, Holly Gibney não contém os palavrões.

— Não me fodas!

— Só se o Pete me mentiu, e não creio que tivesse mentido. Nunca diz piadas antes do meio da tarde, e nem nessa altura é muito bom.

Silêncio por um momento.

— Acreditas? — pergunta Holly.

— Que ele está morto? Sim. Não o podem ter confundido com ninguém. Que se suicidou? Isso parece-me… — Procura a palavra certa, não consegue encontrá-la e repete o que disse ao antigo parceiro cinco minutos antes. — Não sei.

— Achas que acabou?

— Talvez não.

— É o que também acho. Temos de descobrir o que aconteceu aos *Zappits* que restaram depois de a empresa falir. Não compreendo que relação podiam ter com o Brady Hartsfield, mas há muitas ligações entre os casos de suicídio e ele. E o concerto onde tencionava fazer explodir a bomba.

— Eu sei. — Hodges está novamente a imaginar uma teia com uma aranha enorme no centro, cheia de veneno. Só que a aranha está morta.

E vamos todos comemorar, pensa.

— Holly, podes estar no hospital quando os Robinson forem buscar a Barbara?

— Posso, claro. — Depois de uma pausa, ela acrescenta: — Gostaria mesmo de fazer isso. Vou ligar à Tanya para ver se não há problema, mas acho que não vai haver. Porquê?

— Quero que lhe mostres seis fotografias. Cinco brancos idosos de fato e gravata e o doutor Felix Babineau.

— Achas que o Myron Zakim era o *médico* do Hartsfield? Que foi ele que deu aqueles *Zappits* à Barbara e à Hilda?

— Neste momento, é apenas um palpite.

Mas está a ser modesto. Na verdade, é um pouco mais. Babineau impingiu-lhe uma história da treta para o impedir de entrar no quarto de Brady, depois quase teve um chilique quando Hodges lhe perguntou se se sentia bem. E Norma Wilmer alega que ele andou a fazer experiências ilegais em Brady. «Investigue o Babineau», dissera ela no Bar Bar Black Sheep. «Arranje-lhe problemas. Desafio-o a isso.» Para um homem que provavelmente tem poucos meses de vida, isso não parece um grande desafio.

— Tudo bem, respeito os teus palpites, Bill. Tenho a certeza de que consigo encontrar uma foto do doutor Babineau numa dessas coisas de beneficência que estão sempre a organizar para o hospital.

— Ótimo. Agora, recorda-me o nome do administrador de insolvência.

— Todd Schneider. Tens de lhe ligar às oito e meia. Se eu for com os Robinson, vou demorar a regressar ao escritório. Levo o Jerome comigo.

— Sim, boa. Tens o telefone do Schneider?

— Mandei-to por *e-mail*. Lembras-te de como se acede ao *e-mail*, não lembras?

— Tenho cancro, Holly, não é Alzheimer.

— Hoje é o teu último dia. Lembra-te disso.

Como pode ele esquecer? Vão metê-lo no mesmo hospital onde Brady morreu, e será o fim: o último caso de Hodges ficará sem conclusão. Detesta a ideia, mas não há outra forma. As coisas estão a acontecer bastante depressa.

— Come alguma coisa ao pequeno-almoço.

— Está descansada.

Desliga e olha com desejo para o café acabado de fazer. O cheiro é maravilhoso. Despeja tudo no lava-louça e veste-se. E não come nada ao pequeno-almoço.

A Finders Keepers parece muito vazia sem a Holly sentada à mesa da receção, mas pelo menos o sétimo andar do Turner Building está silencioso; a equipa barulhenta da agência de viagens no mesmo corredor só começa a chegar dali a uma hora.

Hodges pensa melhor com um bloco amarelo à sua frente, a anotar as ideias conforme aparecem, tentando estabelecer ligações e formar uma imagem coerente. Era assim que trabalhava quando estava na polícia, e era capaz de estabelecer essas ligações com frequência. Ganhou muitas condecorações ao longo dos anos, mas elas estão empilhadas ao acaso numa prateleira do armário em vez de penduradas na parede. As condecorações nunca lhe interessaram. A recompensa era o raio de luz que acompanhava as ligações. Descobriu que era incapaz de renunciar a isso. Daí a Finders Keepers em vez da reforma.

Esta manhã não há anotações, apenas desenhos de homens palito a subir uma colina, ciclones e discos voadores. Hodges tem a certeza de que a maioria das peças do quebra-cabeças está agora sobre a mesa e só tem de descobrir como juntá-las, mas a morte de Brady Hartsfield é como uma obstrução na sua estrada de informação pessoal, a bloquear todo o trânsito. Sempre que olha para o relógio, mais cinco minutos se passaram. Em breve terá de ligar a Schneider. Quando desligar o telefone, a equipa barulhenta da agência de viagens estará a chegar. Depois deles, Barbara e Jerome. Qualquer oportunidade de reflexão em silêncio ter-se-á esfumado.

Há muitas ligações entre os casos de suicídio e ele, disse Holly. E o concerto onde tencionava fazer explodir a bomba.

Sim; sim, elas existem. Porque as únicas candidatas a receber *Zappits* de graça daquele *site* eram pessoas, crianças na altura, em boa parte, adolescentes agora, que pudessem provar que estavam no concerto dos ’Round Here, e o *site* agora já não existe. Assim como Brady, o mauconcerto.com já não existe, foi desta para melhor, bateu a bota, e vamos todos comemorar.

Finalmente escreve duas palavras entre os desenhos e envolve-as num círculo. Uma é *concerto*. A outra é *resíduo*.

Liga para o Kiner Memorial e é transferido para o Capacete. Sim, dizem-lhe,

Norma Wilmer está, mas encontra-se ocupada e não pode vir ao telefone. Hodges calcula que ela esteja *muito* ocupada nessa manhã e espera que a sua ressaca não seja das piores. Deixa recado a pedir que ela lhe ligue o mais depressa possível e enfatiza que é urgente.

Continua a fazer rabiscos até às 8h25 (agora são *Zappits* que está a desenhar, possivelmente porque tem o aparelho de Dinah Scott no bolso do casaco), depois liga a Todd Schneider, que atende o telefone pessoalmente.

Hodges identifica-se como um defensor do consumidor que trabalha para o Better Business Bureau como voluntário e diz que foi encarregado de investigar alguns aparelhos *Zappit* que apareceram na cidade. Mantém o tom ligeiro, quase despreocupado.

— Não é nada de especial, principalmente porque os *Zappits* foram distribuídos de graça, mas parece que algumas pessoas estão a descarregar livros de uma página chamada Círculo de Leitores Sunrise, e os livros estão a vir todos baralhados.

— Círculo de Leitores Sunrise? — Schneider soa perplexo. Não parece estar a preparar-se para se esconder atrás de uma barreira de legalês, e é assim que Hodges quer que ele fique. — Ligado à Sunrise Solutions?

— Bem, sim, isso foi o que originou este telefonema. De acordo com as minhas fontes, a Sunrise Solutions comprou a Zappit, Inc. antes da falência.

— É verdade, mas tenho uma tonelada de papéis da Sunrise Solutions, e não me lembro de nada relacionado com um Círculo de Leitores Sunrise. E isso daria nas vistas. A Sunrise tratava basicamente de comprar empresas informáticas pequenas em busca de um grande sucesso. Coisa que nunca encontrou, infelizmente.

— E o Clube Zappit? Lembra-lhe alguma coisa?

— Nunca ouvi falar.

— E um *site* chamado zeetheend.com?

Quando faz essa pergunta, Hodges bate na própria testa. Devia ter verificado o *site* em vez de desenhar rabiscos idiotas.

— Não, também nunca ouvi falar. — Agora surge um bocadinho do escudo

jurídico. — Isso está relacionado com fraude? Porque as leis de insolvência são bem claras em relação a isso, e…

— Não, nada disso — interrompe Hodges, tranquilizador. — O único motivo de estarmos envolvidos são esses *downloads* baralhados. E pelo menos um dos *Zappits* chegou avariado. A pessoa quer devolvê-lo, talvez receber um novo.

— Não me admira que alguém tenha recebido uma consola avariada se era do último lote — diz Schneider. — Havia muitas com defeito, talvez trinta por cento do lote final.

— Satisfaça-me a curiosidade: quantos havia no lote final?

— Teria de procurar o número para ter a certeza, mas acho que por volta de quarenta mil unidades. A Zappit processou o fabricante, embora processar empresas chinesas seja uma perda de tempo, mas na altura já estavam desesperados a tentar não falir de vez. Só estou a dar-lhe esta informação porque toda a história pertence ao passado.

— Entendido.

— Bem, o fabricante, a Yicheng Electronics, respondeu com todas as armas. Provavelmente não por causa do dinheiro em jogo, mas porque ficaram preocupados com a sua reputação. Não podemos culpá-los, pois não?

— Não. — Hodges já não aguenta esperar mais para aliviar a dor. Pega no frasco de comprimidos e tira dois, mas volta a guardar um com relutância. Mete-o debaixo da língua para derreter, esperando que assim atue mais depressa. — Acho que não podemos mesmo.

— A Yicheng alegou que as unidades defeituosas se danificaram no transporte, provavelmente com água da chuva. Disse que, se fosse um problema de *software*, *todos* os jogos teriam vindo com defeito. Faz sentido para mim, mas não sou um génio informático. Seja como for, a Zappit faliu, e a Sunrise Solutions decidiu desistir do processo. Tinham problemas maiores na altura. Credores à perna. Investidores a saltar do barco.

— O que aconteceu ao último carregamento?

— Ah, os aparelhos eram um ativo, claro, mas não muito valioso devido à questão do defeito. Fiquei com eles algum tempo, depois publicitámo-los junto

de empresas de retalho especializadas em saldos. Cadeias como a Dollar Store e a Economy Wizard. Conhece?

— Conheço. — Hodges comprara um par de sapatos com um pequeno defeito de fabrico na Dollar Store. Custaram mais do que um dólar, mas não eram maus. Deixavam-se levar.

— Claro que tivemos de deixar claro que até três em cada dez *Zappit Commanders*, a última versão chamava-se assim, podiam ter defeito, o que queria dizer que todos teriam de ser verificados. Isso deu cabo de qualquer possibilidade de vender o carregamento inteiro. Verificar as unidades uma a uma teria sido muito trabalhoso.

— Certo.

— Então, como administrador de insolvência, decidi mandar destruí-los e pedir uma bonificação fiscal, que teria totalizado… bem, bastante. Nada ao nível da General Motors, mas uma cifra intermédia de seis dígitos. Melhoraria as contas, compreende?

— Sim, faz sentido.

— Mas, antes que eu pudesse fazer isso, recebi o telefonema de um tipo de uma empresa chamada Gamez Unlimited, aí da sua cidade. É «games» com um z no fim. Disse que era o diretor executivo. Devia ser o diretor executivo de um grupo de três pessoas, a trabalhar num escritório de duas assoalhadas ou numa garagem. — Schneider solta a gargalhada de um grande magnata de Nova Iorque. — Desde que a revolução dos computadores começou, essas empresas aparecem como erva daninha, embora eu nunca tenha ouvido dizer que *ofereçam* produtos. Cheira-me a golpe, não acha?

— Sim — responde Hodges. O comprimido dissolvido é extremamente amargo, mas o alívio é doce. Pensa que isso se aplica a muitas coisas na vida. É uma ideia digna do *Reader's Digest*, mas isso não a invalida. — É verdade.

O escudo jurídico desapareceu. Schneider está animado, mergulhado na própria história.

— O tipo queria comprar oitocentos *Zappits* por oitenta dólares cada, cerca de cem dólares abaixo do preço sugerido de venda. Negociámos um pouco e

chegámos a cem.

— Por unidade.

— Sim.

— Isso ascende a oitenta mil dólares — diz Hodges. Está a pensar em Brady, que fora alvo sabia Deus de quantos processos, cujas somas chegavam a dezenas de milhões de dólares. Brady que tinha, se a memória de Hodges não estiver a falhar, pouco mais de mil dólares no banco. — E recebeu um cheque com esse valor?

Não sabe se vai receber uma resposta à pergunta, muitos advogados encerrariam a discussão nesse ponto, mas recebe. Provavelmente porque a falência da Sunrise Solutions já é assunto encerrado do ponto de vista jurídico. Para Schneider, aquilo é como a conferência de imprensa depois do jogo.

— Correto. A descontar da conta da Gamez Unlimited.

— Tinha fundos?

Todd Schneider dá a gargalhada de grande magnata.

— Se não tivesse, aquelas oitocentas consolas *Zappit* teriam sido recicladas e transformadas em peças de computador, juntamente com o resto.

Hodges rabisca uma conta rápida no bloco decorado com desenhos. Se trinta por cento das oitocentas unidades tinham defeito, isso deixava quinhentos e sessenta aparelhos a funcionar. Ou talvez não tantos. Hilda Carver recebeu um que presumivelmente foi verificado, senão, para quê entregar-lho?, mas, de acordo com Barbara, emitira um único clarão azul e morrera.

— Então foram enviados.

— Sim, via UPS de um armazém em Terre Haute. Um ressarcimento muito pequeno, mas pelo menos era alguma coisa. Fazemos o que podemos pelos nossos clientes, senhor Hodges.

— Não duvido. — E vamos todos comemorar, pensa Hodges. — Lembra-se da morada para a qual os oitocentos *Zappits* foram enviados?

— Não, mas está nos arquivos. Posso enviá-la para o seu *e-mail* se prometer ligar-me quando descobrir que tipo de golpe fez essa gente da Gamez.

— Terei todo o gosto em fazer isso, senhor Schneider. — Vai ser o número

de um apartado, pensa Hodges, e o dono já terá desaparecido. Ainda assim, é melhor verificar. Holly pode fazer isso enquanto ele estiver no hospital, a receber tratamento para uma doença que tem quase a certeza de que não pode ser curada.
— Foi uma grande ajuda, senhor Schneider. Mais uma pergunta e deixo-o em paz. Por acaso lembra-se do nome do diretor executivo da Gamez Unlimited?

— Ah, sim — diz Schneider. — Achei que era por isso que a empresa era Gamez com z em vez de s.

— Não entendi.

— O nome do diretor executivo era Myron Zakim.

14

Hodges desliga o telefone e abre o *Firefox*. Digita zeetheend e vê-se a olhar para o desenho de um homem a segurar uma picareta. Nuvens de pó voam e formam a mesma mensagem repetidamente.

DESCULPE, AINDA ESTAMOS EM CONSTRUÇÃO
MAS VOLTE A VISITAR-NOS!

«Somos feitos para perseverar, é assim que descobrimos quem somos.»
Tobias Wolfe

Outra ideia digna do *Reader's Digest*, pensa Hodges, e vai até a janela do escritório. O trânsito matinal na Lower Marlborough flui bem. Percebe com surpresa e gratidão que a dor no flanco desapareceu completamente pela primeira vez em dias. Quase consegue acreditar que não tem nada, mas o gosto amargo na sua boca contradiz isso.

O gosto amargo, pensa ele. O resíduo.

O telemóvel toca. É Norma Wilmer, com a voz tão baixa que ele tem de se

esforçar para ouvir.

— Se é por causa da suposta lista de visitas, ainda não tive oportunidade de a procurar. Isto está cheio de polícias e advogados com fatos baratos da Procuradoria. Até parece que o Hartsfield fugiu em vez de morrer.

— Não é por causa da lista, apesar de eu ainda precisar dessa informação. Se conseguir mandar-me uma cópia ainda hoje, vai valer mais cinquenta dólares. Se ma mandar antes do meio-dia, aumento para cem.

— Credo, porque é isso tão importante? Perguntei à Georgia Frederick, uma enfermeira que nos últimos dez anos trabalhou entre a Ortopedia e o Capacete, e ela disse que a única pessoa que via a visitar Hartsfield além de si era uma rapariga magricela cheia de tatuagens e cabelo estilo militar.

Isso não desperta nenhuma lembrança em Hodges, mas *há* uma vibração leve. Na qual ele não confia. Quer muito juntar aquelas peças, e isso quer dizer que tem de prosseguir com bastante cuidado.

— Então o que *quer*, Bill? Estou na porra de um armário, faz calor e dói-me a cabeça.

— O meu antigo parceiro ligou-me e disse que o Brady Hartsfield engoliu uma merda qualquer e se matou. Isso quer dizer que ele deve ter acumulado comprimidos suficientes para o fazer. É possível?

— É. E também é possível eu fazer aterrar um *Boeing* sete seis sete com êxito se a tripulação toda morrer de intoxicação alimentar, mas as duas coisas são bastante improváveis. Vou dizer-lhe o que disse à polícia e aos dois advogados mais irritantes da Procuradoria. O Brady tomava *Anaprox DS* nos dias de fisioterapia, um comprimido antes do almoço e um ao fim do dia se pedisse, coisa que raramente fazia. O *Anaprox* não é muito mais forte do que o *Advil*, que se pode comprar sem receita. Também podia tomar *Tylenol* extraforte, mas pediu-o em poucas ocasiões.

— Como reagiu a malta da Procuradoria?

— De momento, a teoria é que ele engoliu uma tonelada de *Anaprox*.

— Mas acha isso improvável.

— Claro que sim! Onde esconderia ele tantos comprimidos, naquele traseiro

magro cheio de escaras? Tenho de desligar. Entrarei em contacto sobre a lista de visitas. Se é que existe uma.

— Obrigado, Norma. Experimente o *Anaprox* para essa sua dor de cabeça.

— Vá-se foder, Bill!

Mas di-lo com uma gargalhada.

15

O primeiro pensamento que surge na mente de Hodges assim que Jerome entra é: *Caramba, puto, cresceste!*

Quando Jerome Robinson foi trabalhar para ele, primeiro a cortar a relva, depois como faz-tudo e, finalmente, como o anjo da tecnologia que mantinha o seu computador a funcionar, era um adolescente magro, com mais ou menos um metro e setenta e uns setenta quilos. O jovem enorme à sua porta tem um metro e noventa ou mais e pelo menos noventa e cinco quilos. Sempre foi bonito, mas agora está bonito como uma estrela de cinema e cheio de músculos.

O Jerome em questão esboça um sorriso, atravessa rapidamente a sala e abraça Hodges. Aperta-o, mas solta-o logo quando vê Hodges fazer uma careta.

— Caramba, desculpe.

— Não me magoaste, estou apenas feliz por te ver, meu rapaz. — A sua visão está desfocada, e ele limpa os olhos com a mão. — És um regalo para a vista.

— O Bill também. Como se sente?

— De momento, bem. Tomei um analgésico, mas tu és um medicamento melhor.

Holly está à porta, com o sóbrio casaco de inverno aberto e as mãos pequenas unidas diante da cintura. Observa-os com um sorriso triste. Hodges não teria acreditado que esse tipo de coisa existia, mas ao que parece, existe.

— Anda cá, Holly — diz ele. — Nada de abraço em grupo, prometo. Contaste a história toda ao Jerome?

— Ele sabe da Barbara, mas achei melhor deixar-te contar o resto.

Jerome pousa a mão grande e quente na nuca de Hodges.

— A Holly disse-me que vai para o hospital amanhã fazer mais alguns exames e um plano de tratamento, e se tentar discutir, devo mandá-lo fechar a matraca.

— Não disse «fechar a matraca» — emenda Holly, olhando para Jerome com severidade. — Não usei essa expressão.

Jerome sorri.

— Disseste «ficar calado» com os lábios, mas «fechar a matraca» com os olhos.

— Tolinho — diz ela, mas o sorriso volta.

Sente-se feliz por estarmos juntos, pensa Hodges, e triste pelo motivo. Interrompe aquela estranha, mas agradável, rivalidade de irmãos ao perguntar por Barbara.

— Ela está bem. Fraturou a tíbia e a fíbula. Podia ter acontecido no campo de futebol ou a esquiar. Deve cicatrizar sem grandes problemas. Tem gesso e já está a queixar-se da comichão. A minha mãe foi-lhe comprar uma daquelas coisas para se coçar.

— Holly, mostraste-lhe as fotos?

— Mostrei, e ela identificou o doutor Babineau. Nem hesitou.

Tenho algumas perguntas para si, doutor, pensa Hodges, e tenciono obter algumas respostas antes de dar o meu último suspiro. Se tiver de o apertar para as conseguir, fazer os seus olhos arregalarem-se um pouco, não há problema nenhum.

Jerome empoleira-se num canto da mesa de Hodges, o seu poiso habitual.

— Conte-me tudo desde o início. Pode ser que eu veja alguma coisa nova.

Hodges conta. Holly vai até à janela e olha para a Lower Marlborough com os braços cruzados, as mãos nos ombros. Acrescenta uma coisa ou outra de vez em quando, mas essencialmente limita-se a ouvir.

— Tem a certeza dessa coisa do poder da mente sobre a matéria? — pergunta Jerome quando Hodges termina.

Hodges pensa um pouco.

— Oitenta por cento de certeza. Talvez mais. É loucura, mas há demasiadas histórias para simplesmente as ignorarmos.

— Se ele conseguiu fazer isso, é culpa minha — interrompe Holly sem se virar da janela. — Quando lhe bati com o porrete, Bill, posso ter-lhe rearrumado o cérebro. Dado acesso aos noventa por cento de massa cinzenta que não usamos.

— Talvez — diz Hodges —, mas, se não lhe tivesses batido, tu e o Jerome estariam mortos.

— Nós e uma data de outras pessoas — acrescenta Jerome. — E o golpe pode não ter tido nada que ver com isso. O que o Babineau andava a dar-lhe pode ter feito mais do que tirar Hartsfield do coma. As drogas experimentais às vezes têm efeitos secundários, sabem?

— Ou pode ter sido a combinação das duas coisas — diz Hodges.

Não consegue acreditar que estão a ter aquela conversa, mas não tê-la seria uma afronta à primeira regra dos detetives: uma pessoa vai para onde os factos a levam.

— Esse homem odiava-o, Bill — diz Jerome. — Em vez de se suicidar, que era o que ele queria, decidiu ir atrás dele.

— E voltaste a própria arma contra ele — acrescenta Holly, ainda a abraçar-se e sem se virar. — Usaste o Guarda-Chuva Azul da Debbie para o obrigar a revelar-se. Foi ele quem mandou aquela mensagem há duas noites, sei que foi. O Brady Hartsfield, a usar o nome de código Z-Boy. — Agora, vira-se. — É claro como água. Tu detiveste-o no Mingo…

— Não, eu estava a ter um ataque cardíaco na altura. Foram vocês que o detiveram, Holly.

Ela abana a cabeça com veemência.

— Mas ele não sabe disso *porque não me viu*. Achas que conseguiria esquecer o que aconteceu naquela noite? Nunca hei de esquecer. A Barbara

estava sentada do outro lado do corredor algumas filas acima, e era para ela que ele olhava, não para mim. Eu gritei-lhe qualquer coisa e acertei-lhe assim que ele começou a virar a cabeça. Depois, bati-lhe de novo. Ah, Deus, bati com tanta *força*.

Jerome começa a aproximar-se dela, mas Holly faz sinal para pará-lo. O contacto visual é difícil para ela, porém agora está a olhar diretamente para Hodges, e os olhos estão em chamas.

— *Tu* fizeste com que o Brady se revelasse, *tu* descobriste a senha para entrar no computador dele e perceber o que andava a tramar. Foi sempre a ti que ele culpou. *Sei* disso. E depois continuaste a visitá-lo e a conversar com ele.

— E achas que é por isso que ele fez isto, seja lá o que *isto* for?

— *Não!* — quase grita Holly. — *Ele fez isto porque era maluco!* — Há uma pausa e com um tom dócil ela pede desculpa por ter levantado a voz.

— Não peças desculpa, Hollyberry — diz Jerome. — Gosto quando és autoritária.

Ela faz-lhe uma careta. Jerome solta uma gargalhada e pergunta a Hodges pelo *Zappit* de Dinah Scott.

— Queria dar-lhe uma olhadela.

— Está no bolso do meu casaco — diz Hodges. — Mas tem cuidado com a demonstração do Fishin' Hole.

Jerome remexe no casaco de Hodges, ignora uma embalagem de *Tums* e o sempre presente bloco de detetive e pega no *Zappit* verde de Dinah.

— Bolas, pensei que estas coisas tinham desaparecido com os vídeos e os *modems*.

— Praticamente — diz Holly —, e o preço não ajudou. Eu verifiquei. Cento e oitenta e nove dólares como preço sugerido em 2012. Ridículo.

Jerome lança o *Zappit* de uma mão para a outra. Tem uma expressão séria, e parece cansado. Ah, claro, pensa Hodges. Ainda ontem estava a construir casas no Arizona. Teve de vir a correr para casa porque a irmã normalmente alegre tentou matar-se.

Talvez Jerome veja um pouco disso no rosto de Hodges.

— A perna da Barb vai ficar bem. É com a cabeça dela que estou um pouco preocupado. Fala de clarões azuis e de uma voz que ouvia. Vinha do jogo.

— Ela diz que a voz ainda está na cabeça dela — acrescenta Holly. — Como uma daquelas músicas que fica no ouvido. Provavelmente irá passar com o tempo agora que a consola se avariou, mas e as outras pessoas que as receberam?

— Com o *site* do mauconcerto encerrado, há alguma forma de descobrir quantas pessoas receberam um *Zappit*?

Holly e Jerome entreolham-se e abanam as cabeças.

— Merda — diz Hodges. — Quer dizer, não estou muito surpreendido, mas mesmo assim… merda.

— Este emite os clarões azuis? — Jerome ainda não ligou o *Zappit*, continua a atirá-lo de uma mão para a outra.

— Não, e os peixes rosa não se transformam em números. Experimenta.

Em vez de fazer isso, Jerome vira o aparelho e abre o compartimento das pilhas.

— Pilhas AA comuns — diz ele. — Das recarregáveis. Não há aqui magia. Mas a demonstração do Fishin' Hole deixou-o com sono?

— Sim. — Hodges não revela que na altura estava bastante medicado. — Neste momento, estou mais interessado no Babineau. Faz parte disto. Não percebo como surgiu essa parceria, mas, se ele ainda estiver vivo, vai contar-nos. E há mais uma pessoa envolvida também.

— O homem que a empregada viu — diz Holly. — O que conduz um carro velho com manchas de primário. Querem saber o que acho?

— Sim.

— Um deles, o doutor Babineau ou o homem do carro velho, fez uma visita à enfermeira Ruth Scapelli. O Hartsfield devia ter alguma coisa contra ela.

— Como podia ele mandar alguém a algum lado? — pergunta Jerome, encaixando a tampa do compartimento de pilhas no lugar com um clique. — Controlo da mente? Segundo o que o Bill disse, o máximo que ele conseguia fazer com os poderes telecinéticos era abrir a torneira da casa de banho, e custa-

me até aceitar isso. Pode ser só conversa. Uma lenda hospitalar em vez de urbana.

— Têm de ser os jogos — reflete Hodges. — Ele modificou os jogos. Potencializou-os de alguma forma.

— A partir do quarto de hospital? — Jerome lança-lhe um olhar que diz «falemos a sério».

— Eu sei, não faz sentido, nem se acrescentarmos a telecinesia. Mas só podem ser os jogos. *Só* podem ser.

— O Babineau há de saber — diz Holly.

— Pois — diz Jerome, mal-humorado. Continua a lançar o aparelho de um lado para o outro. Hodges tem a sensação de que ele está a resistir ao impulso de atirá-lo para o chão e pisá-lo, o que é razoável. Afinal, um igual quase matou a irmã.

Não, pensa Hodges. Igual, não. A demonstração do Fishin' Hole no *Zappit* da Dinah Scott gera um efeito levemente hipnótico e mais nada. E provavelmente…

Endireita-se de repente, provocando uma pontada de dor.

— Holly, procuraste informações sobre o jogo Fishin' Hole na Internet?

— Não — diz ela. — Nunca pensei nisso.

— Podes fazê-lo agora? Quero saber…

— Se há algum fórum sobre o ecrã de demonstração. Já devia ter pensado nisso. Vou pesquisar agora.

Dirige-se a correr para a outra sala.

— O que não entendo — continua Hodges — é por que motivo o Brady se mataria antes de ver como tudo terminou.

— Quer dizer antes de ver quantos adolescentes conseguiria levar ao suicídio — comenta Jerome. — Adolescentes que estavam naquele maldito concerto. Porque é disso que estamos a falar, não é?

— É — diz Hodges. — Há demasiadas lacunas, Jerome. Demasiadas mesmo. Nem sei *como* ele se matou. Se é que se matou.

Jerome aperta as têmporas, como se para impedir que o cérebro inche.

— Por favor, não me diga que acha que ele ainda está vivo.

— Não, ele está morto. O Pete não se enganaria a respeito disso. O que estou a dizer é que talvez outra pessoa o tenha matado. Com base no que sabemos, isso tornaria Babineau o principal suspeito.

— Mas que cagada! — grita Holly da outra sala.

Hodges e Jerome por acaso estão a olhar um para o outro quando ela diz aquilo, e há um momento de divina harmonia em que os dois lutam para não desatar às gargalhadas.

— O quê? — pergunta Hodges. É a única coisa que consegue dizer sem se desmanchar a rir, o que faria doer o seu flanco e magoaria Holly.

— Encontrei um *site* chamado Hipnose do Fishin' Hole! A página inicial avisa os pais para não deixarem as crianças olharem muito tempo para os ecrãs de demonstração! Foi notado pela primeira vez na versão para os salões de jogos em 2005! O *GameBoy* reparou o problema, mas o *Zappit*… esperem lá… *disseram* que repararam, mas não, foi mentira! O *post* tem muitos comentários!

Hodges olha para Jerome.

— Refere-se a uma conversa *online* — explica Jerome.

— Um miúdo em Des Moines desmaiou, bateu com a cabeça na beira da mesa e fraturou o crânio! — Ela parece quase alegre quando se levanta e corre até eles. Tem as faces vermelhas e quentes. — Deve ter havido processos! Aposto que foi um dos motivos para a empresa Zappit ter saído do mercado! Pode até ter sido um dos motivos para a Sunrise Solutions…

O telefone na sua secretária começa a tocar.

— Ah, gaita — diz ela, virando-se para atender.

— Diz a quem for que hoje estamos fechados.

Mas depois de dizer «Bom dia, Finders Keepers», Holly limita-se a ouvir. Em seguida vira-se, segurando o aparelho.

— É o Pete Huntley. Diz que tem de falar contigo agora e a voz dele está… esquisita. Como se estivesse triste ou zangado ou coisa parecida.

Hodges vai até à outra sala para descobrir o que fez Pete soar triste ou zangado ou coisa parecida.

Atrás dele, Jerome liga finalmente o *Zappit* de Dinah Scott.

No escritório de Freddi Linklatter (Freddi tomou quatro analgésicos e foi dormir para o quarto), a mensagem de 44 ENCONTRADOS muda para 45 ENCONTRADOS. O repetidor muda para A CARREGAR.

Em seguida, pisca: CONCLUÍDO.

16

Pete não diz olá. O que diz é:

— Toma esta, Kerm. Toma e bate-lhe até a verdade aparecer. A vaca entrou na casa com dois SKIDS e eu estou no quintal numa não sei quê. Uma estufa, acho, e está um frio de rachar.

De início, Hodges fica demasiado surpreendido para responder, e não porque dois SKIDS, o acrónimo usado pela polícia da cidade para os detetives da Divisão de Investigação Criminal do Estado, estão na cena do crime em que Pete está a trabalhar. Fica surpreendido (na verdade, quase estupefacto) porque, em todos os anos em que trabalharam juntos, só ouviu uma única vez Pete usar a palavra «vaca» para se referir a uma mulher. Isso foi quando estava a falar da sogra, que insistiu para que a mulher de Pete saísse de casa e a acolheu, juntamente com os netos, quando ela finalmente o fez. A vaca a que se refere desta vez só pode ser a sua parceira, ou seja, a senhora Belos Olhos Cinzentos.

— Kermit, estás aí?

— Estou — diz Hodges. — Onde estás?

— Em Sugar Heights. Na casa do doutor Felix Babineau, na bela Lilac Drive. Caramba, isto é a porra de uma *mansão*. Sabes quem é o Babineau, sei que sabes. Ninguém vigiava mais o Brady Hartsfield do que tu. Durante algum tempo, ele foi o teu maldito passatempo favorito.

— Eu sei *de quem* estás a falar. Só não sei *porquê*.

— Esta coisa toda vai explodir, parceiro, e a Izzy não quer levar com os

estilhaços quando isso acontecer. Tem ambições, sabes? Chefe dos detetives daqui a dez anos, talvez chefe da polícia daqui a quinze. Compreendo, mas isso não quer dizer que goste. Ela ligou ao chefe Horgan nas minhas costas, e o Horgan ligou aos SKIDS. Se o caso ainda não é oficialmente deles, vai ser até ao meio-dia. Apanharam o criminoso, mas esta merda não bate certo. Eu sei e a Izzy também sabe. Mas está-se nas tintas.

— Tens de falar mais devagar, Pete. Conta-me o que se passa.

Holly está junto a ele, ansiosa. Hodges encolhe os ombros e levanta o dedo: espera.

— A empregada chega às sete e meia, certo? Chama-se Nora Everly. Repara no *BMW* do Babineau no relvado, com um buraco de bala no para-brisas. Olha lá para dentro, vê sangue no volante e no banco, chama a polícia. Há um carro-patrulha a cinco minutos de distância, em Heights há *sempre* uma viatura a cinco minutos de distância. Quando chega, Everly está sentada no carro dela com todas as portas trancadas, a tremer como varas verdes. Os agentes mandam-na ficar ali e vão até à porta, que não está trancada. A senhora Babineau, Cora, jaz morta no vestíbulo, e tenho a certeza de que a bala que o médico-legista vai retirar dela será igual à que os técnicos encontraram no *BMW*. Alguém lhe desenhou na testa… estás pronto para isto?… um Z. Há mais por todo o rés do chão, inclusive um no ecrã do televisor. Tal como havia na casa da Ellerton, e acho que foi nessa altura que a minha parceira decidiu que não queria saber desta batata quente.

— Sim, provavelmente.

Mas Hodges diz aquilo para fazer Pete continuar a falar. Agarra no bloco ao lado do computador de Holly e escreve MULHER DE BABINEAU ASSASSINADA em letras garrafais, como na primeira página de um jornal. A mão dela voa até à boca.

— Enquanto um dos agentes está a ligar para a central, o outro ouve roncos vindos do andar de cima. «Parecia uma serra elétrica», disse. Sobem com as armas em punho e num dos três quartos de hóspedes (ouviste bem, são *três*, a casa é enorme) encontram um velho a dormir. Acordam-no, e ele diz que se

chama Alvin Brooks.

— O Al da Biblioteca! — grita Hodges. — Do hospital! O primeiro *Zappit* que vi foi-me mostrado por ele!

— Sim, ele mesmo. Tinha uma identificação do Kiner no bolso da camisa. E, sem que ninguém lhe pedisse, confessa que matou a senhora Babineau. Alega que o fez porque estava hipnotizado. Algemaram-no, levaram-no para baixo e sentaram-no no sofá. Foi lá que eu e a Izzy o encontrámos quando chegámos ao local há meia hora, mais ou menos. Não sei qual é o problema do homem, se teve um esgotamento ou coisa parecida, mas está no mundo da lua. De vez em quando desata a dizer todo o tipo de merdas esquisitas.

Hodges relembra-se de uma coisa que Al lhe disse numa das suas últimas visitas ao quarto de Brady, por volta do fim de semana do Dia do Trabalho de 2014.

— Nunca há nada melhor do que aquilo que não se vê.

— Sim. — Pete parece surpreendido. — Coisas assim. E quando a Izzy lhe perguntou quem o hipnotizou, ele disse que foram os peixes. Os que nadam no belo mar.

Para Hodges, aquilo faz sentido.

— Quando o interroguei, e fi-lo eu, porque nessa altura a Izzy já estava na cozinha, ocupada a largar a coisa toda sem perguntar a minha opinião, ele disse que o doutor Z o mandou, e cito, «deixar a marca dele». Dez vezes, disse ele, e realmente há dez zz, incluindo o da testa da falecida. Perguntei-lhe se o doutor Z era o doutor Babineau, e ele disse que não, que o doutor Z era o Brady Hartsfield. Maluco, estás a ver?

— Sim — responde Hodges.

— Perguntei-lhe se também deu um tiro no doutor Babineau. Ele limitou-se a abanar a cabeça e disse que queria voltar a dormir. Nesse momento, a Izzy voltou da cozinha e disse que o chefe Horgan chamou os SKIDS, porque o doutor B é famoso e o caso vai ser mediático, e, além disso, dois deles por acaso estavam na cidade, para testemunhar num caso, que conveniente, não achas? Nem me olhou nos olhos, toda vermelha, e quando comecei a apontar para todos

os zz e lhe perguntei se não lhe pareciam familiares, ela disse que não queria falar no assunto.

Hodges nunca ouviu tanta fúria e frustração na voz do antigo parceiro.

— Então, o meu telemóvel tocou e… lembras-te de quando te liguei de manhã e disse que o médico recolheu uma amostra do resíduo na boca do Hartsfield? Antes mesmo de o médico-legista chegar?

— Sim.

— Bem, o telefonema era daquele médico. Chama-se Simonson. A análise do médico-legista só chega daqui a dois dias, com sorte, mas o Simonson fez logo a dele. O que estava na boca de Hartsfield era uma combinação de *Vicodin* com *Ambien*. O Hartsfield não tomava nem um nem outro, e não podia ir ao armário de medicamentos mais próximo tirar uns comprimidos, certo?

Hodges, que já sabe o que Brady tomava para as dores, concorda que seria improvável.

— Agora, a Izzy está na casa, provavelmente a observar de bico calado enquanto os SKIDS interrogam esse tal Brooks, que sinceramente não consegue lembrar-se nem do próprio nome a não ser que alguém lhe dê uma ajuda. Chama a si mesmo Z-Boy. Como algo saído de uma revista da Marvel.

Segurando a caneta com força quase suficiente para parti-la ao meio, Hodges escreve mais maiúsculas no bloco, com Holly inclinada para ler: O AL DA BIBLIOTECA DEIXOU A MENSAGEM NO GUARDA-CHUVA AZUL DA DEBBIE.

Holly fita-o de olhos arregalados.

— Pouco antes de os SKIDS chegarem (e puseram-se cá num instante) perguntei ao Brooks se ele também matou o Brady Hartsfield. E a Izzy disse-lhe: «Não responda a isso!»

— Ela disse *o quê*?! — exclama Hodges.

Não tem muito espaço na cabeça para se preocupar com o relacionamento deteriorado de Pete com a parceira, mas mesmo assim fica impressionado. Izzy é detetive, não advogada de defesa do Al da Biblioteca.

— Ouviste bem. Em seguida, olhou para mim e disse: «Não lhe leste os

direitos.» Então virei-me para um dos agentes fardados e perguntei: «Vocês leram os direitos a este cavalheiro?» E é claro que eles disseram que sim. Olhei para a Izzy, e ela estava mais vermelha do que nunca, mas não recuou. Disse: «Se estragarmos isto, a culpa não vai cair em cima de ti, reformas-te daqui a duas semanas, vai cair em cima de mim, e com força.»

— Nessa altura apareceu o pessoal estadual…

— Sim, e agora estou aqui na estufa da falecida senhora Babineau, ou lá como se chama esta merda, a rapar um frio do caraças. A parte mais rica da cidade, Kerm, e estou numa barraca mais gelada do que o frigorífico de um esquimó. Aposto que a Izzy também sabe que te estou a ligar. A contar tudo ao meu querido e velho amigo Kermit.

Pete provavelmente tem razão. Mas se a senhora Belos Olhos Cinzentos está tão determinada a subir a escada hierárquica como Pete acha, deve estar a pensar numa palavra mais feia: bufar.

— Este Brooks perdeu o pouco de cabeça que tinha, o que o torna o bode expiatório perfeito quando isto chegar à comunicação social. Sabes como vão apresentar o caso?

Hodges sabe, mas deixa Pete dizer-lhe.

— O Brooks enfiou na cabeça que era um vingador justiceiro chamado Z-Boy. Veio até aqui, matou a senhora Babineau quando ela lhe abriu a porta e depois matou o médico quando ele tentou fugir no *BMW*. Então o Brooks foi de carro até ao hospital e deu os comprimidos ao Hartsfield, tirados do fornecimento particular do Babineau. Não duvido dessa parte, porque eles tinham uma farmácia inteira no armário dos medicamentos. E, claro, ele podia ter entrado na Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas sem dificuldade, tem a identificação e trabalha no hospital há seis ou sete anos, mas *porquê*? E o que fez ao corpo do Babineau? Porque não está aqui.

— Boa pergunta.

Pete continua:

— Vão dizer que o Brooks o enfiou no seu próprio carro e o largou algures, provavelmente numa ravina ou numa vala, e provavelmente quando estava a

voltar para cá depois de dar os comprimidos ao Hartsfield. Mas porquê fazer isso se deixou o corpo da mulher caído no vestíbulo? E porquê voltar para cá?

— Vão dizer…

— Que ele é maluco! Claro que vão! É a resposta perfeita para tudo o que não faz sentido! E se a Ellerton e a Stover surgirem na história, o que provavelmente não vai acontecer, vão dizer que ele as matou também!

Se disserem, Hodges pensa, a Nancy Alderson vai confirmar a história, pelo menos até certo ponto. Porque sem dúvida foi o Al da Biblioteca que ela viu a vigiar a casa em Hilltop Court.

— Vão culpar o Brooks, aguentar a cobertura mediática e encerrar o caso. Mas há qualquer coisa errada nesta história, Kerm. Sinto que há. Se souberes de alguma coisa, se tiveres uma única pista, segue-a. Promete-me que fazes isso.

Tenho mais do que uma, pensa Hodges, mas Babineau é a chave, e ele desapareceu.

— Quanto sangue havia no carro, Pete?

— Não muito, mas a polícia científica já confirmou que é do tipo do Babineau. Isso não é conclusivo, mas… merda. Tenho de ir. A Izzy e um dos SKIDS saíram pela porta das traseiras. Estão à minha procura.

— Tudo bem.

— Liga-me. Se precisares de alguma coisa a que eu tenha acesso, avisa.

— Está descansado.

Hodges desliga e levanta o rosto, querendo contar tudo a Holly, mas ela já não está ao seu lado.

— Bill. — A voz dela soa baixa. — Anda cá.

Intrigado, ele vai até à porta do escritório, e estaca. Jerome está à secretária, sentado na cadeira de Hodges. Tem as pernas compridas esticadas, e olha para o *Zappit* de Dinah Scott. Os olhos estão arregalados e vazios. A boca entreaberta. Há gotas de saliva no lábio inferior. Dos altifalantes da consola sai música, mas não é a mesma da noite anterior, Hodges tem a certeza.

— Jerome…

Dá um passo à frente, mas antes que possa dar outro, Holly segura-o pelo

cinto. A mão dela é surpreendentemente forte.

— Não — diz ela com a mesma voz baixa. — Não deves assustá-lo, com ele naquele estado.

— O que fazemos, então?

— Fiz um ano de hipnoterapia quando tinha trinta anos. Estava a ter dificuldades com… bem, não importa. Deixa-me tentar.

— Tens a certeza?

Ela olha para ele com o rosto pálido, os olhos temerosos.

— Não, mas não podemos deixá-lo assim, depois do que aconteceu à Barbara.

O *Zappit* na mão inerte de Jerome emite um brilho azul. Jerome não reage, não pestaneja, continua a olhar para o ecrã enquanto a música toca.

Holly dá um passo à frente.

— Jerome.

Nenhuma resposta.

— Jerome, estás a ouvir-me?

— Estou — responde ele, sem tirar os olhos do ecrã.

— Jerome, onde estás?

— No meu funeral. Está lá toda a gente. É lindo.

17

Brady começou a sentir-se fascinado pelo suicídio aos doze anos, enquanto estava a ler *Raven*, um livro de não ficção sobre os suicídios em massa em Jonestown, na Guiana. Ali, mais de novecentas pessoas, um terço delas crianças, morreram depois de beber sumo de fruta com cianeto. O que interessou a Brady, além da contagem de corpos altíssima, foi o que conduziu ao clímax final. Muito antes do dia em que famílias inteiras ingeriram juntas o veneno e enfermeiros

(*enfermeiros a sério!*) usaram seringas para injetar a morte na garganta de bebés em pranto, Jim Jones estava a preparar os seus seguidores para a apoteose com sermões inflamados e ensaios de suicídio a que chamava «Noites Brancas». Primeiro infundiu-lhes a paranoia e depois hipnotizou-os com a beleza da morte.

Quando estava no último ano do secundário, Brady escreveu o único trabalho em que tirou nota máxima num módulo de sociologia chamado Vida Americana. O título era «Caminhos da morte: um breve estudo do suicídio nos Estados Unidos». Nele, Brady citou as estatísticas de 1999, na altura o ano mais recente do qual se dispunham dados. Mais de quarenta mil pessoas tinham-se matado naquele ano, normalmente com armas (o método mais confiável), mas o suicídio por comprimidos vinha logo a seguir, em segundo lugar. As pessoas também se enforcavam, se afogavam, sangravam até à morte, enfiavam a cabeça em fornos a gás, deitavam fogo a si próprias e faziam os carros chocar com pontes. Um tipo criativo (Brady não escreveu isso no trabalho; mesmo naquela altura, tinha o cuidado de não ser rotulado como esquisito) enfiou um fio de duzentos e vinte volts no traseiro e eletrocutou-se. Em 1999, o suicídio era a décima causa de morte nos Estados Unidos, e se se acrescentasse as que eram registadas como acidentes ou «causas naturais», sem dúvida estaria no mesmo patamar das mortes por doenças cardíacas, cancro e acidentes de viação. Provavelmente ainda atrás, mas não *muito*.

Brady citou Albert Camus, que disse: «Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio.»

Também citou um psiquiatra famoso chamado Raymond Katz, que declarou: «Todos os seres humanos nascem com o gene do suicídio.» Brady só não se deu ao trabalho de acrescentar a segunda parte da declaração de Katz porque achava que lhe tirava um pouco o dramatismo: «Na maioria de nós, ele permanece adormecido.»

Nos dez anos entre o fim do secundário e o momento em que foi atingido no auditório Mingo, o fascínio de Brady pelo suicídio — inclusive o seu, sempre visto como parte de um gesto grandioso e histórico — continuou a desenvolver-se.

Essa semente floresceu agora, contra todas as probabilidades.

Ele será o Jim Jones do século XXI.

18

Sessenta e cinco quilómetros a norte da cidade, Brady já não consegue esperar. Para numa área de descanso na I-47, desliga o motor barulhento do *Malibu* de Z-Boy e liga o portátil de Babineau. Ali não há *wi-fi*, como em algumas áreas de descanso, mas graças à grande mãe Verizon, há uma antena de telemóvel a menos de sete quilómetros, a erguer-se na direção das nuvens densas. Usando o *MacBook Air* de Babineau, ele pode ir onde quiser sem ter de sair do estacionamento quase deserto. Pensa (e não pela primeira vez) que uma pitada de telecinesia não é nada comparada com o poder da Internet. Tem a certeza de que milhares de suicídios foram incubados nos caldos das redes sociais, onde os *trolls* correm livremente e o *bullying* continua. Isso sim é o poder da mente sobre a matéria.

Não consegue escrever tão depressa como gostaria — o ar húmido da tempestade que se aproxima piorou a artrite nos dedos de Babineau —, mas o portátil acaba ligado ao equipamento de alta potência na sala do computador de Freddi Linklatter. E não vai ter de ficar ligado muito tempo. Clica num ficheiro escondido que meteu no portátil numa das visitas anteriores à cabeça de Babineau.

INICIAR COMUNICAÇÃO COM ZEETHEEND? S N

Clica no S e espera. O círculo gira e gira e gira. Quando começa a perguntar a si mesmo se alguma coisa correu mal, surge no portátil a mensagem que aguardava:

ZEETHEEND ESTÁ AGORA ATIVO

Ótimo. Zeetheend é só um pouco da cobertura do bolo. Ele conseguiu disseminar um número limitado de *Zappits* (e uma parte significativa do carregamento tinha defeito), mas os adolescentes são criaturas que agem em bando, e as criaturas assim fazem tudo igual. É por isso que os cardumes de peixes e os enxames de abelhas se deslocam juntos. É por isso que as andorinhas voltam todos os anos para Capistrano. Em relação ao comportamento humano, é por isso que a «onda» acontece nos estádios e é por isso que alguns indivíduos se perdem numa multidão só porque a multidão está ali.

Os rapazes adolescentes tendem a usar os mesmos calções largos e a deixar a mesma barba rala crescer para não serem excluídos do grupo. As raparigas adolescentes adotam o mesmo estilo de vestuário e adoram as mesmas bandas. Este ano são os We R Your Bruthas; há pouco tempo, eram os ’Round Here e os One Direction. Antigamente eram os New Kids on the Block. As modas espalham-se entre os adolescentes como epidemias de sarampo, e, de tempos a tempos, uma dessas modas é o suicídio. No sul de Gales, dezenas de adolescentes enforcaram-se entre 2007 e 2009, com mensagens nas redes sociais a espalhar a febre. Até as despedidas que deixaram foram escritas na linguagem da Internet: M2 e CU L8er.

Incêndios florestais suficientemente vastos para queimar milhões de hectares podem ser ateados lançando um único fósforo lançado a um arbusto seco. Os *Zappits* que Brady distribuiu pelos drones humanos são centenas de fósforos. Nem todos vão acender-se, e dos que vão, apenas alguns permanecerão acesos. Brady sabe isso, mas tem o zeetheend.com para servir ao mesmo tempo de reforço e combustível. Irá funcionar? Está longe de ter a certeza, mas dispõe de pouco tempo para testes.

E se funcionar?

Suicídios adolescentes por todo o estado, talvez por todo o Midwest. Centenas, talvez milhares. O que acha disso, ex-detetive Hodges? Melhoraria a sua reforma, seu cabrão velho e metediço?

Troca o portátil de Babineau pelo *Zappit* de Z-Boy. É adequado usá-lo. Pensa nele como o «Zappit Zero», porque foi o primeiro que viu, no dia em que Al Brooks o levou para o seu quarto, pensando que Brady poderia gostar. E ele gostou. Ah, sim, gostou muito.

O programa adicional, com os números-peixe e as mensagens subliminares, não foi instalado nesse porque Brady não precisa dele. Essas coisas são estritamente para os alvos. Vê os peixes nadarem de um lado para outro, usa-os para se acalmar e concentrar, depois fecha os olhos. Primeiro, só há escuridão, mas ao fim de alguns momentos começam a aparecer luzes vermelhas, mais de cinquenta agora. São como pontos num mapa, só que não ficam estacionárias. Nadam de um lado para o outro, da esquerda para a direita, de cima para baixo, entrecruzando-se. Ele escolhe uma aleatória e os seus olhos reviram-se por trás das pálpebras fechadas enquanto Brady segue o seu progresso. Começa a abrandar, abrandar, abrandar. Então para e cresce. Abre-se como uma flor.

Ele está num quarto. Há uma rapariga a olhar fixamente para o peixe no seu *Zappit*, que recebeu de graça do mauconcerto.com. Está na cama porque não foi às aulas hoje. Talvez tenha dito que estava doente.

— Como te chamas? — pergunta Brady.

Às vezes, eles ouvem uma voz vinda do aparelho, mas as pessoas mais suscetíveis veem-no mesmo, como uma espécie de avatar num videojogo. A rapariga é desse tipo, um começo auspicioso. Mas reagem sempre melhor aos próprios nomes, então ele irá repeti-lo. Ela olha sem surpresa para o jovem sentado ao seu lado na cama. Tem o rosto pálido, e os olhos vidrados.

— Ellen — diz ela. — Estou à procura dos números certos.

Claro que sim, pensa ele, e entra nela. Está sessenta e cinco quilómetros a sul de onde Brady se encontra, mas quando o ecrã da demonstração os liga, a distância não importa. Ele poderia controlá-la, transformá-la num dos seus drones, mas não quer fazer isso tal como não queria entrar em casa da senhora Trelawney numa noite escura e cortar-lhe o pescoço. Assassínio não é controlo; assassínio é apenas assassínio.

Suicídio é controlo.

— És feliz, Ellen?

— Era — diz ela. — Poderia ser de novo se encontrasse os números certos.

Brady esboça um sorriso ao mesmo tempo triste e encantador.

— Sim, mas os números são como a vida — diz ele. — Não fazem sentido, Ellen. Não é verdade?

— Sim.

— Diz-me uma coisa, Ellen. O que te preocupa?

Poderia descobrir sozinho, mas será melhor se ela lhe contar. Brady sabe que há alguma coisa porque toda a gente se preocupa, e os adolescentes preocupam-se mais do que toda a gente.

— Agora? Os exames.

Ah-ah, pensa ele, os famosos exames em que o Departamento de Pecuária Académica separa as ovelhas das cabras.

— Sou muito má a matemática — diz ela. — Sou péssima.

— Má nos números — afirma ele, assentindo com solidariedade.

— Se não tirar pelo menos seiscentos e cinquenta pontos, não vou entrar numa boa faculdade.

— E terás sorte se chegares aos quatrocentos — diz ele. — Não é verdade, Ellen?

— É.

As lágrimas surgem nos olhos dela e começam a escorrer pelas faces.

— E depois também vais sair-te mal a inglês. — Brady está a forçá-la a abrir-se, e essa é a melhor parte. É como estender a mão para um animal aturdido, mas ainda vivo, e arrancar-lhe as entranhas. — Vais ter uma branca.

— Talvez tenha uma branca — diz Ellen. Soluça audivelmente.

Brady verifica a memória de curto prazo dela e descobre que os pais foram trabalhar e o irmão mais novo está na escola. Portanto, chorar não faz mal. A cabra que faça todo o barulho que quiser.

— Nada de talvez. *Vais* ter uma branca, Ellen. Porque não aguentas a pressão.

Ela chora.

— Diz, Ellen.

— Não aguento a pressão. Vou ter uma branca, e, se não entrar numa boa faculdade, o meu pai vai ficar dececionado e a minha mãe vai ficar furiosa.

— E se não conseguires entrar em *nenhuma* faculdade? E se o único emprego que conseguires for a limpar casas ou a dobrar roupa numa lavandaria?

— A minha mãe vai odiar-me!

— Ela já odeia, não odeia, Ellen?

— Não… acho que não…

— Odeia, sim, ela odeia-te. Diz, Ellen. Diz: «A minha mãe odeia-me.»

— A minha mãe odeia-me. Ai meu Deus, tenho tanto medo e a minha vida é tão horrível!

Aquele é o maior presente concedido pela combinação da hipnose induzida pelo *Zappit* e da capacidade de Brady de invadir mentes quando as pessoas estão naquele estado sugestionável. Medos comuns, com os quais adolescentes como Ellen convivem como uma espécie de desagradável ruído de fundo, podem ser transformados em monstros devastadores. Pequenos balões de paranoia podem ser insuflados até estarem do tamanho dos balões do Macy's no desfile do Dia de Ação de Graças.

— Podes deixar de sentir medo — diz Brady. — E podes fazer a tua mãe lamentar mesmo muito.

Ellen sorri através das lágrimas.

— Podes deixar tudo isso para trás.

— Posso. Posso deixar tudo para trás.

— Podes ficar em paz.

— Paz — diz ela, e suspira.

Como aquilo é maravilhoso. Com a mãe de Martine Stover, que saía sempre do ecrã de demonstração para jogar a porcaria das paciências, ele demorou semanas. Alguns dias com Barbara Robinson. Mas com Ruth Scapelli e aquela chorona borbulhenta no quarto cor-de-rosa? Poucos minutos. Bem, pensa Brady, sempre tive facilidade em aprender coisas novas.

— Tens o teu telemóvel, Ellen?

— Está aqui.

Ela enfia a mão debaixo de uma almofada decorativa. O telemóvel também é cor-de-rosa.

— Devias fazer um *post* no Facebook e no Twitter. Para que todos os teus amigos possam ler.

— O que hei de escrever?

— Escreve: «Agora estou em paz. Tu também podes ficar. Visita zeetheend.com.»

Ela escreve, mas muitíssimo devagar. Quando se encontram naquele estado, é como se estivessem debaixo de água. Brady lembra a si mesmo que aquilo está a progredir bem e tenta não ficar impaciente. Quando ela termina e as mensagens são enviadas (mais fósforos acesos encostados a madeira seca), sugere que ela vá até à janela.

— Acho que precisas de ar fresco. Para aclarar as ideias.

— Preciso de ar fresco — diz ela, afastando o edredão e pondo os pés descalços no chão.

— Não te esqueças do *Zappit* — avisa ele.

Ela pega-lhe e vai até à janela.

— Antes de abrires a janela, vai para o ecrã principal, onde estão os ícones. Consegues fazer isso, Ellen?

— Sim… — Uma longa pausa. A cabra é mais lenta do que uma tartaruga. — Certo, estou a ver os ícones.

— Ótimo. Agora vai até ao Wipe Words. É o ícone com a imagem de um quadro e de um apagador.

— Estou a vê-lo.

— Clica duas vezes, Ellen.

Ela clica, e o *Zappit* emite um brilho azul em reconhecimento. Se alguém tentar usar aquele aparelho de novo, ele irá emitir um brilho azul final e morrer.

— *Agora* podes abrir a janela.

O ar frio entra e agita o cabelo dela. Ellen oscila, parecendo querer despertar, e por um momento Brady sente a mente dela a fugir. Ainda é difícil manter o

comando de longe, mesmo quando as pessoas se encontram num estado hipnótico, mas ele tem a certeza de que vai melhorar a técnica. A prática leva à perfeição.

— Salta — sussurra Brady. — Salta e já não precisas de fazer os exames. A tua mãe já não vai odiar-te. Vai lamentar. Salta e todos os números serão os certos. Irás receber o melhor prémio. O prémio é o sono.

— O prémio é o sono — concorda Ellen.

— Salta agora — murmura Brady, sentado atrás do volante do carro velho de Al Brooks com os olhos fechados.

Sessenta e cinco quilómetros a sul, Ellen salta da janela do quarto. Não é uma queda alta e há neve acumulada no chão. É velha e está dura, mas ainda amortece a queda até certo ponto, então, em vez de morrer, a rapariga parte apenas a clavícula e três costelas. Começa a gritar de dor, e Brady é expulso da sua cabeça como um piloto ejetado de um caça *F-111*.

— Merda! — grita ele, e bate no volante. A artrite de Babineau sobe até ao braço, e isso deixa-o ainda mais furioso. — Merda, merda, *merda*!

19

No bairro de classe alta de Branson Park, Ellen Murphy levanta-se com esforço. A última coisa de que se lembra é de dizer à mãe que estava doente e não podia ir à escola, uma mentira para poder ficar a clicar nos peixes rosa e a caçar prémios na demonstração agradavelmente viciante do Fishin' Hole. O seu *Zappit* está ali perto, com o ecrã rachado. Já não lhe interessa. Ela deixa-o e vai a cambalear descalça na direção da porta da rua. A cada respiração, sente uma pontada de dor no flanco.

Mas estou viva, pensa. Pelo menos, estou viva. No que estava a pensar? Em que merda estava a pensar?

A voz de Brady ainda está na sua cabeça: o gosto desagradável de uma coisa horrível que ela engoliu ainda viva.

20

— Jerome — diz Holly. — Ainda consegues ouvir-me?

— Sim.

— Quero que desligues o *Zappit* e o ponhas na mesa. — E então, como foi sempre o tipo de rapariga que não dá ponto sem nó, acrescenta: — Com o ecrã virado para baixo.

Ele franze a testa.

— Tem mesmo de ser?

— Sim. Agora. E sem olhar para essa porcaria.

Antes de Jerome poder obedecer à ordem, Hodges dá uma última olhadela aos peixes a nadar e ao clarão azul. Uma tontura momentânea, talvez causada pelos analgésicos, talvez não, toma conta dele. Então Jerome prime o botão na parte de cima da consola, e os peixes desaparecem.

O que Hodges sente não é alívio, mas deceção. Talvez seja loucura, mas considerando o seu problema médico atual, talvez não seja. Já viu a hipnose ser usada de tempos a tempos para ajudar testemunhas a relembrarem algum evento, mas nunca compreendeu o seu poder até agora. Acha, provavelmente uma ideia profana na situação, que os peixes do *Zappit* poderiam ser um remédio melhor para a dor do que os comprimidos que o doutor Stamos lhe receitou.

— Vou contar de dez até um, Jerome — diz Holly. — De cada vez que ouvires um número, vais despertar um pouco mais. Certo?

Jerome não diz nada durante vários segundos. Está calmamente sentado a passear por alguma outra realidade, talvez a tentar decidir se gostaria de se mudar para lá de forma permanente. Holly, por outro lado, treme como um

diapasão, e Hodges consegue sentir as unhas dela a cravarem-se nas palmas das próprias mãos quando cerra os punhos.

— Tudo bem, acho. Só porque pediste, Hollyberry — diz Jerome por fim.

— Aqui vamos nós. Dez… nove… oito… estás a voltar… sete… seis… cinco… a acordar…

Jerome levanta a cabeça. Os olhos estão virados para Hodges, mas ele não tem a certeza de que o rapaz esteja a vê-lo.

— Quatro… três… quase lá… dois… um… *acorda!* — exclama ela, batendo palmas.

Jerome sobressalta-se com um espasmo. Uma das mãos acerta no *Zappit* de Dinah e tomba-o para o chão. Olha para Holly com uma expressão de surpresa tão exagerada que seria engraçada noutras circunstâncias.

— O que aconteceu? Adormeci?

Holly deixa-se cair na cadeira normalmente reservada para os clientes. Respira fundo e limpa as faces, que estão molhadas de suor.

— De certa forma — diz Hodges. — O jogo hipnotizou-te. Como hipnotizou a tua irmã.

— Tem a certeza? — pergunta Jerome, depois olha para o relógio. — Acho que tem. Acabei de perder quinze minutos.

— Quase vinte. Do que te lembras?

— De clicar nos peixes rosa e transformá-los em números. É incrivelmente difícil de fazer. Temos de prestar atenção, de nos concentrar muito, e os clarões azuis não ajudam.

Hodges apanha o *Zappit* do chão.

— Não ligues isso — diz Holly bruscamente.

— Está descansada. Mas liguei-o ontem à tarde, e posso dizer que não houve clarões azuis e que cliquei nos peixes rosa até os dedos ficarem dormentes sem encontrar número nenhum. Além disso, a música está diferente agora. Não muito, mas um pouco.

— *Vou nadar, pelo mar, pelo tão belo mar. E, ah, seremos tão felizes juntos* — canta Holly com afinação perfeita. — A minha mãe cantava-me isso quando

eu era pequena.

Jerome observa-a com mais intensidade do que Holly aguenta, e ela desvia o olhar, incomodada.

— O quê? O que foi?

— Havia uma letra — diz ele —, mas não era essa.

Hodges não ouviu letra nenhuma, só a melodia, porém não diz nada. Holly pergunta se ele consegue lembrar-se.

A voz de Jerome não é tão boa como a dela, mas aproxima-se o suficientemente para eles terem a certeza de que sim, é a música que ouviram.

— *Podes dormir, podes dormir, é um belo sono…* — Detém-se. — Só consigo lembrar-me disso. Se é que não estou a inventar.

— Agora temos a certeza — diz Holly. — Alguém alterou a demonstração do Fishin' Hole.

— Encheu-a de esteroides — acrescenta Jerome.

— O que quer isso dizer? — pergunta Hodges.

Jerome assente para Holly, e ela responde:

— Alguém carregou um programa escondido na demonstração, que já é levemente hipnótica por si só. O programa não estava ativo quando a Dinah tinha o *Zappit* nem quando olhou para o jogo ontem à noite, Bill, o que foi uma sorte, mas alguém o ativou depois disso.

— O Babineau?

— Ele ou outra pessoa, se a polícia tiver razão e o Babineau estiver morto.

— Pode ter sido pré-programado — sugere Jerome a Holly. Em seguida, para Hodges: — Como um despertador.

— Deixem-me ver se percebi — diz Hodges. — O programa esteve sempre lá, mas só ficou ativo quando o *Zappit* da Dinah foi ligado hoje?

— Sim — diz Holly. — Deve haver um repetidor envolvido, não achas, Jerome?

— Sim. Um programa de computador que emite a atualização constantemente, à espera de que algum pateta, eu, no caso, ligue um *Zappit* e ative o *wi-fi*.

— Isso pode acontecer a *todos* eles?

— Se o programa já estiver em todos, sim — diz Jerome.

— O Brady armou isso. — Hodges começa a andar, levando a mão ao flanco como que para conter a dor. — A porra do Brady Hartsfield.

— Como? — pergunta Holly.

— Não sei, mas é a única explicação. Tentou fazer explodir o Mingo durante aquele concerto. Impedimo-lo. O público, composto por meninas, foi salvo.

— Por ti, Holly — diz Jerome.

— Cala-te, Jerome. Deixa-o falar. — Os olhos dela sugerem que sabe onde Hodges quer chegar.

— Passaram seis anos. Aquelas raparigas, a maioria na primária em 2010, estão agora no secundário. Talvez na faculdade. Os ’Round Here já não existem, e as raparigas amadureceram um pouco, passaram a gostar de outros tipos de música, mas então recebem uma proposta que não podem recusar. Uma consola grátis, e basta-lhes provar que estavam no concerto dos ’Round Here naquela noite. O aparelho deve parecer tão antiquado como um televisor a preto-e-branco, mas que se lixe, é de borla.

— Sim! — exclama Holly. — O Brady ainda andava atrás delas. Isto é a sua vingança, mas não só delas. Quer vingar-se de *ti*, Bill.

O que me torna responsável, pensa Hodges, deprimido. Mas o que podia eu ter feito? O que mais podíamos nós ter feito? Ele ia fazer explodir o auditório.

— O Babineau, usando o nome Myron Zakim, comprou oitocentos *Zappits*. Só pode ter sido ele, porque é rico. O Brady não tinha dinheiro e duvido que o Al da Biblioteca pudesse tirar vinte mil dólares da poupança. As consolas estão espalhadas agora. E se todas receberem esse programa alterado quando forem ligadas…

— Espere, volte um pouco atrás — pede Jerome. — Está mesmo a dizer que um neurocirurgião respeitável se envolveu nessa merda?

— É o que estou a dizer, sim. A tua irmã identificou-o, e já sabemos que o neurocirurgião respeitável estava a usar o Brady Hartsfield como cobaia.

— Mas agora o Hartsfield está morto — interrompe Holly. — Só resta o

Babineau, que também pode estar morto.

— Ou não — diz Hodges. — Havia sangue no carro, mas nenhum corpo. Não seria a primeira vez que um bandido tenta fingir a própria morte.

— Tenho de verificar uma coisa no computador — diz Holly. — Se esses *Zappits* grátis estiverem a receber uma atualização agora mesmo, então talvez…

Sai a correr.

— Não percebo como estas coisas podem acontecer, mas… — começa Jerome.

— O Babineau vai poder contar-nos — diz Hodges —, se ainda estiver vivo.

— Sim, mas espere, a Barb disse ter ouvido uma voz a dizer-lhe todo o tipo de coisas horríveis. Eu não ouvi voz nenhuma, e também não tenho vontade de me matar.

— Talvez sejas imune.

— Não sou. Aquele ecrã apanhou-me, Bill, mergulhei *totalmente*. Ouvi a letra da música, e acho que também havia palavras nos clarões azuis. Como uma mensagem subliminar. Mas… nenhuma voz.

Pode haver vários motivos para isso, Hodges pensa, e não é porque o Jerome não ouviu a voz que a maioria dos adolescentes que receberam o aparelho de graça não vai ouvir.

— Vamos dizer que esse tal repetidor só tenha sido ligado nas últimas catorze horas — diz Hodges. — Sabemos que não pode ter sido antes de quando experimentei o jogo da Dinah, porque senão teria visto os números-peixe e os clarões azuis. Então, a pergunta é a seguinte: esses ecrãs de demonstração podem ser alterados com os aparelhos desligados?

— Nem pensar — diz Jerome. — Têm de estar ligados. Mas, quando estão…

— *Está ativo!* — grita Holly. — *O maldito* site *zeetheend está ativo!*

Jerome corre até à secretária dela no escritório. Hodges segue-o mais devagar.

Holly aumenta o volume do computador, e uma música começa a tocar nos escritórios da Finders Keepers. Não «Pelo Belo Mar» dessa vez, mas «Don’t Fear the Reaper». À medida que a música avança (*forty thousand men and*

women every day, another forty thousand coming every day), Hodges vê um velório à luz de velas e um caixão coberto de flores. Acima, homens e mulheres jovens sorridentes vêm e vão, de um lado para o outro, passando uns pelos outros, desvanecendo-se e reaparecendo. Alguns acenam; alguns fazem o sinal da paz. Sob o caixão há uma série de frases em letras que incham e se contraem como um coração a bater devagar.

UM FIM PARA A DOR
UM FIM PARA O MEDO
CHEGA DE FÚRIA
CHEGA DE DÚVIDA
CHEGA DE LUTA
PAZ
PAZ
PAZ

Em seguida, uma série de clarões azuis. Inseridas neles há palavras. Ou chamemos-lhes o que realmente são, pensa Hodges. Gotas de veneno.

— Desliga isso, Holly. — Hodges não gosta da forma como ela está a olhar para o ecrã, com aquele olhar fixo e arregalado, tão parecida com Jerome alguns minutos atrás.

Ela move-se demasiado devagar para o gosto de Jerome. Ele estica a mão por cima do ombro dela e desliga o computador.

— Não devias ter feito isso — repreende ela. — Posso ter perdido dados.

— É exatamente para isso que serve a porra desse *site* — diz Jerome. — Para te fazer perder dados. Para te fazer perder a *cabeça*. Consegui ler o último, Bill. No clarão azul. Dizia *fá-lo agora*.

Holly assente.

— Havia outro que dizia *conta aos teus amigos*.

— O *Zappit* direciona-os para essa… essa coisa? — pergunta Hodges.

— Não tem de o fazer — diz Jerome. — Porque as pessoas que encontrarem

o *site*, e muitas vão encontrar, inclusive adolescentes que nunca receberam um *Zappit* de graça, vão espalhar o boato no Facebook e nas outras redes sociais.

— Ele queria uma epidemia de suicídio — acrescenta Holly. — Deu início a isso de alguma forma e depois matou-se.

— Provavelmente para chegar lá antes deles — afirma Jerome. — Para poder recebê-los à porta.

— Devo acreditar que uma música de *rock* e a fotografia de um funeral vão fazer adolescentes matarem-se? — pergunta Hodges. — Consigo aceitar os *Zappits*. Já vi como funcionam. Mas isso?

Holly e Jerome trocam um olhar, um olhar que Hodges consegue ler com facilidade: Como lhe explicamos isto? Como se explica um pardal a alguém que nunca viu um pássaro? Aquele olhar já quase basta para convencê-lo.

— Os adolescentes são vulneráveis a coisas assim — diz Holly. — Não todos, é verdade, mas muitos. Eu era quando tinha dezassete anos.

— E é contagioso — diz Jerome. — Quando começa… *se* começa… — termina com um encolher de ombros.

— Temos de encontrar esse tal repetidor e desligá-lo — diz Hodges. — Para limitar os danos.

— Talvez esteja na casa do Babineau — diz Holly. — Liga ao Pete. Vê se há lá computadores e coisas do género. Se houver, pede-lhe para desligar tudo das tomadas.

— Se ele estiver com a Izzy, vai deixar a chamada ir para o *voice-mail* — responde Hodges, mas faz o telefonema, e Pete atende ao primeiro toque.

Diz a Hodges que Izzy voltou para a esquadra com os SKIDS para esperar os primeiros relatórios da polícia científica. O Al Brooks da Biblioteca foi detido pelos primeiros agentes a chegar ao local, que vão ganhar algum crédito pela prisão.

Pete soa cansado.

— Tivemos uma discussão. Eu e a Izzy. Das grandes. Tentei contar-lhe o que me disseste quando começámos a trabalhar juntos, que o caso é quem manda, e vamos para onde ele nos leva. Sem nos desviarmos, sem passar à frente, só a

seguir as pistas até chegarmos ao fim. Ela ouviu-me de braços cruzados, assentindo de vez em quando. Cheguei a pensar que estava a compreender-me. Mas depois, sabes o que me perguntou? Se eu sabia quando foi a última vez que houve uma mulher no escalão mais elevado da polícia. Eu respondi que não sabia, e ela disse que era porque a resposta era nunca. Disse que seria a primeira. Pá, eu achava que a conhecia. — Pete dá o que talvez seja a gargalhada com menos humor que Hodges já ouviu. — Eu achava que ela era uma *polícia*.

Hodges irá compadecer-se depois, se tiver oportunidade. Agora, não há tempo. Pergunta pelos computadores.

— Não encontrámos nada, além de um *iPad* descarregado — diz Pete. — Everly, a empregada da limpeza, diz que ele tinha um portátil no escritório, que era quase novo, mas desapareceu.

— Como o Babineau — diz Hodges. — Talvez esteja com ele.

— Talvez. Lembra-te: se eu puder ajudar, Kermit…

— Eu ligo-te, fica descansado.

Agora, Hodges aceita toda a ajuda que conseguir.

21

A experiência com a rapariga chamada Ellen é um fracasso, uma repetição do que aconteceu com a fedelha dos Robinson, mas finalmente Brady acalma-se. Funcionou, é nisso que precisa de se focar. A queda baixa e a neve foi azar. Haverá muitos outros. Ele tem muito trabalho pela frente, muitos fósforos a acender, mas quando o fogo atear, poderá recostar-se e assistir.

Vai arder até ao fim.

Liga o carro de Z-Boy e sai da área de descanso. Quando entra no trânsito leve na direção norte pela I-47, os primeiros flocos de neve caem do céu cinzento e batem no para-brisas do *Malibu*. Brady acelera. A lata velha de Z-Boy

não está equipada para uma tempestade de neve, e quando ele sair da interestadual, as estradas vão ficar cada vez piores. Tem de ser mais rápido do que o clima.

Ah, vou ser mais rápido, sim, pensa Brady, e sorri quando uma ideia maravilhosa lhe ocorre. Talvez Ellen tenha ficado paralítica, uma cabeça num palito, como a cabra da Stover. Não é provável, mas também não é impossível. Uma fantasia agradável com a qual passar os quilómetros.

Liga o rádio, encontra uma música dos Judas Priest e põe o som no máximo. Como Hodges, gosta de música da pesada.

O PRÍNCIPE DO SUICÍDIO

Brady conquistou muitas vitórias no quarto 217, mas teve de guardá-las para si. Voltar da morte em vida que era o coma; descobrir que podia (por causa da droga que Babineau lhe administrou ou por causa de alguma alteração fundamental nas suas ondas cerebrais, ou talvez até de uma combinação de ambas) mover pequenos objetos só por pensar neles; habitar o cérebro do Al da Biblioteca e criar dentro dele uma segunda personalidade, Z-Boy. E não pode esquecer-se de quando se vingou do polícia gordo que lhe bateu nos tomates quando ele não podia defender-se. Mas o melhor, o melhor de tudo, foi levar Sadie MacDonald a suicidar-se. Aquilo sim era poder.

Queria repetir a experiência.

A questão que aquele desejo levantava era simples: quem seria o próximo? Seria fácil fazer Al Brooks saltar de um viaduto ou beber desentupidor de canos, mas Z-Boy desapareceria com ele e, sem Z-Boy, Brady ficaria preso no quarto 217, que não passava de uma cela com vista para o parque de estacionamento. Não, precisava de Brooks onde estava. E *como* estava.

Mais importante era o que fazer com o filho da mãe responsável por pô-lo ali. Ursula Haber, a nazi do departamento de fisioterapia, dizia que os pacientes em reabilitação precisavam de OPM: objetivos para melhorar. Bem, ele estava a melhorar, óbvio, e a vingança contra Hodges era um objetivo válido, mas como consegui-la? Induzir Hodges a suicidar-se não era a resposta, mesmo que houvesse uma forma de tentar isso. Já disputara o jogo do suicídio com Hodges. E perdera.

Quando Freddi Linklatter apareceu com a foto dele e da mãe, Brady ainda estava a um ano e meio de perceber como poderia encerrar a sua questão com Hodges, mas ver Freddi deu-lhe o estímulo necessário. Só que teria de ser cuidadoso. Muito cuidadoso.

Um passo de cada vez, disse a si mesmo enquanto jazia acordado a altas horas da noite. Um passo de cada vez. Tenho grandes obstáculos, mas também tenho armas extraordinárias.

O primeiro passo era fazer Al Brooks retirar os *Zappits* restantes da biblioteca do hospital. Levou-os para a casa do irmão, onde vivia num apartamento por cima da garagem. Isso foi fácil porque ninguém os queria, de qualquer forma. Brady via-os como munições. Acabaria por encontrar uma arma onde pudesse usá-los.

Brooks levou os *Zappits* sozinho, embora obedecendo a ordens, pensamentos-peixe, que Brady implantou na personalidade superficial, mas útil, de Z-Boy. Ficara com receio de entrar completamente em Brooks e tomar conta de tudo porque destruía o cérebro do velhote demasiado depressa. Tinha de racionar esses momentos de imersão total e usá-los com sabedoria. Era uma pena, gostava daquelas férias fora do hospital, mas as pessoas começavam a reparar que o Al da Biblioteca ficara de repente mais confuso. Se ficasse demasiado confuso, seria obrigado a abandonar o trabalho voluntário. Pior, Hodges tinha reparado. Isso não era bom. Brady não se importava que o velho Det.-Ref. ouvisse todos os boatos sobre telecinesia que quisesse, mas não queria que o ex-detetive percebesse o que estava realmente a acontecer.

Apesar do risco de exaustão mental, Brady assumiu o comando total de Brooks na primavera de 2013, porque precisava de usar o computador da biblioteca. *Olhar* para o computador podia ser feito sem imersão total, mas *usá-lo* era outra coisa. E foi uma visita curta. Só queria colocar um alerta do Google usando as palavras *Zappit* e *Fishin' Hole*.

A cada dois ou três dias, mandava Z-Boy verificar o alerta e reportar a ele. Tinha instruções era para mudar para o *site* da ESPN se alguém se aproximasse para ver o que ele estava a ler (o que raramente acontecia; a biblioteca não era muito maior do que um armário, e os poucos visitantes costumavam andar à procura da capela ao lado).

Os alertas eram interessantes e informativos. Parecia que muitas pessoas tinham vivenciado uma espécie de hipnose ou convulsão real depois de olhar durante demasiado tempo para o ecrã de demonstração do Fishin' Hole. Esse efeito era mais poderoso do que Brady imaginava. Havia até um artigo na secção de negócios do *New York Times* e a empresa estava a ter problemas por causa

disso.

Problemas dos quais não precisava, pois já andava mal. Não era preciso ser um génio (coisa que Brady acreditava ser) para perceber que a Zappit, Inc. em breve abriria falência ou seria comprada por uma empresa maior. Brady apostava na falência. Quem seria burro ao ponto de comprar uma empresa fabricante de consolas antiquadas e ridiculamente caras, principalmente quando um dos jogos tinha um defeito perigoso?

Enquanto isso, havia o problema de como alterar os que já possuía (estavam guardados no armário do apartamento de Z-Boy, por cima da garagem, mas Brady considerava-os propriedade sua) para que as pessoas olhassem para eles durante mais tempo. Estava encalhado nessa questão quando Freddi o foi visitar. Depois de ela sair, com o dever de boa samaritana cumprido (não é que Frederica Bimmel Linklatter fosse ou já tivesse sido uma boa samaritana), Brady ficou a pensar durante bastante tempo.

Então, no fim de agosto de 2013, após uma visita particularmente irritante do Det.-Ref., ele mandou Z-Boy ao apartamento dela.

Freddi contou o dinheiro, depois observou o cota de calças verdes e ombros curvados especado no meio daquilo a que ela chamava sala. O dinheiro viera da poupança de Al Brooks no banco Midwest Federal. O primeiro levantamento da sua parca poupança, mas não a última.

— Duzentos dólares por algumas perguntas? Sim, posso fazer isso. Mas se veio à procura de um broche, vai ter de procurar noutro lado, velhote. Sou fufa.

— São só perguntas. — Z-Boy entregou-lhe um *Zappit* e disse-lhe que olhasse para o ecrã de demonstração do Fishin’ Hole. — Mas não pode olhar mais de trinta segundos, mais ou menos. É, hum, estranho.

— Estranho, hein?

Ela esboçou um sorriso indulgente e voltou a atenção para os peixes que nadavam. Trinta segundos tornaram-se quarenta. Isso ainda estava de acordo com as diretivas que Brady lhe dera antes de enviá-lo na sua missão (chamava-

lhes sempre missões, por ter descoberto que Brooks associava a palavra a heroísmo). Mas, depois de quarenta e cinco, ele tirou-lhe o aparelho.

Freddi olhou para cima, a pestanejar.

— Uau. Afeta o cérebro, não é?

— Sim. Mais ou menos.

— Li na *Gamer Programming* que o jogo Star Smash faz uma coisa parecida, mas tem de se jogar durante, tipo, meia hora para ter esse efeito. Isto é muito mais rápido. As pessoas sabem?

Z-Boy ignorou a pergunta.

— O meu chefe quer saber o que faria para que as pessoas olhassem para o ecrã de demonstração durante mais tempo em vez de irem logo para o jogo, que não tem o mesmo efeito.

Freddi adotou o sotaque russo falso pela primeira vez.

— Quem ser o seu líder destemido, Z-Boy? Ser bom e contar à Camarada X, *da*?

Z-Boy franziu a testa.

— Hã?

Freddi suspirou.

— Quem é o seu chefe, jeitoso?

— O doutor Z.

Brady tinha previsto a pergunta, conhecia Freddi havia muito tempo, e essa era outra diretiva. Ele tinha planos para Felix Babineau, mas ainda eram vagos. Continuava a testar as águas. A voar com o auxílio dos instrumentos.

— O doutor Z e o seu ajudante, Z-Boy — disse ela, acendendo um cigarro. — A caminho do domínio mundial. Ena, ena. Isso torna-me a Z-Girl?

Aquilo não fazia parte das diretivas, portanto ele ficou em silêncio.

— Não importa, já percebi — disse ela, soprando o fumo. — O seu chefe quer uma armadilha. A forma de fazer isso é transformar o ecrã de demonstração num jogo. Mas tem de ser algo simples. Não pode ficar pesado por causa de uma programação complicada. — Levantou o *Zappit*, agora desligado. — Esta coisa não tem grande capacidade.

— Que tipo de jogo?

— Sei lá, meu. Esse é o lado criativo. Nunca foi o meu forte. Diga ao seu chefe para pensar nisso. De qualquer modo, quando essa coisa estiver carregada e com um bom sinal de *wi-fi*, tem de instalar um *rootkit*. Quer que eu escreva isso tudo?

— Não.

Brady havia alocado parte do espaço de armazenamento da memória decadente de Al Brooks a essa tarefa. Além do mais, quando o trabalho fosse feito, Freddi seria a responsável.

— Quando o *rootkit* estiver instalado, pode descarregar códigos-fonte de outro computador. — Adotou de novo o sotaque russo. — Da Base Zero secreta sob a calota polar.

— Devo dizer-lhe essa parte?

— Não. Apenas a do *rootkit* e do código-fonte. Percebeu?

— Percebi.

— Mais alguma coisa?

— O Brady Hartsfield quer que vá visitá-lo de novo.

As sobrancelhas de Freddi subiram quase até à raiz do cabelo muito curto.

— Ele *fala* consigo?

— Fala. É difícil entendê-lo de início, mas ao fim de algum tempo a coisa corre melhor.

Freddi olhou em volta na sala escura e atafulhada, a cheirar à comida chinesa da noite anterior, como se o ambiente a interessasse. Achava aquela conversa cada vez mais estranha e assustadora.

— Não sei, meu. Já fiz a minha boa ação ao ir até lá, e nunca fui sequer escuteira.

— Ele vai pagar-lhe — disse Z-Boy. — Não muito, mas…

— Quanto?

— Cinquenta dólares por visita.

— Porquê?

Z-Boy não sabia, mas, em 2013, ainda havia uma boa quantidade de Al

Brooks naquela mente, e aquela era a parte que entendia.

— Acho que… porque você fez parte da vida dele. Sabe, quando reparavam os computadores das pessoas. Nos velhos tempos.

Brady não odiava o doutor Babineau com a mesma intensidade que odiava K. William Hodges, mas isso não queria dizer que o doutor B não estava na sua lista negra. Babineau usara-o como cobaia, o que era mau. Perdera o interesse em Brady quando a sua droga experimental pareceu não estar a funcionar, o que era mau. Pior ainda, as injeções tinham recomeçado quando Brady recuperara a consciência, e quem sabia o que estavam a provocar? Podiam matá-lo, mas como um homem que cortejara assiduamente a própria morte, não era isso que mantinha Brady acordado à noite. O que mantinha era a possibilidade de as injeções interferirem nas suas novas capacidades. Babineau ridicularizava os supostos poderes mentais de Brady em público, mas acreditava de facto que podiam existir, apesar de Brady ter tido o cuidado de nunca os exibir diante do médico, mesmo com os pedidos repetidos de Babineau. Acreditava que as faculdades telecinéticas também eram resultado daquilo a que chamava *Cerebellin*.

As tomografias e ressonâncias também tinham voltado.

— Você é a oitava maravilha do mundo — afirmou Babineau depois de um desses exames, no outono de 2013. Caminhava ao lado de Brady enquanto um enfermeiro empurrava a cadeira de rodas para levá-lo de volta ao quarto 217. Babineau tinha a expressão a que Brady chamava «fronha exultante». — Os protocolos atuais fizeram mais do que parar a destruição dos seus neurónios; estimularam o crescimento de novos. Mais robustos. Tem ideia de como isso é incrível?

Podes crer, idiota, pensou Brady. Então, guarda as tomografias só para ti. Se a Procuradoria descobrir, estou em apuros.

Babineau dava palmadinhas no ombro de Brady de forma possessiva. Brady detestava isso. Parecia que estava a acariciar um cão.

— O cérebro humano é composto por aproximadamente cem mil milhões de neurónios. Os da área de Broca do seu foram gravemente danificados, mas recuperaram. Aliás, estão a criar neurónios diferentes de quaisquer outros que eu tenha visto. Um dia destes, vai ficar famoso não como uma pessoa que tirou muitas vidas, mas como o responsável por salvá-las.

Se assim for, pensou Brady, nesse dia já não estarás aqui para ver isso.

Conta com isso, paspalho.

O lado criativo nunca foi o meu forte, dissera Freddi a Z-Boy. Era verdade, mas fora *sempre* o de Brady, e enquanto 2013 passava a 2014, ele teve bastante tempo para pensar em formas de o ecrã de demonstração do Fishin' Hole poder ser incrementado e transformado naquilo a que Freddi chamava armadilha visual. Mas nenhuma delas parecia a correta.

Não falavam sobre os efeitos do *Zappit* durante as visitas dela; o que mais faziam era relembrar (com Freddi necessariamente a falar boa parte do tempo) os velhos tempos na ciberpatrulha. Todos os malucos que conheceram nas visitas ao domicílio. E Anthony «Tones» Frobisher, o chefe idiota. Freddi falava sobre ele constantemente, transformando coisas que devia ter dito em coisas que dissera, e *na cara dele*! As visitas de Freddi eram monótonas, mas também reconfortantes. Equilibravam as suas noites desesperadas, quando achava que passaria o resto da vida no quarto 217, à mercê do doutor Babineau e das suas «injeções de vitaminas».

Tenho de impedi-lo, pensou Brady. Tenho de controlá-lo.

Para fazer isso, a versão potencializada do ecrã de demonstração tinha de estar perfeita. Se ele estragasse a primeira tentativa de entrar na cabeça de Babineau, talvez não houvesse outra.

A televisão ficava agora ligada pelo menos quatro horas por dia no quarto 217. Isso era devido a uma ordem de Babineau, que disse à enfermeira-chefe

Helmington que estava a «expor o senhor Hartsfield a estímulos externos».

O senhor Hartsfield não se importava de ver o jornal da tarde (havia sempre alguma explosão excitante ou uma tragédia de grandes proporções algures no mundo), mas o resto da programação — como programas de culinária, *talk shows*, telenovelas e curandeiros charlatões — era insuportável. Mas, um dia, quando estava sentado na cadeira junto à janela a ver *Prize Surprise* (ou a olhar naquela direção, pelo menos), teve uma revelação. A participante que sobrevivera até à volta de bonificação tinha a oportunidade de ganhar uma viagem a Aruba num avião particular. Mostraram-lhe um ecrã enorme com pontos grandes e coloridos em movimento. O trabalho dela era tocar em cinco pontos vermelhos, que se transformariam em números. Se os números em que ela tocasse somassem um total entre 95 e 105, ela venceria.

Brady viu os olhos arregalados da mulher a moverem-se de um lado para o outro, a estudar o ecrã, e soube que tinha encontrado o que procurava. Os peixes rosa, pensou ele. São os que se movem mais depressa e, além do mais, vermelho é uma cor furiosa. O rosa é… o quê? Qual era a palavra? A palavra veio, e ele sorriu. Era o sorriso radioso que o fazia parecer ter dezanove anos de novo.

Rosa era *tranquilizador*.

Às vezes, durante as visitas de Freddi, Z-Boy deixava o carrinho da biblioteca no corredor e juntava-se a eles. Numa dessas ocasiões, durante o verão de 2014, ele entregou a Freddi uma receita eletrónica. Fora escrita no computador da biblioteca, durante uma das cada vez mais raras ocasiões em que Brady não só dava instruções, mas se sentava no banco do condutor e assumia completamente o comando. Tinha de fazer isso porque tudo precisava de ser perfeito. Não havia espaço para erros.

Freddi observou o papel, ficou interessada e leu com mais atenção.

— Olhe — disse ela —, isto é muito inteligente. E acrescentar a mensagem subliminar é fixe. É cruel, mas fixe. O misterioso doutor Z inventou isso?

— Sim — respondeu Z-Boy.

Freddi voltou a atenção para Brady.

— Sabes quem é esse doutor Z?

Brady abanou a cabeça devagar.

— Tens a certeza de que não és tu? Porque isto parece trabalho teu.

Brady observou-a com o olhar vazio até ela desviar o rosto. Deixara-a ver mais dele do que Hodges ou qualquer outra pessoa da equipa enfermagem ou da de fisioterapia, mas não tinha intenção de deixá-la ver *dentro* dele, naquela altura, pelo menos. Havia a possibilidade de ela dar com a língua nos dentes. Além disso, ele ainda não sabia exatamente o que estava a fazer. Sempre ouvira dizer: «arma uma ratoeira maior e o mundo abrirá caminho até à tua porta», mas como ele ainda não sabia se aquela apanharia algum rato, era melhor ficar quieto. E o doutor Z ainda não existia.

Mas era uma questão de tempo.

Numa tarde não muito depois de Freddi receber a receita eletrónica a explicar como alterar o ecrã de demonstração do Fishin' Hole, Z-Boy visitou Felix Babineau no gabinete dele. O médico passava lá uma hora quase todos os dias em que ia ao hospital, a beber café e a ler o jornal. Havia um campo de minigolfe ao lado da janela (nada de vista do estacionamento para Babineau), onde ele às vezes treinava as suas tacadas. Era onde estava quando Z-Boy entrou sem bater.

Babineau olhou para ele com frieza.

— Posso ajudá-lo? Está perdido?

Z-Boy levantou o *Zappit Zero*, no qual Freddi fizera um *upgrade* (depois de comprar várias peças novas de computador pagas com parte da poupança de Al Brooks, que minguava rapidamente).

— Olhe para isto — disse ele. — Eu digo-lhe o que fazer.

— Tem de sair — ordenou Babineau. — Não sei no que está a pensar, mas este é o meu espaço particular e estou no meu momento de lazer. Ou prefere que eu chame a segurança?

— Olhe para o ecrã ou vai aparecer no noticiário da noite: «Médico faz experiências com medicamento sul-americano nunca testado no assassino em massa Brady Hartsfield.»

Babineau fitou-o boquiaberto; naquele momento o seu aspeto não diferia muito do que teria mais tarde depois de Brady começar a destruir o núcleo da sua consciência.

— Não sei do que está a falar.

— Estou a falar do *Cerebellin*, que não vai ser aprovado pela FDA tão cedo, se é que algum dia será. Acedi aos seus arquivos e tirei mais de vinte fotografias com o meu telemóvel. Também tirei fotos das tomografias cerebrais que escondeu. Violou muitas leis, doutor. Olhe para o ecrã e isso ficará entre nós. Se recusar, a sua carreira acaba. Tem cinco segundos para decidir.

Babineau pegou no aparelho e olhou para os peixes a nadar. A música tocou. De vez em quando, havia um clarão azul.

— Comece a clicar nos cor-de-rosa, doutor. Vão transformar-se em números. Faça a soma de cabeça.

— Durante quanto tempo tenho de fazer isso?

— Irá descobrir.

— Você é doido?

— O senhor tranca o seu gabinete quando não está, o que é inteligente, mas há muitos cartões de segurança com acesso total espalhados por aí. E deixou o seu computador ligado, o que me parece uma loucura. Olhe para os peixes. Clique nos cor-de-rosa e some os números. É só o que precisa de fazer e depois deixo-o em paz.

— Isto é chantagem.

— Não, chantagem é por dinheiro. Isto é só uma troca. Olhe para os peixes. Não vou pedir de novo.

Babineau olhou para os peixes. Clicou num cor-de-rosa e errou. Clicou de novo, errou de novo. Murmurou um «Porra!». Era bastante mais difícil do que parecia, e ele começou a ficar interessado. Os clarões azuis deviam ser irritantes, mas não eram. Até pareciam ajudá-lo a concentrar-se. A preocupação com tudo o

que aquele velho sabia começou a passar para segundo plano.

Conseguiu clicar num dos peixes antes de ele desaparecer no lado esquerdo do ecrã e obteve um nove. Isso era bom. Um bom começo. Esqueceu-se por que motivo estava a fazer aquilo. Apanhar os peixes cor-de-rosa era importante.

A música continuou a tocar.

Um andar acima, no quarto 217, Brady estava a olhar para o *Zappit* quando sentiu a sua respiração abrandar. Fechou os olhos e concentrou-se num único ponto vermelho. Era Z-Boy. Esperou… esperou… e então, quando começava a pensar que o alvo talvez fosse imune, apareceu um segundo ponto. Era ténue no início, mas foi ficando mais forte e mais intenso.

É como ver uma rosa desabrochar, pensou Brady.

Os dois pontos começaram a nadar, brincalhões, de um lado para o outro. Concentrou-se no que era Babineau. O ponto ficou mais lento até parar.

Apanhei-te, pensou Brady.

Mas precisava de ter cuidado. Era uma missão secreta.

Os olhos que ele abriu eram os de Babineau. O médico ainda estava a olhar para os peixes, mas tinha deixado de tocar neles. Tornara-se… qual era a palavra que usavam no hospital? Um vegetal. Tornara-se um vegetal.

Brady não ficou muito tempo naquela primeira ocasião, mas não demorou a perceber as maravilhas às quais conseguira acesso. Al Brook era um mealheiro. Felix Babineau era um cofre. Brady tinha acesso às lembranças dele, ao conhecimento arquivado, às aptidões. Enquanto estava em Al, podia trocar os fios de um circuito elétrico. Em Babineau, poderia executar uma craniotomia e rearrumar um cérebro humano. Além disso, obteve prova de uma coisa sobre a qual só tinha teorias e esperanças: podia possuir os outros de longe. Só era preciso que a pessoa se encontrasse naquele estado de hipnose induzida pelo *Zappit* para lhe abrir a mente. O *Zappit* que Freddi modificara era uma ótima armadilha visual, e, caramba, funcionava tão *depressa*.

Mal podia esperar para usá-lo em Hodges.

Antes de sair, Brady soltou alguns pensamentos-peixe no cérebro de Babineau, mas poucos. Tencionava agir com muita cautela com o médico. Babineau tinha de habituar-se plenamente ao ecrã — que era aquilo a que os especialistas em hipnose denominavam «dispositivo indutor» — antes de Brady anunciar a sua presença. Um desses pensamentos-peixe era a ideia de que as tomografias não estavam a gerar resultados de interesse real e deviam ser canceladas. As injeções de *Cerebellin* também seriam interrompidas.

Porque o Brady não está a fazer progressos suficientes. Porque é um beco sem saída. Além do mais, posso ser apanhado.

— Ser apanhado seria mau — murmurou Babineau.

— Sim — disse Z-Boy. — Ser apanhado seria mau para nós os dois.

Babineau tinha deixado cair o taco de golfe. Z-Boy apanhou-o e colocou-o na mão dele.

À medida que aquele verão abafado se transformava num outono frio e chuvoso, Brady consolidou o seu poder sobre Babineau. Foi libertando os pensamentos-peixe com cuidado, como alguém a encher um lago de trutas. O médico começou a sentir uma vontade incrível de se aproximar de algumas das enfermeiras mais novas, correndo o risco de ser processado por assédio sexual. Ocasionalmente, roubava analgésicos do dispensador automático *Pyxis*, usando a identificação de um médico fictício, algo que Brady conseguira por intermédio de Freddi Linklatter. Babineau fazia isso apesar de poder ser apanhado e de ter meios mais seguros de conseguir fármacos. Um dia, roubou um relógio *Rolex* da sala de neurologia (apesar de ter o seu) e guardou-o na última gaveta da secretária, esquecendo-o de imediato. Pouco a pouco, Brady Hartsfield, que mal conseguia andar, apoderou-se do médico que julgara ter-se apoderado dele e enredou-o numa armadilha de culpabilidade. Se ele fizesse alguma tolice, como tentar contar a alguém o que estava a acontecer, a armadilha fechar-se-ia.

Ao mesmo tempo, começou a esculpir a personalidade do doutor Z, com mais cuidado do que tivera com o Al da Biblioteca. Primeiro porque agora era

melhor nisso. Além do mais, a matéria-prima era de melhor qualidade. Em outubro daquele ano, com centenas de pensamentos-peixe a nadar no cérebro de Babineau, começou a assumir o comando do corpo do médico, levando-o em passeios cada vez mais longos. Uma vez, conduziu até à fronteira do estado de Ohio no *BMW* de Babineau, só para ver se o seu poder diminuiria com a distância. Não diminuiu. Parecia que, depois de entrar, ficava dentro. E foi um passeio ótimo. Parou num restaurante à beira da estrada e encheu-se de aros de cebola.

Que delícia!

Quando a época das festas de fim de ano de 2014 se aproximou, Brady notou que sentia algo que não experimentava desde a infância. Era tão estranho para ele que só quando as decorações de Natal foram recolhidas e o Dia de São Valentim se aproximava identificou o que era.

Estava contente.

Parte dele lutava contra esse sentimento, chamando-lhe uma pequena morte, mas outra parte queria aceitá-lo. Abraçá-lo, até. E porque não? Não era como se estivesse preso no quarto 217 ou até no próprio corpo. Podia sair quando quisesse, como passageiro ou condutor. Precisava de ter cuidado para não ir muitas vezes para o banco do condutor nem ficar demasiado tempo, só isso. O cerne da consciência, ao que parecia, era um recurso limitado. Quando desaparecia, era o fim.

Uma pena.

Se Hodges tivesse continuado a visitá-lo, Brady teria tido um novo objetivo: fazer com que ele olhasse para o *Zappit* na gaveta, entrar nele e largar pensamentos-peixe suicidas. Teria sido como usar o Guarda-Chuva Azul da Debbie de novo, só que dessa vez com sugestões mais poderosas. Não exatamente sugestões, mas ordens.

O único problema com o plano era que Hodges tinha deixado de ir. Aparecera depois do Dia do Trabalho, dissera os disparates do costume — *sei*

que estás aí dentro, Brady, espero que estejas a sofrer, Brady, consegues mesmo mover as coisas sem lhes tocar, Brady? Se puderes, quero ver —, mas depois desaparecera. Brady calculava que o desaparecimento de Hodges era a origem da sua felicidade pouco habitual e não totalmente bem-vinda. Hodges fora uma pedra no seu sapato. Agora que a pedra desaparecera, ele estava livre para caminhar por onde quisesse.

Mais ou menos.

Com acesso à conta bancária e ao portefólio de investimentos do doutor Babineau, assim como à sua mente, Brady desatou a comprar computadores. O médico levantou o dinheiro e fez as compras; Z-Boy entregou o equipamento na pocilga que era o apartamento de Freddi Linklatter.

Ela merece algo melhor, pensou Brady. Eu devia fazer alguma coisa acerca disso.

Z-Boy também lhe levou o resto dos *Zappits* que surripiara da biblioteca, e Freddi alterou os ecrãs de demonstração do Fishin' Hole em todos eles… por um preço, claro. E apesar de o preço ser alto, Brady pagou sem hesitar. Era dinheiro do médico, afinal. Quanto ao que poderia fazer com os aparelhos alterados, não tinha ideia. Achava que poderia acabar por querer mais um ou dois drones, mas não via motivo para os trocar de momento. Começou a entender o que era a felicidade: a versão emocional das regiões oceânicas de calmaria, onde todos os ventos desapareciam e a pessoa ficava à deriva.

Acontecia quando se ficava sem metas para crescer.

Essa situação continuou até ao dia 13 de fevereiro de 2015, quando a atenção de Brady foi captada por uma notícia do jornal da tarde. Os pivôs, que tinham estado a rir por causa das traquinices de dois pandas bebés, fizeram cara de «Ah, merda» quando o ecrã atrás deles mudou dos pandas para o logótipo de um coração partido.

— Vai ser um dia de São Valentim triste no subúrbio de Sewickley — disse a mulher.

— É verdade, Betty — afirmou o homem. — Dois sobreviventes do Massacre do Centro Cívico, Krista Countryman, de vinte e seis anos, e Keith Frias, de vinte e quatro, suicidaram-se na casa da primeira.

— Ken — continuou Betty —, os pais em choque dizem que os jovem queriam casar-se em maio deste ano, mas os dois ficaram muito feridos no ataque provocado por Brady Hartsfield, e a dor física e mental contínua parece ter sido demasiada para eles. Frank Denton tem mais informações.

Brady começou a prestar atenção, sentado na cadeira o mais direito possível, os olhos a brilhar. Poderia alegar legitimamente que aqueles dois tinham sido obra sua? Acreditava que sim, o que queria dizer que a sua pontuação do Centro Cívico tinha aumentado de oito para dez. Ainda estava longe de doze, mas não era nada mau!

O correspondente, Frank Denton, também com a sua melhor expressão de «Ah, merda», disse algumas banalidades, depois a imagem mudou para o pobre paizinho da vaca da Countryman, que leu o bilhete de suicídio que o casal deixou. Balbuciou durante a maior parte, mas Brady percebeu a ideia. Haviam tido uma bela visão da vida após a morte, onde os ferimentos seriam curados, o peso da dor desapareceria e poderiam ser casados, de perfeita saúde, por Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador.

— Como isto é triste — opinou o pivô no final da história. — Muito triste.

— É verdade, Ken — afirmou Betty. O ecrã atrás deles mudou para uma foto de um bando de idiotas em roupas de casamento numa piscina, e o semblante triste desapareceu. — Mas isto deve alegrar toda a gente: vinte casais decidiram casar-se numa piscina em Cleveland, onde estão *cinco graus negativos*!

— Só espero que tenham um amor tórrido — comentou Ken, mostrando os dentes perfeitamente artificiais num sorriso. — *Brrrr!* Agora a Patty Newfield vai contar-nos os pormenores.

Quantos mais consigo apanhar?, perguntou-se Brady. Estava animadíssimo. Tenho nove *Zappits* quitados, os dois que os meus drones têm e o da minha

gaveta. Quem disse que as coisas terminaram com os palhaços dos desempregados?

Quem disse que não posso aumentar a contagem?

Brady continuou a acompanhar a Zappit Inc. durante o seu período de inatividade, mandando Z-Boy verificar os alertas do Google uma ou duas vezes por semana. A conversa sobre o efeito hipnótico do ecrã de demonstração do Fishin' Hole (e os efeitos menores da demonstração dos Whistling Birds) esmoreceu e foi substituída por especulações sobre quando a empresa declararia falência; já não era uma questão de «se». Quando a Sunrise Solutions comprou a Zappit, um *blogger* chamado Electric Whirlwind escreveu: «Uau! É como se dois doentes com cancro terminal tivessem decidido fugir para casar.»

A nova personalidade de Babineau estava agora bem estabelecida, e foi o doutor Z que começou a pesquisar os sobreviventes do Massacre do Centro Cívico por Brady, fazendo uma lista dos que tinham ficado mais feridos e que, assim, eram mais vulneráveis a pensamentos suicidas. Alguns deles, como Daniel Starr e Judith Loma, ainda estavam em cadeiras de rodas. Loma talvez saísse da dela; Starr nunca sairia. Havia também Martine Stover, que estava paralisada do pescoço para baixo e vivia com a mãe em Ridgedale.

Eu estaria a fazer-lhes um favor, pensou Brady. Estaria mesmo.

Decidiu que a mãe de Stover seria um bom começo. A sua primeira ideia foi fazer Z-Boy mandar-lhe um *Zappit* pelo correio («Uma prenda para si!»), mas como poderia ter a certeza de que ela não o deitaria fora? Só tinha nove e não queria correr o risco de desperdiçar nenhum. Alterá-los custara-lhe (bem, a Babineau) muito dinheiro. Talvez fosse melhor mandar Babineau numa missão pessoal. Com um dos fatos de bom corte e uma gravata escura sóbria, ele aparentaria ser mais de confiança do que Z-Boy com as calças verdes amarrotadas, e era o tipo de cota de quem as mulheres como a mãe de Stover tinham tendência para gostar. Brady só precisava de elaborar uma história credível. Alguma pesquisa de *marketing*, talvez? Ou um clube do livro? Um

concurso com prémios?

Ainda estava a avaliar as possibilidades, pois não havia pressa, quando o alerta do Google anunciou uma morte inesperada: a Sunrise Solutions batera a bota. Isso foi no início de abril. Um administrador de insolvência fora escolhido para vender os ativos, e uma lista dos supostos «bens reais» apareceria em breve nos *sites* de venda habituais. Para os impacientes, podia ser encontrada na pasta da insolvência uma lista de todas as porcarias não vendáveis da Sunrise Solutions. Brady achou isso interessante, mas não o suficiente para pedir ao doutor Z que olhasse para a lista. Devia haver caixas de *Zappits* no meio, porém ele já tinha nove agora, e isso devia bastar para a brincadeira.

Um mês depois, mudou de ideias.

Um dos segmentos mais populares do jornal da tarde chamava-se «Umas Palavras de Jack». Jack O'Malley era um dinossauro velho e gordo que devia ter começado no ramo quando a televisão ainda era a preto-e-branco, e falava durante uns cinco minutos no final de cada emissão sobre o que quer que estivesse a passar-lhe pelo que restava da cabeça. Usava uns óculos enormes de armações pretas e a sua papada tremia como gelatina quando falava. Normalmente, Brady achava-o bastante divertido, uma espécie de elemento cómico, mas não houve nada de divertido no segmento daquele dia. Abriu uma série de novas perspetivas.

— As famílias de Krista Countryman e Keith Frias receberam uma enxurrada de condolências em resultado de uma história que esta estação transmitiu há dois meses — disse Jack com a sua voz mal-humorada de Andy Rooney. — A decisão de acabar com a vida quando já não conseguiam viver com a dor sem fim e sem melhoras reacendeu o debate sobre a ética do suicídio. Também nos recordou, infelizmente, o cobarde que provocou tudo isso, um monstro chamado Brady Wilson Hartsfield.

Sou eu, pensou Brady com alegria. Quando até dizem o nosso nome do meio, sabemos que somos o verdadeiro papão.

— Se houver uma vida depois desta — disse Jack (sobrancelhas descontroladas de Andy Rooney a unir-se, papada a tremer) —, o Brady Wilson Hartsfield vai pagar pelos seus crimes quando lá chegar. Enquanto isso, vamos considerar o lado positivo dessa nuvem de horror, porque realmente existe um.

»Um ano depois da chacina cobarde no Centro Cívico, Brady Hartsfield tentou cometer um crime ainda mais hediondo. Levou uma grande quantidade de explosivo plástico para um concerto no auditório Mingo, com a intenção de matar milhares de adolescentes que tinham ido ali divertir-se. Foi detido pelo ex-detetive William Hodges e por uma mulher corajosa chamada Holly Gibney, que achatou o crânio do fracassado homicida antes que ele pudesse detonar…

Naquele momento, Brady deixou de prestar atenção. Fora uma mulher chamada Holly Gibney quem lhe batera na cabeça e quase o matara? Quem diabo era Holly Gibney? E por que motivo ninguém lhe contara durante os cinco anos subsequentes que ela o fizera ver estrelas e o pusera naquele quarto? Como era possível?

Fácil, concluiu ele. Quando a cobertura era recente, ele estava em coma. Depois, pensou Brady, simplesmente parti do princípio de que foi o Hodges ou o preto cortador de relva.

Pesquisaria Gibney na Internet quando tivesse oportunidade, mas ela não era importante. Fazia parte do passado. O futuro era uma ideia esplêndida que lhe ocorreu tal como ocorriam as suas melhores invenções: inteira e completa, precisando só de alguns ajustes para ficar perfeita.

Ligou o *Zappit*, encontrou Z-Boy (de momento a distribuir revistas a pacientes à espera na ginecologia e obstetrícia) e mandou-o para o computador da biblioteca. Quando estava sentado à frente do ecrã, Brady tirou-o do banco do condutor e assumiu o comando, curvado e a observar o monitor com os olhos míopes de Al Brooks. Num *site* chamado Massa Insolvente 2015, encontrou a lista de tudo que a Sunrise Solutions deixara para trás. Havia lixo de uma dezena de empresas diferentes, listadas por ordem alfabética. A Zappit era a última, mas, no que dizia respeito a Brady, longe de ser a menos importante. No cimo da lista de ativos estavam 45 872 *Zappit Commanders*, com preço de venda sugerido de

189,99 dólares. Iam ser vendidos em lotes de quatrocentos, oitocentos e mil. Em baixo, a vermelho, havia a advertência de que parte do lote tinha defeito, «mas a maioria está em perfeito estado de funcionamento».

A animação de Brady fez o velho coração do Al da Biblioteca trabalhar laboriosamente. As mãos saíram do teclado e fecharam-se em punhos. Fazer mais sobreviventes do Centro Cívico suicidarem-se era canja quando comparado com a grande ideia que agora tomava conta dele: terminar o que tentara fazer naquela noite no Mingo. Conseguia ver-se a escrever a Hodges pelo Guarda-Chuva Azul: *Acha que me deteve? Pense de novo.*

Como seria maravilhoso!

Estava convencido de que Babineau tinha mais do que dinheiro suficiente para comprar um *Zappit* para cada pessoa que estivera lá naquela noite, mas como Brady teria de abordar os alvos um a um, não havia necessidade de exagerar.

Mandou Z-Boy ir buscar Babineau. Babineau não queria ir. Tinha medo de Brady agora, o que Brady achava delicioso.

— Vai comprar-me umas coisinhas — disse Brady.

— Comprar umas coisinhas. — Dócil. Já não com medo. Babineau entrara no quarto 217, mas agora era o doutor Z quem estava de pé com os ombros curvados diante da cadeira de Brady.

— Sim. Vai ter de meter dinheiro numa conta nova. Acho que vamos chamar-lhe Gamez Unlimited. É Gamez com z no final.

— Com z. Como eu.

O chefe do departamento de neurologia do Kiner esboçou um sorriso pequeno e vazio.

— Isso mesmo. Vamos transferir cento e cinquenta mil dólares para essa conta. Também vai arranjar um apartamento novo e maior para a Freddi Linklatter. Para ela poder receber a mercadoria que você vai comprar e depois trabalhar nela. Vai estar muito ocupada.

— Vou arranjar-lhe um apartamento novo e maior para…

— Cale-se e preste atenção. Ela também vai precisar de mais equipamento.

Brady inclinou-se para a frente. Conseguia ver um futuro radioso ao seu alcance, um futuro em que Brady Wilson Hartsfield era coroado vencedor anos depois de o Det.-Ref. pensar que o jogo tinha terminado.

— A peça mais importante do equipamento chama-se repetidor.

CABEÇAS E PELES

1

Não é só a dor que acorda Freddi, mas também a bexiga. Parece que vai explodir. Sair da cama é uma operação complicada. A cabeça lateja, e parece que tem o peito envolto em gesso. Não dói muito, mas está rígido e muito pesado. Cada respiração é como levantamento de peso.

A casa de banho parece ter saído de um filme de terror, e ela fecha os olhos assim que se senta na sanita para não ter de olhar para todo aquele sangue. Tenho sorte em estar viva, pensa, enquanto verte o que parecem ser quarenta litros de urina. Muita sorte. E como vim parar ao meio desta porra? Porque lhe levei aquela maldita foto. A minha mãe tinha razão: nenhuma boa ação fica sem castigo.

Mas, se alguma vez teve de pensar com clareza é agora, e ela tem de admitir para si mesma que levar a foto a Brady não foi o que a conduziu até ali, até àquela casa de banho ensanguentada onde está sentada na sanita com um galo na cabeça e um ferimento de bala no peito. Isso aconteceu porque *voltou*, e voltou porque lhe pagavam, cinquenta dólares por visita. O que a tornava uma espécie de prostituta, na sua opinião.

Sabes o que está a acontecer aqui. Podes tentar convencer-te de que só descobriste quando olhaste para a *pen* que o doutor Z levou, aquela que ativa o *site* sinistro, mas sabias quando estavas a instalar atualizações em todos aqueles *Zappits*, não sabias? Uma linha de montagem de aparelhos, quarenta ou cinquenta por dia, até que todos os que não estavam defeituosos fossem como minas terrestres. Mais de quinhentos. Sabias que era o Brady desde o início, e o Brady Hartsfield é maluco.

Sobe as calças, puxa o autoclismo e sai da casa de banho. A luz que entra pela janela da sala é suave, mas mesmo assim magoa-lhe a vista. Semicerra os olhos, vê que começou a nevar e segue para a cozinha, com dificuldade em respirar. O frigorífico está cheio de embalagens com restos de comida chinesa, mas há algumas latas de *Red Bull* na prateleira da porta. Pega numa, bebe

metade e sente-se um pouco melhor. Provavelmente é apenas o efeito psicológico, mas para ela basta.

O que vou fazer? O quê, meu Deus? Há alguma forma de eu sair desta confusão?

Entra no escritório, andando um pouco mais depressa agora, e reativa o ecrã. Procura zeetheend no Google, com a esperança de encontrar o homem de desenho animado a balançar a picareta, e desanima-se quando a imagem que enche o ecrã mostra um funeral à luz de velas, exatamente o que viu quando meteu a *pen* no computador e o ecrã inicial se abriu em vez de importar a coisa toda, como diziam as instruções. Toca aquela música arrastada dos Blue Öyster Cult.

Desce para as mensagens sob o caixão, cada uma a inflar e a murchar como batimentos cardíacos lentos (UM FIM PARA A DOR, UM FIM PARA O MEdo) e clica em PUBLICAR COMENTÁRIO. Freddi não sabe há quanto tempo aquele veneno eletrónico está ativo, mas há tempo suficiente para já ter gerado centenas de comentários.

Bedarkened77: Este *site* atreve-se a dizer a verdade!

AliceAlways401: Eu queria ter coragem, as coisas estão tão más em casa agora.

VerbanaTheMonkey: Aguentem a dor, malta, suicídio é cobardia!!!

KittycatGreeneyes: Não, suicídio é INDOLOR, traz muitas mudanças.

VerbanaTheMonkey não é a única que se opõe, mas Freddi não precisa de ler todos os comentários para ver que ele (ou ela) é a minoria. Isto vai espalhar-se como gripe, pensa.

Não, mais como o ébola.

Olha para o repetidor a tempo de ver 171 ENCONTRADOS mudar para 172. O boato sobre os números-peixe está a espalhar-se depressa e até ao fim do dia quase todos os *Zappits* alterados vão estar ativos. O ecrã de demonstração

hipnotiza-os, torna-os recetivos… a quê? Bem, à ideia de que devem visitar zeetheend, para começar. Ou talvez as pessoas com *Zappits* não acabem no *site*. Talvez só o ignorem. Irão obedecer a uma ordem hipnótica para se matarem? Com certeza que não, certo?

Certo?

Freddi não se atreve a correr o risco de desligar o repetidor com medo de uma visita de Brady, mas o *site*?

— Vais sair do ar, filho da puta — diz ela, e começa a digitar no teclado.

Menos de trinta segundos depois, olha incrédula para uma mensagem no ecrã: FUNÇÃO NÃO AUTORIZADA. Levanta a mão para tentar de novo, mas hesita. Tanto quanto sabe, outra tentativa de acabar com o *site* pode dar cabo de todas as suas coisas: não só o equipamento, mas os cartões de crédito, a conta bancária, o telemóvel e até a porra da carta de condução. Se alguém sabe programar coisas assim malignas, esse alguém é Brady.

Porra. Tenho de sair daqui.

Vai enfiar alguma roupa numa mala, chamar um táxi e levantar do banco todo o dinheiro que tem. Talvez ainda tenha uns quatro mil dólares. (No fundo do coração, sabe que deve estar mais próximo dos três.) Irá do banco para o terminal rodoviário. A neve a cair do lado de fora da janela parece ser o começo de uma grande tempestade, e isso pode atrapalhar uma fuga rápida, mas se tiver de esperar algumas horas no terminal, esperará. Raios, se tiver de *dormir* lá, dormirá. Aquilo é tudo obra de Brady. Elaborou um protocolo Jonestown complicado do qual os *Zappits* alterados são só uma parte, e ela ajudou-o a fazer isso. Freddi não sabe se vai resultar ou não e não pretende ficar à espera para descobrir. Tem pena das pessoas que podem ser sugadas pelos *Zappits* ou levadas a suicidar-se por causa daquele maldito *site* zeetheend em vez de só pensarem nisso, mas tem de cuidar da *numero uno*. Não há mais ninguém que o faça.

Vai até ao quarto o mais depressa que consegue. Tira a velha *Samsonite* do armário, e a falta de oxigénio causada pelas respirações curtas e superficiais e

pelo excesso de animação transforma-lhe as pernas em borracha. Senta-se na cama e baixa a cabeça.

Vai com calma, pensa. Recupera o fôlego. Uma coisa de cada vez.

Mas, graças à sua tentativa tola de deitar abaixo o *site*, não sabe quanto tempo tem, e quando «Boogie Woogie Bugle Boy» começa a tocar na cómoda, solta um gritinho. É o seu telemóvel. Freddi não quer atender, mas levanta-se mesmo assim. Às vezes, é melhor saber.

2

A neve continua leve até Brady abandonar a interestadual pela saída 7, mas na estadual 79 (já está no cu de Judas) começa a cair com um pouco mais de força. O asfalto ainda está visível e molhado, porém a neve vai começar a acumular-se em breve, e ele ainda está a sessenta e cinco quilómetros de onde pretende instalar-se e trabalhar.

Lake Charles, pensa. Onde começa a diversão.

É então que o portátil de Babineau se liga e apita três vezes, um alerta que Brady programou nele um mês antes. Porque prevenir é sempre melhor do que remediar. Não tem tempo de encostar, se quer competir com aquela porcaria de tempestade, mas não pode deixar de olhar. À frente, à direita, vê uma casa entaipada e duas raparigas de metal com biquínis enferrujados no telhado, a segurarem uma placa que diz PALÁCIO PORNO e XXX e NUAS E OUSADAS. No meio do estacionamento de terra batida, que a neve já começou a embranquecer, há uma placa que diz «Vende-se».

Brady entra, para e abre o portátil. A mensagem no ecrã abre uma brecha significativa no seu bom humor.

NEGADA
STATUS: ATIVO

Abre o porta-luvas do *Malibu*, e ali está o telemóvel velho de Al Brooks, onde ele sempre o deixava. E isso é bom, porque Brady se esqueceu de levar o de Babineau.

Que se lixe, pensa ele. Não posso lembrar-me de tudo, e andei ocupado.

Não se dá ao trabalho de aceder aos contactos, sabe de cor o número de Freddi. Ela não o mudou desde os tempos na Discount Electronix.

3

Quando Hodges pede licença para ir à casa de banho, Jerome espera até ele sair pela porta e aproxima-se de Holly, que está de pé diante da janela a ver a neve cair. Ainda há luz na cidade, e os flocos a dançarem no ar parecem desafiar a gravidade. Holly tem novamente os braços cruzados diante do peito para poder apertar os ombros.

— Qual é a gravidade do estado dele? — pergunta Jerome em voz baixa. — Não o acho com boa cara.

— É cancro no pâncreas, Jerome. Como pode alguém ter boa cara com isso?

— Achas que ele vai aguentar o resto do dia? Porque é o que quer, e acho que seria bom para ele terminar esta história.

— Terminar com o Hartsfield, queres tu dizer. O maldito Brady Hartsfield. Apesar de ele estar *morto*.

— Sim, é isso que quero dizer.

— Acho que é muito grave. — Vira-se para ele e obriga-se a olhá-lo nos olhos, uma coisa que a faz sempre sentir-se nua. — Reparaste que ele está sempre a pressionar o flanco?

Jerome assente.

— Anda a fazê-lo há semanas e dizia que era indigestão. Só foi ao médico porque eu o chateei. E quando descobriu qual era o problema, tentou mentir.

— Não respondeste à pergunta. Ele vai aguentar o resto do dia?

— Acho que sim. Espero que sim. Porque tens razão, ele precisa disto. Mas temos de ficar com ele. Nós os dois. — Solta um ombro para poder agarrar o pulso dele. — Promete, Jerome. Nada de mandar a magricela para casa para os rapazes poderem brincar sozinhos na casa da árvore.

Ele solta a mão dela e aperta-a.

— Não te preocupes, Hollyberry. Ninguém vai separar o grupo.

4

— Estou? É o senhor, doutor Z?

Brady não tem tempo para joguinhos. A neve está a ficar mais pesada a cada segundo, e o *Malibu* velho e a cair aos pedaços de Z-Boy, sem pneus de neve e com mais de cento e sessenta mil quilómetros rodados, não vai conseguir aguentar a tempestade quando ela começar a sério. Noutras circunstâncias, iria querer saber como ela sobreviveu, mas como não tem intenção de voltar para remediar a situação, é uma pergunta retórica.

— Sabes quem eu sou, e eu sei o que tentaste fazer. Se tentares de novo mando os homens que estão a vigiar o prédio fazerem-te uma visita. Tens sorte em estar viva, Freddi. Eu não tentaria o destino uma segunda vez.

— Desculpe — diz ela quase a sussurrar.

Não é a mesma rapariga feroz e desbocada com que Brady trabalhou na ciberpatrulha. Mas ela não está totalmente quebrada, senão nem teria tentado mexer no computador.

— Contaste a alguém?

— Não! — Parece horrorizada com a ideia. Horrorizada é bom.

— E vais contar?

— *Não!*

— Essa é a resposta correta, porque, se contares, eu saberei. Estás sob vigilância, Freddi. Lembra-te disso.

Desliga sem esperar resposta, mais furioso com ela por estar viva do que pelo que tentou fazer. Acreditará que homens fictícios estão a vigiar o prédio, apesar de ele a ter deixado como morta? Brady acha que sim. Ela já interagiu com o doutor Z e com Z-Boy; quem sabe quantos outros drones ele pode ter sob o seu comando?

De qualquer modo, não há mais nada a fazer quanto a isso. Brady tem um histórico muito longo de culpar os outros pelos seus problemas, e agora culpa Freddi por não ter morrido quando devia.

Engata a mudança no *Malibu* e carrega no acelerador. Os pneus giram na camada fina de neve que cobre o estacionamento do falecido Palácio Porno, mas agarram-se quando entram de novo na estadual, onde as bermas antes cor de terra estão a ficar brancas. Brady leva o carro de Z-Boy a cem quilómetros por hora. Em pouco tempo, isso será demasiado para as condições atmosféricas, mas ele vai manter essa velocidade enquanto conseguir.

5

A Finders Keepers partilha as casas de banho do sétimo andar com a agência de viagens, mas agora Hodges tem a dos homens só para si, pelo que fica grato. Está debruçado sobre um dos lavatórios, a mão direita a segurar a borda, a esquerda a pressionar o flanco. O cinto ainda está aberto, e as calças escorregaram para baixo das ancas devido ao peso das coisas nos bolsos: moedas, chaves, carteira, telemóvel.

Foi ali para defecar, uma função excretória comum que executou a vida toda,

mas quando começou a fazer força, a parte esquerda da região da barriga começou a doer. Aquilo faz a dor anterior parecer umas notas de aquecimento antes do começo do concerto principal, e se está tão mal agora, teme o que pode haver pela frente.

Não, pensa, temer é a palavra errada. Pavor é a certa. Pela primeira vez na vida, estou apavorado com o futuro, onde vejo tudo o que sou e já fui primeiro submergir e depois desaparecer. Se a dor em si não fizer isso, farão as drogas pesadas que me vão dar para acabar com ela.

Agora compreende por que motivo aquilo que tem se chama cancro silencioso e porque é quase sempre mortal. Fica escondido no pâncreas, aumentando as tropas e enviando emissários secretos para os pulmões, para os gânglios linfáticos, para os ossos e para o cérebro. Em seguida, lança as bombas, sem entender, na sua estúpida voracidade, que a vitória só conduzirá à própria morte.

Mas pode ser isso que quer. Talvez se odeie, tenha nascido com um desejo não de assassinar o hospedeiro, mas de se matar. O que torna o cancro o *verdadeiro* príncipe do suicídio.

Dá um arroto longo e reverberante, e isso fá-lo sentir-se um pouco melhor, sabe-se lá porquê. Não durará muito, mas Hodges aceita todo o alívio que puder. Pega em três analgésicos (já começa a pensar que é como disparar uma espingarda de ar comprimido contra um elefante irritado) e engole-os com ajuda de água da torneira. Em seguida, molha o rosto com água fria, tentando recuperar alguma cor. Como isso não funciona, bate no rosto com força, duas palmadas fortes em cada bochecha. Holly e Jerome não podem saber o quanto piorou. Aquele dia foi-lhe prometido, e Hodges pretende aproveitar cada minuto. Até à meia-noite, se necessário.

Está a sair da casa de banho, dizendo a si mesmo para se endireitar e parar de pressionar o flanco, quando o telemóvel vibra. É o Pete a querer continuar com as suas lamentações, pensa, mas não. É Norma Wilmer.

— Encontrei o dossiê — diz ela. — O que a falecida e grandiosa Ruth Scapelli…

— Sei — interrompe ele. — A lista de visitas. Quem está nela?

— *Não* há lista.

Ele encosta-se à parede e fecha os olhos.

— Ah, mer…

— Mas há um memorando no papel timbrado de Babineau. O memorando diz, e agora estou a citar, que «Frederica Linklatter deve ser admitida durante e fora dos horários de visitas. Está a ajudar na recuperação de B. Hartsfield». Isso ajuda?

Uma rapariga com cabelo estilo militar, Hodges pensa. Uma rapariga magricela com uma data de tatuagens.

Não despertou nenhuma lembrança na altura, mas *houve* uma vibração suave, e agora ele sabe porquê. Conheceu uma rapariga magricela de cabelo à escovinha na Discount Electronix em 2010, quando ele, Jerome e Holly estavam a aproximar-se de Brady. Mesmo seis anos depois, lembra-se do que ela lhe disse sobre o colega da ciberpatrulha: *Aposto que é alguma coisa com a mãe dele. É doido por ela.*

— Ainda aí está? — Norma parece irritada.

— Sim, mas tenho de ir.

— Não disse que haveria um dinheirinho a mais se…

— Disse. Tratarei de si, Norma.

Desliga a chamada.

Os comprimidos já começaram a fazer efeito, e ele consegue andar relativamente depressa até ao escritório. Holly e Jerome estão perto da janela com vista para a Lower Marlborough Street, e ele percebe pela expressão dos dois quando se viram que estavam a falar de si, mas não há tempo para pensar nisso. Nem para ficar chateado. Está a pensar naqueles *Zappits* modificados. A pergunta desde que começaram a juntar as peças era como poderia Brady ter alguma coisa que ver com a modificação dos aparelhos, se estava preso num quarto de hospital, praticamente incapaz de andar. Mas conhecia uma pessoa que quase de certeza tinha competência para fazer aquilo por ele, não conhecia? Uma pessoa com quem trabalhara. Uma pessoa que ia visitá-lo ao Capacete, com a

aprovação escrita de Babineau. Uma rapariga *punk* com bastantes tatuagens e muita atitude.

— A visita do Brady, a *única* visita, era uma mulher chamada Frederica Linklatter. Ela…

— Ciberpatrulha! — quase grita Holly. — Trabalhava com ela!

— Certo. Havia também um terceiro tipo, o chefe, acho. Algum de vocês se lembra do nome dele?

Holly e Jerome entreolham-se e abanam a cabeça.

— Já foi há muito tempo, Bill — diz Jerome. — E na altura estávamos concentrados no Hartsfield.

— Pois. Só me lembro da Linklatter porque ela é difícil de esquecer.

— Posso usar o computador? — pergunta Jerome. — Talvez consiga encontrar o tipo enquanto a Holly procura a morada da rapariga.

— Claro, força.

Holly já se sentou diante do próprio computador, concentrada, a clicar loucamente. Também começou a falar sozinha, como costuma fazer quando está absorta em alguma coisa.

— Gaita. Nem o telefone nem a morada estão listados. Era um tiro no escuro, de qualquer modo, muitas mulheres solteiras não têm… esperem, esperem um momento… encontrei a página dela no Facebook…

— Não estou interessado nas fotos das férias dela nem em quantos amigos tem — diz Hodges.

— Tens a certeza? Porque ela só tem seis amigos, e um deles é o Anthony Frobisher. Tenho quase a certeza de que esse era o nome do…

— *Frobisher!* — grita Jerome do escritório de Hodges. — *Anthony Frobisher era o terceiro tipo da ciberpatrulha!*

— Ganhei-te, Jerome — diz Holly. Parece convencida. — Outra vez.

Ao contrário de Frederica Linklatter, Anthony Frobisher figura na lista telefónica, em nome próprio e como Seu Guru do Computador. Os dois números são o mesmo, o telemóvel dele, supõe Hodges. Expulsa Jerome da sua cadeira no escritório e instala-se devagar e com cuidado. A explosão de dor que sentiu na sanita ainda está fresca na sua mente.

O telemóvel é atendido ao primeiro toque.

— Guru do Computador, Tony Frobisher. Em que posso ajudar?

— Senhor Frobisher, fala Bill Hodges. Não deve lembrar-se de mim, mas…

— Ah, lembro-me bem de si. — Frobisher soa cauteloso. — O que deseja? Se é por causa do Hartsfield…

— Na verdade, é por causa da Frederica Linklatter. Tem a morada atual dela?

— Da Freddi? Porque teria a morada dela? Não a vejo desde que a loja fechou.

— A sério? Segundo a página dela no Facebook, vocês são amigos.

Frobisher solta uma gargalhada incrédula.

— Quem mais está na lista dela? Kim Jong-un? Charles Manson? Ouça, senhor Hodges, essa cabra espertinha *não* tem amigos. O mais próximo que teve de um foi o Hartsfield, e acabei de receber uma notificação no meu telemóvel sobre a morte dele.

Hodges não sabe como é possível receber notificações no telemóvel nem tem vontade de aprofundar o assunto. Agradece a Frobisher e desliga. Acha que nenhum dos seis amigos de Freddi Linklatter é um amigo a sério, e que ela só os adicionou para não se sentir uma pária absoluta. Holly talvez tivesse feito a mesma coisa no passado, mas agora *tem* realmente amigos. Sorte a dela e sorte a deles. O que leva à pergunta: como irão localizar Freddi Linklatter?

A empresa dele e de Holly não se chama Finders Keepers por acaso, mas a maior parte das suas ferramentas de busca especializada destina-se a localizar pessoas más com amigos maus, antecedentes longos na polícia e mandados de captura coloridos. Ele *pode* encontrá-la, nesta época de computadores poucas pessoas conseguem desaparecer do mapa, mas tem de o fazer depressa. Sempre que um adolescente liga um daqueles *Zappits*, o aparelho enche-se de peixes

rosa, de clarões azuis e, com base na experiência de Jerome, de uma mensagem subliminar que sugere que uma visita a zeetheend poderia ser uma boa ideia.

És detetive. Tens cancro, é verdade, mas ainda és detetive. Então deixa as coisas desnecessárias de lado e trabalha.

Mas é difícil. A ideia de todos aqueles adolescentes, os que Brady tentou e não conseguiu matar no concerto dos ’Round Here, está sempre a surgir-lhe na mente. A irmã de Jerome foi uma delas, e se não tivesse sido Dereece Neville, Barbara podia estar morta agora em vez de apenas com gesso na perna. Talvez o dela fosse um modelo de teste. Talvez o de Ellerton também fosse. Isso até faz sentido. Mas agora, há todos aqueles outros *Zappits*, uma data deles, e devem ter ido para *algum lado*, caramba.

Isso finalmente acende uma lâmpada.

— Holly! Preciso de um número de telefone!

7

Todd Schneider atende e é cordial.

— Soube que vão enfrentar uma tempestade e tanto, senhor Hodges.

— É o que dizem.

— Teve algum êxito a localizar os aparelhos defeituosos?

— É por isso que estou a ligar. Por acaso tem a morada para o qual os *Zappit Commanders* foram enviados?

— Claro. Posso ligar-lhe mais tarde a dar-lha?

— Importa-se que espere em linha? É bastante urgente.

— Um assunto de defesa do consumidor urgente? — Schneider parece surpreendido. — Isso soa quase antiamericano. Deixe-me ver o que consigo fazer.

Um clique, e Hodges fica em espera, com direito a acordes tranquilizadores

que não tranquilizam nada. Holly e Jerome estão no escritório, junto à secretária de Hodges. Ele esforça-se para não pressionar o flanco com a mão. Os segundos arrastam-se e somam um minuto. Depois, dois. *Ou ele tem outra chamada e se esqueceu de mim ou não está a conseguir encontrar nada*, pensa Hodges.

A música de espera interrompe-se.

— Senhor Hodges? Ainda aí está?

— Sim.

— Tenho a morada. É Gamez Inc., Gamez com z, como deve lembrar-se, no número quatrocentos e quarenta e dois de Maritime Drive. Ao cuidado da senhora Frederica Linklatter. Isso ajuda?

— Ajuda bastante. Obrigado, senhor Schneider.

Desliga e olha para os dois companheiros; uma magricela e pálida, e o outro musculoso por causa do trabalho voluntário a construir casas no Arizona. Com a filha, Allie, que vive do outro lado do país, são as pessoas que ele mais ama naquele final de vida.

— Vamos dar uma volta, miúdos.

8

Brady sai da estadual 79 e entra na Thurston’s Garage da Vale Road, onde vários voluntários estão a atestar as *pick-ups*, a meter areia com sal nas caixas abertas ou só a conversar e a beber café. Brady pensa em entrar para ver se consegue pneus de neve para o *Malibu* do Al da Biblioteca, mas considerando a multidão que a tempestade levou até à estação de serviço, provavelmente demoraria a tarde toda. Já está perto do destino e decide seguir em frente. Se ficar retido pela neve depois de lá chegar, que importância tem? Nenhuma. Já foi ao local duas vezes, a primeira para conhecer, mas da segunda vez levou algum material.

Já há quase oito centímetros de neve na Vale Road, e o progresso é lento. O *Malibu* desliza várias vezes, numa vai quase parar à valeta. Ele está a transpirar muito, e os dedos artríticos de Babineau latejam devido à força com que Brady aperta o volante.

Finalmente vê os postes vermelhos altos que são os últimos sinalizadores. Brady toca no travão com cuidado e vira devagar. Os três derradeiros quilómetros são numa estrada sem nome com uma única faixa, mas graças às árvores altas é mais fácil conduzir ali do que foi na última hora. Em alguns sítios, a estrada nem tem neve. Isso não durará quando a tempestade chegar, o que acontecerá por volta das oito da noite, segundo o rádio.

Chega a uma bifurcação, onde setas de madeira presas a um abeto antigo apontam em direções diferentes. A da direita diz CASA DO URSO DE BIG BOB. A da esquerda diz CABEÇAS E PELES. Três metros acima das setas, já com uma camada fina de neve, uma câmara de segurança analisa o carro.

Brady vira à esquerda e finalmente permite que as mãos se descontraiam. Está quase lá.

9

Na cidade, o nevão ainda não começou. As ruas estão limpas e o trânsito flui bem, mas os três decidem seguir no jipe *Wrangler* de Jerome por uma questão de segurança. O número 442 na Maritime Drive é um dos que surgiram como cogumelos na margem sul do lago na década de 1980. Na altura, eram elegantes. Agora, a maioria está meio vazia. No átrio, Jerome encontra F. LINKLATTER no 6-A. Levanta a mão para a campainha, mas Hodges impede-o.

— O que foi? — pergunta Jerome.

— Observa e aprende, Jerome — responde Holly de forma afetada. — É assim que fazemos.

Hodges carrega noutras campainhas ao acaso e surge uma voz masculina na quarta tentativa.

— Sim?

— FedEx — diz Hodges.

— Quem me mandaria alguma coisa por FedEx? — A voz parece intrigada.

— Não sei, amigo. Não faço os envios, só os entrego.

A porta do vestíbulo emite um zumbido mal-humorado. Hodges empurra-a e segura-a para os outros. Há dois elevadores, um em manutenção. No que funciona, alguém pendurou um bilhete que diz: **Ao dono do cão que ladra no 4.º andar, hei de encontrá-lo**.

— Acho isso um mau presságio — comenta Jerome.

A porta do elevador abre-se e, quando entram, Holly começa a mexer na mala. Encontra a caixa de *Nicorette* e tira uma.

— Se ela estiver em casa, deixem-me ser eu a falar — pede Hodges, quando o elevador para no sexto andar

O 6-A fica em frente ao elevador. Hodges bate. Como não há resposta, bate de novo. Como continua sem resposta, bate com o punho fechado.

— Vá-se embora. — A voz do outro lado da porta soa fraca e fina. *A voz de uma criança com gripe*, pensa Hodges.

Bate de novo.

— Abra, senhora Linklatter.

— É da polícia?

Ele poderia dizer que sim, não seria a primeira vez desde que se reformou que se faria passar por polícia, mas o seu instinto diz-lhe para não fazer isso dessa vez.

— Não. Chamo-me Bill Hodges. Já nos conhecemos em 2010. Foi quando a senhora trabalhava na…

— Sim, lembro-me.

A chave dá uma volta, depois outra. Uma corrente cai. A porta abre-se, e o odor característico da marijuana chega ao corredor. A mulher à porta segura um charro meio fumado entre o indicador e o polegar da mão esquerda. É magra

quase ao ponto de emaciada e pálida como leite. Veste uma camisola de alças com BAD BOY BAIL BONDS, BRADENTON, FLORIDA na frente. Por baixo, a frase: FOI PRESO? NÓS PAGAMOS A FIANÇA!, mas essa parte é difícil de ler por causa da mancha de sangue.

— Eu devia ter-lhe ligado — diz Freddi e, apesar de estar a olhar para Hodges, tem a sensação de que é consigo própria que está a falar. — Teria ligado, se tivesse pensado nisso. O senhor prendeu-o antes, certo?

— Santo Deus, rapariga, o que aconteceu? — pergunta Jerome.

— Acho que enchi demasiado as malas. — Freddi indica duas malas atrás dela, na sala. — Devia ter dado ouvidos à minha mãe. Ela disse-me para viajar com pouca coisa.

— Não creio que ele esteja a falar das malas — diz Hodges, indicando com o polegar o sangue fresco na camisola de Freddi.

Ele entra, com Jerome e Holly atrás. Holly fecha a porta.

— Eu sei do que ele está a falar — responde Freddi. — O cabrão deu-me um tiro. A ferida recomeçou a sangrar quando trouxe as malas do quarto.

— Deixe-me ver — pede Hodges, mas quando dá um passo na direção dela, Freddi dá um passo para trás e cruza os braços diante do corpo, um gesto tão Hollyesco que Hodges se sente comovido.

— Não. Não tenho sutiã. Dói muito.

Holly passa por Hodges.

— Vamos até à casa de banho. Deixe-me dar uma olhadela. — Soa bem aos ouvidos de Hodges, calma, mas está a mascar aquela pastilha de nicotina como louca.

Freddi agarra em Holly pelo pulso e leva-a pelo meio das malas, parando um momento para dar uma passa no charro. Expele o fumo enquanto fala.

— O equipamento está no quarto de hóspedes. À vossa direita. Vão ver. — E então, voltando ao texto original: — Se não tivesse metido tanta coisa nas malas, já estaria a quilómetros daqui.

Hodges duvida. Acha que ela teria desmaiado no elevador.

10

Cabeças e Peles não é tão grande como a mansão de Babineau em Sugar Heights, mas anda lá perto. É comprida, baixa e espaçosa. Para lá da casa, o declive coberto de neve desce até Lake Charles, que congelou desde a última visita de Brady.

Estaciona à frente e contorna com cuidado a casa até ao lado oeste, com os sapatos caros de Babineau a deslizar na neve que se acumula cada vez mais. O chalé de caça fica numa clareira, então ali há bastante mais neve na qual escorregar. Sente os tornozelos gelados. Gostava de se ter lembrado de levar umas botas, e mais uma vez lembra a si mesmo que não se pode pensar em tudo.

Vai buscar a chave do abrigo do gerador à caixa do contador da luz e a chave da casa ao abrigo. O gerador é um *Generac Guardian* de primeira linha. Está silencioso, mas provavelmente irá ligar-se mais tarde. Ali na parvalheira, a eletricidade vai-se abaixo em quase todas as tempestades.

Brady volta para o carro para ir buscar o portátil de Babineau. O chalé tem *wi-fi*, e o portátil é tudo aquilo de que ele precisa para manter-se ligado e atualizado sobre os desenvolvimentos do seu atual projeto. Mais o *Zappit*, claro.

O bom e velho *Zappit Zero*.

O chalé está escuro e frio, e as primeiras coisas que faz ao entrar são as prosaicas que qualquer morador faria ao voltar para casa: acende as luzes e sobe o termóstato. A sala principal é enorme e tem painéis de pinho nas paredes, iluminados por um candelabro feito de ossos de rena polidos, dos tempos em que ainda havia renas naqueles bosques. A lareira de pedra é uma bocarra, quase suficientemente grande para assar um rinoceronte. Há vigas grossas a cruzarem-se no teto, escurecidas por anos de fumo da lareira. Encostado a uma parede há um aparador de cerejeira do comprimento da própria sala, com pelo menos cinquenta garrafas de bebida alinhadas, algumas quase vazias, algumas com os selos ainda intactos. A mobília é velha, diversa e exuberante: poltronas fundas e um sofá gigantesco onde várias gajas foram comidas ao longo dos anos. Muitas

quecas extraconjugais aconteceram ali, além da caça e da pesca. A pele do tapete em frente à lareira pertenceu a um urso abatido pelo doutor Elton Marchant, que já está no grande bloco operatório do céu. As cabeças nas paredes e os peixes empalhados são troféus que pertencem a quase doze outros médicos, do passado e do presente. Há um belo veado com chifres de dezasseis pontas que o próprio Babineau matou quando ainda era Babineau. Fora da temporada de caça, mas que se lixe.

Brady pousa o portátil numa secretária antiga de tampo retrátil no canto da sala e liga-o antes de tirar o casaco. Primeiro, verifica o repetidor, e fica satisfeito ao ver que mostra agora 243 ENCONTRADOS.

Julgara entender o poder da armadilha visual e viu o quanto aquele ecrã de demonstração era viciante mesmo *antes* de ter sido alterado, mas aquele êxito vai além das suas melhores expectativas. Bastante além. Não houve mais nenhum alerta vindo de zeetheend, mas ele entra à mesma no *site*, só para ver como está a correr. De novo, as suas expectativas são superadas. Mais de sete mil visitas até ao momento, sete *mil*, e o número continua a aumentar diante dos seus olhos.

Despe o casaco e faz uma pequena dança sobre o tapete de pele de urso. Isso cansa-o rapidamente; quando fizer a próxima troca, vai ter o cuidado de escolher uma pessoa de vinte ou trinta e poucos anos. Mas o movimento ajuda a aquecê-lo.

Pega no comando que está no aparador e liga o enorme televisor de ecrã plano, uma das poucas indicações da vida no século XXI no chalé. A antena parabólica liga-o a Deus sabe quantos canais, e a imagem em HD é incrível, mas Brady está mais interessado na programação local. Mexe no comando até estar a ver novamente a estrada que leva ao mundo exterior. Não espera companhia, mas tem dois ou três dias movimentados pela frente, os mais importantes e produtivos da sua vida, e se alguém tentar interrompê-lo, quer saber com antecedência.

O armário das armas é como um *closet*, com as paredes de pinho nodoso

cobertas de espingardas e pistolas em ganchos. A menina dos olhos de Brady é a *FN Scar 17S* com punho de pistola. É capaz de disparar seiscentas e cinquenta balas por minuto e foi ilegalmente passada de semiautomática a automática por um proctologista que também é doido por armas; um *Rolls-Royce* das metralhadoras. Brady pega-lhe, tira alguns carregadores adicionais e várias caixas pesadas de munições *Winchester .308* e pousa-os junto à parede ao lado da lareira. Também pensa em acender o lume, já há lenha lá dentro, mas primeiro tem outra coisa para fazer. Vai até ao *site* de notícias locais e desce rapidamente, à procura de suicídios. Ainda nenhum, mas ele pode remediar isso.

— Que tal um zaperitivo? — pergunta, sorrindo, e liga o *Zappit*. Instala-se numa das poltronas e começa a seguir os peixes cor-de-rosa. Quando fecha os olhos, eles ainda lá estão. Pelo menos no início. Depois, transformam-se em pontos vermelhos a deslocar-se num fundo preto.

Brady escolhe um ao acaso e deita mãos à obra.

11

Hodges e Jerome estão a olhar para o mostrador digital que indica 244 ENCONTRADOS quando Holly entra no escritório acompanhada de Freddi.

— Ela está bem — diz Holly baixinho para Hodges. — Não devia estar, mas está. Tem um buraco no peito que parece…

— Parece o que eu disse. — Freddi soa um pouco mais forte agora. Tem os olhos vermelhos, mas deve ser da erva que tem estado a fumar. — Ele deu-me um tiro.

— Ela tinha pensos higiénicos, e pus um em cima do ferimento — diz Holly. — Era demasiado grande para um penso rápido. — Franze o nariz. — Ufa.

— O cabrão deu-me um tiro. — Parece que ela está a tentar aceitar o que aconteceu.

— Que cabrão? — pergunta Hodges. — O Felix Babineau?

— Sim, ele. O cabrão do doutor Z. Só que na verdade é o Brad. O outro também. Z-Boy.

— Z-Boy? — pergunta Jerome. — Quem é o Z-Boy?

— Um tipo mais velho? — pergunta Hodges. — Mais velho que Babineau? Com cabelo branco crespo? Tem um carro velho com manchas de primário? Talvez use uma parca remendada com fita adesiva?

— Não sei do carro dele, mas reconheço a parca — diz Freddi. — É o Z-Boy. — Senta-se em frente ao *Mac*, que tem um protetor de ecrã psicadélico, e dá uma última passa no charro antes de o apagar num cinzeiro cheio de beatas de *Marlboro*. Continua pálida, mas parte da atitude feroz e intensa de que Hodges se lembra do encontro anterior está a voltar. — O doutor Z e o seu fiel companheiro, Z-Boy. Só que os dois são o Brady. Não passam de umas malditas matrioscas.

— Senhora Linklatter? — diz Holly.

— Ah, pode tratar-me por Freddi. Qualquer rapariga que vê a miséria a que chamo mamas pode tratar-me por Freddi.

Holly fica vermelha, mas continua. Quando está a seguir uma pista, não há nada que a detenha.

— O Brady Hartsfield morreu. Sofreu uma *overdose* ontem à noite ou esta madrugada.

— Elvis abandonou o edifício? — Freddi considera a ideia e abana a cabeça. — Seria tão bom se fosse verdade.

E seria tão bom se eu conseguisse acreditar que ela é maluca, pensa Hodges.

Jerome aponta para a leitura acima do enorme monitor. Indica 247 ENCONTRADOS.

— Aquela coisa está a procurar ou a fazer *download*?

— As duas coisas. — A mão de Freddi pressiona o penso improvisado sob a camisola num gesto automático que faz Hodges pensar em si mesmo. — É um repetidor. Consigo desligá-lo, pelo menos acho que consigo, mas tem de

prometer proteger-me dos tipos que estão a vigiar o prédio. Mas o *site*… não adianta. Tenho o endereço de IP e a senha, mas não consegui deitar abaixo o servidor.

Hodges tem mil perguntas, mas quando 247 ENCONTRADOS passa a 248, só uma parece realmente importante.

— O que está ele a procurar? E o que está a descarregar?

— Primeiro tem de me prometer proteção. Levar-me para um local seguro. Proteção de testemunhas, ou lá o que é.

— Ele não tem de prometer nada porque eu já sei — diz Holly. Não há nada de cruel no seu tom; no mínimo, é reconfortante. — Está à procura de *Zappits*, Bill. Sempre que alguém liga um, o repetidor encontra-o e atualiza o ecrã de demonstração do Fishin' Hole.

— Transforma os peixes rosa em números-peixe e adiciona os clarões azuis — acrescenta Jerome. Olha para Freddi. — É o que está a fazer, não é?

Agora é para o galo arroxeado e sujo de sangue seco na testa que a mão dela vai. Quando os dedos lhe tocam, ela faz uma careta e baixa a mão.

— É. Dos oitocentos *Zappits* que foram entregues aqui, duzentos e oitenta tinham defeito. Ou bloqueavam quando estavam a ser ligados ou davam o berro quando se tentava abrir um dos jogos. Os outros estavam bons. Tive de instalar um *rootkit* em cada um. Foi uma trabalheira. Uma trabalheira *chata*. Como colocar uma peça a seguir à outra numa linha de montagem.

— Isso quer dizer que quinhentos e vinte estavam bons — diz Hodges.

— O homem sabe subtrair, deem-lhe um charuto! — Freddi olha para o mostrador. — E quase metade já foi atualizada. — Ri-se, um som sem alegria. — O Brady pode ser maluco, mas montou bem o esquema, não acham?

— Desligue isso — diz Hodges.

— Claro. Quando prometer proteger-me.

Jerome, que sentiu na pele como os *Zappits* funcionam e como as ideias que implantam na cabeça das pessoas são desagradáveis, não tem interesse em ficar parado enquanto Freddi tenta negociar com Bill. O canivete suíço que usava no

cinto enquanto estava no Arizona foi tirado da mala de viagem e está novamente no bolso. Abre a lâmina maior, puxa o repetidor da parede e corta os cabos que o ligam ao sistema de Freddi. Ele cai no chão com um estrondo, e um alarme começa a soar na CPU sob a mesa. Holly inclina-se, carrega em alguma coisa e o alarme para.

— Há um interruptor, idiota! — grita Freddi. — Não precisava de fazer isso!

— Mas já fiz — diz Jerome. — Um desses *Zappits* quase matou a minha irmã. — Dá um passo na direção dela, e Freddi encolhe-se. — Tinha alguma ideia do que estava a fazer? Alguma porra de ideia? Acho que devia ter. Você está pedrada, mas não é estúpida.

Freddi começa a chorar.

— Não sabia. Juro que não sabia. Porque não queria.

Hodges respira fundo, o que faz surgir a dor.

— Conte tudo do princípio, Freddi.

— E o mais depressa que conseguir — acrescenta Holly.

12

Jamie Winters tinha nove anos quando foi ao concerto dos ’Round Here no auditório Mingo com a mãe. Havia poucos rapazes pré-adolescentes por ali naquela noite; todos consideravam aquele grupo coisa de raparigas. Mas Jamie gostava de coisas de raparigas. Aos nove anos, ainda não tivera a certeza de que era *gay* (nem sabia se percebia o que isso queria dizer). Só sabia que quando via Cam Knowles, o vocalista dos ’Round Here, sentia um frio esquisito na barriga.

Agora tem quase dezasseis anos e sabe exatamente o que é. Com certos rapazes da escola, prefere deixar de fora a última letra do nome, porque com eles prefere ser Jami. O pai também sabe o que ele é e trata-o como um anormal. Lenny Winters, um grande macho, é um empreiteiro de sucesso, mas hoje as

quatro obras da Winters Construction encontram-se fechadas por causa da tempestade iminente. Lenny está em casa, no escritório, com papelada até às orelhas e folhas de cálculo a tapar o ecrã do computador.

— Pai!

— O que queres? — resmunga Lenny sem tirar os olhos do trabalho. — Porque não estás na escola? As aulas foram canceladas?

— *Pai!*

Desta vez, Lenny olha para o rapaz a que se refere (quando acha que Jamie não está a ouvir) como «o maricas da família». A primeira coisa que percebe é que o filho está a usar batom, *blush* e sombra. A segunda coisa é o vestido. Lenny reconhece-o, é da mulher. O miúdo é demasiado alto para o vestido, que lhe chega a meio das coxas.

— *Que porra é essa?*

Jamie sorri. Transborda de alegria.

— É assim que quero ser enterrado!

— O que estás… — Lenny levanta-se tão depressa que a cadeira cai. É nesse momento que vê a arma que o filho tem na mão. Deve tê-la tirado do roupeiro de Lenny no quarto.

— Olha para isto, pai! — Ainda a sorrir como se estivesse prestes a demonstrar um truque de magia fixe, levanta a arma e encosta o cano à têmpora direita. Tem o dedo no gatilho. A unha foi cuidadosamente pintada com um verniz de purpurina.

— Baixa isso, filho! *Baixa…*

Jamie, ou Jami, que foi como ele assinou o curto bilhete de suicídio, puxa o gatilho. A arma é uma .357 e o estrondo é ensurdecedor. Sangue e cérebro voam num arco e decoram a ombreira da porta de forma garrida. O rapaz com o vestido e a maquilhagem da mãe cai para a frente, com o lado esquerdo do rosto rebentado.

Lenny Winters emite uma série de gritos altos e irregulares. Grita como uma rapariga.

13

Brady desliga-se de Jamie Winters quando o rapaz encosta a arma à cabeça, com medo, apavorado, na verdade, do que pode acontecer se ainda estiver lá dentro quando a bala entrar na cabeça onde ele se meteu. Seria cuspido como um caroço, como aconteceu quando estava dentro do pateta meio hipnotizado que limpava o chão do quarto 217, ou morreria com o rapaz?

Por um momento, acha que demorou demasiado e que o zumbido que ouve é o que toda a gente ouve quando abandona esta vida. Mas então está de volta à sala do chalé com o *Zappit* na mão inerte e o portátil de Babineau à sua frente. É de lá que vem o zumbido. Olha para o ecrã e vê duas mensagens. A primeira diz 248 ENCONTRADOS. Essa é a boa notícia. A segunda é a má:

REPETIDOR OFF-LINE

Freddi, pensa ele. Não pensei que tivesses coragem, não pensei mesmo.

Puta.

A mão esquerda tateia pela mesa até encontrar um crânio de cerâmica cheio de canetas e lápis. Levanta-o, querendo bater no ecrã e destruir a mensagem irritante. O que o impede é uma ideia. Uma ideia horrivelmente *plausível*.

Talvez ela *não* tenha tido coragem. Talvez outra pessoa tenha desligado o repetidor. E quem poderia ser essa pessoa? Hodges, claro. O velho Det.-Ref. A sua maldita *némesis*.

Brady sabe que não bate bem da cabeça, sabe isso há anos, e entende que a ideia pode não passar de paranoia. Mas faz sentido. Hodges deixou de visitar o quarto 217 para se gabar quase ano e meio atrás, mas andava a farejar pelo hospital ainda ontem, de acordo com Babineau.

E ele sempre soube que eu estava a fingir, pensa Brady. Disse-o, e várias vezes: «Sei que estás aí, Brady.» Alguns advogados da Procuradoria tinham dito a mesma coisa, mas no seu caso era apenas a expressão de um desejo; queriam

levá-lo a tribunal quanto antes. Mas Hodges…

— Dizia-o com convicção — afirma Brady.

E afinal talvez não seja uma notícia tão má. Metade dos *Zappits* que Freddi carregou e Babineau distribuiu estão agora ativos, o que quer dizer que a maioria dessas pessoas vai estar tão recetiva a uma invasão como o maricas com quem ele acabou de lidar. Além disso, há o *site*. Quando a malta dos *Zappits* começar a matar-se, com uma ajudinha de Brady Wilson Hartsfield, claro, o *site* vai levar outros ao extremo: macacos de imitação. Primeiro, vão ser só os que estavam perto de fazer isso, de qualquer modo, mas esses vão dar o exemplo, e vai haver bastantes mais. Vão saltar para a morte como uma manada de búfalos em desespero diante de um penhasco.

Mesmo assim.

Hodges.

Brady lembra-se de um póster que tinha no quarto quando era miúdo: *Se a vida te dá limões, faz limonada!* Palavras sábias, principalmente quando se tinha em mente que a única forma de transformá-los em limonada era espremê-los até não restar nada.

Pega no telemóvel velho mas ainda funcional de Z-Boy e liga de novo para o número de Freddi.

14

Freddi dá um gritinho quando «Boogie Woogie Bugle Boy» começa a tocar algures no apartamento. Holly aperta-lhe o ombro com suavidade e olha incerta para Hodges. Ele assente e segue o som, com Jerome atrás. O telemóvel está em cima da cómoda, no meio de uma confusão de creme para as mãos, mortalhas, uma pinça e dois sacos de erva de bom tamanho.

O ecrã diz Z-BOY, mas Z-Boy, antes conhecido como Al Brooks da

Biblioteca, encontra-se detido e não deve estar a fazer nenhuma chamada.

— Estou — diz Hodges. — É o senhor, doutor Babineau?

Nada… ou quase nada. Hodges consegue ouvir a respiração.

— Ou devo tratá-lo por doutor Z?

Silêncio.

— Que tal por Brady? Parece-te bem? — Ainda não consegue acreditar nisso, apesar de tudo o que Freddi contou, mas *consegue* acreditar que Babineau ficou maluco e acredita ser Brady. — És tu, idiota?

O som da respiração continua durante mais dois ou três segundos, então desaparece. A chamada foi desligada.

15

— É possível, sabem — diz Holly. Juntou-se a eles no quarto apertado de Freddi. — Quero dizer, que seja mesmo o Brady. A projeção de personalidade está bastante documentada. Na verdade, é a segunda causa mais comum da chamada possessão demoníaca. A mais comum é a esquizofrenia. Vi um documentário sobre isso na…

— Não — diz Hodges. — É impossível. Não.

— Não ignores a ideia. Não sejas como a senhora Belos Olhos Cinzentos.

— O que quer isso dizer?

Ah, meu Deus, agora as garras da dor estão a chegar-lhe aos testículos.

— Que não deves ignorar as provas só porque apontam numa direção para a qual não queres ir. Sabes que o Brady estava diferente quando recuperou a consciência. Voltou com certas capacidades que a maioria das pessoas não tem. A telecinesia pode ser só uma delas.

— Nunca o vi a mover coisas.

— Mas acreditas nas enfermeiras que viram. Não acreditas?

Hodges está em silêncio, com a cabeça baixa, a pensar.

— Responda — diz Jerome. O tom dele é suave, mas Hodges ouve a impaciência subjacente.

— Sim. Acreditei em pelo menos algumas delas. As sensatas como a Becky Helmington. As histórias delas eram demasiado iguais para serem invenção.

— Olha para mim, Bill.

Aquele pedido, não, aquela *ordem* vinda de Holly Gibney é tão rara que ele levanta a cabeça.

— Acreditas mesmo que o *Babineau* reconfigurou os *Zappits* e criou aquele *site*?

— Não tenho de acreditar. Ele mandou a Freddi fazer tudo.

— Não criei o *site* — diz uma voz cansada.

Olham para trás. Freddi está junto à porta.

— Se tivesse criado, poderia desativá-lo. Só recebi do doutor Z uma *pen* com todas as informações. Liguei-a ao computador e fiz o *upload*. Mas, quando ele se foi embora, investiguei um pouco.

— Começou por dar uma olhadela ao DNS, não foi? — pergunta Holly.

Freddi assente.

— A rapariga sabe umas coisas.

Holly vira-se para Hodges.

— DNS quer dizer Domain Name Server. Salta de um servidor para outro, como quem salta sobre pedras para atravessar um riacho, perguntando: «Conheces este *site*?» Continua a mover-se e a perguntar até encontrar o servidor correto. — E então, para Freddi: — Mas quando descobriu o endereço de IP, continuou sem conseguir entrar?

— Pois.

— Tenho a certeza de que o Babineau sabe muito sobre cérebros humanos, mas duvido que tenha conhecimentos informáticos suficientes para proteger um *site* dessa forma.

— Nunca passei de uma ajudante — diz Freddi. — Foi Z-Boy quem trouxe o programa para alterar os *Zappits*, escrito como uma receita de bolo de café, sei

lá, e aposto mil dólares que a única coisa que ele sabe sobre computadores é ligá-los, isto se conseguir encontrar o botão, e surfar pelos seus *sites* de pornografia favoritos.

Hodges acredita nela. Acha que a polícia não vai acreditar quando finalmente estiver a par da situação toda, mas Hodges acredita. E… *Não sejas como a senhora Belos Olhos Cinzentos.*

Isso doeu. Doeu muito.

— Além do mais — continua Freddi —, havia dois pontos a seguir a cada passo nas instruções do programa. O Brady tinha essa mania. Acho que aprendeu isso nas aulas de informática do secundário.

Holly segura os pulsos de Hodges. Há sangue na mão dela, de quando fez o penso a Freddi. Juntamente com as suas outras manias, Holly é maníaca das limpezas, e o facto de se ter esquecido de lavar o sangue diz tudo o que precisa de ser dito sobre o quanto está concentrada naquilo.

— O Babineau deu drogas experimentais ao Hartsfield, o que foi antiético, mas era *só* isso que estava a fazer, porque o seu único interesse era trazer o Brady de volta.

— Não tens a certeza disso — afirma Hodges.

Ela ainda está a segurá-lo, mais com os olhos do que com as mãos. Como costuma ter aversão ao contacto visual, é fácil esquecer o quanto aquele olhar pode ser poderoso quando ela o usa com força total.

— Só resta uma pergunta sem resposta — diz Holly. — Quem é o príncipe do suicídio? Felix Babineau ou Brady Hartsfield?

Freddi fala com uma voz sonhadora e musical:

— Às vezes, o doutor Z era apenas o doutor Z, e, às vezes, o Z-Boy era apenas o Z-Boy, só que parecia que os dois estavam drogados. Mas quando estavam totalmente despertos, não eram *eles*. Quando estavam despertos, era o Brady quem estava lá dentro. Acreditem no que quiserem, mas era ele. Não são só os dois pontos e a caligrafia inclinada para a esquerda, é tudo. Trabalhei com aquele filho da mãe nojento. Eu sei.

Entra no quarto.

— E agora, se nenhum de vocês, detetives amadores, tiver objeções, vou enrolar outro charro.

16

Brady anda pela sala do chalé Cabeças e Peles com as pernas de Babineau, a pensar furiosamente. Quer voltar para o mundo do *Zappit*, quer escolher um novo alvo e repetir a experiência deliciosa de levar alguém ao limite, mas para tal tem de se sentir calmo e sereno, e está longe disso.

Hodges.

Hodges no apartamento de Freddi.

E irá Freddi contar tudo? Caros amigos, o sol nasce a leste?

Existem duas perguntas, na opinião de Brady. A primeira é se Hodges consegue ou não deitar o *site* abaixo. A segunda é se Hodges consegue ou não encontrá-lo ali, atrás do sol-posto.

Brady acha que a resposta para as duas é sim, mas quanto mais suicídios provocar nesse meio-tempo, mais Hodges irá sofrer. Quando vê as coisas por essa perspetiva, pensa que seria bom Hodges encontrar o caminho até ao chalé. Seria como fazer limonadas com limões. De qualquer modo, dispõe de tempo. Está a quilómetros de distância da cidade e tem a tempestade *Eugenie* a ajudá-lo.

Brady volta para o portátil e confirma que zeetheend ainda funciona. Verifica a contagem de acessos. Mais de nove mil agora, e quase todos (mas não todos) serão adolescentes interessados em suicídio. Esse interesse atinge um pico em janeiro e fevereiro, quando anoitece cedo e parece que a primavera nunca mais chega. Além disso, tem o *Zappit Zero*, e com ele pode trabalhar em centenas de adolescentes pessoalmente. Com o *Zappit Zero*, atingi-los é tão fácil como pescar num barril.

Peixes *cor-de-rosa*, pensa, e ri-se.

Mais calmo agora que descobriu uma forma de lidar com o velho Det.-Ref. caso ele tente aparecer como a cavalaria na cena final de um filme de *cowboys* de John Wayne, Brady pega no *Zappit* e liga-o. Enquanto observa os peixes, recorda o fragmento de um poema que leu no secundário, e recita-o em voz alta:

— «Oh, não perguntes "Qual será?" Vem lá comigo fazer a tal visita.»

Fecha os olhos. Os peixes cor-de-rosa em movimento tornaram-se pontos vermelhos, cada um deles um adolescente que foi ao concerto e está naquele momento a olhar para o *Zappit* que lhe foi oferecido e à espera de conseguir ganhar prémios.

Brady escolhe um, fá-lo parar e vê-o florescer. Como uma rosa.

17

— Claro, há o departamento de informática da polícia — diz Hodges em resposta à pergunta de Holly. — Isso se quiseres chamar departamento àqueles três cabeçudos a tempo parcial, claro. E não, eles não vão dar-me ouvidos. Sou apenas um civil.

E isso nem é o pior. Ele é um civil que já foi polícia, e quando um polícia aposentado tenta meter-se em assuntos da polícia, chamam-lhe «tio». Não é um tratamento respeitoso.

— Então liga ao Pete e pede-lhe que fale com eles — sugere Holly. — Porque aquela porcaria do *site* de suicídio tem de ser deitado abaixo.

Estão na versão de centro de comando de Freddi Linklatter. Jerome foi para a sala com Freddi. Hodges acha que ela não vai fugir, está cheia de medo dos homens provavelmente fictícios de guarda ao prédio, mas é difícil prever o comportamento de pessoas pedradas. Além do facto de normalmente quererem ficar ainda mais pedradas, claro.

— Liga ao Pete e diz para mandar um dos informáticos ligar-me. Qualquer

técnico com meio cérebro vai conseguir montar um DoS Attack naquele *site* e deitá-lo abaixo.

— DoS Attack?

— *D* maiúsculo, *o* minúsculo, *S* maiúsculo. Quer dizer Denial of Services, ou negação de serviço. O tipo tem de se ligar a uma *botnet* e… — Vê a expressão intrigada de Hodges. — Esquece. A ideia é inundar o *site* de suicídio com pedidos, centenas, milhares. Encher aquela porcaria e deitar abaixo o servidor.

— Consegues fazer isso?

— Eu não, e a Freddi também não, mas a polícia tem recursos suficientes. Se não puderem fazer isso dos computadores da polícia, pedem à Segurança Nacional. Porque é uma questão de segurança, não é? Há vidas em jogo.

Há mesmo, e Hodges faz o telefonema, mas o telemóvel de Pete vai para o *voice mail*. Liga em seguida para a velha amiga Cassie Sheen, mas o agente que atende diz que a mãe de Cassie sofreu uma crise diabética e teve de ser levada ao médico.

Sem outras opções, liga a Isabelle.

— Izzy, é o Bill Hodges. Tentei falar com o Pete, mas…

— O Pete já era. Acabou. *Finito*.

Por um momento horrível, Hodges pensa que ela quer dizer que ele morreu.

— Deixou um memorando na minha secretária. Disse que ia para casa, que ia desligar o telemóvel, tirar o telefone fixo do gancho e dormir durante as próximas vinte e quatro horas. Disse também que hoje era o último dia dele como polícia no ativo. E pode fazer isso, nem precisa de mexer nos dias de férias, que tem às dezenas. Tem dias de folga suficientes para chegar à reforma. E acho que é melhor riscares do calendário aquela festa de reforma. Tu e a tua parceira esquisita podem ir ao cinema nesse dia.

— Estás a culpar-me?

— A ti e à tua fixação pelo Brady Hartsfield. Contagiaste o Pete.

— Não. Ele queria investigar o caso. Tu é que quiseste passá-lo adiante e esconder-te no primeiro buraco. Tenho de dizer que estou do lado do Pete nesse assunto.

— Estás a ver? Estás a ver? É dessa atitude que estou a falar. Acorda, Hodges, estamos no mundo real. Para de meter o nariz comprido onde não és chamado…

— Se queres ter alguma hipótese de ser promovida, tira mas é a cabeça do cu e ouve-me.

As palavras saem antes que ele consiga pensar nelas. Tem medo de que ela desligue e, se o fizer, a quem recorrerá? Mas só há silêncio chocado.

— Suicídios. Algum foi comunicado desde que voltaste de Sugar Heights?

— Não s…

— Então vai ver! Agora!

Consegue ouvir o barulho ténue do teclado de Izzy durante uns cinco segundos. E então:

— Um acabou de chegar. Um miúdo em Lakewood matou-se com um tiro. Diante do pai, que nos ligou. Estava histérico, como era de esperar. O que tem isso que ver…

— Diz aos agentes no local para procurarem uma consola *Zappit*. Igual à que a Holly encontrou em casa da Ellerton.

— Outra vez isso? Pareces um disco risc…

— Vão encontrar um. E és capaz de ter mais suicídios com *Zappits* até ao fim do dia. Possivelmente, muitos mais.

O site*!*, dizem os lábios de Holly. *Fala-lhe do* site*!*

— Além disso, há um *site* de suicídio chamado zeetheend. Entrou no ar hoje. Tem de ser deitado abaixo.

Ela suspira e fala como se ele fosse uma criança.

— Há vários *tipos* de *sites* de suicídio. Recebemos um memorando dos serviços de menores o ano passado. Surgem na Internet como cogumelos, normalmente criados por miúdos que só se vestem de preto e passam todo o tempo livre enfiados no quarto. Têm muita poesia má e sugestões como fazê-lo de forma indolor. Além das queixas habituais de que os pais não os compreendem, claro.

— Este é diferente. Pode dar início a uma avalancha. Está carregado de

mensagens subliminares. Pede a alguém da informática forense que ligue à Holly Gibney o mais depressa possível.

— Isso seria infração do protocolo — diz ela com frieza. — Vou dar uma olhadela e seguir os canais adequados.

— Manda um dos teus técnicos informáticos ligar à Holly nos próximos cinco minutos, senão, quando os suicídios começarem a acontecer em catadupa, e tenho a certeza de que isso vai acontecer, deixarei claro a qualquer um que me queira ouvir que te procurei e me empataste com burocracia. Os meus ouvintes incluirão o jornal diário e o *8 Alive*. A polícia não tem muitos amigos em nenhum dos lados, principalmente desde que aqueles agentes mataram um miúdo negro desarmado na Martin Luther King no verão.

Silêncio. Depois, com voz mais suave, magoada, talvez, ela diz:

— Devias estar do *nosso* lado, Billy. Porque ages assim?

Porque a Holly estava certa sobre ti, pensa ele.

— Porque não temos muito tempo — responde em voz alta.

18

Na sala, Freddi está a enrolar outro charro. Olha para Jerome enquanto lambe o papel.

— Tu és alto, não és?

Ele não responde.

— Quanto pesas? Noventa e cinco? Cem?

Jerome também não tem resposta para isso.

Sem se importar, ela acende o charro, puxa uma baforada e estende-o na direção dele. Jerome abana a cabeça.

— Azar o teu, grandalhão. Isto é merda da boa. Cheira a mijo de cão, eu sei, mas é boa na mesma.

Jerome não diz nada.

— O gato comeu-te a língua?

— Não. Estava a pensar nas aulas de sociologia do último ano do secundário. Tivemos um módulo de quatro semanas sobre suicídio, e houve uma estatística que nunca esqueci: cada suicídio adolescente que chega às redes sociais gera novas sete tentativas, cinco que são só para chamar a atenção e duas que são reais. Talvez devas pensar nisso em vez de perderes o teu tempo com essa conversa de rapariga rebelde.

O lábio inferior de Freddi treme.

— Eu não sabia, a sério.

— Claro que sabias.

Ela baixa os olhos para o charro. É a sua vez de não dizer nada.

— A minha irmã ouviu uma voz.

Ao ouvir aquilo, Freddi olha para ele.

— Que voz?

— Vinda do *Zappit*. Disse-lhe uma série de coisas cruéis. Que ela estava a tentar ser branca. Que estava a renegar a própria raça. Que era uma pessoa má e imprestável.

— E isso lembra-te alguém?

— Sim. — Jerome está a pensar nos gritos acusadores que ele e Holly ouviram vindos do computador de Olivia Trelawney muito depois de a pobre senhora ter morrido. Gritos programados por Brady Hartsfield para levar Trelawney ao suicídio como uma vaca a ir para o matadouro. — Por acaso, sim.

— O Brady era fascinado pelo suicídio — diz Freddi. — Estava sempre a ler sobre o assunto na Internet. Tencionava matar-se com toda aquela gente no concerto, sabes?

Jerome sabe. Estava lá.

— Achas mesmo que ele estabeleceu contacto com a minha irmã telepaticamente? Usando o *Zappit* como… quê? Uma espécie de condutor?

— Se ele conseguiu assumir o comando do Babineau e do outro tipo… e conseguiu, quer acredites quer não, então, sim, acho que ele pode ter feito isso.

— E as pessoas com os *Zappits* modificados? Os duzentos e quarenta e tal?

Freddi limita-se a olhar para ele através da nuvem de fumo.

— Mesmo se deitarmos abaixo o *site*… o que lhes vai acontecer? Quando aquela voz lhes começar a dizer que são a merda de cão no sapato do mundo e que a única saída é tirar a própria vida?

Antes que ela possa responder, Hodges responde por ela.

— Temos de parar a voz. O que quer dizer pará-*lo*. Anda, Jerome. Vamos voltar para o escritório.

— E eu? — pergunta Freddi com uma súplica na voz.

— Vem connosco. E ouve, Freddi.

— O quê?

— A erva é boa para as dores, não é?

— As opiniões sobre isso variam, como deve saber, sendo o que é a classe dirigente deste país, portanto só posso dizer que, no meu caso, torna aquela altura delicada do mês muito menos delicada.

— Então traga-a — diz Hodges. — E também as mortalhas.

19

Voltam para a Finders Keepers no jipe de Jerome. A parte de trás está cheia de tralha, o que quer dizer que Freddi vai ter de se sentar ao colo de alguém, e não vai ser no de Hodges. Na sua condição atual, não. Então, ele conduz e Jerome fica com Freddi.

— Ei, isto é quase como sair com o John Shaft — diz Freddi com um sorriso. — O grande detetive que é um garanhão.

— Não se habitue — diz Jerome.

O telemóvel de Holly toca. É um tipo chamado Trevor Jeppson, do Departamento de Informática Forense. Em pouco tempo, Holly está a falar num

jargão que Hodges não entende, qualquer coisa sobre *bots* e Dark Net. O que o tipo diz parece agradar-lhe, porque, quando desliga, está a sorrir.

— Ele nunca deitou abaixo um *site*. Parece um miúdo na Consoada.

— Quanto tempo vai demorar?

— Com a senha e o endereço de IP? Não muito.

Hodges estaciona numa das vagas de trinta minutos em frente ao Turner Building. Não vão demorar-se, pelo menos se ele tiver sorte, e considerando a sua maré recente de azar, acha que o universo lhe deve um pouco de sorte.

Entra no escritório, fecha a porta e procura na velha agenda o número de telefone de Becky Helmington. Holly ofereceu-se para gravar os números da agenda no telemóvel, mas Hodges tem estado a adiar. *Gosta* da velha agenda.

Provavelmente, não haverá tempo para fazer isso agora, pensa ele. O último caso de Trent, essas coisas.

Becky recorda-lhe que já não trabalha no Capacete.

— Será que se esqueceu?

— Não. Sabe alguma coisa do Babineau?

A voz dela fica mais baixa.

— Bolas, sim. Soube que o Al Brooks, o Al da Biblioteca, matou a mulher do Babineau e pode tê-lo matado também. Mal consigo acreditar.

Podia contar-lhe uma data de coisas em que mal conseguiria acreditar, pensa Hodges.

— Não inclua ainda o Babineau nessa lista, Becky. Acho que ele pode estar em fuga. Andava a dar drogas experimentais ao Brady Hartsfield, e elas podem ter contribuído para a morte dele.

— Credo, isso é verdade?

— É. Mas ele não pode estar longe, com esta tempestade a caminho. Consegue pensar em algum sítio para onde ele possa ter ido? Tem uma casa de verão ou algo parecido?

Ela nem precisa de pensar.

— Não uma casa, um chalé de caça. Mas não é só dele. Quatro ou cinco médicos dividem a propriedade. — A voz dela assume aquele tom confidencial

de novo. — Ouvi dizer que lá fazem mais do que caçar. Calculo que saiba ao que me refiro.

— Onde fica?

— Em Lake Charles. O sítio tem um nome engraçado e horrível ao mesmo tempo. Não consigo lembrar-me agora, mas aposto que a Violet Tranh sabe. Já lá passou um fim de semana. Disse que foram as quarenta e oito horas mais bêbedas da sua vida e que voltou com clamídia.

— Pode ligar-lhe?

— Claro. Mas, se ele estiver a fugir, pode ter-se metido num avião, sabe? Talvez para a Califórnia ou até para fora do país. Os voos ainda estavam a levantar e a aterrar esta manhã.

— Acho que ele não se atreveria a tentar o aeroporto com a polícia a procurá-lo. Obrigado, Becky. Ligue-me.

Vai até ao cofre e marca a combinação. A meia cheia de esferas de aço, o seu porrete, está em casa, mas as duas armas estão ali. Uma é a *Glock .40* que ele usava em serviço. A outra é um *.38* do modelo *Victory*. Era do pai. Hodges tira um saco de lona da prateleira de cima do cofre, mete lá as armas e quatro caixas de munições e puxa os cordões com força.

Desta vez nenhum ataque cardíaco me vai impedir, Brady, pensa. Desta vez é só cancro, e posso viver com isso.

A ideia surpreende-o e fá-lo rir. Dói.

Na outra sala ouvem-se os aplausos de três pessoas. Hodges tem a certeza de que sabe o que isso significa e não está enganado. A mensagem no computador de Holly diz ZEETHEEND ESTÁ A TER DIFICULDADES TÉCNICAS. Por baixo, a mensagem: LIGUE PARA 1-800-273.

— Foi ideia do tal Jeppson — explica Holly, sem tirar os olhos do que está a fazer. — É a Linha de Prevenção do Suicídio.

— Boa — diz Hodges. — E isso que estás a fazer também é ótimo. És uma mulher com talentos ocultos.

Diante de Holly há uma fila de charros. Com o que acrescenta, somam uma

dúzia.

— Ela é rápida — diz Freddi com admiração. — E vejam como estão bem feitos. Como se tivessem saído de uma máquina.

Holly olha para Hodges em desafio.

— A minha terapeuta diz que um charro ocasional não faz mal. Desde que eu não exagere, claro. Como algumas pessoas. — Os seus olhos afloram Freddi e depois voltam para Hodges. — Além disso, não são para mim. São para ti, Bill. Se precisares.

Hodges agradece e tem um momento para refletir sobre quão longe chegaram e como a viagem foi agradável. Mas curta. Demasiado curta. E então, o telemóvel dele toca. É Becky.

— O nome do sítio é Cabeças e Peles. Eu disse que era engraçado e horrível. A Violet não se lembra como lá chegou, acho que bebeu vários *shots* pelo caminho para ganhar embalagem, mas recorda-se de que foram para norte durante um bom bocado e pararam para meter gasolina num sítio chamado Thurston's Garage. Isso ajuda?

— Ajuda muito. Obrigado, Becky. — Desliga. — Holly, preciso que encontres a Thurston's Garage, a norte da cidade. Depois, quero que ligues para a Hertz do aeroporto e alugues o maior carro com tração às quatro rodas que tiverem. Vamos passear.

— O meu jipe… — começa Jerome.

— É pequeno, leve e velho — diz Hodges… apesar de esses não serem os únicos motivos de ele querer um veículo diferente feito para andar na neve. — Mas vai servir para nos levar até ao aeroporto.

— E eu? — pergunta Freddi.

— Serviço de proteção de testemunhas — diz Hodges —, como prometido. Vai ser um sonho tornado realidade.

Jane Ellsbury foi um bebé perfeitamente normal (com dois quilos e oitocentos, nasceu até abaixo do peso, na verdade), mas, quando tinha sete anos, pesava quarenta quilos e estava habituada à cantilena que às vezes assombra os seus sonhos ainda hoje: *Gorda, gordalhona, parece um camião, não passa na porta, então caga no chão.* Quando a mãe a levou ao concerto dos ’Round Here como prenda do décimo quinto aniversário, ela pesava noventa e cinco quilos. Ainda conseguia passar pelas portas sem dificuldade, mas já tinha dificuldade em atar os sapatos. Agora tem vinte anos, o peso aumentou para cento e quarenta e cinco quilos e, quando a voz começa a falar com ela vinda do *Zappit* que recebeu grátis pelo correio, tudo o que diz faz sentido. A voz é baixa, calma e sensata. Diz que ninguém gosta dela e toda a gente se ri nas suas costas. Observa que ela não consegue parar de comer; ainda agora, com as lágrimas a escorrer pela cara, está a comer uma embalagem de bolachas de chocolate com recheio de *marshmallow*. Como uma versão mais bondosa do Fantasma do Natal Futuro, que disse algumas verdades a Ebenezer Scrooge, a voz delineia um futuro que se resume a ser gorda, ser mais gorda, ser a mais gorda. E às gargalhadas pela Carbine Street, no Paraíso Saloio, onde ela e os pais vivem num prédio sem elevador. Às expressões de nojo. Aos deboches, como *Aí vem a musa da Goodyear* e *Cuidado, ela pode cair em cima de ti!* A voz explica de forma lógica e sensata que ela nunca vai ter um namorado, nunca vai ter um bom emprego agora que o politicamente correto fez a gorda do circo entrar em extinção, que ao chegar aos quarenta anos vai ter de dormir sentada porque os seios enormes vão impossibilitar os pulmões de trabalhar, e, antes que morra de ataque cardíaco aos cinquenta, vai ter de usar uma escovinha para tirar as migalhas das partes mais profundas das dobras de pele. Quando tenta sugerir à voz que pode perder algum peso, frequentar uma daquelas clínicas, talvez, a voz não ri. Só pergunta baixinho e com solidariedade de onde virá o dinheiro se o rendimento combinado dos pais mal consegue satisfazer o seu apetite insaciável. Quando a voz sugere que eles estariam melhor sem ela, a rapariga só pode concordar.

Jane, conhecida pelos moradores da Carbine Street como Jane Gorda, vai à casa de banho e pega no frasco de comprimidos *Oxycontin* que o pai toma para

as dores nas costas. Conta-os. Há trinta, o que deve ser mais do que suficiente. Toma cinco de cada vez com leite, comendo uma bolacha de chocolate recheada com *marshmallow* depois de cada gole. Começa a flutuar. Vou começar uma dieta, pensa. Vou começar uma dieta muito, muito longa.

Isso mesmo, diz a voz do *Zappit*. E nunca vais fazer batota nesta dieta, pois não, Jane?

Ela toma os últimos cinco comprimidos. Tenta pegar no *Zappit*, mas os dedos já não têm força para segurar a consola fina. E que importância tem isso? Nunca conseguiria apanhar os velozes peixes rosa naquele estado, de qualquer forma. É melhor olhar pela janela, onde a neve está a cobrir o mundo como um lençol lavado.

Chega de gorda, gordalhona, parece um camião, pensa ela, e, quando resvala para a inconsciência, fá-lo com alívio.

21

Antes de ir à Hertz, Hodges entra com o jipe de Jerome na rotunda em frente ao Hilton do aeroporto.

— Isto é que é o Serviço de Proteção às Testemunhas? — pergunta Freddi. — *Isto?*

— Como não tenho uma casa segura à disposição, vai ter de servir — responde Hodges. — Vou registá-la em meu nome. Você entra, tranca a porta, vê televisão e espera até isto tudo acabar.

— E troca o penso da ferida — acrescenta Holly.

Freddi ignora-a. Está concentrada em Hodges.

— Em que sarilhos vou estar? Quando isto acabar?

— Não sei e não tenho tempo de discutir isso agora.

— Posso pelo menos pedir serviço de quarto? — Há um ligeiro brilho nos

olhos vermelhos de Freddi. — Não sinto muitas dores agora, mas tenho uma larica terrível.

— Esteja à vontade — diz Hodges.

— Mas espreite pelo buraco da porta antes de deixar entrar o empregado — acrescenta Jerome. — Certifique-se de que não é um dos Homens de Negro do Brady Hartsfield.

— Está a brincar — diz Freddi. — Certo?

O átrio do hotel encontra-se completamente vazio naquela tarde de neve. Hodges, que se sente como se tivesse acordado com o telefonema de Pete há cerca de três anos, vai à receção, faz o que tem a fazer e volta para onde os outros o aguardam. Holly está a escrever qualquer coisa no *iPad* e não levanta o rosto. Freddi estica a mão para a chave, mas Hodges entrega-a a Jerome.

— Quarto quinhentos e vinte e dois. Podes levá-la lá acima? Quero falar com a Holly.

Jerome ergue as sobrancelhas, e como Hodges não diz mais nada, encolhe os ombros e segura Freddi pelo braço.

— O John Shaft vai acompanhá-la à sua suíte.

Ela afasta a mão dele.

— Será uma sorte se tiver minibar.

Mas levanta-se e vai com ele na direção dos elevadores.

— Encontrei a Thurston's Garage — diz Holly. — Fica noventa quilómetros a norte pela I-47, na direção de onde a tempestade se aproxima, infelizmente. Depois disso vem a Estadual 79. O tempo não parece bom p…

— Vamos ficar bem — afirma Hodges. — A Hertz reservou-nos um *Ford Expedition*. É um belo veículo pesado. E podes dar-me as instruções pormenorizadas depois. Quero falar contigo de outra coisa.

Delicadamente, tira-lhe o *iPad* e desliga-o.

Holly olha para ele com as mãos unidas no colo, à espera.

22

Brady volta da Carbine Street, no Paraíso Saloio, renovado e eufórico; a gorda Ellsbury foi fácil e divertida. Pensa quantas pessoas serão necessárias para transportar o corpo dela daquele apartamento no segundo andar. Acha que pelo menos quatro. E o caixão! Tem de ser de tamanho gigante!

Quando verifica o zeetheend e o encontra *off-line*, o seu bom humor desaparece. Sim, esperava que Hodges encontrasse forma de o deitar abaixo, mas não esperava que fosse tão depressa. E o número de telefone no ecrã é tão irritante como a mensagem de «Vai-te foder» que Hodges deixou no Guarda-Chuva Azul da Debbie no primeiro assalto. É a linha de prevenção do suicídio. Nem precisa de verificar. *Sabe*.

E sim, Hodges virá. Muita gente no Kiner Memorial sabe da existência daquele chalé; é quase uma lenda. Mas virá diretamente? Brady não acredita nisso. Primeiro, o Det.-Ref. sabe que muitos caçadores deixam as armas nos chalés (embora poucos sejam tão bem abastecidos como o Cabeças e Peles). Além disso, e ainda mais importante, o Det.-Ref. é uma hiena matreira. Tem mais seis anos do que quando Brady o encontrou pela primeira vez, é verdade, sem dúvida com menos fôlego e menos firmeza nas pernas, mas matreiro mesmo assim. O tipo de animal sorrateiro que não se aproxima diretamente, mas que ataca os tendões quando menos se espera.

Então eu sou o Hodges. O que faço?

Depois de pensar um pouco, Brady vai até ao roupeiro, e uma verificação rápida da memória de Babineau (o que restou dela) é suficiente para ele escolher roupas que sirvam no corpo que habita. Tudo serve na perfeição. Acrescenta um par de luvas para proteger os dedos artríticos e sai do chalé. A neve ainda cai de forma moderada, e os ramos das árvores estão parados. Tudo isso vai mudar em breve, mas por enquanto o tempo está suficientemente agradável para ele dar uma volta pela propriedade.

Vai até uma pilha de madeira coberta por uma lona velha e alguns

centímetros de neve. Depois dela há mais ou menos um hectare de pinheiros e abetos antigos a dividir o Cabeças e Peles da Casa do Urso de Big Bob. É perfeito.

Tem de fazer uma visita ao armário de armas. A *Scar* é ótima, mas há lá outras coisas que ele pode usar.

Ah, detetive Hodges, Brady pensa, voltando a correr pelo caminho. Tenho uma surpresa e tanto. Uma grande surpresa para si.

23

Jerome ouve com atenção o que Hodges diz e abana a cabeça.

— Nem pensar, Bill. Tenho de ir.

— O que tens de fazer é ir para casa, para junto da tua família — diz Hodges. — Principalmente da tua irmã. O que aconteceu ontem foi quase uma tragédia.

Encontram-se sentados a um canto do átrio do Hilton, a falar em voz baixa apesar de até o rececionista se ter recolhido. Jerome está inclinado para a frente, com as mãos apoiadas nas coxas e uma expressão teimosa no rosto.

— Se a Holly vai…

— Para nós é diferente — diz Holly. — Deves perceber isso, Jerome. Não me dou bem com a minha mãe, nunca me dei bem com ela. Vejo-a uma ou duas vezes por ano, no máximo. Fico sempre contente quando me venho embora, e tenho a certeza de que ela também gosta de me ver partir. Quanto ao Bill… sabes que ele vai lutar contra o que tem, mas ambos sabemos quais são as probabilidades. O teu caso é diferente.

— Ele é perigoso — continua Hodges —, e não podemos contar com o elemento surpresa. Se ele não sabe que vou atrás dele, é estúpido. E isso ele nunca foi.

— Éramos os três no Mingo — diz Jerome. — E quando o Bill teve o

enfarte, fiquei só eu e a Holly. E saímo-nos bem.

— Da última vez foi diferente — explica Holly. — Da última vez ele não comandava mentes.

— Quero ir mesmo assim.

Hodges assente.

— Compreendo, mas ainda sou o chefe, e o chefe diz que não.

— Mas…

— Há mais um motivo — diz Holly. — O repetidor está *off-line* e o *site* foi abaixo, mas isso deixa quase duzentos e cinquenta *Zappits* ativos. Já houve pelo menos um suicídio confirmado, e não podemos contar à polícia tudo o que está a acontecer. A Isabelle Jaynes acha que o Bill é metediço, e qualquer outra pessoa pensaria que estamos loucos. Se alguma coisa nos acontecer, só ficas tu. Não percebes isso?

— O que percebo é que estão a deixar-me para trás. — De repente, Jerome fala como o miúdo magricela que Hodges contratou para lhe cortar a relva há muitos anos.

— Há mais — continua Hodges. — Posso ter de matá-lo. Na verdade, acho que é o resultado mais provável.

— Caramba, Bill, eu sei.

— Mas para a polícia e para todo o mundo, o homem que matei será um neurocirurgião de renome chamado Felix Babineau. Já escapei por um triz de umas enrascadas jurídicas desde que abri a Finders Keepers, mas essa talvez seja diferente. Queres correr o risco de ser considerado cúmplice de homicídio doloso com agravantes, definido neste estado como conduta temerária com resultado da morte de um ser humano por negligência? Talvez até de homicídio premeditado?

Jerome muda de posição, desconfortável.

— Está disposto a deixar a Holly correr esse risco.

— És tu quem ainda tem a vida toda pela frente.

Hodges inclina-se para a frente, apesar de o movimento causar uma pontada de dor, e pousa a mão no pescoço largo de Jerome.

— Sei que não gostas da ideia. Não esperava que gostasses. Mas é a coisa

certa, por todos os motivos certos.

Jerome pensa de novo e solta um suspiro.

— Percebo o que quer dizer.

Hodges e Holly esperam, sabendo que ele ainda não terminou.

— Tudo bem — diz Jerome por fim. — Detesto a ideia, mas concordo.

Hodges levanta-se, a mão a pressionar o flanco para diminuir a dor.

— Então vamos buscar aquele SUV. A tempestade está a chegar, e prefiro estar o mais longe possível na I-47 quando isso acontecer.

24

Jerome encontra-se encostado ao capô do *Wrangler* quando os dois saem do *rent-a-car* com a chave de um *Expedition* com tração às quatro rodas.

Abraça Holly.

— Última oportunidade. Levem-me convosco — sussurra-lhe ao ouvido.

Ela abana a cabeça, encostada ao peito dele.

Jerome solta-a e vira-se para Hodges, que tem na cabeça um chapéu velho, a aba já branca da neve. Hodges estende a mão.

— Noutras circunstâncias, dava-te um abraço, mas de momento os abraços doem.

Jerome contenta-se com um aperto de mão mais forte. Tem lágrimas nos olhos.

— Tenha cuidado, homem. Mantenha-se em contacto. E traga a Hollyberry de volta sã e salva.

— É o que tenciono fazer — diz Hodges.

Jerome vê-os entrar no *Expedition*, Bill ao volante com desconforto óbvio. Sabe que eles têm razão: dos três, ele é o menos descartável. Isso não quer dizer que goste daquilo nem que não se sinta um miúdo a ser mandado para casa para

junto da mãe. Pensaria em ir atrás deles, se não fosse o que Holly dissera no átrio deserto do hotel. Se alguma coisa nos acontecer, só ficas tu.

Jerome entra no jipe e vai para casa. Quando chega à via rápida, sente uma espécie de premonição: nunca mais verá nenhum dos dois amigos. Tenta dizer a si mesmo que isso é uma treta supersticiosa, mas não consegue deixar de acreditar.

25

Quando Hodges e Holly saem da via rápida e apanham a I-47 para norte, a neve já cai abundantemente. Conduzir para o centro da tempestade lembra a Hodges um filme de ficção científica que viu com Holly: o momento em que a nave *Enterprise* entra em *hyperdrive*, ou lá como se chama aquilo. Os sinais luminosos piscam com ALERTA DE NEVE e 65 KM/H, mas ele acelera para os noventa e cinco e vai ficar nessa velocidade enquanto conseguir, o que pode ser pelos próximos cinquenta quilómetros. Ou talvez trinta. Alguns carros buzinam para ele ir mais devagar, e ultrapassar camiões madeireiros, cada um a gerar uma enxurrada de neve atrás, é um exercício de contenção de medo.

Passa quase meia hora até Holly romper o silêncio.

— Trouxeste as armas, não trouxeste? É o que tens no saco de lona.

— Sim.

Ela solta o cinto de segurança (o que o deixa nervoso) e tira o saco do banco de trás.

— Estão carregadas?

— A *Glock* está. Vais ter de carregar o trinta e oito. É o teu.

— Não sei fazer isso.

Hodges já se tinha oferecido para a levar a uma carreira de tiro, para começar o processo de pedido de porte de arma, mas Holly recusou com veemência. Ele

nunca mais se ofereceu, acreditando que ela nunca precisaria de andar armada. Acreditando que nunca a poria nessa posição.

— Hás de descobrir. Não é difícil.

Ela examina o *Victory*, mantendo as mãos longe do gatilho e o cano afastado do rosto. Depois de alguns segundos, consegue abrir o tambor.

— Isso, agora as balas.

Há duas caixas de *Winchester .38* de cento e trinta gramas, com cápsula de metal. Abre uma, olha para as balas alinhadas como miniogivas e faz uma careta.

— Ui.

— Achas que consegues? — Ele está a ultrapassar outro camião, com o *Expedition* envolto em neve. Ainda há zonas sem neve na estrada, mas a faixa da esquerda já está coberta, e o camião à direita parece não ter fim. — Se achas que não, não há problema.

— Não estás a querer saber se sou capaz de carregar uma arma — diz ela, parecendo zangada. — Já percebi como se faz, até uma criança conseguiria.

Às vezes, conseguem mesmo, pensa Hodges.

— O que queres saber é se consigo dar-lhe um tiro.

— Não deve chegar a isso, mas, se chegar, conseguirias?

— Sim — afirma Holly, e carrega o tambor. Empurra o cilindro com cuidado, com os lábios comprimidos e os olhos semicerrados, como se receie que a arma lhe expluda na mão. — Onde fica a patilha de segurança?

— Não tem. Nenhum revólver tem. O cão está para baixo, e essa é toda a segurança de que precisas. Guarda-o na tua mala. As munições também.

Ela faz o que ele diz e põe a mala no chão, entre os pés.

— E para de morder o lábio, vais fazer sangue.

— Vou tentar, mas a situação é muito stressante, Bill.

— Eu sei.

Estão novamente na faixa da direita. Os quilómetros parecem passar com lentidão excruciante, e a dor no flanco dele é uma alforreca quente com tentáculos compridos que parecem agora esticar-se em todas as direções, até garganta acima. Uma vez, vinte anos antes, ele levou um tiro na perna, dado por

um ladrão encurralado num terreno baldio. Aquela dor fora assim, mas acabara por passar. Hodges acha que esta nunca vai passar. As drogas podem-na calar durante algum tempo, mas provavelmente não por *muito* tempo.

— E se encontrarmos o chalé e ele não estiver lá, Bill? Já pensaste nisso? Já?

Ele pensou e não faz ideia de qual seria o próximo passo nesse caso.

— Não vamos preocupar-nos enquanto não for necessário.

O telemóvel dele toca. Está no bolso do casaco, e entrega-o a Holly sem tirar os olhos da estrada.

— Estou, fala a Holly. — Ouve e indica a Hodges que é a *Senhora Belos Olhos Cinzentos*. — Hum-hum… sim… certo, compreendo… não, ele não pode atender, está ocupado agora, mas eu digo-lhe. — Ouve durante mais um pouco e diz: — Eu podia dizer-te, Izzy, mas nunca acreditarias em mim.

Fecha o telemóvel e guarda-o no bolso dele.

— Suicídios? — pergunta Hodges.

— Três até agora, contando o miúdo que se suicidou com um tiro diante do pai.

— *Zappits*?

— Em dois dos três locais. Os agentes no terceiro ainda não tiveram oportunidade de procurar. Estavam a tentar salvar o miúdo, mas era demasiado tarde. Ele enforcou-se. A Izzy parece um pouco transtornada. Quer saber tudo.

— Se alguma coisa nos acontecer, o Jerome vai contar ao Pete e o Pete vai contar-lhe a ela. Acho que a Izzy está quase pronta para ouvir.

— Temos de travá-lo antes que ele mate mais gente.

Ele deve estar a matar mais gente agora mesmo, pensa Hodges.

— Vamos travar.

Os quilómetros passam. Hodges é obrigado a reduzir a velocidade para oitenta, e quando sente o *Expedition* derrapar desgovernado no vácuo de um camião do Walmart, baixa para setenta. Já passa das três da tarde, e a luz começa a desvanecer-se naquele dia de neve quando Holly fala de novo.

— Obrigada.

Ele vira a cabeça rapidamente, com um olhar interrogador.

— Por não me fazeres implorar que me deixasses vir.

— Só estou a fazer o que a tua terapeuta havia de querer — diz ele. — A arranjar forma de encerrares o assunto.

— Isso é uma piada? Nunca sei quando estás a brincar. Tens um sentido de humor muito seco, Bill.

— Não estou a brincar. Este assunto diz-nos respeito, Holly. Não diz respeito a mais ninguém.

Uma placa verde aparece no meio da brancura.

— A estadual setenta e nove — avisa Holly. — É a nossa saída.

— Graças a Deus — diz Hodges. — Detesto conduzir em autoestradas mesmo quando está sol.

26

A Thurston's Garage fica vinte e cinco quilómetros a leste, segundo o *iPad* de Holly, mas demoram meia hora a lá chegar. O *Expedition* percorre a estrada coberta de neve com facilidade, mas agora o vento está a aumentar (será fortíssimo por volta das oito da noite, segundo a previsão), e, quando sopra, lançando lençóis de neve na estrada, Hodges abranda para vinte e cinco quilómetros por hora até conseguir ver de novo.

Quando vira no grande letreiro da Shell, o telemóvel de Holly toca.

— Atende — diz ele. — Vou ser o mais rápido possível.

Ele sai e segura o chapéu para que não levante voo. O vento faz a gola bater contra o seu pescoço enquanto ele caminha pela neve até à loja da estação de serviço. Todo o seu tronco lateja; parece que engoliu carvões em brasa. As bombas de gasolina e o estacionamento adjacente estão vazios, tirando a presença do *Expedition*. Os voluntários para limpar a neve partiram para uma longa noite na esperança de ganhar dinheiro com a primeira grande tempestade

da estação.

Por um momento sinistro, Hodges pensa que é o Al da Biblioteca quem está ao balcão: tem as mesmas calças verdes e o mesmo cabelo branco a escapar pelo boné da *John Deere*.

— O que o traz aqui nesta tarde tão tempestuosa? — pergunta o velhote, depois olha por cima do ombro de Hodges. — Ou já é noite?

— Um pouco dos dois — responde Hodges. Não tem tempo para conversa fiada, pois na cidade pode haver adolescentes a saltar de janelas de apartamentos ou a engolir comprimidos, mas é assim que as coisas funcionam. — É o senhor Thurston?

— Em carne e osso. Como não usou nenhuma bomba, estou quase a pensar se veio roubar-me, mas você parece demasiado próspero para isso. É da cidade?

— Sou — diz Hodges — e estou com uma certa pressa.

— O pessoal da cidade costuma estar. — Thurston pousa a revista *Field & Stream* que estava a ler. — O que é, então? Indicações? Homem, espero que seja perto, pois o tempo não vai melhorar.

— Acho que é. É um chalé de caça chamado Cabeças e Peles. Diz-lhe alguma coisa?

— Ah, claro — responde Thurston. — A casa dos médicos, perto da Casa do Urso do Big Bob. Aquele pessoal costuma atestar os *Jaguares* e os *Porsches* aqui, à ida ou à vinda. Mas não há de lá estar ninguém agora. A temporada de caça terminou a nove de dezembro, e estou a falar de caça com arco e flecha. A caça com armas termina no último dia de novembro, e todos aqueles médicos usam espingardas. Das grandes. Acho que gostam de fingir que estão em África.

— Ninguém parou aqui hoje, mais cedo? Um homem ao volante de um carro velho com manchas de primário?

— Não.

Um jovem sai da oficina nas traseiras a limpar as mãos a um pano.

— Eu vi esse carro, avô. Era um *Chevrolet*. Estava lá fora a falar com o Spider Willis quando ele passou. — Volta a sua atenção para Hodges. — Só reparei porque não há muita coisa na direção em que ele estava a ir, e aquele

carro não era próprio para a neve como o que o senhor conduz.

— Pode dizer-me como chegar ao chalé?

— É a coisa mais fácil do mundo — afirma Thurston. — Ou seria, num dia bom. É só continuar na estrada durante … — Volta a atenção para o neto. — O que achas, Duane? Cinco quilómetros?

— Mais para seis — diz Duane.

— Bem, vamos dividir a diferença e dizer que são cinco e meio — afirma Thurston. — Vai procurar dois postes vermelhos à sua esquerda. São altos, com mais ou menos um metro e oitenta, mas o limpa-neves já lá passou duas vezes, portanto terá de manter os olhos abertos, porque já devem estar quase soterrados. E vai ter de abrir caminho pelo banco de neve. A não ser que tenha trazido uma pá.

— Acho que o carro que tenho vai conseguir passar — diz Hodges.

— Sim, é provável, e nem vai estragar o SUV, porque a neve ainda não teve tempo de ficar dura. Bom, vira aí e percorre dois quilómetros, talvez três, e a estrada vai bifurcar-se. Um lado segue até para o Big Bob, e o outro para o Cabeças e Peles. Não consigo lembrar-me de qual é qual, mas havia setas a indicar o caminho.

— Ainda há — afirma Duane. — O Big Bob é o da direita, e o Cabeças e Peles o da esquerda. Sei porque reparei o telhado do Big Bob Rowan em outubro passado. Isso deve ser coisa importante, senhor. Para o fazer sair de casa num dia destes.

— Acha que o meu SUV passa naquela estrada?

— Claro — diz Duane. — As árvores devem estar a segurar boa parte da neve, e a estrada é a descer até ao lago. Descobri-la talvez seja mais complicado.

Hodges puxa a carteira do bolso de trás (bolas, até isso dói) e tira a identificação da polícia com o carimbo de APOSENTADO. A isso acrescenta um dos cartões da Finders Keepers e pousa os dois no balcão.

— Os cavalheiros conseguem guardar um segredo?

Eles assentem, os rostos animados de curiosidade.

— Tenho uma intimação para entregar, certo? É um caso civil, e o dinheiro em jogo chega à casa dos sete dígitos. O homem que viram passar, com o *Chevy* cheio de primário, é um médico chamado Babineau.

— Vejo-os todos os novembros — diz o Thurston mais velho. — É um emproado, sabe? Olha-nos sempre de cima. Mas conduz um *BMW*.

— Hoje conduz o que conseguiu arranjar — afirma Hodges —, e se eu não entregar estes papéis até à meia-noite, o caso vai por água abaixo e uma velhota que já não tem muita coisa não vai receber o seu dinheiro.

— Negligência médica? — pergunta Duane.

— Não posso entrar em pormenores, mas é por aí.

E disso vocês vão lembrar-se, pensa Hodges. Disso e do nome do Babineau.

— Há duas motos de neve lá atrás — diz o homem mais velho. — Posso emprestar-lhe uma se quiser, e o *Arctic Cat* tem o para-brisas alto. Seria uma viagem fria mesmo assim, mas teria a garantia de conseguir voltar.

Hodges fica sensibilizado com a oferta vinda assim de um estranho, mas abana a cabeça. As motos de neve são veículos barulhentos. Acha que o homem instalado no Cabeças e Peles, seja Brady ou Babineau ou uma mistura doida dos dois, sabe que ele vem a caminho. A única coisa que Hodges tem do seu lado é que a sua presa não sabe quando chegará.

— A minha parceira e eu vamos até lá e preocupamo-nos depois com o regresso.

— Para chegarem em silêncio, certo? — pergunta Duane, e leva um dedo aos lábios, que estão curvados num sorriso.

— É essa a ideia. Há alguém a quem eu possa ligar a pedir boleia se ficar encalhado?

— Pode ligar para cá. — Thurston entrega-lhe um cartão da bandeja de plástico ao lado da máquina registadora. — Mando o Duane ou o Spider Willis. Talvez só possam ir mais tarde e vai custar-lhe quarenta dólares, mas com um caso que vale milhões, acho que pode pagá-los.

— Os telemóveis funcionam aqui?

— Temos rede total mesmo com o pior clima — afirma Duane. — Há uma

antena na margem sul do lago.

— É bom saber. Obrigado. Obrigado aos dois.

Vira-se para sair, e o homem mais velho diz:

— O seu chapéu não serve para este tempo. Leve este. — Segura um gorro tricotado com um pompom laranja em cima. — Mas não posso fazer nada quanto aos sapatos.

Hodges agradece, aceita o gorro, tira o chapéu e pousa-o na bancada. Tem a sensação de que isso lhe dará azar; tem a sensação de que é precisamente o que deve fazer.

— Uma garantia, então — diz ele.

Os dois sorriem, o mais jovem com alguns dentes a mais.

— Ótimo — diz o homem mais velho —, mas tem a certeza de que quer conduzir até ao lago, senhor… — Olha para o cartão de visita da Finders Keepers. — Senhor Hodges? Porque não me parece muito bem.

— É só uma constipação — responde Hodges. — Apanho-as sempre no inverno. Obrigado aos dois. E se o doutor Babineau ligar para cá…

— Não lhe direi nada — diz Thurston. — O homem é muito emproado.

Hodges vai em direção à porta, e uma dor como nunca sentiu surge do nada, subindo pela barriga até ao maxilar. É como levar com uma flecha em chamas, e ele cambaleia.

— Tem a certeza de que está bem? — pergunta o homem mais velho, começando a contornar o balcão.

— Estou, sim. — Longe disso. — Foi só uma cãibra na perna por ter conduzido tantas horas. Volto para buscar o meu chapéu.

Se tiver sorte, pensa.

— Demoraste muito lá dentro — diz Holly. — Espero que lhes tenhas contado uma ótima história.

— Intimação. — Hodges não precisa de dizer mais nada. Já usaram a história da intimação mais de uma vez. Todas as pessoas adoram ajudar, desde que não sejam elas a receber a intimação. — Quem ligou?

Pensava que devia ter sido Jerome, a saber como corriam as coisas.

— A Izzy Jaynes. Houve mais dois casos de suicídio, uma tentativa e um bem-sucedido. A tentativa foi de uma rapariga que saltou de uma janela no primeiro andar. Caiu num banco de neve e só fraturou alguns ossos. O outro foi um rapaz que se enforcou no roupeiro. Deixou um bilhete na almofada. Só uma palavra, *Beth*, e um coração partido.

As rodas do *Expedition* giram em falso quando Hodges mete a primeira para voltar à estrada. Tem de dirigir com os médios; os máximos transformam a neve a cair num muro branco cintilante.

— Temos de fazer isto sozinhos — diz Holly. — Se for o Brady, ninguém acreditará em nós. Ele vai fingir ser o Babineau e inventar uma história de que se assustou e fugiu.

— E não chamou a polícia depois de o Al da Biblioteca lhe dar um tiro na mulher? — pergunta Hodges. — Difícil de acreditar.

— Pois, mas e se ele puder passar para outra pessoa? Se conseguiu passar para o corpo do Babineau, poderia passar para outra pessoa. Temos de fazer isto sozinhos, mesmo que signifique que tenhamos de ser presos por homicídio. Achas que isso pode acontecer, Bill? Achas, achas, achas?

— Preocupamo-nos com isso depois.

— Não sei se sou capaz de dar um tiro em alguém. Nem mesmo no Brady Hartsfield se tiver o aspeto de outra pessoa.

— Preocupamo-nos com isso depois — repete Hodges.

— Está bem. Onde arranjaste esse gorro?

— Troquei-o pelo meu chapéu.

— O pompom em cima é ridículo, mas parece quentinho.

— Queres ficar com ele?

— Não. Mas ouve, Bill.

— Caramba, Holly, o que foi?

— Estás com péssima cara.

— A lisonja não te leva a lado nenhum.

— Sê sarcástico. Tudo bem. Qual a distância para o sítio onde vamos?

— O consenso geral na estação de serviço foi de cinco quilómetros e meio nesta estrada. Depois, viramos para uma de terra.

O silêncio prolonga-se por cinco minutos enquanto avançam pela neve. E o pior da tempestade ainda nem começou, lembra Hodges a si mesmo.

— Bill.

— O quê?

— Não tens botas e eu não tenho *Nicorette*.

— Que tal acenderes um daqueles charros? Mas fica atenta a dois postes vermelhos à esquerda. Devem aparecer a qualquer momento.

Holly não acende um charro, inclina-se apenas para a frente, a olhar para a esquerda. Quando o *Expedition* derrapa de novo, com a traseira a guinar para a esquerda e depois para a direita, ela parece não reparar. Um minuto depois, aponta.

— É aquilo?

É. Os limpadores que passaram cobriram tudo de neve, menos os últimos quarenta e cinco centímetros, mas o vermelho é tão intenso que é impossível não o ver. Hodges toca no travão, para o *Expedition* e vira-o até ficar de frente para o banco de neve. Diz a Holly o que às vezes dizia à filha quando a levava a andar nas chávenas malucas no parque de diversões de Lakewood.

— Segura a dentadura postiça.

Holly, sempre literal, responde:

— Não uso dentadura. — Mas apoia a mão no tabliê.

Hodges carrega delicadamente no acelerador e vai na direção do banco de neve. O baque que esperava não acontece; Thurston estava certo sobre a neve ainda não ter tido tempo de endurecer. Ela espalha-se para os lados e sobre o para-brisas, cegando-o momentaneamente. Liga os limpa-para-brisas no

máximo, e quando o vidro fica limpo, o *Expedition* está de frente para uma estrada de terra de uma faixa a encher-se rapidamente de neve. De vez em quando um pouco de neve cai dos ramos das árvores acima. Não vê marcas de pneus, mas isso não quer dizer nada. Já devem ter desaparecido.

Apaga os faróis e segue devagar. O trilho branco entre as árvores que lhes serve de guia é quase invisível. A estrada parece infinita e cheia de curvas sinuosas e subidas e descidas, mas acabam por chegar a um ponto em que ela bifurca. Hodges não precisa de sair para ler as setas. Adiante, à esquerda, no meio da neve e das árvores, vê uma luz suave. É o Cabeças e Peles, e há alguém em casa. Aperta o volante e começa a avançar pela direita.

Nenhum dos dois olha para cima e vê a câmara, mas a câmara vê-os.

28

Quando Hodges e Holly atravessam o banco de neve, Brady está sentado em frente à televisão, vestido com o casaco pesado e as botas de Babineau. Descalçou as luvas, quer as mãos nuas para o caso de ter de usar a *Scar*, mas tem uma touca de ninja preta em cima da coxa. Quando chegar a hora, vai cobrir o rosto e o cabelo branco de Babineau. Os olhos não se desviam da televisão enquanto ele mexe com nervosismo nas canetas e nos lápis enfiados no crânio de cerâmica. Uma vigilância atenta é absolutamente necessária. Quando Hodges chegar, vai desligar os faróis.

Irá trazer o preto cortador de relva?, pensa Brady. Seria tão bom! Dois pelo preço de…

E ei-lo.

Estava com medo de que o veículo do Det.-Ref. pudesse passar despercebido na neve pesada, mas foi uma preocupação desnecessária. A neve é branca; o carro é um retângulo sólido preto a deslizar por ela. Brady inclina-se para a

frente e semicerra os olhos, mas não consegue descobrir se Hodges está sozinho, acompanhado ou com meia dúzia lá dentro. Brady tem a *Scar*, e com ela poderia limpar um esquadrão inteiro se precisasse, mas isso estragaria a diversão. Quer Hodges vivo.

Para começar, pelo menos.

Uma última pergunta precisa de ser respondida: irá ele virar à esquerda e vir diretamente ou irá para a direita? Brady aposta que K. William Hodges vai escolher o caminho que leva a Big Bob, e tem razão. Quando o SUV desaparece na neve (com um breve acender das luzes dos travões quando Hodges faz a primeira curva), Brady coloca o crânio ao lado do comando da televisão e pega num objeto que estava na mesa de centro. É um objeto perfeitamente legal quando usado da forma correta… mas Babineau e os amigos nunca o usaram da forma correta. Podiam ser bons médicos, porém, ali no bosque, eram maus rapazes. Passa o equipamento valioso pela cabeça e deixa-o pendurado diante do casaco pela tira elástica. Em seguida, enfia a touca de ninja, pega na *Scar* e sai. O seu coração bate rápido e forte, e, por enquanto, a artrite nos dedos de Babineau parece ter desaparecido completamente.

A vingança é uma filha da mãe, e a filha da mãe voltou.

29

Holly não pergunta a Hodges porque seguiu pela direita. É neurótica, mas não é estúpida. Ele conduz lentamente, olhando para a esquerda, avaliando as luzes no chalé. Quando fica ao lado delas, para o carro e desliga o motor. Está escuro agora, e quando se vira para Holly, ela tem a impressão fugaz de que a cabeça dele foi substituída por um crânio.

— Fica aqui — diz ele em voz baixa. — Manda uma mensagem ao Jerome, diz-lhe que estamos bem. Vou atravessar o bosque e apanhá-lo de surpresa.

— Não queres dizer vivo, queres?

— Se eu o vir com um *Zappit*, não. — E provavelmente mesmo se não vir, pensa. — Não podemos arriscar.

— Então acreditas que é ele. O Brady.

— Mesmo que seja o Babineau, ele faz parte disto. Está enterrado até ao pescoço.

Mas sim, a certa altura Hodges convenceu-se de que a mente de Brady Hartsfield está a guiar o corpo de Babineau. A intuição é demasiado forte para ser negada e já ganhou o estatuto de facto.

Que Deus me ajude se eu o matar e estiver errado, pensa. Mas como vou saber? Como posso ter a certeza?

Espera que Holly proteste, que diga que tem de o acompanhar, mas ela limita-se a dizer:

— Acho que não consigo conduzir isto daqui para fora se te acontecer alguma coisa, Bill.

Ele entrega-lhe o cartão de Thurston.

— Se eu não voltar dentro de dez minutos… não, de quinze, liga para esse tipo.

— E se eu ouvir tiros?

— Se tiver sido eu e estiver bem, carrego na buzina do carro do Al da Biblioteca. Duas buzinadelas rápidas. Se não ouvires isso, leva o carro até à outra propriedade, a do tal Big Bob. Entra, arranja um sítio para te esconderes e liga ao Thurston.

Hodges inclina-se por cima da consola central e, pela primeira vez desde que a conhece, beija-lhe os lábios. Holly fica demasiado admirada para retribuir, mas não se afasta. Quando ele recua, ela olha para baixo, confusa, e diz a primeira coisa que lhe vem à cabeça.

— Bill, trazes *sapatos*! Vais *congelar*!

— Não há muita neve nas árvores, só alguns centímetros.

E, sinceramente, os pés gelados são a última preocupação dele nesse momento.

Aciona o botão que apaga as luzes interiores do carro. Ao sair do *Expedition*, grunhindo com a dor reprimida, ela consegue ouvir o sussurro crescente do vento nos abetos. Se fosse uma voz, seria um lamento luto. E então a porta fecha-se.

Holly fica onde está, a ver a silhueta dele desaparecer no meio das formas escuras das árvores. Quando já não consegue distinguir o que é o quê, sai e segue as pegadas dele. O *Victory .38* que pertenceu ao pai de Hodges quando era polícia na década de 1950, quando Sugar Heights não passava de um bosque, vai no bolso do seu casaco.

30

Hodges segue na direção das luzes do chalé, um passo vacilante de cada vez. A neve bate-lhe no rosto e cobre-lhe as pálpebras. A pontada ardente voltou, acendendo-o por dentro. Fritando-o. O rosto está húmido de suor.

Pelo menos os pés não estão quentes, pensa, e nesse momento tropeça num tronco coberto de neve e cai. Aterra em cheio sobre o flanco esquerdo e afunda o rosto no casaco para não gritar. Um líquido quente espalha-se pelas suas virilhas.

Mijei nas calças, pensa. Mijei nas calças como um bebé.

Quando a dor diminui um pouco, põe-se de joelhos e tenta levantar-se. Não consegue. A humidade nas calças está a ficar fria. Sente mesmo o pénis encolher-se para fugir dela. Agarra um ramo baixo e tenta levantar-se de novo. O ramo parte-se. Ele olha para o ramo sem acreditar, sentindo-se uma personagem de desenhos animados, talvez o Coiote, e atira-o para o lado. Quando faz isso, alguém lhe enfia a mão sob a axila.

A surpresa é tão grande que ele quase grita. E então Holly sussurra-lhe ao ouvido:

— Upa, Bill. Levanta-te.

Com a ajuda dela, Hodges consegue pôr-se de pé. As luzes do chalé estão mais perto agora, a menos de quarenta metros a direito pelas árvores. Vê a neve no cabelo e nas faces dela. De repente, lembra-se do escritório de um vendedor de livros antigos chamado Andrew Halliday, e que ele, Holly e Jerome encontraram Halliday morto no chão. Mandou os dois esperarem do lado de fora, mas…

— Holly, se eu te pedisse para voltares para trás, voltarias?

— Não. — Ela está a sussurrar. Estão os dois. — Provavelmente vais ter de lhe dar um tiro, e não vais conseguir chegar lá sem mim.

— Devias ser os meus reforços, Holly. A minha apólice de seguro.

O suor escorre pela pele dele como óleo. Graças a Deus o casaco é comprido. Não quer que Holly saiba que se mijou.

— O *Jerome* é a tua apólice de seguro — diz ela. — Eu sou a tua parceira. Foi por isso que me trouxeste, quer saibas quer não. E é o que eu quero. O que sempre quis. Agora, vamos. Apoia-te em mim. Vamos acabar com isto.

Deslocam-se lentamente por entre as árvores. Hodges não acredita no quanto do seu peso ela carrega. Param na beira da clareira que rodeia a casa. Há dois aposentos iluminados. A avaliar pelo brilho fraco vindo da janela mais próxima, Hodges acha que é a cozinha. Com uma única luz acesa, talvez a de cima do fogão. Na outra janela consegue ver o brilho bruxuleante do que imagina ser uma lareira.

— É para ali que vamos — diz ele, apontando —, e daqui em diante, somos soldados na patrulha noturna. O que quer dizer que vamos ter de rastejar.

— Consegues?

— Consigo. — Talvez seja até mais fácil do que andar. — Estás a ver aquele candelabro?

— Sim. Parece ser feito de ossos. Horrível.

— Ali é a sala e é onde ele deve estar. Se não estiver, vamos esperar que apareça. Se tiver na mão um dos *Zappits*, tenciono dar-lhe um tiro. Nada de mãos ao alto, nada de deite-se com as mãos atrás das costas. Tens algum problema com isso?

— Nenhum.

Põem-se de gatas. Hodges deixa a *Glock* no bolso do casaco por não querer que se encha de neve.

— Bill. — O sussurro dela é tão baixo que ele mal consegue ouvir por causa do vento.

Vira-se para olhar para Holly. Ela está a estender-lhe uma das luvas.

— É demasiado pequena — diz ele, e pensa em Johnnie Cochran a cantar: *Se a luva não cabe, ele não é culpado*. É uma loucura o que passa pela cabeça de uma pessoa numa altura daquelas. Mas será que já houve alguma altura daquelas na vida dele?

— Força-te a calçá-la — sussurra ela. — Tens de manter a mão da arma aquecida.

Ela tem razão, e ele consegue enfiar a luva quase toda. É demasiado curta para cobrir a mão inteira, mas os dedos estão protegidos, e é isso que interessa.

Rastejam, Hodges um pouco mais à frente. A dor ainda está lá, mas agora que já não se encontra de pé, a flecha chamusca-lhe a barriga em vez de a queimar.

Tenho de poupar as energias, pensa. Só o suficiente.

São doze ou quinze metros da extremidade da clareira até à janela com o candelabro, e a sua mão descoberta já está dormente quando chegam a meio do caminho. Hodges não consegue acreditar que levou a melhor amiga até ali, naquele momento, e a faz rastejar pela neve como crianças a brincar às guerras, a quilómetros de qualquer ajuda. Teve os seus motivos, que fizeram sentido no hotel do aeroporto. Agora, nem tanto.

Olha para a esquerda, para a forma silenciosa do *Malibu* do Al da Biblioteca. Olha para a direita e vê uma pilha de lenha coberta de neve. Começa a virar a cabeça para a frente de novo, para a janela da sala, mas volta o olhar para a madeira, com os alarmes a soar demasiado tarde.

Há marcas na neve. O ângulo impedia-o de vê-las desde a orla do bosque, mas elas estão muito claras agora. Vão das traseiras do chalé até à pilha de lenha. Ele saiu pela porta da cozinha, pensa Hodges. Por isso a luz estava acesa

lá. Devia ter adivinhado. E teria, se não estivesse tão doente.

Tenta pegar na *Glock*, mas a luva demasiado pequena abranda-o, e quando finalmente a agarra e tenta tirá-la, a arma fica presa no bolso. Enquanto isso, uma silhueta escura surgiu de trás da pilha de lenha. Atravessa os cinco metros até eles em quatro grandes passadas. O rosto parece o de um alienígena num filme de terror, sem feições além dos olhos redondos e projetados.

— *Holly, cuidado!*

Ela levanta a cabeça no momento em que a coronha da *Scar* lhe acerta. Hodges ouve um estalido terrível, e Holly cai de cara na neve com os braços esticados para os dois lados: uma marioneta com os fios cortados. Hodges tira a *Glock* do bolso no momento em que a coronha desce de novo. Sente e ouve o seu pulso partir-se; vê a *Glock* cair na neve e quase desaparecer.

Ainda de joelhos, Hodges olha para cima e vê um homem alto, bastante mais alto do que Brady Hartsfield, de pé perto da forma imóvel de Holly. Usa uma touca de ninja preta e óculos de visão noturna.

Ele viu-nos assim que saímos das árvores, pensa Hodges, sentindo-se estúpido. Acho até que nos viu *nas* árvores, quando eu estava a calçar a luva da Holly.

— Olá, detetive Hodges.

Hodges não responde. Pergunta a si mesmo se Holly ainda está viva e se vai recuperar daquela pancada, se estiver. Mas claro que isso é parvoíce. Brady não vai dar-lhe a oportunidade de recuperar.

— Você vem para dentro comigo — diz o homem. — A questão é se vamos levá-la connosco ou deixá-la aqui a transformar-se num gelado. — E, como se tivesse lido a mente de Hodges (tanto quanto Hodges sabe, ele é capaz de o fazer): — Ah, ela ainda está viva, pelo menos por enquanto. Vejo as suas costas a subir e descer. Mas, depois de um golpe forte como aquele na cabeça e com a cara na neve, quem sabe por quanto tempo?

— Eu carrego-a — diz Hodges, e tenciona mesmo fazê-lo. Por mais que doa.

— Tudo bem. — Não houve pausa para pensar, e Hodges sabe que é o que Brady esperava e queria desde o início. Está um passo à frente. Sempre. E de

quem é a culpa?

Minha. Só minha. É o meu castigo por me armar de novo em Mascarilha… mas o que mais podia eu fazer? Quem teria acreditado?

— Pegue-lhe — diz Brady. — Vamos ver se consegue. Porque, tenho de lhe dizer, não está com boa cara.

Hodges põe os braços debaixo de Holly. No bosque, não conseguiu levantar-se depois de cair, mas agora reúne todas as suas forças e levanta-se com o corpo inerte nos braços. Cambaleia, quase cai antes de recuperar o equilíbrio. A flecha ardente desapareceu, foi consumida no incêndio que agora ruge dentro dele. Mas Hodges encosta-a ao peito.

— Muito bem — diz Brady com admiração autêntica. — Agora vamos ver se consegue chegar ao chalé.

De alguma forma, Hodges consegue.

31

A madeira na lareira está a arder bem e a espalhar um calor bastante intenso. Ofegante, com a neve no gorro emprestado a derreter e a escorrer pelo rosto, Hodges chega ao meio da sala e põe-se de joelhos, tendo de aninhar o pescoço de Holly na dobra do cotovelo por causa do pulso partido, que está inchado como uma salsicha. Consegue impedir que a cabeça dela bata no soalho de madeira, e isso é bom. A cabeça de Holly já sofreu bastante hoje.

Brady despiu o casaco, os óculos de visão noturna e a touca. O rosto é o de Babineau e o cabelo branco é o de Babineau (agora estranhamente desgrenhado), mas aquele é Brady Hartsfield, sim. Qualquer dúvida que Hodges tivesse antes desapareceu.

— Ela tem alguma arma?

— Não.

O homem com a aparência de Felix Babineau sorri.

— Bem, eis o vou fazer, Bill: vou revistar os bolsos dela, e se encontrar alguma arma, dou-lhe um tiro que vai mandar aquele traseiro magro dela para outro estado. Que tal?

— Tem um revólver de calibre trinta e oito — diz Hodges. — Ela é destra, portanto, se trouxe a arma, deve estar no bolso direito do casaco.

Brady inclina-se, mantendo a *Scar* apontada a Hodges, com o dedo no gatilho e a coronha apoiada no lado direito do peito. Encontra o revólver, examina-o rapidamente e enfia-o no cós atrás das costas. Apesar da dor e do desespero, Hodges acha uma certa graça. Brady deve ter visto os bandidos fazerem aquilo em incontáveis séries e filmes de ação, mas só funciona com as automáticas, que são achatadas.

No tapete, Holly solta um ronco do fundo da garganta. Um dos pés treme num espasmo, depois fica imóvel.

— E você? — pergunta Brady. — Mais alguma arma? A popular arma escondida no tornozelo, talvez?

Hodges abana a cabeça.

— Só por uma questão de segurança, porque não levanta a perna das calças para eu ver?

Hodges faz o que ele pede, revelando sapatos e meias encharcados e nada mais.

— Excelente. Agora dispa o casaco e atire-o para o sofá.

Hodges abre o fecho do casaco e consegue ficar em silêncio enquanto o despe, mas, quando o atira, uma cornada perfura-o da virilha até ao coração, e ele geme.

Babineau arregala os olhos.

— Dor a sério ou falsa? A julgar pela perda de peso impressionante, eu diria que é real. Que se passa, detetive Hodges? Que se passa consigo?

— Cancro. No pâncreas.

— Ah, caramba, isso é péssimo. Nem o Super-Homem consegue vencer isso. Mas anime-se, talvez eu possa encurtar o seu sofrimento.

— Faça o que quiser comigo — diz Hodges. — Mas deixe-a em paz.

Brady olha para a mulher no chão com grande interesse.

— Por acaso esta é a mesma mulher que fez uma cova no que era a minha cabeça?

Acha graça à frase e ri-se.

— Não. — O mundo tornou-se a lente de uma câmara, a aproximar-se e a afastar-se a cada batimento acelerado do coração ajudado pelo *pacemaker*. — Foi a Holly Gibney quem lhe acertou. Ela voltou para junto dos pais no Ohio. Esta é a Kara Winston, a minha assistente. — O nome aparece do nada, mas não há hesitação quando o diz.

— Uma assistente que decidiu acompanhá-lo numa missão que podia ser suicida? Acho difícil acreditar nisso.

— Eu prometi-me um prémio. Ela precisa do dinheiro.

— E onde está o seu preto cortador de relva?

Hodges pensa brevemente em dizer a verdade a Brady: que Jerome voltou para a cidade, que sabe que Brady provavelmente foi para o chalé de caça de Babineau, que vai passar essa informação à polícia em breve, se já não tiver passado. Mas qualquer uma dessas coisas vai impedir Brady? Claro que não.

— O Jerome está a fazer trabalho voluntário no Arizona, a construir casas.

— Que socialmente consciente da parte dele. Esperava que ele aqui estivesse. A irmã magoou-se muito?

— Partiu uma perna. Vai voltar a andar num instante.

— Que pena.

— Ela foi um dos seus testes, não foi?

— Recebeu um dos *Zappits* originais, sim. Eram doze. Como os doze apóstolos, poder-se-ia dizer, a espalhar a palavra. Sente-se na cadeira em frente à televisão, detetive Hodges.

— Prefiro não me sentar. Todos os meus programas favoritos dão à segunda-feira.

Brady esboça um sorriso educado.

— Sente-se.

Hodges senta-se, apoiando a mão boa na mesa ao lado da cadeira. Descer é doloroso, mas, quando o consegue, sente-se melhor sentado. A televisão está desligada, mas ele olha para lá à mesma.

— Onde está a câmara?

— Na bifurcação. Por cima das setas. Não precisa de se sentir mal por não ter reparado. Estava coberta de neve, sem nada a aparecer além da lente, e os seus faróis já estavam desligados.

— Sobrou alguma coisa do Babineau dentro de si?

Ele encolhe os ombros.

— Uns bocados. De vez em quando, ouço um pequeno grito da parte que acha que ainda está viva. Irá parar em breve.

— Meu Deus — murmura Hodges.

Brady apoia-se num joelho, com o cano da *Scar* apoiado na coxa e ainda apontado a Hodges. Baixa a parte de trás do casaco de Holly e examina a etiqueta.

— H. Gibney — diz ele. — Escrito com tinta indelével. Revela organização. Não sai na lavagem. Gosto de uma pessoa que sabe cuidar das suas coisas.

Hodges fecha os olhos. A dor está muito forte, e ele daria tudo o que tem para se livrar dela e do que vai acontecer a seguir. Daria qualquer coisa para dormir, dormir, dormir. Mas abre os olhos de novo e obriga-se a olhar para Brady, porque o espetáculo tem de continuar. É assim que funciona; o espetáculo continua sempre.

— Tenho uma data de coisas para fazer nas próximas quarenta e oito ou setenta e duas horas, detetive Hodges, mas vou adiá-las um pouco para lidar consigo. Isso fá-lo sentir-se especial? Devia fazer. Porque lhe devo muito por me ter fodido.

— Tem de se lembrar de que foi *você* quem *me* procurou — diz Hodges. — Foi você que pôs tudo em movimento com aquela carta estúpida e arrogante. Não eu. Você.

O rosto de Babineau, o rosto enrugado de um ator mais velho, fica sombrio.

— Talvez tenha razão, mas veja quem está a ganhar agora. Veja quem

venceu, detetive Hodges.

— Se chama vencer a fazer um bando de adolescentes idiotas e confusos suicidarem-se, acho que é o vencedor. Fazer isso é tão desafiador como eliminar o batedor no basebol.

— É *controlo*! Eu exerço *controlo*! O senhor tentou impedir-me e não conseguiu! Simplesmente não conseguiu! Muito menos ela! — Dá um pontapé no flanco de Holly. O corpo dela rola para o lado na direção da lareira, mas volta para a posição anterior. O rosto está cinzento, os olhos fechados encovados. — Ela pôs-me melhor, na verdade! Melhor do que eu era!

— Então, pelo amor de Deus, *pare de lhe dar pontapés*! — grita Hodges.

A fúria e a excitação de Brady ruborizaram o rosto de Babineau. As mãos estão a segurar a arma com força. Ele respira fundo duas vezes para se acalmar. E sorri.

— Tem um fraco pela senhora Gibney, é? — Pontapeia-a de novo, dessa vez na anca. — Anda a fodê-la? É isso? Ela não é lá grande coisa, mas acho que um tipo da sua idade tem de aceitar o que consegue. Sabe o que diziam? Tape-lhe a cara com uma bandeira e fode-a em nome da pátria.

Pontapeia Holly de novo e mostra os dentes a Hodges no que talvez pense ser um sorriso.

— Você costumava perguntar-me se eu andava a comer a minha mãe, lembra-se? Em todas aquelas visitas que fez ao meu quarto, perguntou-me se eu andava a comer a única pessoa que me amou. Disse que ela era um borracho, que era uma mãe boazona. Perguntou se eu estava a fingir. Disse que esperava que eu estivesse a sofrer. E eu tinha de ficar ali sentado a ouvi-lo.

Prepara-se para agredir Holly de novo. Para distraí-lo, Hodges diz:

— Havia uma enfermeira, a Sadie MacDonald. Você fê-la matar-se? Foi você, não foi? Ela foi a primeira. O seu primeiro teste.

Brady gosta disso e mostra ainda mais os dentes dispendiosos do doutor Babineau.

— Foi fácil. É sempre quando conseguimos entrar e começar a mover os cordelinhos.

— Como faz isso, Brady? Como entra na mente das pessoas? Como conseguiu comprar aqueles *Zappits* com a Sunrise Solutions e alterá-los? Ah, e o *site*, como o criou?

Brady ri.

— Leu demasiados policiais em que o detetive inteligente faz o assassino maluco falar sem parar até a ajuda chegar. Ou até a atenção do assassino oscilar e o detetive conseguir roubar-lhe a arma. Acho que ninguém vem ajudá-lo, e não parece capaz de lutar nem com um peixinho dourado. Além disso, já sabe grande parte. Não estaria aqui se não soubesse. A Freddi deu com a língua nos dentes e, sem querer parecer um vilão de desenhos animados, ela vai pagar por isso. Um destes dias.

— Ela alega que não criou o *site*.

— Eu não precisava dela para isso. Fiz tudo sozinho, no escritório do Babineau, no portátil do Babineau. Numa das minhas férias do quarto duzentos e dezassete.

— E o…

— Cale-se. Está a ver a mesa ao seu lado, detetive Hodges?

É de cerejeira, como o aparador, e parece cara, mas tem marcas de copos pousados sem uma base. Os médicos donos do chalé podem ser meticulosos no bloco operatório, mas ali são uns desleixados. Em cima dela estão agora o comando da televisão e um porta-canetas de cerâmica em forma de crânio.

— Abra a gaveta.

Hodges abre. Lá dentro há um *Zappit Commander* cor-de-rosa, em cima de uma *TV Guide* antiga com Hugh Laurie na capa.

— Pegue-lhe e ligue-o.

— Não.

— Então muito bem. Vou tratar da senhora Gibney. — Baixa o cano da *Scar* e aponta-a à nuca de Holly. — Isto vai arrancar-lhe a cabeça. Será que vai voar até à lareira? Vamos descobrir.

— Está bem — diz Hodges. — *Okay*, *okay*, *okay*. Pare.

Pega no *Zappit* e encontra o botão na parte de cima da consola. O ecrã de

boas-vindas acende-se; a diagonal do Z enche o ecrã. Ele é convidado a passar o dedo no ecrã e ter acesso aos jogos. Fá-lo sem precisar de ser incitado por Brady. O suor escorre-lhe pela cara. Nunca sentiu tanto calor. O pulso partido lateja e pulsa.

— Está a ver o ícone do Fishin' Hole?

— Sim.

Abrir o jogo Fishin' Hole é a última coisa que quer fazer, mas quando a alternativa é ficar ali sentado, com o pulso partido e a barriga inchada, a ver uma série de balas de alto calibre separarem a cabeça de Holly do seu corpo magro, que escolha tem? Além disso, leu algures que uma pessoa não pode ser hipnotizada contra a sua vontade. É verdade que o aparelho de Dinah Scott quase o levou, mas ele não sabia o que estava a acontecer. Agora, sabe. E se Brady achar que ele está em transe e ele não estiver, talvez… só talvez…

— Tenho a certeza de que já sabe como a coisa funciona. — Os olhos de Brady brilham cheios de vida, os olhos de um rapaz prestes a pegar fogo a uma teia de aranha para ver o que a aranha vai fazer. Correr pela teia em chamas, à procura de uma saída, ou limitar-se a arder? — Clique no ícone. Os peixes irão nadar e a música tocar. Clique nos peixes rosa e some os números. Para ganhar o jogo, tem de marcar cento e vinte pontos em cento e vinte segundos. Se conseguir, deixarei a senhora Gibney viver. Se não conseguir, vamos ver o que esta bela automática é capaz de fazer. Uma vez, o Babineau viu-a desfazer uma pilha de blocos de betão, então imagine o que irá fazer a carne.

— Não a vai deixar viver mesmo que eu chegue aos cinco mil pontos — diz Hodges. — Não acredito nisso.

Os olhos azuis de Babineau arregalam-se com fingido ultraje.

— Mas devia! Tudo o que sou devo-o a esta cabra inconsciente aqui no chão! O mínimo que posso fazer é poupar-lhe a vida. Supondo que não tenha uma hemorragia cerebral e já esteja a morrer, claro. Agora pare de tentar ganhar tempo. Jogue. Os seus cento e vinte segundos começam assim que o seu dedo tocar no ícone.

Sem outra opção, Hodges clica no ícone. O ecrã fica preto. Então há um

clarão azul tão intenso que o faz semicerrar os olhos, e os peixes aparecem, a nadar de um lado para o outro, para cima e para baixo, na diagonal, a soltar um rasto de bolhas prateadas. A música começa a tilintar: *Vou nadar, pelo mar, pelo tão belo mar…*

Mas não é *apenas* música. Há palavras misturadas. E também há palavras nos clarões azuis.

— Já passaram dez segundos — diz Brady. — Tiquetaque, tiquetaque.

Hodges clica num peixe rosa e falha. É destro, e cada movimento piora o latejar no seu pulso, mas a dor ali não é nada quando comparada com a que o queima agora das virilhas à garganta. À terceira tentativa, acerta num rosinha — é assim que pensa naqueles peixes, rosinhas —, e o peixe transforma-se no número cinco. Ele diz o número em voz alta.

— Só cinco pontos em vinte segundos? — pergunta Brady. — É melhor despachar-se, detetive.

Hodges clica mais rápido, com os olhos a moverem-se para a esquerda e para a direita. Já não tem de semicerrar os olhos quando os clarões azuis aparecem porque já se habituou a eles. E está a ficar mais fácil. Os peixes parecem maiores agora, e também um pouco mais lentos. A música parece menos aguda. Mais encorpada, de alguma forma. *Vou nadar pelo mar, pelo tão belo mar*. É a voz de Brady a cantar com a música ou é a sua imaginação?

Não há tempo para pensar nisso agora. *Tempus fugit*.

Apanha um peixe sete, um quatro e depois, bingo!, um que se torna um doze.

— Já estou em vinte e sete — diz. Mas estará certo? Começou a perder a conta.

Brady não confirma.

— Faltam oitenta segundos — limita-se a dizer. Agora, a sua voz parece ter adquirido um leve eco, como se estivesse a chegar a Hodges do fim de um longo corredor. Enquanto isso, uma coisa maravilhosa está a acontecer: a dor na barriga começou a diminuir.

Uau, pensa ele. A OMS devia saber disto.

Apanha outro rosinha. O rosinha torna-se um dois. Não é um número muito

bom, mas ainda há muitos peixes. Muitos.

É então que começa a sentir algo como dedos a mexer delicadamente dentro da sua cabeça, e não é imaginação. Está a ser invadido. *Foi fácil*, disse Brady sobre a enfermeira MacDonald. *É sempre quando se consegue entrar e começar a mover os cordelinhos.*

E quando Brady chegar aos cordelinhos-alavancas *dele*?

Vai entrar em mim como entrou no Babineau, pensa Hodges… apesar de esse pensamento ser agora como a voz e a música, e vir do fim de um longo corredor. Ao fundo desse corredor fica a porta do quarto 217, e a porta está aberta.

Porque iria ele querer fazer isso? Porque iria querer habitar um corpo minado pelo *cancro*? Porque quer que eu mate a Holly. Mas não com a arma, nunca me daria a arma. Vai usar as minhas mãos para asfixiá-la, com pulso partido e tudo. Depois, vai deixar-me ver o que fiz.

— Está a melhorar, detetive Hodges, e ainda lhe resta um minuto. Descontraia-se e continue a clicar. É mais fácil quando se descontrai.

A voz já não ecoa por um corredor; apesar de Brady estar agora de pé diante dele, a voz vem de uma galáxia muito, muito distante. Brady inclina-se e olha com impaciência para o rosto de Hodges. Mas há peixes a nadar entre os dois. Rosinhas, azulinhos e vermelhinhos. Porque Hodges está agora dentro do jogo. Só que na verdade é um aquário, ele é o peixe e em breve irá ser devorado. Devorado vivo.

— Vá lá, Billy, clique nesses peixes cor-de-rosa!

Não posso deixar que ele entre em mim, pensa Hodges, mas não consigo impedi-lo.

Clica num peixe rosa, que se torna um nove, e não são só dedos que ele sente agora, mas outra consciência a espalhar-se pela sua mente. Está a espalhar-se como tinta em água. Hodges tenta lutar, mas sabe que vai perder. A força daquela personalidade invasora é incrível.

Vou afogar-me. Afogar-me no Fishin’ Hole. Afogar-me no Brady Hartsfield.

Vou nadar, pelo mar, pelo tão belo m.…

Uma vidraça parte-se ali perto. O som é seguido de um coro jubiloso de

rapazes a gritar: *Foi um home run!*

O elo que une Hodges a Hartsfield é rompido pela pura e inesperada surpresa. Hodges dá um salto na cadeira e olha para cima enquanto Brady cai no sofá, os olhos arregalados e a boca escancarada de susto. O *Victory .38* preso no cós das calças só pelo cano curto (o cilindro não permite que vá mais fundo) cai no tapete de pele de urso.

Hodges não hesita. Atira o *Zappit* para a lareira.

— *Não faça isso!* — grita Brady, virando-se. Levanta a *Scar*. — *Não faça porra nenhuma.*…

Hodges agarra na coisa mais próxima, não o *.38*, mas o porta-canetas de cerâmica. Não tem nenhum problema no pulso esquerdo, e a distância é curta. Atira-o à cara que Brady roubou, atira-o com força, e acerta-lhe mesmo no meio. O crânio de cerâmica estilhaça-se. Brady grita, de dor, sim, mas mais de choque, e o nariz começa a sangrar. Quando tenta levantar a *Scar*, Hodges estica os pés, aguenta outra profunda cornada e acerta no peito de Brady. Ele cambaleia para trás, quase recupera o equilíbrio, mas tropeça num pufe e cai para trás no tapete.

Hodges tenta levantar-se da cadeira, mas só consegue virar a mesinha. Está de joelhos quando Brady se levanta, fazendo subir a *Scar*. Ouve-se um tiro antes que ele consiga apontar para Hodges, e Brady grita de novo. Dessa vez, é dor pura. Olha sem acreditar para o próprio ombro, de onde o sangue escorre por um buraco na camisa.

Holly está a sentar-se. Tem um hematoma grotesco acima do olho esquerdo, quase no mesmo sítio que o da testa de Freddi. O olho está vermelho, cheio de sangue, mas o outro está brilhante e alerta. Segura o *Victory .38* com as duas mãos.

— *Dispara outra vez!* — grita Hodges. — *Dispara outra vez, Holly!*

Quando Brady se levanta, com uma das mãos sobre o ferimento no ombro e a outra ainda na *Scar*, a boca aberta de descrença, Holly dispara de novo. A bala vai muito alta e faz ricochete na chaminé de pedra acima do fogo ardente.

— Pare! — grita Brady, baixando-se. Ao mesmo tempo, tenta fazer pontaria com a *Scar*. — Pare, sua ca…

Holly dispara uma terceira vez. A manga da camisa de Brady treme, e ele grita. Hodges não sabe se a bala o perfurou, mas pelo menos acertou-lhe de raspão.

Hodges levanta-se e tenta correr até Brady, que está a fazer um novo esforço para levantar a automática. O melhor que consegue é arrastar-se.

— Estás na minha frente! — grita Holly. — *Bill, estás na minha frente, porra!*

Hodges cai de joelhos e baixa a cabeça. Brady vira-se e corre. O *.38* dispara. Lascas de madeira voam da ombreira da porta trinta centímetros à direita de Brady. E então, ele desaparece. A porta da frente abre-se. O ar frio entra e faz o fogo oscilar.

— Falhei! — grita Holly, num lamento. — Estúpida e inútil! Estúpida e inútil!

Larga o *Victory* e esbofeteia-se.

Hodges segura-lhe a mão antes que ela possa fazer aquilo de novo e ajoelha-se ao seu lado.

— Não, acertaste-lhe pelo menos uma vez, talvez duas. É graças a ti que ainda estamos vivos.

Mas por quanto tempo? Brady carregou aquela maldita arma, deve ter um carregador ou dois de reserva, e Hodges sabe que ele não estava a mentir sobre a capacidade da *Scar 17* de desfazer blocos de betão. Viu com os seus próprios olhos uma arma semelhante, a *HK 416*, fazer exatamente isso numa carreira de tiro algures no condado de Victory. Foi lá com Pete, e no regresso disseram na brincadeira que a *HK* devia ser a arma regulamentar da polícia.

— O que fazemos? — pergunta Holly. — O que fazemos agora?

Hodges pega no *.38* e abre o tambor. Restam duas balas, e o revólver só serve para distâncias curtas. Holly tem no mínimo uma concussão, e ele está quase incapacitado. A verdade amarga é que tiveram uma oportunidade, mas Brady escapou.

Ele abraça-a.

— Não sei.

— Talvez devêssemos esconder-nos.

— Acho que isso não funcionaria.

Não diz porquê e fica aliviado por Holly não perguntar. É porque ainda há um pouco de Brady dentro dele. Não deve durar muito, mas, de momento, pelo menos, Hodges desconfia que funciona como um farol.

32

Brady cambaleia pela neve que lhe chega aos tornozelos, com os olhos arregalados de descrença, o coração de sessenta e três anos de Babineau a galopar no peito. Tem um gosto metálico na língua, o ombro arde-lhe, e o pensamento que se repete sem parar na sua cabeça é: *Aquela cabra, aquela cabra, aquela cabra imunda e sorrateira, porque não a matei quando tive a oportunidade?*

O *Zappit* também já era. O bom e velho *Zappit Zero*, e foi o único que ele trouxe. Sem o aparelho, não tem como chegar às mentes das pessoas com *Zappits* ativos. Fica parado, a ofegar, diante do Cabeças e Peles, sem casaco para se proteger do vento e da neve crescentes. Tem a chave do carro de Z-Boy no bolso, e outro carregador da *Scar*, mas de que adianta a chave? Aquela lata velha não chegaria a meio da primeira colina sem ficar atolada.

Tenho de matá-los, pensa, e não só porque eles me devem. O SUV que o Hodges usou para vir até aqui é a única saída, e ele ou a cabra devem ter a chave. É possível que a tenham deixado na ignição, mas é um risco que não posso correr.

Além do mais, isso significaria deixá-los vivos.

Sabe o que tem de fazer e muda a patilha da *Scar* para AUTOMÁTICO. Apoia a coronha da arma no ombro bom e começa a disparar, virando o cano da esquerda para a direita, mas concentrando-se na sala principal, onde os deixou.

Os tiros iluminam a noite e transformam a neve veloz numa série de *flashes*. O som das detonações é ensurdecedor. Janelas explodem. Tábuas caem da fachada como morcegos em revoada. A porta da frente, deixada entreaberta na sua fuga, voa para trás, bate na parede e volta para ser empurrada novamente. O rosto de Babineau está contorcido numa expressão de ódio e regozijo que é toda de Brady Hartsfield, e ele não ouve o rugido de um motor que se aproxima nem o barulho de lagartas de aço atrás.

33

— *Baixa-te!* — grita Hodges. — *Holly, baixa-te!*

Não espera para ver se Holly obedece ou não, salta para cima dela e cobre-lhe o corpo com o seu. Acima deles, a sala é uma tempestade de fragmentos, vidro partido e lascas de pedra da chaminé a voar para todos os lados. Uma cabeça de alce cai da parede e aterra na lareira. Um olho de vidro foi estilhaçado por uma bala da *Winchester*, e o animal parece estar a piscar-lhes o olho. Holly grita. Várias garrafas no aparador explodem, libertando o fedor de *bourbon* e gim. Uma bala acerta num tronco em chamas dentro da lareira, partindo-o em dois e gerando uma tempestade de fagulhas.

Que ele só tenha um carregador, Hodges pensa. E, se apontar para baixo, que acerte em mim e não na Holly. Só que uma bala *Winchester .308* que lhe acerte irá atravessar os dois, e ele sabe-o.

Os tiros param. Estará a recarregar ou sem munições?

— Bill, sai de cima de mim, não consigo respirar!

— É melhor não — diz ele. — Eu…

— O que é isso? Que som é este? — E então, respondendo à sua própria pergunta: — Vem aí alguém!

Agora que os ouvidos começam a trabalhar melhor, Hodges também ouve.

Primeiro, pensa que deve ser o neto de Thurston numa das motos de neve que o velho mencionou, prestes a ser assassinado por se tentar armar em bom samaritano. Mas talvez não. O motor que se aproxima parece demasiado pesado para uma moto de neve.

Uma intensa luz amarelada entra pelas janelas partidas como holofotes de um helicóptero da polícia. Mas não é nenhum helicóptero.

34

Brady está a enfiar o outro carregador quando finalmente se apercebe do rugido e dos barulhos do veículo que se aproxima. Gira, com o ombro ferido a latejar como um dente infetado, no momento em que uma silhueta enorme aparece na estrada que leva à propriedade. Os faróis encandeiam-no. A sua sombra, comprida na neve cintilante, salta à medida que a coisa se aproxima da casa metralhada, lançando jorros de neve para trás com as lagartas. E não está a ir só na direção da casa. Está a ir para cima *dele*.

Aperta o gatilho, e a *Scar* recomeça a trovejar. Agora consegue ver uma espécie de máquina de neve com uma cabina laranja bastante acima das lagartas. O para-brisas explode e alguém salta pela porta aberta do lado do condutor, procurando ficar a salvo.

A monstruosidade continua a aproximar-se. Brady tenta correr, mas os mocassins caros de Babineau escorregam. Esforça-se por recuperar o equilíbrio enquanto olha para os faróis que se aproximam, e cai de costas. O invasor laranja aproxima-se. Vê uma lagarta de metal a avançar na sua direção. Tenta empurrá-la para longe, como às vezes empurrava os objetos do quarto (a persiana, o cobertor, a porta da casa de banho), mas é como tentar impedir o ataque de um leão com uma escova de dentes. Levanta a mão e abre a boca para gritar. Antes que consiga, a lagarta esquerda do *Tucker Sno-Cat* rola por cima da sua barriga e

abre-a ao meio.

35

Holly não tem dúvidas quanto à identidade do salvador e não hesita. Atravessa a sala crivada de buracos de bala e sai pela porta da frente, gritando o nome dele sem parar. Jerome parece ter sido polvilhado com açúcar em pó quando se levanta. Ela está a chorar e a rir quando se lança nos seus braços.

— Como sabias? Como sabias que tinhas de vir?

— Não sabia — diz ele. — Foi a Barbara. Quando liguei a avisar que ia para casa, ela disse-me que eu tinha de vir atrás de vocês, senão o Brady matava-vos… só que lhe chamou «a Voz». Estava bastante transtornada.

Hodges avança na direção dos dois a passos arrastados, mas está suficientemente próximo para ouvir aquilo e lembra-se de que Barbara disse a Holly que parte da voz-suicídio ainda estava dentro dela. Como um rasto de gosma, dissera. Hodges percebe o que ela quis dizer, porque ainda tem um pouco dessa porcaria nojenta na cabeça. Talvez a ligação de Barbara ainda fosse suficiente para saber que Brady estava à espera deles.

Ou, caramba, talvez tenha sido pura intuição feminina. Hodges é antiquado e ainda acredita nessas coisas.

— Jerome. — A palavra sai num gemido rouco. — Meu rapaz.

Os seus joelhos falham. Ele começa a cair.

Jerome solta-se do abraço apertado de Holly e põe um braço em volta de Hodges antes que caia.

— O Bill está bem? Quer dizer… Sei que não está bem, mas levou um tiro?

— Não. — Hodges pousa o braço nos ombros de Holly. — E eu devia saber que tu virias. Vocês os dois não têm nada na cabeça.

— Não podíamos separar o grupo antes do último concerto, pois não? —

responde Jerome. — Vamos levá-lo para…

Da esquerda deles vem um som animalesco, um gemido gutural que tenta transformar-se em palavras e não consegue.

Hodges está mais exausto que nunca, mas vai na direção do gemido de qualquer forma. Porque… porque sim.

O que disse a Holly a caminho dali? Que ela tinha de encerrar o assunto?

O corpo destroçado de Brady está aberto até aos ossos da coluna. Tem as entranhas espalhadas em volta como as asas de um dragão vermelho. Poças de sangue quente afundam-se na neve. Mas os olhos estão abertos e alerta, e de repente Hodges consegue sentir aqueles dedos de novo. Dessa vez, não estão só a tatear de forma preguiçosa. Agora estão desesperados, a tentar agarrar-se. Hodges afasta-os com a mesma facilidade com que o funcionário do hospital afastou a presença daquele homem da sua mente.

Cospe Brady como se ele fosse uma semente de melancia.

— Ajudem-me — sussurra Brady. — Têm de me ajudar.

— Acho que já está para lá de poder ser ajudado — responde Hodges. — Foi atropelado, Brady. Atropelado por um veículo extremamente pesado. Agora sabe como é. Não sabe?

— Dói — sussurra Brady.

— Sim — diz Hodges. — Imagino que sim.

— Se não pode ajudar-me, mate-me.

Hodges estende a mão, e Holly pousa nela o *Victory .38* como uma enfermeira a passar um bisturi ao médico. Ele rola o tambor e tira uma das balas que sobraram. Em seguida, fecha-o de novo. Apesar de ter dores em todo o corpo, dores lancinantes, ajoelha-se e põe a arma do pai na mão de Brady.

— Faça-o você — diz ele. — É o que sempre quis.

Jerome fica ali perto, para o caso de Brady decidir usar aquele último tiro em Hodges. Mas não. Brady tenta apontar a arma à cabeça. Não consegue. O braço treme, mas não sobe. Ele geme de novo. O sangue escorre pelo lábio inferior e pelos dentes bem cuidados de Felix Babineau. Quase seria possível sentirmos pena dele, pensa Hodges, se não soubéssemos o que ele fez no Centro Cívico, o

que tentou fazer no auditório Mingo e a máquina de suicídio que pôs em funcionamento hoje. Essa máquina vai reduzir a velocidade e parar agora que o operador principal está fora de jogo, mas vai engolir mais alguns jovens deprimidos antes do fim. Hodges tem a certeza disso. O suicídio pode não ser indolor, mas *é* contagioso.

Podíamos sentir pena dele se ele não fosse um monstro, pensa Hodges.

Holly ajoelha-se, levanta a mão de Brady e encosta o cano da arma à têmpora dele.

— Agora, senhor Hartsfield — diz ela. — Tem de fazer o resto sozinho. E que Deus tenha misericórdia da sua alma.

— Espero que não — comenta Jerome. No brilho dos faróis do *Sno-Cat*, o rosto dele parece feito de pedra.

Durante um longo momento, os únicos sons são o ronco do motor enorme do veículo e o vento cada vez mais forte da tempestade Eugenie.

— Meu Deus — diz Holly. — O dedo dele não está sequer no gatilho. Um de vocês tem de me ajudar. Acho que não consigo…

E então, um disparo.

— O último truque de Brady — diz Jerome. — Caramba.

36

Hodges não consegue voltar ao *Expedition*, mas Jerome ajuda-o a subir para a cabina do *Sno-Cat*. Holly senta-se ao lado dele. Jerome instala-se ao volante e põe o veículo em movimento. Apesar de recuar e contornar o corpo de Babineau, diz a Holly para não olhar até estarem no cimo da primeira colina.

— Estamos a deixar um rasto de sangue.

— *Iac*.

— Correto — responde Jerome. — *Iac* é correto.

— O Thurston disse-me que tinha motos de neve — diz Hodges. — Não disse nada sobre um camião.

— É um *Tucker Sno-Cat*, e não lhe ofereceu o seu cartão de crédito como garantia. Já para não falar num excelente *Jeep Wrangler* que me trouxe até aqui à parvónia sem problemas, obrigado.

— Ele está mesmo morto? — pergunta Holly. Tem o rosto pálido virado para Hodges, e o galo enorme na testa parece pulsar. — Mesmo?

— Viste-o enfiar uma bala no cérebro.

— Sim, mas está mesmo? Mesmo?

A resposta que não vai dar é «não, ainda não». Não enquanto o rasto de gosma que ele deixou na cabeça de sabe Deus quantas pessoas não for expulso pela capacidade impressionante que o cérebro tem de se curar. Mas, dali a uma semana, no máximo um mês, Brady terá partido.

— Está — diz ele. — Holly? Obrigada por programares aquele aviso de mensagem de texto. O dos rapazes e o *home run*.

Ela sorri.

— Qual era? A mensagem?

Hodges tira o telemóvel com dificuldade do bolso do casaco e lê.

— Caramba. — Começa a rir. — Esqueci-me completamente.

— O quê? Mostra, mostra, mostra!

Ele inclina o telemóvel para ela poder ler a mensagem que a sua filha, Alison, lhe mandou da Califórnia, onde o sol sem dúvida brilha:

> PARABÉNS, PAI! 70 ANOS E AINDA A BOMBAR! VOU AO MERCADO, LIGO MAIS TARDE. BJS, ALLIE

Pela primeira vez desde que Jerome voltou do Arizona, Tyrone Feelgood Delight faz uma aparição.

— Já setenta, mestre Hodges? Meu Deus! Não parece mais de sessenta e cinco!

— Para já com isso, Jerome — diz Holly. — Sei que achas engraçado, mas

essa forma de falar é ignorante e idiota.

Hodges ri-se. Dói quando se ri, mas não consegue evitar. Agarra-se à consciência durante o caminho até à Thurston Garage; consegue inclusive dar umas passas no charro que Holly acende e lhe passa. E então, a escuridão começa a chegar.

Acho que chegou a hora, pensa.

Parabéns para mim, pensa.

E então, apaga-se.

DEPOIS

Quatro dias mais tarde

Pete Huntley está menos familiarizado com o Kiner Memorial do que o seu velho parceiro, que fez muitas peregrinações até ali para visitar um antigo paciente que já faleceu. Pete tem de parar duas vezes (uma na receção e outra na oncologia) para localizar o quarto de Hodges, e, quando entra, está vazio. Há vários balões com PARABÉNS, PAI presos a uma das grades laterais quase a chegar ao teto.

Uma enfermeira espreita para o quarto, vê-o a olhar para a cama vazia e sorri.

— No solário, ao fundo do corredor. Estão numa pequena festa. Acho que chegou a tempo.

Pete segue para lá. O solário tem uma claraboia e está cheio de plantas, talvez para alegrar os pacientes, talvez para oferecer um pouco mais de oxigénio, talvez as duas coisas. Perto de uma parede, quatro pessoas jogam às cartas. Duas são carecas e uma tem uma agulha espetada com uma solução intravenosa. Hodges está sentado diretamente sob a claraboia, a distribuir fatias de bolo ao seu grupo: Holly, Jerome e Barbara. Kermit parece estar a deixar crescer a barba, branca como a neve, e Pete tem uma lembrança rápida de ir ao centro comercial com os filhos ver o Pai Natal.

— Pete! — exclama Hodges, sorrindo. Começa a levantar-se, e Pete faz-lhe sinal para se sentar. — Junta-te a nós, come uma fatia de bolo. A Allie trouxe-o da Batool. Foi sempre a sua pastelaria preferida.

— Onde está ela? — pergunta Pete, puxando uma cadeira e instalando-a ao lado de Holly. Ela tem um penso do lado esquerdo da testa, e Barbara a perna engessada. Só Jerome parece sadio e forte, e Pete sabe que o rapaz por pouco não se transformou em carne picada naquele chalé de caça.

— Voltou para a Califórnia esta manhã. Dois dias foi o máximo que conseguiu. Mas vai tirar três semanas de férias em março e disse que vai voltar.

Se eu precisar dela, claro.

— Como te sentes?

— Nada mal — responde Hodges. Desvia o olhar para cima e para a esquerda, mas só por um segundo. — Tenho três oncologistas a estudar o meu caso, e os primeiros exames são promissores.

— Isso é fantástico! — Pete pega na fatia de bolo que Hodges lhe estende. — É muito grande.

— Sê um homem e come-a — diz Hodges. — Ouve, acerca de ti e da Izzy…

— Já nos entendemos — interrompe Pete. Dá uma dentada. — Hum, é bom. Não há nada como bolo de cenoura com cobertura de queijo creme para animar a malta.

— Então a festa da reforma está…

— Está de pé. Oficialmente, nunca foi cancelada. Ainda estou a contar contigo para o primeiro brinde. E lembra-te…

— Sei, sei, a tua ex-mulher e a atual estarão lá, nada demasiado pesado. Percebido, percebido.

— Só quero que isso fique bem claro.

A fatia demasiado grande está a ficar mais pequena. Barbara observa fascinada a ingestão rápida.

— Estamos em sarilhos? — pergunta Holly. — Estamos, Pete, estamos?

— Não — responde ele. — Tudo em ordem. Foi isso que lhes vim dizer.

Holly recosta-se com um suspiro de alívio que lhe levanta a franja grisalha da testa.

— Aposto que culparam o Babineau por tudo — comenta Jerome.

Pete aponta com o garfo de plástico para Jerome.

— A verdade falas, jovem guerreiro jedi.

— Talvez estejam interessados em saber que o famoso titereiro Frank Oz fez a voz de Yoda — diz Holly, e olha em volta. — Bem, *eu* acho isso interessante.

— Eu acho este bolo interessante — responde Pete. — Posso comer mais um bocado? Só mais uma fatiazinha?

Barbara faz as honras, e é bastante mais do que uma fatiazinha, mas Pete não

protesta. Dá uma dentada e pergunta-lhe como está.

— Bem — diz Jerome antes que ela possa responder. — Tem um namorado. Um miúdo chamado Dereece Neville. Grande estrela do básquete.

— Cala-te, Jerome, ele não é meu namorado.

— Mas visita-te como um namorado — diz Jerome. — Refiro-me a todos os dias desde que partiste a perna.

— Temos muito que conversar — explica Barbara, solene.

— Voltando ao Babineau — continua Pete —, a administração do hospital tem imagens dele das câmaras de segurança a entrar por uma porta das traseiras na noite em que a mulher foi assassinada. Vestiu depois um uniforme da manutenção. Deve ter arrombado um armário. Sai, volta quinze ou vinte minutos depois, enfia novamente a roupa com que chegou e vai-se embora.

— Não há mais nenhuma imagem? — pergunta Hodges. — Tipo no Capacete?

— Sim, há, mas não se consegue ver o rosto dele porque tem um boné dos Groundhogs, e não há nenhuma imagem dele a entrar no quarto do Hartsfield. Um advogado de defesa pode conseguir alguma coisa com isso, mas como o Babineau não vai ser julgado…

— Está-se toda a gente nas tintas — conclui Hodges.

— Sim. A polícia da cidade e a do estado estão encantadas por lhe deitarem as culpas. A Izzy está contente, e eu também. Podia perguntar, aqui entre nós, se foi mesmo o Babineau que morreu no bosque, mas não quero saber.

— E como é que o Al da Biblioteca se encaixa nesse cenário? — pergunta Hodges.

— Não encaixa. — Pete pousa o prato de papel. — O Alvin Brooks matou-se ontem à noite.

— Oh, pá! — exclama Hodges. — Enquanto estava preso?

— Sim.

— Não o tinham sob vigilância por risco de suicídio? Depois disto tudo?

— Tinham, e nenhum dos detidos devia ter qualquer coisa capaz de cortar ou perfurar, mas ele lá arranjou uma esferográfica. Um guarda pode ter-lha dado,

mas é mais provável que tenha sido outro detido. Desenhou zz por todas as paredes, na cama e em si próprio. Depois, pegou a carga de metal e usou-a para…

— Pare — pede Barbara. Está muito pálida na luz invernal que entra pela claraboia. — Já percebemos.

— Então acham… o quê? — pergunta Hodges. — Que ele era cúmplice do Babineau?

— Que caiu sob a influência dele — diz Pete. — Ou talvez os dois tenham caído sob a influência de alguém, mas não vamos por aí, está bem? Devemos é concentrar-nos no facto de vocês os três terem sido ilibados. Desta vez não vai haver medalhas, nem serviços municipais de graça…

— Tudo bem — diz Jerome. — A Holly e eu ainda temos pelo menos mais quatro anos de passes de autocarro.

— Não usas o teu, já que nunca estás na cidade — diz Barbara. — Devias dar-mo.

— Não é transmissível — responde Jerome com arrogância. — É melhor eu ficar com ele. Não ia querer que arranjasses problemas com a polícia. Além do mais, em breve vais começar a sair com o Dereece. Só não vás muito longe, entendido?

— Estás a ser infantil. — Barbara vira-se para Pete. — Quantos suicídios foram registados?

Pete suspira.

— Catorze nos últimos cinco dias. Nove tinham *Zappits*, que agora estão tão mortos como os donos. O mais velho tinha vinte e quatro anos, e o mais novo, treze. Outro era um rapaz de uma família que, segundo os vizinhos, era estranha no que diz respeito à religião. Daquelas que faz os fundamentalistas cristãos parecerem liberais. Ele também matou os pais e o irmão mais novo. A tiro.

Os cinco ficam em silêncio por um momento. Na mesa da esquerda, os jogadores de cartas desatam às gargalhadas por alguma coisa.

Pete rompe o silêncio.

— E houve mais de quarenta tentativas.

Jerome assobia.

— Sim, eu sei. Não veio nos jornais e as televisões estão a ocultar a informação, até a Assassínio e Caos. — Essa é a alcunha da polícia para a WKMM, uma estação independente que leva a sério a ideia de que *Se há sangue, há audiência*. — Mas é claro que muitas dessas tentativas, talvez até a maioria, acabam por ser comentadas nas redes sociais, e isso alimenta ainda mais o assunto. Detesto esses *sites*. Mas isto vai passar. As vagas de suicídios passam sempre.

— Sim — diz Hodges. — Mas, com ou sem redes sociais, com Brady ou sem ele, o suicídio é um facto da vida.

Olha para os jogadores de cartas quando diz aquilo, principalmente para os dois carecas. Um parece bem (assim como Hodges parece bem), mas o outro está cadavérico e com os olhos encovados. Tem um pé para a cova e o outro numa casca de banana, como teria dito o pai de Hodges. E o pensamento que lhe ocorre é demasiado complicado, demasiado transbordante de uma mistura horrível de raiva e dor, para ser expresso por palavras. Tem que ver com a forma como algumas pessoas desperdiçam o que outras venderiam a alma para ter: um corpo saudável e sem dor. E porquê? Porque estão demasiado cegos, demasiado traumatizados ou demasiado voltados para si mesmos para ver além da curva escura da Terra e admirar o próximo nascer do sol. Que vem sempre, se se continuar a respirar.

— Mais bolo? — pergunta Barbara.

— Não. Tenho de ir. Mas gostaria de assinar o teu gesso, se deixares.

— Claro — diz Barbara. — E escreva alguma coisa divertida.

— Isso não está ao alcance do Pete — comenta Hodges.

— Cuidado com a boca, *Kermit*. — Pete apoia-se num joelho, como um pretendente prestes a fazer um pedido de casamento, e começa a escrever com cuidado no gesso de Barbara. Quando termina, levanta-se e olha para Hodges. — Agora diz-me a verdade sobre como te sentes.

— Bastante bem. Deram-me um adesivo que atenua a dor muito melhor do que os comprimidos, e vou ter alta amanhã. Mal posso esperar para dormir na

minha própria cama. — Faz uma pausa. — Vou vencer esta coisa.

Pete está à espera do elevador quando Holly o apanha.

— Foi muito importante para o Bill teres vindo e ainda quereres que ele faça o brinde.

— A coisa não está assim tão boa, pois não? — pergunta Pete.

— Não. — Ele estende os braços para abraçá-la, mas Holly dá um passo atrás. Porém, permite que ele lhe segure a mão e a aperte rapidamente. — Nem por isso.

— Merda.

— É, merda. Merda mesmo. Ele não merece. Mas como não há escapatória, precisa do apoio dos amigos. Vais apoiá-lo, não vais?

— Claro que sim. E não o consideres já fora de jogo, Holly. Onde há vida, há esperança. Sei que soa a cliché, mas… — Encolhe os ombros.

— Eu *tenho* esperança. Tenho muita.

Não se percebe se ela continua esquisita como antes, pensa Pete, mas é uma mulher peculiar. Isso agrada-lhe, na verdade.

— Mas vê lá se o brinde não descamba, está bem?

— Fica descansado.

— E olha… ele viveu mais que o Hartsfield. Independentemente do que aconteça, é uma vitória.

— Sempre teremos Paris — diz Holly imitando a voz de Bogart.

Sim, ela é peculiar. Única, na verdade.

— Ouve, Gibney, também tens de cuidar de ti. Aconteça o que acontecer. Ele detestaria se não o fizesses.

— Eu sei — diz Holly, e volta para o solário, onde ela e Jerome vão recolher os restos da festa de anos. Diz a si mesma que não é necessariamente a última e tenta convencer-se disso. Não consegue, mas continua a ter esperança.

Oito meses depois

Quando Jerome aparece em Fairlawn dois dias depois do funeral — às dez em ponto, como prometido —, Holly já lá se encontra, de joelhos sobre a campa. Não está a rezar; está a plantar um crisântemo. Não levanta o rosto quando a sombra dele aparece acima dela. Sabe quem é. Foi o que os dois combinaram quando ela lhe disse que não sabia se conseguiria aguentar o funeral até ao fim.

— Vou tentar — dissera na altura —, mas não sou boa nessas malditas coisas. Pode ser que tenha de sair.

— Isto planta-se no outono — diz Holly. — Não percebo muito de plantas, então comprei um guia. O texto é mais ou menos, mas as instruções são fáceis de seguir.

— Que bom. — Jerome senta-se de pernas cruzadas no relvado ao lado da campa.

Holly ajeita a terra com as mãos, ainda sem olhar para ele.

— Eu disse que talvez tivesse de sair. Todos olharam para mim quando me fui embora, mas não consegui ficar. Se tivesse ficado, iam querer que eu fosse lá para a frente junto ao caixão e falasse sobre ele, mas não conseguia, na frente de todas aquelas pessoas. Aposto que a filha dele está zangada.

— Duvido muito — diz Jerome.

— *Detesto* funerais. Vim para cá por causa de um, sabias?

Jerome sabe, mas não diz nada. Deixa-a terminar.

— A minha tia morreu. Era mãe da Olivia Trelawney. Foi aí que conheci o Bill, naquele funeral. Também fugi. Estava sentada nas traseiras da agência funerária, a fumar um cigarro e a sentir-me péssima, e foi aí que ele me encontrou. Percebes? — Finalmente, olha para ele. — Ele *encontrou-me*.

— Percebo, Holly. Percebo mesmo.

— Ele abriu-me uma porta. Uma porta para o mundo. Deu-me um objetivo. Algo com significado.

— Foi a mesma coisa comigo.

Ela limpa os olhos quase zangada.

— Isto é tudo uma caca.

— Sim, mas ele não ia querer que regredisses. É a última coisa que ia querer.

— Não vou regredir — afirma ela. — Sabes que ele me deixou a empresa, não é? O dinheiro do seguro e o resto foi para a Allie, mas a empresa é minha. Não consigo cuidar dela sozinha, então perguntei ao Pete se ele queria trabalhar para mim. A meio-tempo.

— E ele disse…?

— Disse que sim, porque a reforma já estava a ser uma seca. Deve correr tudo bem. Vou procurar os caloteiros e trapaceiros no computador, e ele vai caçá-los. Ou entregar as intimações, se for o caso. Mas não vai ser como era. Trabalhar para o Bill… trabalhar *com* o Bill… foram os dias mais felizes da minha vida. — Pensa naquilo. — Acho que foram os únicos dias felizes da minha vida. Sentia-me… sei lá…

— Valorizada? — sugere Jerome.

— Sim. Valorizada.

— Devias sentir-te assim — diz Jerome —, porque foste muito valiosa. Ainda és.

Ela lança um último olhar crítico à planta, limpa a terra das mãos e dos joelhos das calças e senta-se ao lado dele.

— Ele foi corajoso, não foi? No fim, quero eu dizer.

— Sim.

— Pois sim. — Ela sorri. — O Bill teria dito isso. Não «sim», mas «pois sim».

— Pois sim — concorda ele.

— Jerome, podes pôr um braço à minha volta?

Ele assim faz.

— Quando te conheci, quando descobrimos o programa que o Brady instalou no computador da minha prima Olivia, tive medo de ti.

— Eu sei.

— Não por seres negro…

— Ser negro é fixe — diz Jerome, sorrindo. — Acho que concordámos nisso

desde o início.

— … mas porque eras um estranho. Eras de *fora*. Eu tinha medo das pessoas de fora e das coisas de fora. Ainda tenho, mas não tanto como na altura.

— Eu sei.

— Eu amava-o — diz Holly, olhando para o crisântemo. É de um tom laranja-avermelhado intenso sob a lápide cinzenta, que tem uma mensagem simples: KERMIT WILLIAM HODGES e, por baixo das datas, FIM DE TURNO. — Amava-o muito.

— Sim — diz Jerome. — Eu também.

Ela olha para ele, com o rosto tímido e esperançoso; por baixo da franja grisalha, é quase o rosto de uma criança.

— Vais ser meu amigo para sempre, não vais?

— Sempre. — Ele aperta os ombros dela, que estão dolorosamente magros. Durante os dois meses finais de Hodges, perdeu cinco quilos que não podia perder. Sabe que a sua mãe e Barbara estão ansiosas por alimentá-la. — Sempre, Holly.

— Eu sei — diz ela.

— Então porque perguntaste?

— Porque é muito bom ouvir-te dizer isso.

Fim de turno, pensa Jerome. Detesta como soa, mas está certo. Está certo. E aquilo é melhor do que o funeral. Estar ali com Holly nesta manhã soalheira de verão é muito melhor.

— Jerome, já não fumo.

— Que bom.

Ficam em silêncio algum tempo, a olhar para as cores intensas do crisântemo na base da lápide.

— Jerome.

— O quê, Holly?

— Queres ver um filme comigo?

— Quero — responde ele, e depois corrige-se: — Pois sim.

— Vamos deixar uma poltrona vazia entre nós. Para pormos as pipocas.

— Está bem.

— Porque detesto pôr as pipocas no chão, onde talvez haja baratas ou até ratos.

— Também detesto. O que queres ver?

— Um filme que nos faça rir muito.

— Por mim, está ótimo.

Ele sorri. Holly retribui o sorriso. Saem de Fairlawn e regressam juntos ao mundo.

30 de agosto de 2015

NOTA DO AUTOR

Agradeço a Nan Graham, que reviu este livro, e a todos os meus outros amigos na Scribner, incluindo (mas não só) Susan Moldow, Roz Lippel e Katie Monaghan. Agradeço a Chuck Verrill, o meu agente de longa data (importante) e amigo de longa data (ainda mais importante). Agradeço a Chris Lotts, que vende os direitos internacionais dos meus livros. Agradeço a Mark Levenfus, que supervisiona os meus negócios e a Haven Foundation, que ajuda artistas *freelance* com menos sorte, e a King Foundation, que ajuda escolas, bibliotecas e quartéis de bombeiros de cidades pequenas. Agradeço a Marsha DeFilippo, a minha competente assistente, e a Julie Eugley, que faz tudo o que Marsha não faz. Estaria perdido sem elas. Agradeço ao meu filho, Owen King, que leu o manuscrito e deu sugestões valiosas. Agradeço à minha mulher, Tabitha, que também contribuiu com sugestões valiosas… incluindo a que acabou por ser o título certo.

Um agradecimento especial a Russ Dorr, que trocou a carreira de médico-assistente para se tornar o meu guru em questões de investigação. Ele superou-se neste livro e ensinou-me com paciência o funcionamento dos programas informáticos, como são feitos, como podem ser alterados e como podem ser disseminados. Sem o Russ, *Fim de Turno* teria sido um livro inferior. Tenho de acrescentar que, em alguns casos, mudei deliberadamente vários protocolos de informática para servirem a minha ficção. Os conhecedores desses pormenores irão reparar nisso, mas não há problema. Só não culpem o Russ.

Mais uma coisa: *Fim de Turno* é um livro de ficção, mas a elevada taxa de suicídio, tanto nos Estados Unidos como em muitos outros países onde os meus livros são lidos, é real. O número da Linha Prevenção do Suicídio que aparece neste livro também é real. Se estiver a sentir-se uma caca (como diria a Holly Gibney), ligue. Porque as coisas podem melhorar e, se lhes der uma oportunidade, normalmente melhoram.

Stephen King